

# A MORTE NÃO NOS SEPARA

ELSIE SECHRIST



TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

# A MORTE NÃO NOS SEPARA

Elsie Sechrist 1992

## CONTEÚDO

Prefácio por Charles Thomas Cayce

Introdução

1 O Outro Aposento de Deus

2 Morte e Renascimento

3 Pressentindo a Aproximação da Morte

4 A Transição

5 Para Onde Vamos a Partir Daqui

6 Quem Somos Após a Morte

7 Confiança vinda dos Mortos

8 Conselhos e Ajuda vindos dos Mortos

9 Quando as Coisas Correm Mal 1

0 Como Podemos Ajudar

11 Vislumbres do Mundo Além

Quando uma alma passa pelo processo do nascimento, os anjos no céu choram, enquanto aqueles na terra se regozijam. Quando uma alma passa pelo processo da morte, a família na terra chora, enquanto os anjos no céu se regozijam.

Para aqueles que acreditam, nenhuma prova é necessária. Para aqueles que não acreditam, nenhuma prova é possível.

**Dedicatórias** Este livro é amorosa e humildemente dedicado a dois homens que desempenharam um papel tão valioso na minha vida. Primeiro, dedico este volume a Edgar Cayce, mais conhecido como o *"profeta adormecido de Virginia Beach"*. Foram escritos dezenas de livros sobre ele e o seu trabalho. Vários milhões de cópias depois, pouco há que possa ser acrescentado. O Sr. Cayce possuía um dom psíquico invulgar que utilizou, durante quase toda a sua vida adulta, para servir a humanidade. Através de discursos

que apelidou de "*leituras*", ele deu a informação, obtida através da sua percepção psíquica, a pessoas com problemas de saúde e àquelas com questões relativas a todos os aspetos da vida e do viver, bem como sobre a morte e filosofias religiosas. Foi minha grande sorte conhecer este homem e receber conselhos psíquicos da sua parte. A sua orientação foi de uma ajuda imensa para mim, física, mental e espiritualmente. Hoje, quase cinquenta anos depois, Edgar Cayce continua "*ocupado com os assuntos do seu Pai*", embora já tenha partido. Ele continua a dar conselhos e ajuda a almas deste lado da vida — e também do outro lado. Ele está a auxiliá-las a compreender e a lidar com a existência tanto no nosso mundo como na vida após a morte. Quero também que o meu falecido marido, Bill, partilhe esta dedicatória; pois foi ele quem fez a minha vida valer a pena!

## PREFÁCIO

Elsie Sechrist e o seu marido, Bill, conheceram Edgar Cayce em janeiro de 1943. Foram amigos pessoais próximos até à morte do Sr. Cayce em 1945. Durante esse tempo, ambos receberam leituras psíquicas deste "*profeta adormecido*" — orientações que mudaram o curso das suas vidas. A Sra. Sechrist iniciou rapidamente o que viria a tornar-se o maior interesse da sua vida: o desenvolvimento dos grupos de estudo "*A Search for God*" (Em Busca de Deus). São pequenos grupos que se reúnem semanalmente em centenas de comunidades por toda a América do Norte e em dezenas de países em todo o mundo.

A assistência espiritual é o propósito destes grupos, que ela apoiou de forma tão sincera. Eles fornecem uma estrutura onde as pessoas podem estudar e depois testar nas suas próprias vidas as ideias úteis disponíveis nas leituras de Cayce relativamente à busca de cada alma pela unidade com Deus. Esta ajuda pode vir especialmente através da oração, da meditação e dos sonhos — assuntos que a Sra. Sechrist explorou com conhecimento nos seus livros, *Meditation - Gateway to Light* e *Dreams - Your Magic Mirror*.

Em quase quatro décadas de trabalho ativo, ela e o seu marido [pág. xm] ajudaram a organizar inúmeros grupos "*A Search for God*" e forneceram a inspiração necessária para que milhares de pessoas se juntassem a esta atividade.

Nesses primeiros anos da *Association for Research and Enlightenment*, pouco antes e depois da morte de Edgar Cayce, a Sra. Sechrist e um punhado de outros trabalhadores dedicados forneceram a base sólida a partir da qual operam atualmente três organizações: a A.R.E., a *Edgar Cayce Foundation* e a *Atlantic University*. Durante muitos anos, Elsie e Bill Sechrist serviram como Representantes Internacionais da A.R.E. Passavam grande parte de cada ano a dar palestras e a realizar seminários no estrangeiro, em dezenas de países, além das suas viagens por toda a América. A Sra. Sechrist era conhecida mundialmente como uma professora cativante e líder de seminários em faculdades, universidades, igrejas e conferências da A.R.E.

Um interesse especial de Elsie era trabalhar dentro das comunidades religiosas para incorporar muitas das ideias espirituais que tinha aprendido com as leituras de Cayce. Ela sentia que as nossas igrejas são ativos reais e que deveríamos fazer tudo o que pudermos para as apoiar e torná-las um local ainda mais vital para o crescimento espiritual.

A morte de Bill em 1987 e de Elsie a 12 de abril de 1992 foram perdas profundas para a nossa organização. Mas confiamos que os seus esforços inestimáveis neste trabalho continuam também no outro lado da vida. Este livro sobre evidências vívidas de vida após a morte é uma última prestação adequada no extraordinário legado da Sra. Sechrist para todos os buscadores espirituais. A qualquer amigo ou familiar com perguntas sobre a morte, este é o livro que eu [pág. XIV] recomendaria, porque as suas histórias inspiradoras respondem às preocupações que todos carregamos sobre o além. É uma compilação única de visões e relatos de sonhos invulgares —

uma tapeçaria de experiências que tece um quadro vívido e esperançoso sobre a vida após a morte.

A Sra. Sechrist fez um estudo extensivo das leituras de Cayce sobre este assunto, além de quarenta anos de pesquisa e investigação no vasto campo da parapsicologia. O que é mais impressionante: ela conferenciou com milhares de indivíduos de todas as esferas da vida relativamente às suas experiências paranormais. Ao criar este volume, ela recolheu relatos escritos de pessoas de todo o mundo que tiveram experiências em primeira mão sugerindo que a alma sobrevive à morte física. Considerados como um todo, estes relatos são provas poderosas da continuidade da vida e visões esperançosas sobre o que podemos esperar do outro lado.

Como presidente da A.R.E., quando reflito sobre o trabalho do meu avô Edgar Cayce e sobre a história desta organização, não tenho a certeza de onde estaríamos sem os esforços de Elsie e Bill Sechrist. Todos nós que beneficiámos das leituras de Cayce agradecemos-lhes pelas suas contribuições para este trabalho. Mais importante ainda, dezenas de milhares de nós foram ajudados através do ensino e da escrita da Sra. Sechrist. Tenho a certeza de que muitos mais serão ajudados por este livro, o seu presente final para nós antes de passar para a nova vida que ele descreve tão belamente.

Charles Thomas Cayce, Ph.D. Presidente *Association for Research and Enlightenment, Inc.* [pág. XV]

**INTRODUÇÃO** Durante quase cinquenta anos interessei-me e procurei compreender o período de vida bastante curto de homens e mulheres aqui na terra. Ao mesmo tempo, tentei estabelecer provas conclusivas para a sobrevivência da alma após a morte física. Fui afortunada além das palavras pois, pouco depois de ter iniciado os meus estudos e pesquisas, conheci Edgar Cayce, o "*profeta adormecido*". Houve uma sintonia instantânea entre nós, ocasionada por vidas passadas juntos, de acordo com a informação psíquica que

Cayce me deu mais tarde. Foi uma associação que começou no Egito há 12 000 anos. O nosso trabalho conjunto continuou durante encarnações posteriores no antigo Egito e na Pérsia, na Terra Santa e na América dos dias modernos. Durante a maior parte da sua vida adulta, o Sr. Cayce reservava regularmente um tempo para entrar num estado semelhante ao transe, no qual punha de lado a identificação com o corpo físico e a mente consciente. Este estado permitia-lhe contactar níveis mais profundos do seu ser e, assim, receber informações além daquelas de que estava conscientemente ciente. Este [pág. xvn] material era comunicado num número de discursos, conhecidos como "*leituras*".

Mais de 14 000 leituras foram registadas estenograficamente e foram preservadas até ao presente, disponíveis para qualquer pessoa que queira explorar as suas ideias fascinantes. A cada uma das leituras de Cayce foi atribuído um número composto por duas partes. O primeiro número identificava o indivíduo para quem a leitura foi dada; isto era usado para garantir a privacidade do indivíduo. O segundo número indicava o número de série da leitura para aquele indivíduo em particular. Assim, a leitura 5330-1 significa que esta informação estava contida na primeira leitura dada para a pessoa a quem foi atribuído o número 5330.

Os discursos de Edgar Cayce cobrem uma vasta gama de assuntos. Duas das maiores categorias são as leituras físicas (que diagnosticavam problemas de saúde e recomendavam tratamentos naturais e holísticos) e as leituras de vida (que traçavam o desenvolvimento da alma individual através das suas encarnações anteriores e até ao presente). Outras leituras forneciam conselhos de negócios, interpretações de sonhos, ou orientação mental e espiritual. E vários discursos foram dados para ajudar grupos de pessoas a trabalhar em direção a objetivos específicos que tinham escolhido perseguir juntos. A série de leituras para grupos de estudo, que formou a base do material "*Search for God*", é um exemplo primordial de tais leituras. Embora tenha recebido discursos psíquicos pessoais, ou "*leituras*", de Cayce, a minha maior

bênção veio através das inúmeras horas que passámos juntos em conversa intensa. A sua paciência em responder às minhas [pág. xvm] perguntas era ilimitada. Muitas vezes, as suas respostas eram seguidas por vinhetas ilustrando a sua filosofia ou experiência pessoal. As suas respostas eram profundas.

Infelizmente, a nossa associação desta vez ocorreu apenas durante os últimos anos da sua vida. No entanto, tive o privilégio adicional de ter a oportunidade de estudar à vontade todas as leituras. A minha associação pessoal com Cayce, aliada ao meu estudo aprofundado das suas leituras, deu-me as respostas que eu procurava. O resultado é um tal entrelaçamento de informação, vinda tanto do Cayce acordado como das suas leituras, que considero impossível separar o que ele me revelou em primeira mão do que está escrito nas suas leituras. Isto não tem importância porque para mim a fonte era a mesma.

A visão da vida e da morte que Cayce propôs, tanto através dos seus pensamentos conscientes como dos seus discursos psíquicos, é simultaneamente útil, esperançosa e consistente. Baseia-se num alicerce seguro e descomplicado. A primeira premissa ou facto é que Deus existe. Reconhecemos que toda a natureza, todo o céu e a terra, declaram esta verdade simples. O Criador do céu e da terra e de tudo o que eles contêm É! A partir deste ponto de partida, a seguinte filosofia é detalhada cuidadosamente nas leituras de Cayce — uma filosofia que, acredito, é convincentemente apoiada pelo material que apresento neste livro.

Cada ser humano é uma parcela de Deus, criado por Ele e a partir d'Ele. Portanto, existe dentro de cada um de nós aquela parte imperecível que é divina. Sendo divina, esta parte de nós nunca pode morrer. Pode fazer inconsciente ou adormecida [pág. XDC] dentro de nós por um longo tempo — conforme medimos o tempo — mas nunca pode ser perdida ou destruída. Dentro de cada uma das nossas mentes está a consciência deste elemento divino, que é a nossa essência. As leituras de Cayce referem-se a esta consciência



do Divino interior como a Consciência Crística. Esta consciência do Deus dentro de nós torna cada alma ciente da sua relação com a força criativa.

Desta forma, a mente humana participa no reino espiritual. Mas a mente também é material. Ao comparar a trindade da nossa própria constituição (corpo, mente e espírito) com a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), Cayce sugere uma ligação estreita entre a mente e o Cristo. A mente pode desempenhar um papel como o Cristo, o Verbo de Deus; e este Verbo pode manifestar-se na materialidade. Cristo habitou entre as pessoas que contemplaram o Seu rosto como o do Pai! Temos a própria promessa de Jesus desta unidade com o Divino: *"...quem me viu a mim viu o Pai..."* (João 14:9). Através da Sua vida, foi-nos mostrada a glória de Deus na terra.

Toda a natureza declara e expressa a glória do seu Criador. Poderemos nós, humanos, fazer menos? A glória de Deus reside no amor, pois Deus é amor. O propósito de cada alma ao entrar na vida é manifestar cada vez mais o amor de Deus por toda a humanidade. Podemos expressar a nossa própria divindade apenas através da forma como tratamos os outros.

De acordo com Edgar Cayce, Deus concedeu-nos não apenas uma oportunidade para manifestar a nossa divindade desta forma; a cada um de nós é dada, através da reencarnação, muitas dessas [pág. XX] oportunidades. Esta, a possibilidade de mostrar o amor de Deus aos que nos rodeiam, é a oportunidade apresentada a cada alma em cada vida. A alma entra na vida física por escolha própria. Cada experiência em que entramos não é senão uma de uma série de vidas, sendo cada uma o resultado do que fizemos no passado com o conhecimento e os recursos que tínhamos disponíveis.

Ao avaliar o nosso progresso, podemos perguntar-nos: "Será que as minhas ações estão a melhorar a qualidade da minha vida para que eu me torne mais útil e construtivo com todos os que encontro?". Se sim, podemos saber que estamos a usar as nossas



oportunidades na vida física para cumprir o nosso potencial como filhos de Deus, expressando o Seu amor pelos outros.

Apenas os nossos pecados nos separam, temporariamente, de sermos um com o nosso Criador. Edgar Cayce disse que se, ao longo de eras e inúmeras vidas, uma alma se recusar a seguir o seu eu divino, então essa alma pode perder a sua identidade pessoal. Será reabsorvida na Energia Criativa da Vida, ou Deus, como uma gota de água se reúne ao mar. Mas as leituras indicam que essa conclusão drástica seria rara.

O curso mais usual é a alma, através das suas experiências na vida física e no além, crescer em direção ao reconhecimento da sua relação com Deus. Mais uma vez, a nossa compreensão desta companhia divina é mostrada nas nossas ações e atitudes para com as outras pessoas. À medida que a nossa percepção da nossa relação com Deus se torna mais clara, tornamo-nos cada vez mais conscientes da Sua orientação, da Sua voz, que nos fala através da voz da nossa própria consciência.

Este desenvolvimento espiritual é um processo unificado de [pág. XXI] crescimento, resultante da experiência da alma em ambos os lados da mudança que conhecemos como morte. Estar ausente do corpo — fisicamente morto — é estar presente com aquela consciência que tem sido o nosso ideal, o nosso Deus. É uma lei espiritual, nem sempre compreendida, que a forma como tratamos os nossos semelhantes é a forma como tratamos o nosso Pai e o nosso Deus. Assim, as nossas ações para com os outros afetam a consciência que iremos experienciar após a morte.

Sabemos que a única grande lei é *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo"* (Lucas 10:27). Aqui está a vara de medição para toda a humanidade. Esta lei incorpora os critérios para a experiência de cada alma, pelos quais a sua sinceridade de propósito e desejo podem ser julgados. Isto, como as Escrituras nos dizem, é toda a lei.

À medida que alinhamos toda a nossa existência com esta lei, passamos a conhecer a verdade da promessa de Jesus: *"Vós estais em mim, e eu em vós... e viremos para ele, e faremos nele morada"* (João 14:20, 23). Todas as experiências da alma, neste mundo e no próximo, têm o propósito de nos conduzir a esta plena realização do amor divino.

Com isto em mente, em que devemos acreditar quando um ente querido morre? O que devemos sentir? Em vez de ceder a um sentimento de desesperança, podemos reconhecer que Deus nos deu uma via de escape deste plano. Ele deu-nos outra oportunidade noutro mundo — aquele plano de consciência conhecido como o além — no qual podemos ampliar a nossa compreensão. Edgar Cayce salientou [pág. xxn] nas suas leituras psíquicas que é através daquilo a que chamamos morte que realmente experienciamos o amor de Deus. Como afirmámos anteriormente de uma forma ligeiramente diferente, estar ausente do corpo é estar presente com aquilo que a alma adorou.

A Bíblia diz-nos que fomos criados para nos tornarmos companheiros de Deus. Mas a carne e o sangue não podem herdar a vida eterna. Apenas o espírito, o propósito, o desejo podem reivindicar esta herança. O corpo, criado pelo nosso Deus, é apenas o veículo para a expressão da alma na terra. Não é a parte de nós que pode alcançar a união eterna com o nosso Criador. É necessário que o físico pereça, para que a porção divina da alma possa avançar para a vida eterna em Deus, que tem sido a nossa promessa desde o início.

Tudo o que precede é uma declaração de filosofia espiritual que adotei dos meus muitos anos de estudo e aplicação das leituras de Cayce. Estabeleceu na minha mente a convicção inabalável de que somos para sempre, seja nesta vida na terra ou na existência da alma através do limiar daquilo que se chama morte. Este livro foi escrito para apresentar a evidência, a consubstanciação, dessa convicção. Baseia-se nas minhas próprias experiências convincentes, nas dos

meus correspondentes em todo o mundo, e noutras relatadas por Edgar Cayce.

O meu foco é diferente de muitos relatórios de investigação e livros recentes que tratam apenas de experiências de quase-morte. Essas publicações, claramente de muito valor, lidam quase exclusivamente com o processo de morrer. Elas [pág. xxi] examinam a transição e os momentos logo após a morte. Embora o meu livro examine esses elementos, tento adicionalmente ir um passo ou dois além da própria transição, entrando numa investigação do que nos espera na vida após a morte. O material aqui recolhido fornece uma série de detalhes fascinantes sobre a existência no outro lado da vida, bem como fundamentos persuasivos para a crença na imortalidade da alma.

Elsie Sechrist Janeiro de 1992 [pág. XXIV]

## CAPÍTULO 1

### O OUTRO APOSENTO DE DEUS

*"Pois não há morte para aqueles que amam o Senhor; apenas a entrada no outro aposento de Deus."* (Leitura de Edgar Cayce 2282-1)

Há muitos anos, uma história verídica, escrita por Taylor Caldwell, apareceu na *The American Weekly*. Intitulada *"Joy's Christmas Miracle"* (O Milagre de Natal da Joy), este relato ilustra de forma convincente que sobrevivemos à morte do corpo. A história fala de uma mulher cujo marido, Carl, era um oficial de reserva no Exército dos Estados Unidos. Foi chamado para o serviço na Coreia. No espaço de seis meses, Carl foi morto em combate, deixando a sua esposa e o filho de sete anos, Skip. Sem outra família para apoiar, a mulher estava praticamente sozinha com o seu filho. Ela e o marido tinham sido criados de uma forma muito materialista. Na altura da morte de Carl, ela não conseguia nomear sequer um dos Dez Mandamentos. O seu filho, também, tinha sido criado sem

nenhuma daquelas crenças antigas em Deus. Como resultado da sua filosofia, a mulher ficou devastada com a morte do marido. Sentia que não havia tal coisa como encontrá-lo no outro lado dessa barreira, quer nos seus sonhos quer noutra vida. Para ela, exceto pela criança, a vida tinha acabado, e o seu marido já não existia — em lugar algum. Estava fora de si com o desgosto, completamente sem esperança.

Skip tinha acabado de passar o seu oitavo aniversário quando começou a queixar-se de dores de cabeça. Exames feitos por especialistas mostraram que o rapaz sofria de um tumor cerebral. Uma operação confirmou a situação. Skip tinha cancro no cérebro e tinha apenas alguns meses de vida. Imagine a angústia da mãe! Todos os dias lia para o seu querido filho e cantava canções para ele. Todos os dias ele ficava mais fraco e a sua visão tornava-se mais turva. Finalmente, as suas pernas ficaram paralisadas e ele começou a cair na inconsciência. Analgésicos aliviavam o seu sofrimento, mas a inconsciência estava a tomar conta rapidamente.

Chegou a véspera de Natal. A árvore estava radiante com luzes e os presentes rodeavam-na. Mas Skip nem sequer conseguia vê-los. Talvez pela primeira vez na sua vida, a sua mãe começou a rezar — angustiada e em prantos. Então ouviu passos. Pensando que era a enfermeira da noite, começou a dizer: "Não devia ter vindo esta noite". Mas, nesse momento, Skip gritou: "Papá, Papá! Olha, Mamã, o Papá veio a casa!". A mulher olhou para cima e viu Carl em todo o seu esplendor juvenil, ali de pé e a sorrir. Ficou sem fala. O seu marido falou: "Está tudo bem, meu amor. Vim a casa esta noite para te ver a ti e ao Skip e para te dizer que existe um Pai dedicado que verdadeiramente nos ama a todos. Ele enviou-me para te ajudar a ti e ao Skip".

Skip sentou-se na cama e apontou para a árvore. "Olha, Papá, a árvore! Não é linda?" O pai olhou para a árvore e para a estrela no topo, e disse suavemente: "É linda. E a estrela no topo da árvore é a estrela da nossa vida, Skip". A mãe observou o seu amado marido

enquanto ele gentilmente encostava o filho de volta às almofadas, incitando-o a ir dormir para que pudesse abrir os seus presentes no dia seguinte. Ele disse ao rapaz que em breve estaria bem e de volta à escola. No espaço de um mês, Skip estava bem, a sua visão foi restaurada e as suas pernas estavam fortes. Os exames mostraram que a criança estava curada! Especialistas vieram de longe e de perto para ouvir a história e relatar sobre ela.

Skip era um adolescente saudável quando este relato apareceu. O relato da experiência da sua família contém uma mensagem poderosa de esperança que pode beneficiar todos nós. Pois a morte — a nossa ou a de um ente querido — é algo que cada um de nós deve enfrentar. Esta pode ser uma perspectiva sombria se o corpo físico for considerado como sendo tudo o que somos, e a morte o fim absoluto da nossa existência.

Mas o regresso do pai de Skip mostra que temos uma vida além do corpo. Existe algo vital dentro de nós que é negligenciado pelo ponto de vista materialista que a família detinha na primeira parte desta história. Esta é a mensagem que Carl trouxe através da sua visita, e a recuperação subsequente de Skip oferece a prova de que a experiência foi válida. Nós sobrevivemos à morte, para nos reunirmos com o nosso Deus amoroso. De facto é verdade, não há morte da alma.

Durante o decurso do meu estudo sobre a morte física, recebi relatos de inúmeros correspondentes em todo o mundo. Tal como a história relatada acima, cada uma destas experiências fornece evidência de que parte de nós sobrevive ao falecimento do corpo. Ao longo de todo este material existe a garantia de que a separação que conhecemos como morte não é final.

Eu própria tive várias experiências convincentes que demonstraram que aqueles que partem desta terra não deixam de existir. Num dos casos, esta verdade básica foi-me incutida pela beleza e compaixão da alma que comunicou comigo e pela relevância da informação que ela deu. Através deste acontecimento,

recebi pessoalmente a confirmação clara de que os falecidos não só continuam a viver, como continuam a estar conscientes de nós e a importar-se.

A história começa enquanto eu vivia em Los Angeles e tive a oportunidade de iniciar um grupo que se reunia semanalmente para estudar o conteúdo de dois livros intitulados *A Search for God* (Em Busca de Deus). Este material era o resultado do trabalho realizado por alguns dos seguidores mais próximos de Edgar Cayce. Na nossa primeira reunião, em Beverly Hills, fiquei impressionada com a tristeza de Florence, a nossa anfitriã.

Após a reunião, perguntei a um dos seus amigos por que razão ela parecia tão triste. Soube que a sua melhor amiga, a quem ela adorava, tinha acabado de falecer. Nessa noite, rezei por Florence. Enquanto o fazia, uma mulher com os olhos azuis mais belos e simpáticos aproximou-se de mim numa visão e disse: "Eu sou a amiga da Florence. Poderia, por favor, dar-lhe estas três mensagens?". Ela disse-me então os três pontos que queria [pág. 5] que eu transmitisse a Florence.

Na manhã seguinte liguei para Florence, descrevi a sua amiga — particularmente os seus olhos — e transmiti as três mensagens. Ouvi um arquejo, quase um grito, enquanto ela dizia: "Era ela! Toda a gente fala sempre dos seus olhos belos e compassivos". Depois ela disse: "E sabe uma coisa, essas três mensagens que ela lhe deu para mim são respostas a perguntas que eu e o meu marido discutimos esta mesma manhã? Agora sei que não há morte, e que a minha amiga está viva — algures!".

Na minha tentativa de compreender a vida e a morte, fui grandemente auxiliada por informações recebidas de Edgar Cayce. O seu material fornece muita visão sobre a nossa natureza e as nossas experiências na vida física e além dela. Várias leituras dão-nos uma noção da relação estreita entre a vida e a morte, e da serenidade que a aceitação desta relação pode trazer. Por exemplo, ele disse a uma pessoa numa leitura: "... viver não é tudo na vida, nem morrer é

tudo na morte. Pois a vida e a morte são uma só, e apenas aqueles que considerarem a experiência como uma só poderão vir a entender ou compreender o que a paz de facto significa." (1977-1)

Além de dar leituras, Edgar Cayce teve várias outras experiências em que o fosso entre a vida física e a morte foi, por um tempo, transposto. Uma delas ficou claramente gravada na minha memória. Ele contou uma vez ao meu marido Bill e a mim o seguinte incidente, que ilustrava a continuidade da existência, [pág. 6] da personalidade e da consciência após a morte.

O Sr. Cayce e um amigo tinham estado a discutir sobre a sobrevivência da alma. Cayce acreditava nela, o seu amigo não. Para resolver a questão, fizeram um pacto de que, qualquer um deles que morresse primeiro, esse tentaria voltar e provar a sobrevivência. Algum tempo depois, o amigo morreu. Tarde numa noite após a morte, o Sr. Cayce estava em casa a ouvir o "*Seth Parker Program*" no seu rádio. De repente, viu clarividentemente o seu amigo falecido sentado numa cadeira grande à sua frente.

O seu amigo disse: "Cayce, tu tens razão! Existe sobrevivência da personalidade". Com isto, a sala encheu-se de pessoas invisíveis, que começaram a cantar. Cayce ficou tão desconcertado que correu escadas acima e saltou para a cama. Quando lá chegou, a sua esposa Gertrude disse: "Edgar, esqueceste-te de desligar o rádio". O Sr. Cayce disse: "Não, não me esqueci, e não tenciono ir lá abaixo ver". Aparentemente, o coro de pessoas e vozes continuou por algum tempo, mesmo depois de ele se ter deitado.

Noutra ocasião, o Sr. Cayce teve uma experiência na qual lhe foi mostrada uma imagem muito detalhada da transição da vida para a morte. Este incidente, contado por Hugh Lynn Cayce, o filho mais velho de Edgar Cayce, ilustra a gama de informações que estava disponível para Cayce enquanto ele estava em transe. Também mostra que uma morte iminente pode ser antevista; [pág. 7] não acontece apenas ao acaso, no calor do momento. Certa vez, após dar uma leitura no seu estado psíquico, Edgar Cayce não seguiu a



sugestão habitual para recuperar a consciência normal e desperta. Em vez disso, disse, falando para si próprio: "Se tu, Edgar Cayce, queres ver a tua mãe viva mais uma vez, é melhor ires visitá-la imediatamente!".

Ao acordar e ser informado desta mensagem, Cayce comprou imediatamente um bilhete para a sua casa em Hopkinsville, Kentucky. Quando lá chegou, a sua mãe parecia completamente bem! Ele não lhe disse por que razão tinha vindo sem aviso prévio. No dia seguinte, porém, ela foi para a cama, sentindo-se doente. Embora não parecesse estar a sofrer muito, o seu filho, no entanto, sentou-se com ela durante dois dias. A sua única queixa naquela altura era uma fraqueza geral.

Durante este período, Edgar Cayce, com a sua percepção interior, observou a alma dela a entrar e a sair do seu corpo físico. Viu a chegada dos seus avós falecidos ao local e observou enquanto eles falavam com a sua filha, a mãe dele. Após a conversa com os seus pais, ela — a sua alma — reentrou no corpo físico e voltou a falar com o seu filho. Disse-lhe que, no dia seguinte, os seus pais viriam buscá-la e ela iria com eles. No dia seguinte, Edgar Cayce observou os entes queridos reunirem-se. De facto não há morte — meramente uma transição.

Existem várias características notáveis nesta experiência de Edgar Cayce e da sua mãe, e referirei esta história várias vezes em capítulos posteriores. Mas uma característica [pág. 8] destaca-se especialmente: a tranquilidade da transição. Como se vê aqui, o que nos espera além da morte não é de forma alguma temível. Talvez isso fosse apenas de esperar no caso da Sra. Cayce, uma vez que as circunstâncias da sua morte foram praticamente ideais para uma passagem suave.

Ela teve a oportunidade de fazer a sua mudança gradualmente e sem dor extrema. Vários dos seus entes queridos estavam com ela fisicamente no momento do seu falecimento, e outras almas queridas esperavam para a receber do outro lado.

A nossa história seguinte, porém, descreve uma forma de morte muito diferente.

**Uma Rapariga Assassinada Ama o Céu** O que se segue é um relato verídico sobre uma rapariga de catorze anos que tinha sido assassinada. A sua história foi o tema de um artigo intitulado "*Awaiting Justice*" (À Espera de Justiça), que apareceu no *Houston Chronicle*. A reportagem do *Chronicle* relata um sonho da mãe da vítima, no qual ela foi visitada pela sua filha falecida, Carolyn. A rapariga contou à mãe o que tinha acontecido e descreveu o seu assassino, que ainda não tinha sido identificado na altura em que a história apareceu.

A rapariga disse que era alguém que ela não conhecia. Aparentemente, o crime ocorreu depois de Carolyn ter ido nadar na piscina do prédio de apartamentos. Tinha regressado ao apartamento da família após o mergulho e tinha sido morta ali. No sonho, ela disse à mãe que tinha lutado contra o homem o melhor que pôde. O quarto salpicado de sangue indicava que uma luta tinha de facto ocorrido. Uma faca de carnicheiro, encontrada numa gaveta da cozinha, foi a arma do crime; embora tivesse sido [pág. 9] lavada, ainda tinha algum sangue. O roubo foi evidentemente o motivo do crime, uma vez que faltavam dinheiro e joias, e o exame provou que a rapariga não tinha sido violada. A polícia ainda não encontrou o assassino.

Parece que a razão pela qual Carolyn apareceu no sonho da sua mãe foi para oferecer consolo. Os seus olhos, grandes e cinzento-azulados, estavam cheios de compaixão. Ela parecia muito feliz no sonho, e disse à mãe que amava o céu. Pediu-lhe que não se preocupasse e instou-a a tentar esquecer a forma da sua morte. Aparentemente, nós, que somos deixados para trás, sofremos muito mais com a perda de uma alma querida do que o indivíduo que partiu.

O fim violento de Carolyn contrasta fortemente com a morte da Sra. Cayce. Podemos bem imaginar que as circunstâncias do

falecimento de Carolyn foram terríveis, e a própria transição um evento extremamente traumático. No entanto, esta história mostra que, embora os eventos que rodeiam a morte possam ser aterradores, a alma pode ainda assim passar para um estado de felicidade. Não é necessário morrer pacificamente, como a mãe de Edgar Cayce fez, para descobrir a paz no além. Este conhecimento pode ser uma fonte de grande conforto para qualquer um de nós com entes queridos que encontraram a morte de forma súbita e violenta.

Poderia parecer a alguns que a experiência da mãe de Carolyn poderia ser descartada como "apenas um sonho". Mas as leituras de Cayce dizem-nos que as mensagens que recebemos através dos nossos sonhos são muitas vezes bastante válidas. Elas vêm "para o benefício do indivíduo, [se as] interpretarmos corretamente...". (294-15) Ao longo dos anos [pág. 10], Cayce deu centenas de leituras de interpretação de sonhos. Este material mostra que os sonhos são uma fonte importante de informação, de novas perspectivas e de compreensão. Nalguns casos, os sonhos oferecem o conhecimento prévio de eventos vindouros ou visões da vida no além.

Muitos dos relatos dos meus correspondentes falam de contactos em sonhos com os falecidos. Estes relatos são muito semelhantes àqueles sobre os quais Edgar Cayce foi convidado a comentar durante a sua vida. Em boa parte dos casos, ele confirmou que tais encontros em sonhos eram comunicações reais com as almas dos mortos, em vez de serem apenas o resultado de desejos da parte do sonhador.

Numa leitura para uma jovem mulher que sentia a presença da sua falecida mãe nos seus sonhos, Cayce ofereceu o reassuramento de que podemos ser visitados por entes queridos falecidos enquanto dormimos. Em resposta à preocupação dela de que estes sonhos extraordinários fossem um truque que a sua mente lhe estava a pregar, Cayce disse: "Não, não se está a enganar

a si própria, pois a alma vive, e está em paz, e quereria [que soubesse] que vive". (136-33)

Esta promessa dá-nos uma noção do abundante conforto que podemos encontrar na presença duradoura daqueles que nos foram queridos em vida. A nossa história seguinte ilustra o efeito muito real e muito poderoso que este consolo pode ter. A paz e a alegria trazidas à nossa narradora pela visita do seu falecido marido, e o sentimento de que essa mesma paz e alegria fazem parte da experiência dele após a morte, oferecem encorajamento a qualquer um de nós confrontado com a partida de um ente querido. [pág. 11]

### **Um Companheiro Dedicado Reconfirma o Seu Amor**

Nesta história, que apresenta um quadro vívido da sobrevivência do amor além do túmulo, a nossa colaboradora descreve a sua primeira visita do seu falecido marido. (Os seus três contactos posteriores com o cônjuge são relatados no Capítulo 6.)

"A minha história é sobre experiências paranormais com o meu falecido marido, Artie. Tive quatro dessas experiências. Sei que são reais e válidas, e significaram muito para mim. Descobri que outras pessoas são muito relutantes em discutir tais eventos. Pergunto-me porquê. Muitas, muitas noites antes da sua morte, o meu marido e eu sentávamo-nos e conversávamos um com o outro, fosse ao ar livre ou em casa. Discutíamos tantas coisas — vida, morte e vida após a morte. Era uma altura maravilhosa do dia para nós, examinando e trocando ideias.

Sempre li muito e adorei explorar novos pensamentos com os outros. Tenho uma necessidade enorme de novos conhecimentos e uma curiosidade insaciável sobre a vida, Deus, o universo e tudo o que nos afeta como seres humanos. O Artie não lia nem falava muito; ele era, no entanto, um bom ouvinte, e interessava-se pelo que eu estava a aprender — mas certamente nem sempre concordava! Através das nossas discussões, tínhamos chegado praticamente à conclusão de que as nossas vidas não terminam com

a morte, mas continuam algures não muito diferente desta [pág. 12] terra. Após a morte, as nossas almas teriam, claro, um tipo de corpo para reter a consciência, o amor, o conhecimento e as capacidades que tínhamos desenvolvido. O meu marido morreu às seis horas da manhã de sábado de um fim de semana prolongado, dois dias depois de ter sido admitido no hospital com um ligeiro ataque cardíaco. Estranhamente, o nosso filho tinha ligado na sexta à noite para dizer que vinha de avião ver o pai no sábado de manhã. Eu disse-lhe que o pai se sentia melhor e que tinha comido alguns alimentos sólidos no dia anterior, mas ele disse que queria vir na mesma. Na manhã seguinte, o Artie partiu.

Pouco depois do seu funeral, tive a seguinte experiência: O nosso cão tinha dormido sempre ao pé da nossa cama; mas todas as noites, desde a morte do Artie, ela subia para o lado dele na cama. Eu esticava as minhas pernas e empurrava-a para fora. Na sexta-feira à noite, uma semana após a morte do Artie, precisamente quando eu estava a adormecer, pensei que a cadela estava a tentar subir para a cama outra vez. Estava prestes a empurrá-la com o pé, quando tive a sensação de que não era a cadela. Eu disse: 'Artie?' e senti-o deitar-se ao meu lado! Ele pôs os braços à minha volta e encostou a cabeça no meu ombro. Fiquei preenchida por uma paz indescritível, como nunca tinha experimentado antes.

O Artie disse então: 'Sim, lembro-me de todas as coisas que eu era, sabia e sentia. Sim, estou bem e continuarei a ser eu, aprendendo e construindo a minha vida. Sim, estarei aqui e à tua espera quando vieres'. Eu não perguntei nada. Nem sequer tentei vê-lo. Bastava saber que ele [pág. 13] estava bem algures, por isso simplesmente adormeci pacificamente. Mas que coisa maravilhosa ter acontecido e que bela reafirmação da nossa filosofia! Estranhamente, também, a cadela nunca mais tentou subir para a cama. Ela amava-o tanto! Talvez ele a tivesse reassegurado de alguma forma, também.

Mais tarde, quando contei aos miúdos sobre esta experiência, as reações deles foram interessantes, claro. As raparigas não disseram muito, embora estivessem comovidas. É difícil saber como responder a algo tão inesperado como isto. Uma delas disse mais tarde que achava que tinha sido um sonho. Mas eu sei que nada de tão real, reconfortante e substancial poderia ser um sonho. Aconteceu mesmo! Eu senti-o mesmo e, na minha mente, conhecia os seus pensamentos. Acho que um dos comentários da minha outra filha acertou na mouche quando disse: 'Não foi mesmo a cara do Papá fazer isso — reassegurar a Mãe assim?'. E de facto foi." MA.

Esta história, tal como a maior parte da minha correspondência, mostra que a morte não é algo a temer. Verdadeiramente, pode haver dificuldades após a morte, tal como existem antes. Existe uma continuidade entre a vida e a morte. Quando fazemos a transição, não perdemos nem a nossa existência nem a nossa identidade. A morte — como as leituras de Cayce falavam dela — é apenas "passar pela outra porta de Deus". (1472-2)

Esta continuidade pode funcionar de ambas as formas. Geralmente, o conhecimento da nossa continuação é uma fonte de conforto para nós. Mas tal como uma pessoa pode ficar presa num comportamento improdutivo [pág. 14] antes da morte, o mesmo pode acontecer a uma alma no outro lado. A nossa história seguinte mostra-nos um exemplo de tal problema.

**A Alma Que Precisava de um Empurrão** O meu marido Bill e eu tivemos uma experiência notável durante uma digressão de palestras na Europa. Estávamos a dar uma conferência pública em Paris, em novembro de 1985. Após a palestra, uma jovem aproximou-se para fazer uma pergunta. Vi que ela usava a Medalha Milagrosa de Santa Catarina Labouré. O corpo não embalsamado, mas perfeitamente preservado, da "Santa do Silêncio", Santa Catarina, jaz numa caixa de vidro no altar de La Chappelle, localizada no número 140 da Rue du Bac, em Paris, França. Muitos milagres foram atribuídos a esta santa durante a sua vida. Muitos mais

ocorreram desde a sua morte. Como esta medalha em particular não é muito comum, perguntei-lhe por que razão a usava. Ela não conhecia a história da santa, mas passou a contar-nos a sua própria história. O seu tio tinha morrido cerca de três anos antes. Quase imediatamente após a sua morte, ele começou a incomodá-la — tanto durante os seus sonhos como no seu estado desperto. Ela deu a entender que havia conotações sexuais.

Este incómodo tornou-se tão perturbador que ela falou com o seu confessor sobre o assunto. O padre não conseguiu ajudar a mulher por si próprio, mas sugeriu que ela fosse a La Chappelle e providenciasse que fossem oferecidas missas pelo seu tio. Ela seguiu esta recomendação e, de imediato, o seu tio deixou de a incomodar. Na altura em que falou connosco, tinha passado mais de um ano sem [pág. 15] incidentes. É óbvio que, através das orações que foram oferecidas, o tio recebeu a mensagem e seguiu o seu caminho de avanço e esclarecimento.

Embora este relato mostre que as almas podem encontrar dificuldades após a morte, também oferece esperança. Ilustra que os problemas dos mortos, tal como os dos vivos, têm soluções. Não ficamos atolados numa única experiência para sempre após o nosso falecimento. A ideia de danação eterna não é apoiada pelo material de Edgar Cayce, nem pelas histórias que os meus correspondentes me enviaram, nem pelas minhas próprias experiências com aqueles que partiram. Qualquer dificuldade encontrada pela alma após a morte pode ser tratada e superada.

Frequentemente, estas dificuldades são resolvidas com a ajuda dos vivos. Os mortos não só continuam a existir, como continuam a estar conscientes de nós. Assim, as nossas atividades podem afetá-los e ajudá-los. A nossa oportunidade de expressar amor por aqueles que nos são próximos não termina com a sua morte. Por vezes a solução surge através da oração, um tema frequente nas histórias que recolhi. Rezar pelos mortos é uma forma

extremamente poderosa de os ajudar a continuar o seu desenvolvimento.

Uma história final deste capítulo ilustra maravilhosamente muitas das ideias que encontrámos até agora: os mortos continuam a viver; geralmente, a sua condição é de contentamento e paz; continuam a amar-nos e a ser sensíveis a nós; e através do contacto com eles podemos receber uma grande dose de conforto e consolação. [pág. 16]

**Consolo de um Filho Falecido** O relato seguinte, notável pelo sentido de realidade que transmite, foi-me enviado por uma mulher cujo filho tinha partido com uma idade muito jovem:

"Após a morte do Eric, o meu filho, sonhei que me mudava da casa onde tinha criado os meus filhos. Estava preocupada porque agora o Eric não tinha lugar onde dormir, e disse-lho. Ele pôs-se à minha frente, colocou a mão sobre a mobília do quarto — a cama na qual tinha sido concebido e na qual mais tarde morreu — e disse: 'Não te preocupes, Mamã. Eu tenho um lugar para dormir'. Isto, para mim, foi o reassentamento de que ele estava bem e que estava num estado de repouso naquele momento. Algum tempo depois, num 'sonho', recebi um presente especial de Deus.

Tinha, na minha dor, desejado poder abraçar e beijar o meu filho falecido apenas mais uma vez. Nesta experiência — mais parecida com uma visão do que com um sonho comum — eu parecia estar a tatear na escuridão, com os olhos firmemente fechados. De repente, alguém estendeu a mão suavemente por trás de mim e virou-me. Era o Eric! Ele puxou-me para os seus braços e beijou-me e abraçou-me. Eu conseguia sentir o corpo dele nos meus braços, até aos ossos e músculos nos seus ombros.

Senti o cabelo dele na minha bochecha. Enquanto enterrava o meu rosto no seu ombro, conseguia até sentir o cheiro do tecido 'acabado de lavar' da sua t-shirt de 'rock' favorita e sentir a textura dela no meu rosto. Foi maravilhoso, e a sensação era demasiado real



para não ser válida. [pág. 17] Quando acordei, ainda conseguia sentir os meus braços cheios dele; e depois, depressa demais, a sensação desapareceu à medida que eu voltava ao mundo consciente. Fiquei tão feliz por o Senhor me ter deixado abraçar o meu bebê mais uma vez, como eu tinha desejado. Embora o momento tenha sido demasiado breve, eu tive esse momento.

O Eric voltou para me dizer que me ama e que está vivo, tão cheio de vida como quando o senti nos meus braços durante a minha experiência de 'sonho'. Bem, Elsie, é isso que me tem acontecido até à data. Sei neste momento que a minha profunda tristeza por vezes faz de mim um canal pobre para receber as mensagens do meu filho, mas estou a tentar recuperar. Espero que haja mais para lhe contar mais tarde." MM.

## CAPÍTULO 2

### MORTE E RENASCIMENTO

É perfeitamente natural, quando um ente querido morre, desejar que ele ou ela pudesse voltar à vida física novamente. Embora a morte seja um processo irreversível de um ponto de vista material, a evidência sugere que o nosso desejo natural não é assim tão descabido. Não só nos reuniremos com os entes queridos no além, como as leituras de Cayce (e muitos outros ensinamentos espirituais) indicam que podemos esperar ter experiências juntos novamente no mundo físico.

Este é o antigo conceito de reencarnação, uma teoria de renascimento que coloca a morte e o morrer num contexto muito diferente daquele que governa a nossa mentalidade ocidental dominante. A história seguinte é um bom exemplo de como uma mulher, que estava aberta à teoria da reencarnação, foi capaz de compreender um contacto psíquico com um rapazinho que tinha partido. Ela tinha desfrutado de uma proximidade especial com o seu sobrinho muito cativante. O seu relato transmite a mensagem

inspiradora de que relacionamentos gratificantes como o deles não precisam de terminar com a morte. [pág. 18]

### **Um Reencontro Alegre**

"Consigo recordar dois incidentes em que fui visitada por familiares próximos após as suas mortes físicas. O primeiro contacto foi com um sobrinho, Toby; o segundo, com o meu pai. Ambos os contactos ocorreram à noite enquanto eu dormia. As experiências não foram tanto visuais, mas sim auditivas. Não conseguia ver propriamente nenhum dos meus visitantes, mas sentia a sua presença e sabia que estavam a falar comigo. O meu sobrinho Toby tinha acabado de fazer três anos quando morreu. Tinha nascido com múltiplos problemas cardíacos.

No dia anterior à sua morte, foi operado pela terceira vez. Embora a cirurgia tenha sido um sucesso, o corpo do Toby não se ajustou ao stress e ele teve um ataque cardíaco. Antes de descrever a sua visita do outro lado, gostaria de vos falar um pouco sobre o Toby. O Toby era uma criança linda — caracóis de platina, um rosto angelical redondo e olhos azul-bebé. Apesar da sua doença, era o ser mais alegre que alguma vez encontrei. Ninguém que o visse ficava indiferente ao amor absoluto que ele gerava e dava. O Toby era o primeiro filho da minha irmã e o segundo neto da família. A minha irmã tinha tido um trabalho de parto e um parto muito difíceis, e ela e o Toby ficaram no hospital durante uma semana após o seu nascimento.

A primeira vez que vi o Toby, ele tinha cerca de duas semanas. A partir desse momento soube que ele era um presente especial e que não estaria connosco por muito tempo. O próprio facto de ele ter sobrevivido ao nascimento e vivido durante três meses sem [pág. 20] ajuda médica atestava a sua vontade de viver. Estava continuamente com dores, não conseguia respirar enquanto mamava no biberão e o seu coração estava incrivelmente danificado; mas mesmo assim, estava cheio de vida. Os seus olhinhos

simplesmente brilhavam, enviando chamadas pela sala, atraindo todos para si."

Aqui tem a tradução integral e fiel para o Português de Portugal (PT-EU), respeitando a manutenção dos *itálicos* e a numeração original das páginas.

"Passei muito tempo com o Toby e com a minha irmã durante esses três curtos anos da vida dele. Depois de ele morrer, a minha irmã e o marido mudaram-se para outra parte do estado e, desde então, tiveram dois filhos lindos e saudáveis.

O Toby veio ter comigo a 6 de dezembro, o aniversário da sua morte, depois de a minha irmã ter dado à luz o seu segundo filho em abril. Ele continuou a chamar insistentemente por 'Tia Linda, Tia Linda', até eu ficar lúcida. Lembro-me de pensar que não podia ser o Jonathan, o novo filho da minha irmã, porque ele ainda não conseguia falar. Quando percebi que era o Toby, ele disse-me: 'Não fiques triste, Tia Linda. Eu vou voltar! Eu vou voltar!'. Ele estava tão feliz, e eu fiquei radiante.

Nessa manhã, às cinco horas, a minha melhor amiga ligou-me para dizer que tinha dado à luz uma menina por volta das 3h00 da manhã. Tanto quanto consigo calcular, foi por volta daquela hora que o Toby me veio ver. Quando fui ao hospital visitar o novo bebé no infantário, não consegui evitar chorar de alegria.

A Crystal tem agora quase quatro anos, e temos uma relação muito especial que transcende a afeição normalmente partilhada com tias visitantes honorárias. Escusado será dizer que ela ocupa um lugar especial no meu coração. Ela, tal como o Toby, é uma criança alegre que trouxe muita felicidade à sua família."

L.O.C.

A história de Linda e Toby oferece a feliz garantia de que a separação causada pela morte não é permanente. Os nossos entes queridos falecidos podem contactar-nos do outro lado da vida; e, talvez ainda mais encorajador, podem regressar e juntar-se a nós

deste lado. Isto faz parte da esperança que pode ser encontrada no conceito de reencarnação.

A reencarnação ocupa um lugar importante no material de Edgar Cayce. Compreender o renascimento pode tornar mais fácil a adoção de uma perspectiva útil sobre a morte. Pode permitir-nos ver duas características como uma parte natural da jornada da alma: a morte e o regresso para vidas adicionais. Para ver como esta jornada começou e para onde nos levará, olhemos para trás, para o nosso início.

### **A Nossa Criação**

De acordo com Edgar Cayce, todas as almas foram criadas por Deus logo no início, muito antes de a terra passar a existir. A razão por trás do presente da vida que o nosso Pai nos deu foi o "desejo de Deus por companhia e expressão..." (5749-14). Muitas das leituras de Cayce enfatizam que o plano divino é que cada um de nós se torne um companheiro e co-criador com Deus.

Deus é amor e, por isso, co-criar com Ele envolve expressar o Seu amor pelos outros, o que pode ser melhor alcançado através da sintonia com o nosso Criador e do serviço aos nossos semelhantes. Este princípio é resumido da forma mais bela nas palavras de Cayce a uma pessoa que procurava conselhos práticos para viver: [pág. 22]

Vive cada dia como se a noite devesse ser passada com o teu Criador e, na manhã de cada dia, dá graças ao Criador por aquilo [que possas] ser capaz de dar em serviço e de ti mesmo aos outros, para que eles possam ser abençoados... pois aquele que quiser ser o maior entre os homens será o servo dos homens. Aprende o que isso significa na vida, e a vida valerá a pena. 4185-3

Para que pudéssemos tornar-nos companheiros criativos com Ele, no início Deus deu a cada alma o livre-arbítrio. Podemos usar este dom para viver de acordo com o plano do nosso Pai, manifestando o Seu amor. Mas também temos a liberdade de desconsiderar a Sua vontade e viver egoisticamente. Quando

escolhemos viver egoisticamente, separamo-nos do nosso Criador. Esta escolha torna necessário que corrijamos os nossos caminhos — que aprendamos a viver amorosamente, de acordo com o Seu plano. O propósito básico da nossa existência na terra é dar-nos a oportunidade de assimilar essa lição. Ao fazê-lo, alcançaremos o objetivo final da nossa existência: recuperar a unidade amorosa que tínhamos com o nosso Pai no início.

### **Reencarnação**

A conquista da reunião completa com Deus levará, provavelmente, uma grande quantidade de tempo e experiência. A maioria de nós é incapaz de realizar este grandioso propósito numa única vida física. Para colocar esse objetivo final ao alcance de cada alma, Deus deu-nos o presente adicional da reencarnação. Isto fornece a cada um de nós [pág. 23] tantas vidas quantas precisarmos para aprendermos a viver de acordo com a Sua vontade amorosa.

Os princípios básicos da reencarnação são descomplicados: a alma é imortal e continua a existir após a morte do corpo. Em vários intervalos, pode escolher entrar num novo corpo físico, a fim de ganhar mais experiência de uma vida adicional na terra. Nalguns sistemas de crença, pensa-se que a reencarnação inclui vidas animais, bem como humanas. De acordo com as leituras de Cayce, não é assim que funciona. Os animais reencarnam, progredindo de uma espécie para outra. Mas a alma humana encarna sempre na família humana. Pode, contudo, por vezes escolher mudar de sexo de uma vida para a seguinte.

Um dos sonhos de Edgar Cayce, que ele teve muito depois da morte da sua mãe, ilustra alguns dos pontos básicos sobre a reencarnação. No sonho, a Sra. Cayce informou o seu filho de que lhe tinha sido dito que ela renasceria em nove meses de pessoas próximas e queridas para ele. De acordo com uma leitura subsequente, esta mensagem sobre o regresso prospetivo da alma para outra vida era literalmente verdadeira. Uma vez que o regresso e algumas das suas circunstâncias eram conhecidos

antecipadamente, este incidente sugere que o renascimento não é um evento aleatório ou acidental.

Este sonho também nos mostra outra implicação da reencarnação. A alma continua a existir entre vidas na terra. Tem consciência e tem experiências que podem potencialmente ser recordadas mais tarde. A pré-existência da alma é uma ideia antiga — mas poderá ser aceite como um facto? Enquanto estava nesta terra, o meu [pág. 24] marido Bill ter-vos-ia dito que sim.

### **Experiências de uma Alma Antes do Nascimento**

Em várias ocasiões ouvi o Bill contar as suas experiências que antecederam o nascimento. Enquanto ainda estava no outro lado, ele viu muitos eventos que deveriam acontecer na última parte da sua vida, caso ele viesse a nascer. Ele testemunhou desastres naturais, a crueldade da humanidade para com os seus semelhantes, guerras, violência e outras visões que dizia serem demasiado horríveis para mencionar. Por causa do que viu, o Bill não queria entrar noutra vida física! (Conhecemos outros que tiveram esta mesma experiência pré-natal.)

Na noite do seu nascimento nesta vida, a consciência do Bill estava no quarto de cima da casa da família. Ele viu a sua futura mãe na cama, muito grávida. O seu pai estava de pé ao pé da cama. Era uma noite fresca de início de outubro. A rua em frente à casa não estava pavimentada, mas estava bem batida.

Por volta da 1h30 da manhã, o Bill ouviu o bater de cascos na rua seca. Viu então uma carruagem puxada por cavalos encostar e parar no caminho de tijolos que levava à varanda da frente. O médico saiu, tirou um bloco de amarração da carruagem e prendeu a guia fixada nele ao freio do cavalo. Tirou depois uma pequena mala preta da carruagem e caminhou até à casa.

A memória do meu marido, ou percepção pré-natal, foi interrompida neste ponto. A sua recordação seguinte foi da [pág. 25] época de Natal, quando tinha cerca de três meses de idade.

Muitos anos depois, ele descreveu esta cena de Natal, em minucioso detalhe, à sua mãe. Ela confirmou a precisão do seu relato e disse que lhe recordava detalhes que ela já tinha esquecido há muito. Durante a sua vida, o meu marido viu tantas das suas visões pré-natais concretizarem-se que não lhe teria sido possível duvidar da pré-existência da alma.

Mas entrará a alma sempre na vida física por escolha? Edgar Cayce indicou que pode haver exceções. Numa leitura dada para o meu marido, o Sr. Cayce disse que o Bill tinha entrado apenas "em parte por escolha". Tendo previsto o que o esperava, o meu marido teve de ser "empurrado", pelo Divino que está dentro de todos nós, para entrar e enfrentar esta experiência.

O propósito básico da reencarnação é dar-nos as experiências necessárias para nos ensinar a viver de acordo com o plano de Deus. Para que estas experiências nos ajudem a avançar em direção ao nosso objetivo, devemos ser capazes de aprender com elas. Por isso, a lembrança das nossas vidas passadas poderia ser bastante útil no nosso desenvolvimento espiritual. Tais memórias estão normalmente fora do alcance da maioria de nós. Mas as leituras de Cayce asseguram-nos que temos a capacidade de, em última análise, recordar tudo o que alguma vez nos aconteceu, desde o momento da criação. Esta troca de perguntas e respostas — da interpretação de Cayce do Livro do Apocalipse — recorda-nos a promessa de Cristo de abrir as nossas memórias. [pág. 26]

... Ilustremos pelo que foi dado: O Mestre deu, "Antes que o mundo existisse, EU SOU! Agora, se vós habitardes em mim e eu no Pai, então trarei à tua lembrança TODAS AS COISAS — desde as fundações do mundo! 281-33

O Sr. Cayce continuou explicando que a nossa consciência está "morta" para as nossas vidas passadas até despertarmos para o Divino interior, que então traz à nossa lembrança todas as coisas desde o início. Três passos são necessários para despertar esta consciência: oração e meditação diárias, serviço aos outros e a

leitura da Bíblia. Eles ativam as nossas naturezas física, mental e espiritual. O próprio Edgar Cayce deu um excelente exemplo em cada uma destas três práticas. Por isso, não é de todo surpreendente que ele fosse capaz de recordar muitos incidentes das suas vidas anteriores.

### **Sodoma e Gomorra Revisitadas**

O Sr. Cayce tinha por vezes experiências interiores notáveis — como sonhos visionários — enquanto dava simultaneamente uma leitura. Numa ocasião, enquanto estava no estado de transe a proferir uma leitura, ele reviveu o papel que tinha desempenhado durante a destruição de Sodoma e Gomorra. Após acordar no final da leitura, descreveu a sua experiência, dizendo que lhe tinha parecido estar a acompanhar Lot e a sua família enquanto fugiam da destruição das duas cidades. Falou de passar por um calor intenso, como o de fogo do céu.

A Bíblia diz-nos que Sodoma e Gomorra foram [pág. 27] destruídas por causa da prática liberal da sodomia. A Escritura relata que dois seres apareceram e avisaram Lot, um homem piedoso, que ele e a sua mulher deveriam fugir porque as cidades estavam prestes a ser consumidas por fogo e enxofre. Foram também avisados para não se voltarem nem olharem para trás depois de terem saído. A mulher de Lot desobedeceu a estas instruções e foi instantaneamente transformada numa estátua de sal.

Numa leitura posterior, dada para explicar a sua experiência deste incidente bíblico, foi dito a Cayce que ele tinha sido um dos mensageiros enviados para alertar Lot do perigo que se aproximava. O propósito desta recordação de vida passada era avisar Cayce de provações vindouras pelo fogo. Não muito tempo depois, ele foi preso e encarcerado por adivinhação. Tendo sido avisado previamente, teve a oportunidade de se preparar para este teste.



## Escolha e Carma

Na sua criação, cada alma foi dotada de livre-arbítrio. Este atributo dá-nos repetidas oportunidades para crescer espiritualmente. Com cada decisão que enfrentamos, podemos avançar em direção à vida — em direção a Deus — ou podemos partir na direção oposta. Quando confrontados com qualquer escolha, é útil ter um padrão sobre o qual possamos basear a nossa decisão. Muitas das leituras de Cayce enfatizam a importância de estabelecer cuidadosamente um ideal em direção ao qual queiramos trabalhar. Um ideal selecionado com reflexão pode ajudar a clarificar para nós aquilo em que verdadeiramente acreditamos, e pode guiar-nos a fazer as escolhas que nos permitirão viver de forma criativa e amorosa. [pág. 28]

As nossas decisões são tão importantes porque determinam o que fazemos das nossas vidas e de nós mesmos. Uma bela símile encontra-se nos arquivos de Cayce: em cada semente reside o seu potencial — por exemplo, tornar-se uma árvore que dá frutos. Cada alma, também, pode tornar-se como uma árvore da vida para muitas pessoas, alimentando-as e protegendo-as. Mas com a mesma certeza, a alma, como uma árvore, pode murchar e morrer. Para florescer, a própria alma deve receber nutrição adequada, que obtém ao levar abrigo e sustento aos outros. Cada alma deve eventualmente tornar-se como um corpúsculo ou célula no fluxo de vida e no corpo de Deus!

A vida é de Deus. Ele é o Criador de tudo o que existe. Os seres humanos podem fazer coisas para alterar o caráter da vida, mas ela não pode ser terminada ou destruída. O destino de cada alma é regressar à sua Fonte. Quanto tempo leva a preparar a alma para o seu Criador? Isso depende inteiramente do que a alma faz com o seu conhecimento de Deus e com a sua compreensão dos desejos do Pai.

Todos os dias há escolhas a ser feitas, para o bem ou para o mal. Estas opções aparecem naquilo que pensamos, no que dizemos

e até no que comemos e bebemos. A escolha é nossa e, através dela, criamos diariamente o nosso próprio destino. Ao tomarmos as nossas decisões no dia-a-dia, faríamos bem em lembrar-nos de que cada uma das nossas escolhas tem um efeito. Decisões que estão de acordo com a vontade de Deus têm resultados positivos. Erros trazem experiências que nos ensinam que temos lições a aprender. Esta é a essência do carma, a lei espiritual pela qual colhemos o que semeámos. [pág. 29]

Muitas vezes experimentamos os resultados dos nossos erros como dificuldades. Quando isto acontece, devemos lembrar-nos de que Deus não nos está a punir pelos nossos erros; em vez disso, está a ser-nos dada uma oportunidade de aprender e de evoluir ao superar os nossos problemas. É possível usarmos construtivamente qualquer condição que encontremos na vida, por muito difícil que a possamos considerar.

A lei do carma está ativa ao longo das nossas vidas. Afeta a situação em que nascemos e as condições que encontramos a cada dia. A lei do carma também pode influenciar o momento e a forma da nossa partida. Perceber isto pode ajudar-nos a captar o significado por trás da morte de um ente querido. Como a história seguinte ilustra, a separação pode ser particularmente difícil de aceitar em casos em que alguém próximo de nós teve um fim inesperado. No entanto, pode encontrar-se esperança em saber que existe uma razão para tal morte, uma lição necessária para a alma aprender. A esperança vem, também, com o potencial da reencarnação, com a possibilidade de que a separação não tenha de ser final.

### **Uma Filha Falecida Explica a Sua Morte**

Enquanto eu e o Bill visitávamos Espanha durante o ano de 1985, uma mãe enlutada falou connosco sobre a morte da sua filha. Durante a nossa conversa, achei muito encorajador ver o ânimo da mulher melhorar à medida que ela começava a considerar algumas das possibilidades que a reencarnação oferece.

A história que ouvimos era sobre uma linda rapariga de treze anos que tinha caído para a morte enquanto [pág. 30] fazia alpinismo com um amigo. Por alguma razão, a mãe da rapariga sentia que a sua filha tinha sido empurrada pelo seu companheiro, que a mãe pensava estar motivado por ciúmes.

Pouco depois da sua morte, a filha apareceu à mãe num sonho e explicou como tinha escorregado e caído. Embora tivesse tentado desesperadamente agarrar um arbusto ou o ramo de uma árvore enquanto caía, não conseguiu segurar-se e despencou para a morte.

Sinto que a rapariga voltou e descreveu a natureza não intencional do seu falecimento porque percebeu que a sua mãe pensava que tinha havido crime envolvido. Ao reassegurar a mulher de que não era esse o caso, a filha pôde ajudá-la a evitar a amargura e talvez a diminuir a intensidade do seu luto.

Embora esta morte não tenha sido pretendida, as leituras de Cayce dizem-nos que os chamados "acidentes" nunca ocorrem sem uma causa. Neste caso, uma dívida cármica ou uma lição a ser aprendida pelas almas envolvidas deve ter estado em ação. Por alguma razão, esta foi uma experiência necessária para a rapariga e para a sua mãe.

Expliquei à mulher que, como a sua filha era tão jovem quando morreu, era perfeitamente possível que ela pudesse reencarnar rapidamente, talvez dentro de um ano ou dois. A mãe, que estava na casa dos trinta e poucos anos, ficou cheia de alegria com esta perspectiva. Se ela desejasse ter outro filho, essa criança poderia muito bem ser a filha de quem ela tanto gostava. É minha firme convicção que o amor destas duas almas uma pela outra tornará isto possível.

### **O Papel da Morte Física**

De acordo com o material de Cayce, o propósito da vida é ensinar-nos a manifestar o amor de Deus pelos outros. Todas as nossas experiências podem ser usadas para aprender esta lição

essencial. A morte, também, fornece-nos experiências que podemos usar no nosso desenvolvimento espiritual. Assim, a vida física e a morte não são opostos. São apenas dois aspetos de um processo contínuo de crescimento espiritual. Cada um desempenha um papel ao permitir-nos redescobrir a nossa relação com Deus e alcançar a nossa eventual reunião com Ele.

A morte permite-nos experienciar uma parte diferente da nossa relação com Deus do que aquela que somos capazes de ver durante a vida física. A morte é um passo na jornada da alma de volta ao seu Criador. De um ponto de vista espiritual, o nosso medo da morte é inapropriado. Cayce descreveu belamente esta visão mais iluminada da morte com estas palavras:

A morte é separação, e por isso o homem a teme; contudo, quando se põe de lado a sua fase que amedronta, ela não é senão o nascimento para oportunidades que — se forem abraçadas com Ele, a verdade — como teu guia — trarão alegria e harmonia à tua experiência! 1776-1

Na morte, a mente consciente é posta de lado e o subconsciente torna-se mais ativo. A morte é, portanto, uma mudança na consciência. Através desta mudança, podemos ganhar uma nova perspetiva da vida contínua da alma. Desta forma, um sonho sobre a morte pode muito possivelmente ser um símbolo esperançoso, em vez de assustador. O despertar de algo novo — especialmente novos pensamentos ou uma consciência mais profunda da nossa vida subconsciente — pode facilmente ser retratado nos nossos sonhos como algum tipo de morte. Como Cayce disse a uma pessoa que estava muito preocupada com um sonho no qual ela morria: "Isto, então, é o despertar do subconsciente, tal como se manifesta na morte nas forças físicas, sendo o nascimento no mental". (136-6)

As lições que a morte ensina são valiosas para nós por causa da imortalidade da alma. Quando o corpo físico falece, a alma sobrevive e é capaz de passar para um tipo diferente de aprendizagem. Em

encarnações futuras, pode regressar em novas circunstâncias e passar por novas experiências, dando assim uma compreensão mais ampla da vida física. Cada expansão da consciência aproxima-nos de compreender a "influência infinita" de Deus e a nossa relação com ela. O conselho de Cayce a um homem é um bom conselho para todos nós:

... viver não é tudo na vida, numa única experiência. Pois a vida continua; a vida em si é uma consciência, um dom de uma influência infinita a que podemos chamar Deus. 2399-1

Para que a alma alcance uma compreensão da sua relação com Deus, ela precisará, muito provavelmente, de uma variedade de experiências na vida física. Isto faz da morte um meio necessário de transição de uma vida para a seguinte. Permite que a alma ganhe experiência num conjunto de condições materiais, saia do mundo físico e, mais tarde, regresse a outro cenário.

Podemos ver como este sistema funciona bem se pensarmos nos casos em que uma alma entrou numa situação limitadora — como uma deficiência física grave — que provavelmente durará uma vida inteira. Existe sempre uma razão para um indivíduo encarnar em tais circunstâncias. Talvez o propósito seja dar à própria alma uma lição necessária. Ou talvez, como é sugerido na nossa próxima história, a alma assuma uma condição a fim de ajudar as pessoas próximas a crescer em compreensão.

Qualquer que seja a causa subjacente em qualquer caso específico, existe um propósito construtivo para estas experiências. Perceber isto pode ser uma fonte de força para aqueles tocados por incapacidades de longo prazo, sejam as suas próprias ou de outros. E podemos ser grandemente encorajados pelo conhecimento de que mesmo as limitações que provavelmente durarão até à morte não são permanentes. Como o relato seguinte mostra de forma convincente, existe sempre a possibilidade de oportunidades grandemente expandidas no futuro.

## Uma Criança os Guará

Com este relato, o nosso narrador dá-nos um quadro claro da esperança que podemos encontrar se formos capazes de estender a nossa visão além dos limites de uma única vida física.

"Começou de forma bastante simples, mas tornou-se mais complexa e bela à medida que a nossa conversa continuava. Eu estava sentado à mesa da nossa sala de jantar, a dar à colher uma refeição em puré à minha enteada deficiente. A minha neta de sete anos estava sentada à nossa frente, a mastigar uma barra de fruta caseira. A minha neta e eu tínhamos acabado de regressar de nadar e de andar de jangada de colchão de ar no vizinho rio Bear. Estávamos agora sozinhos, e o cenário era ideal [pág. 34] para um bom e relaxante descanso.

'Avô', perguntou a criança, 'porque é que ela não consegue falar, e porque é que não tem dentes, e porque é que as costas dela são tão curvadas?'.

'Vamos ter cuidado com esta', pensei, e depois respondi: 'Talvez seja apenas para te mostrar como és afortunada por teres um corpo bom e forte no qual viveres enquanto estás nesta terra, e para te ensinar a dizer "Obrigado, Deus" e a dizê-lo a sério'.

Tentei então explicar de forma simples como a minha enteada tinha sofrido danos cerebrais pouco depois do nascimento. Cirurgiões qualificados não tinham tido sucesso no seu esforço para remover um crescimento estranho que tinha causado o dano. Os médicos tinham dito na altura que ela não viveria mais de três ou quatro anos. Hoje, ela tem vinte e oito anos e continua a sorrir.

A seguir, tentei contar como temos tentado aprender a falar com ela através de sentimentos, não de palavras. 'Por isso vês', continuei, 'ela ajudou tanto a mãe dela como a mim a aprendermos mais sobre o nosso verdadeiro eu interior, aquela parte de nós a que chamamos alma'.

A minha enteada estendeu a mão melhor para o meu rosto e puxou-me a barba. 'Ela gosta mesmo de te puxar a barba, não gosta?', observou a menina mais nova.

'É assim que ela aprendeu a expressar amor. Vês o sorriso dela sem dentes e o brilho nos seus olhos? Essa é a razão principal pela qual eu uso barba', expliquei.

'Não sejas demasiado duro com o teu velho avô', pensei; no entanto, estava emocionado com a proximidade da nossa sintonia interior e libertei-me para o que pudesse vir a seguir.

'Ela voltará como deficiente da próxima vez?'. Nem por um segundo questioneei a autoridade de tal pergunta vinda desta jovem mente em ajustamento. Percebi que ela não tinha sido ensinada, nem sequer de forma simples, sobre os meandros da reencarnação e, por isso, concluí corretamente que as suas palavras não eram de cor. A sua pergunta precisava de uma resposta, não de uma discussão, pois ela tinha-a colocado claramente.

'Não', foi a minha resposta definitiva."

" 'Como é que sabes?' relatei-lhe muito francamente uma experiência que tinha tido muitos anos antes, uma que partilhei com poucos; pois nem todos estão tão preparados como esta criança estava a provar estar. 'Porque Deus tem sido bom para mim. Ele deu-me uma visão na qual fui capaz de a ver no futuro.' 'O que é uma visão, Avô?' 'Uma visão', expliquei, 'é como um sonho, só que a pessoa nem sempre está a dormir quando acontece, está apenas muito quieta.

Uma vez, há muito tempo, fiz uma oração, que é simplesmente falar com Deus. Depois, sentei-me muito quieto por um bocadinho, não me deixando pensar em nada, apenas esperando — esperando possivelmente ouvir Deus. Esta forma de pensar — ou melhor, de não pensar — chama-se meditação. Enquanto eu estava vazio de tudo na minha mente desta forma, a minha visão veio até mim. Era uma imagem mental clara de uma bela jovem, sã e forte, de pé num

pedestal entre multidões de pessoas. Pessoas sozinhas e grupos aproximavam-se desta jovem e pareciam perguntar-lhe que caminho seguir. Ela [pág. 36] olhava para baixo para eles, sorria e apontava uma direção. As pessoas partiam então, seguindo as direções que ela lhes tinha dado. Esta imagem desapareceu gradualmente da minha mente', continuei, 'e fiquei com um sentimento de admiração.

Depois, uma inspiração bastante surpreendente apoderou-se de mim quando os meus pensamentos voltaram a ela. Foi então que soube que a mulher na minha visão tinha sido a minha enteada. Senti a certeza de que, desta forma, Deus me estava a dar encorajamento para continuar. Essa visão é tão clara na minha memória hoje como era no dia em que a recebi. Compreendes agora como sei que ela não voltará novamente como uma deficiente?', perguntei. 'Sim', disse a minha neta.

E eu tive a certeza de que ela compreendeu verdadeiramente. Oh, quem dera que mais de nós pudéssemos assumir a fé simples e pura de uma criança de sete anos ainda não corrompida. Durante toda esta conversa, a minha enteada esteve sentada em silêncio. Sei que ela ganhou interiormente, tal como nós os dois que desfrutamos de corpos físicos mais próximos da perfeição. A minha oração em resposta foi simples: 'Obrigado, Pai!'" J.S.

### **CAPÍTULO 3**

#### **PRESENTINDO A APROXIMAÇÃO DA MORTE**

Uma das descobertas mais curiosas da parapsicologia é a validade da precognição — a capacidade de estar consciente de eventos aparentemente imprevisíveis muito antes de [pág. 37] eles ocorrerem. Este talento foi substanciado em investigação laboratorial como um autêntico potencial humano. Embora apenas muito poucos indivíduos consigam demonstrar precognição sob pedido, quase toda a gente teve algumas experiências em que um



sonho ou um palpite se concretizou. Talvez as exposições mais dramáticas envolvam premonições de morte. Claro que alguns cépticos ainda se perguntam se é realmente possível termos conhecimento intuitivo de eventos vindouros — mesmo aqueles que envolvem a morte. Mas a evidência persuasiva fornecida por esta história torna difícil duvidar.

"Estive envolvida em vários sonhos nos quais foi aparentemente feito contacto com pessoas que tinham morrido. Um que ocorreu algures em 1973 foi-me apresentado como um desafio por um colega de trabalho no Aberdeen Proving Ground, em Maryland. Este senhor via cores sempre que ouvia música clássica; no entanto, ele não tinha consciência de que este é um fenómeno muito invulgar, e não tinha conhecimento de interpretação de sonhos ou de qualquer outro ramo da parapsicologia. O desafio que ele me deu foi encontrar a mensagem num sonho estranho que ele tinha tido. No sonho do meu amigo, ele encontrou o seu falecido pai e um vizinho chamado Ike.

O Ike estava a ensinar o pai do meu amigo a entalhar madeira. Pareceu que o meu amigo achou muita piada a isto porque o seu pai, que tinha sido um TOC (Contabilista) e músico, não possuía qualquer aptidão mecânica e certamente não tinha estado interessado em nenhum talento como entalhar madeira. Resumidamente, disse ao meu colega que o sonho indicava que o Ike em breve se juntaria ao seu pai.

Disse que a prática de entalhar madeira poderia significar que o seu pai estava a passar por uma fase de aprendizagem de algum tipo. Possivelmente estava a aprender paciência, um passo no crescimento espiritual. Quando dei ao meu amigo esta interpretação do seu sonho, ele apenas se riu e disse que eu estava a ser ridícula e que não acreditava numa palavra do que eu lhe tinha dito. Duas semanas depois, o Ike estava morto, aparentemente de um ataque cardíaco." W.J.W.

Esta história interessante revela vários pontos relacionados com o que acontece após a morte. Mostra que aqueles que partiram continuam a existir, e também que continuam a aprender. Existem lições a ser assimiladas no outro lado, tal como existem na [pág. 39] vida física. Mas a característica mais marcante deste sonho é a precisão da sua previsão. A morte de um vizinho foi antevista, embora, do ponto de vista material, não tivesse havido aparentemente indicações de que a transição estivesse prestes a ocorrer. Isto sugere algumas questões interessantes: Como pode tal conhecimento prévio preciso ser possível? E como podem indivíduos sensíveis prever eventos vindouros?

### **Eventos Vindouros Lançam as Suas Sombras**

Numa das suas experiências de sonho, Edgar Cayce deu por si num comboio com um grupo de evangelistas falecidos. Eles iam para uma reunião onde o discípulo João iria ensinar. Um dos evangelistas disse ao sonhador que ele, Cayce, não era como as outras pessoas ali e, por isso, não podia ir tão longe no comboio como eles iriam. Durante toda a viagem, as pessoas no grupo mantiveram uma discussão sobre a natureza humana e sobre como o universo material tem a sua fonte no plano espiritual.

Com este último ponto, o sonho do Sr. Cayce revela um princípio chave por trás do conhecimento prévio psíquico de qualquer tipo. Muitas das leituras transmitem a mesma mensagem — que tudo o que ocorre no nosso mundo é o resultado de causas que foram estabelecidas em reinos não materiais: "... tudo o que se materializa deve primeiro acontecer em espírito, e a lei de causa e efeito permanece sempre." (3412-2)

Estas causas não materiais devem existir antes que os seus efeitos se possam manifestar no físico. Podemos experienciá-las como experienciaríamos sombras lançadas por eventos vindouros.

Psíquicos e outras pessoas sensíveis que são capazes de se sintonizar com os planos não materiais conseguem ver estas

sombras antes que os eventos aconteçam no mundo físico. Nalguns casos, as "formas-pensamento" de ocorrências que se aproximam são lidas como "sinais" nos céus. Edgar Cayce viu frequentemente, de forma clarividente, tais indicadores do futuro. Outra possibilidade, ilustrada pelo conhecimento antecipado de Cayce sobre a morte da sua mãe, é os sinais serem sentidos enquanto um indivíduo está num estado de transe.

Talvez as sombras de eventos vindouros sejam mais comumente encontradas em sonhos. As leituras de Cayce dizem-nos que ocorrências importantes nas nossas vidas são pré-visualizadas desta forma antes de acontecerem: "... pois os sonhos são aquilo de que o subconsciente é feito, pois quaisquer condições que se tornem realidade [são] primeiro sonhadas." (136-7)

Os anais da investigação psíquica, tal como a própria Bíblia, estão cheios de relatos de previsão precisa recebida através de todos estes meios. Por exemplo, muitas pessoas na Europa sonharam com soldados alemães a invadir as suas casas antes de isso ocorrer. Abraham Lincoln foi avisado da sua própria morte num sonho. Da mesma forma, vários dos meus correspondentes receberam conhecimento prévio da morte iminente de alguém próximo deles.

**Edgar Cayce É Avisado** Como seria de esperar, Edgar Cayce esteve entre os muitos que tiveram sonhos relacionados com eventos futuros. Mas, por vezes, o sonho fornece um aviso sobre algo que é provável que aconteça, mas que ainda está sujeito a mudança. Esta história fala de um caso em que ele previu algo que não ocorreu.

No seu sonho, Edgar Cayce era criança outra vez, e via fadas e duendes, como tinha visto nos seus anos de juventude. Também reconhecia amigos atuais que, durante a sua infância, tinham estado no mundo espiritual, não tendo ainda nascido para a vida física. Como este sonho era tão invulgar, Cayce deu a si próprio uma leitura para obter alguma visão sobre o seu significado. Foi

interpretado como um aviso de que ele precisava de receber maior encorajamento das pessoas ao seu redor para se ocupar mais profundamente no seu trabalho. Caso contrário, seria em breve atraído para o mundo espiritual — por outras palavras, morreria.

Este sonho ilustra algo que nunca deve ser esquecido quando consideramos a visão intuitiva do futuro: o papel do livre-arbítrio na determinação do que irá acontecer. É possível que a aceitação do conhecimento prévio psíquico nos leve a um tipo de fatalismo. Podemos vir a acreditar erroneamente que o nosso futuro está definitivamente definido, independentemente do que tentemos fazer. Esta não é a visão das leituras de Edgar Cayce.

Este material enfatiza consistentemente a importância da vontade humana: "O próprio Deus não sabe o que o homem destinará fazer consigo mesmo... Ele deu ao homem o livre-arbítrio. O homem destina o corpo!" (262-86) Assim, o que iremos experienciar na vida depende das decisões que tomamos. Por vezes, os sonhos e outras formas de previsão psíquica servem apenas para nos mostrar as nossas possibilidades.

O sonho de Edgar Cayce de ser criança outra vez fornece [pág. 42] um bom exemplo disto. Se os seus associados na vida física não o ajudassem a apreciar o valor do seu trabalho aqui, Cayce poderia escolher negligenciar os dons especiais que Deus lhe tinha dado, e isto levaria à sua morte. Mas ele também tinha a opção de continuar a usar os seus talentos no mundo material. Fazê-lo permitir-lhe-ia continuar a viver. A decisão era sua. (De facto, o Sr. Cayce viveu por mais de treze anos após ter tido este sonho de aviso.)

Noutros casos, a informação precognitiva parece mostrar um futuro que é altamente provável que se desenrole devido a escolhas já feitas. A maior parte do material que recebi dos meus correspondentes descrevendo conhecimento prévio cai nesta categoria. Aqui o propósito não é dar um aviso para que uma morte prematura possa ser evitada. Pelo contrário, é informar o destinatário de que o momento para uma transição se aproxima,

para que a vinda da passagem possa ser preparada. Frequentemente, isto envolve apenas preparação mental por parte das pessoas afetadas. Outras vezes, há algo a ser feito antes de um ente querido partir. A nossa história seguinte dá um exemplo vívido deste tipo de experiência.

**Uma Experiência Precognitiva de Morte** Recebi este relato de uma mulher cujos sentimentos intuitivos lhe permitiram restabelecer o contacto com a sua família enquanto ainda havia tempo. Podemos facilmente imaginar que ter feito esta visita a ajudou a lidar com o falecimento do seu pai quando este ocorreu.

"Em outubro de 1980 senti um forte impulso para viajar até à nossa casa de família na Califórnia para as festas. Discuti isto com o meu marido e ele disse que devia haver algo por trás disso, pois eu não costumo ter estes impulsos impelentes a menos que haja uma boa razão. Por isso, quando chegou a altura, fizemos a viagem. Este foi o primeiro Natal em mais de trinta anos que toda a família conseguiu estar junta; e, como se veio a verificar, seria o último. No setembro seguinte, o meu pai faleceu. Tínhamos sido avisados antes de a sua morte ocorrer.

Durante a nossa última visita, o meu pai disse-me que tinha sido tocado levemente na parte de trás da cabeça muitas vezes nas semanas precedentes. Eu não quis alarmá-lo nem a nenhum dos outros, por isso apenas disse: 'Ah ha! Alguém está a tentar chamar a tua atenção'. Às 6h15 da manhã de 31 de agosto de 1981, ele colapsou na casa de banho da casa dos meus pais. Naquele momento eu, em Jacksonville, Flórida, experimentei um tinido severo no meu ouvido direito. Após olhar para o relógio, disse ao meu marido: 'Aconteceu algo de mau a alguém próximo de mim'. A chamada da minha mãe mais tarde naquela manhã confirmou a minha premonição."

D. T.

Um ponto interessante sobre esta história é que o pai da minha correspondente, evidentemente, não reconheceu os toques de aviso na sua cabeça pelo que eram. A pessoa que vai fazer a transição nem sempre é aquela que percebe conscientemente o que está prestes a ocorrer. Mas, como o nosso próximo relato mostra, por vezes uma alma sabe de facto que o momento de partir está próximo.

**Uma Experiência Precognitiva e Telepática** Nesta história, o pai da nossa narradora expressa após a morte a mesma preocupação pela sua família que tinha antes de falecer. Esta é uma característica encorajadora, pois mostra que os elementos mais nobres e altruístas do nosso carácter não desaparecem com a morte.

"O meu pai tinha estado paralisado durante dezoito meses devido a um AVC. Uma manhã, enquanto eu dormia, sonhei que ele e eu estávamos a conversar. Ele estava a dizer-me como tratar a minha mãe depois de ele morrer. A mãe era muito temperamental e inclinada a histerias. Algum tempo depois o telefone tocou, e o meu marido acordou e saiu do quarto para atender. Enquanto ele falava, eu vestia-me apressadamente. Ele voltou ao nosso quarto para me acordar e dizer-me que o Papá tinha morrido. Eu disse-lhe que já sabia! Corremos para o apartamento dos meus pais e descobrimos que era verdade."

P.F.

Este amor e preocupação contínuos pelos membros da família deixados para trás no mundo físico são bem ilustrados noutra história. Aqui, uma esposa comunica urgentemente a necessidade de o seu marido crescer espiritualmente.

**A Visita de uma Mãe** Este relato, descrevendo uma visita da falecida mãe da minha correspondente, mostra claramente a preocupação urgente que uma alma no outro lado pode ter pelo bem-estar espiritual de um ente querido ainda no físico.

"Num sonho de 13 de agosto de 1985, vi uma secretária e soube que a minha falecida mãe estava por perto, embora não a visse. Eu disse: 'Mamã, posso falar contigo?'. Ela respondeu com a sua voz natural e alegre. O seu riso era real e muito feliz. Começou rapidamente a falar-me sobre o meu pai e os meus irmãos estarem a fazer um trabalho para um vizinho e a dificuldade que estavam a ter. Depois a sua voz começou a desaparecer. Eu continuei a perguntar-me por que razão ela me estava a contar tudo isto em vez de ouvir o que eu dizia. Senti que ela estava com pressa e perguntei: 'O Papá vai morrer em breve?'

Ela respondeu perguntando: 'Ele sabe?' Fiquei perplexa com isto, porque pensei que ela saberia tudo. Hesitei e disse: 'Ele não ficaria surpreendido'. Outra voz feminina, com sotaque alemão, interrompeu bruscamente e disse: 'A tua mãe está cansada e tem de se ir embora'. A voz da Mãe aparecia e desaparecia enquanto ela continuava a falar comigo. Embora não consiga recordar toda a conversa, a certa altura disse: 'Lamento, não consigo ouvir nem entender-te'. Após um momento de silêncio, consegui ouvir a voz dela mais claramente. Depois perguntei-lhe o que poderia fazer pelo meu pai mais do que já estava a fazer.

A resposta dela surpreendeu-me, pois disse: 'Não estás a fazer nada por ele! Alimentá-lo não é trabalho. Deves ministrar à alma dele'. O meu pai é um bom homem, mas raramente vai à igreja. Diz que ama o Senhor, mas recusa-se a ser batizado. Perguntei à minha mãe: 'Ele deveria ser batizado?'. [pág. 46] Ela disse: 'Certamente!'. Depois eu disse: 'Posso perguntar-te...'. Mas ela interrompeu-me, dizendo: 'Não podes perguntar mais nada'. Mais tarde transmiti a mensagem ao meu pai, mas ele continua a recusar-se a ser batizado."

L.S.

A nossa próxima história diz respeito a outro sonho no qual uma morte iminente é antevista. Aqui notamos a mesma preocupação natural pela família como foi mostrada nos relatos

precedentes. Este incidente é um pouco invulgar no sentido em que a ligação entre o sonhador e o sujeito do sonho é mais distante do que é comum acontecer.

**Outra Premonição Precisa** Uma das características que distingue esta história é a relutância da nossa narradora em contar o sonho a alguém. Como veremos pela história, esta reação é perfeitamente compreensível. Mas pode levar-nos a perguntar: Quantas premonições precisas são recebidas, mas nunca relatadas?

"Quando eu tinha dez anos, sonhei que estava a caminhar pelo passeio em frente à casa de uma amiga. O pai dela aproximou-se de mim e disse que gostava que eu lhe fizesse um favor. No sonho eu sabia que ele estava morto, mas não me senti de forma alguma assustada ou alarmada por ele. Perguntei que favor ele queria, e ele respondeu que gostava que eu dissesse à mulher dele que ele estava bem e feliz. Eu sabia que por alguma razão eu estava mais recetiva à mensagem dele do que a mulher dele estava, e que ele tinha sido incapaz de a contactar pessoalmente. Acordei antes de dizer que transmitiria a mensagem.

Na realidade, o pai da minha amiga não estava morto. Ela não era propriamente uma amiga próxima, e eu senti-me constrangida por lhe dizer que tinha sonhado que o pai dela tinha falecido, por isso decidi não o fazer. Algumas semanas depois, ele teve um ataque cardíaco e morreu. Nessa altura fiquei ainda mais hesitante em contar-lhe, porque depois do acontecido não só provavelmente não acreditariam em mim, como eu estaria também a intrometer-me no luto da família. Também temi ser acusada de inventar a história apenas para chamar a atenção para mim. Sabes, eu não era uma criança muito confiante. Por isso, nunca cheguei a contar à minha amiga sobre o sonho. Mas este incidente ainda me parece ser uma experiência real com o outro lado."

C.B.



**Conhecimento Extraordinário da Morte** As histórias seguintes são de pessoas que receberam conhecimento da morte de outrem através de algum meio além da comunicação física comum. Em muitos destes casos — embora não em todos — a fonte da informação parece ser a própria alma partida. Tais incidentes podem ajudar-nos a perceber mais claramente o nosso próprio potencial como seres humanos, pois mostram que a alma não está ligada ao corpo, e que continua a existir e a ser capaz de comunicar após o corpo ter morrido.

Na maioria destes relatos parece que o conhecimento da transição foi recebido no momento ou ligeiramente após o momento da morte. Assim, a maioria destes incidentes não são exemplos de conhecimento prévio, uma vez que envolvem eventos que já tinham acontecido. No entanto, temos fortes evidências da validade destas experiências, no sentido em que através delas as pessoas receberam informações verificáveis que não poderiam ter sabido por meios comuns.

Isto vê-se claramente no nosso primeiro relatório, no qual a minha correspondente foi contactada por alguém que tinha tido uma morte completamente inesperada. Temos aqui uma combinação fascinante de terror no início do incidente, seguido de completa calma. Talvez a mensagem seja que o medo que se tem da morte pode ser muito pior do que a própria passagem.

**Contacto com um Amigo Falecido** Esta história é notável pela correspondência precisa no tempo entre a experiência da nossa narradora e o evento que ela significava. Seria difícil encontrar uma demonstração mais convincente de que a alma não perece com o falecimento do corpo.

"Acordei às duas horas da manhã, deitada de costas num estado de paralisia total. Não conseguia sequer mover os olhos para a direita ou para a esquerda, mas conseguia ver apenas perifericamente. Fiquei aterrorizada, mas era incapaz de chamar as minhas colegas de quarto para me ajudarem. Notei então, dentro do

meu campo de visão periférico, um pequeno objeto a flutuar no canto superior esquerdo da parede oposta. Era uma borboleta amarela, com as marcas de uma monarca; mas no centro estava a imagem de um rosto humano. O rosto assemelhava-se ao do meu amigo T.P., mas eu não senti que fosse ele. Nesta altura o meu medo estava a tornar-se insuportável, roçando o pânico total. A borboleta flutuou então em minha direção a partir do canto superior esquerdo, tocou-me no coração e afastou-se para o canto superior direito até desaparecer. No momento em que tocou o meu coração, todos os meus medos e tensão derreteram-se.

Rolei calmamente, anotei a hora no meu despertador e voltei a adormecer até tarde na manhã. Soube mais tarde que o T.P. tinha sido morto num acidente de automóvel precisamente antes da minha experiência. Curiosamente, ele tinha tido uma vez uma premonição do seu falecimento precoce. Este aviso antecipado levou-o a ser testado na universidade estadual, mas não foram detetadas capacidades de PES (Percepção Extra-Sensorial). Mesmo agora, escrever sobre esta experiência tem um impacto emocional muito forte em mim.

Na minha mente, passei a compreender a borboleta como o meu amigo falecido, em angústia pela sua própria partida, regressando para me consolar. Vários meses após o incidente, deparei-me com a informação de que o motivo da borboleta tinha sido usado pelos antigos egípcios como uma representação da alma ressuscitada."

N.

A possibilidade de que o medo da aproximação da morte seja pior do que a própria morte pode ser vista também no nosso relatório seguinte. A parte assustadora da experiência que ele descreve aconteceu antes da transição real, que em si mesma foi pacífica.

### **Penetrando "O Vale da Sombra da Morte"**

Este relato foi recebido de uma mulher que contribuiu com uma grande quantidade de material para este livro. Aqui, além de uma história interessante, ela oferece uma explicação razoável para o contraste entre a visão ominosa da sua mãe e a tranquilidade da morte que ela anteviu.

"A minha mãe adotiva teve várias experiências com a morte e com almas que partiram. Uma das mais estranhas remonta à era da Segunda Guerra Mundial. O pai dela tinha sido um semi-inválido, com artrite reumatoide, durante mais de vinte anos. Depois desenvolveu uma gripe, que passou a pneumonia. Com as suas costas deformadas isto era, claro, especialmente grave, devido ao problema que lhe causava na respiração. Por isso, a sua mulher, a minha mãe e uma enfermeira particular revezavam-se para estar com ele."

"O turno da Mãe tinha acabado de terminar, e a enfermeira achou que o idoso parecia muito mais confortável. Mas quando a Mãe desceu à cozinha para preparar um lanche, viu-se subitamente dentro de uma coluna de escuridão, que nenhuma luz ou som conseguia penetrar. De alguma forma, ela libertou-se e telefonou ao médico, que chegou mesmo a tempo do falecimento do seu pai. Em poucos momentos, ela ouviu o seu pai chamar os nomes de inúmeros familiares mortos, e depois ele fez a passagem pacificamente. Mas o que é que a Mãe tinha encontrado na cozinha? Sendo de uma fé cristã profunda e duradoura, nem ela nem o seu pai teriam alguma vez visto a morte como 'negrume'. A melhor explicação é que possivelmente a nuvem representava 'a sombra da morte'."

C.P.P.

Esta história levanta uma questão intrigante: qual era exatamente o significado dos nomes que o homem moribundo gritava? Poderia ser que ele estivesse a sentir os familiares falecidos que vinham ao seu encontro no outro lado, tal como os pais falecidos da Sra. Cayce tinham vindo para auxiliar a sua passagem?

O nosso próximo relato descreve um encontro direto com uma alma de partida, talvez no exato momento do seu falecimento. Esta correspondência precisa no tempo dá-nos uma forte indicação da validade da experiência. É interessante que, na altura, a minha correspondente não conhecia nem a identidade da alma envolvida nem a razão exata da sua necessidade. Mas este conhecimento não era necessário. O importante é que a sonhadora soube como responder ao sonho.

### **A Pérola de Grande Valor**

Esta história tem um sentido de urgência impressionante. Quer a alma de partida estivesse ou não consciente do que era necessário, a nossa narradora certamente estava. Assim, havia um propósito importante por trás desta visão.

"Acordei, bruscamente, à 1h30 da manhã de um sonho ou visão muito vívida. No centro da minha mão direita estava uma pequena pérola em forma de ovo, clara e quase transparente. Enquanto a segurava e olhava para ela na palma da minha mão, soube que era uma alma perdida que tinha grande necessidade de oração. Eu disse: 'Oh, tenho de rezar muito agora — MESMO AGORA — ou esta alma morrerá'. Neste ponto, tendo acordado da visão, comecei a rezar; depois meditei um pouco e rezei novamente. Quando voltei para a cama, rezei até adormecer.

Às 5h30 dessa mesma manhã, fui acordada por uma chamada telefónica do meu irmão, que me disse que o nosso pai tinha feito a passagem à 1h30 da manhã. Cerca de um ano antes, durante uma visita numa tarde, eu e o meu pai tínhamos falado sobre o tema da morte. Eu tinha-lhe perguntado para onde é que ele achava que iria quando morresse. Ele tinha respondido: 'Apenas dois metros abaixo da terra, e esse é o fim'. Lembro-me de tentar falar-lhe sobre o nosso corpo espiritual continuar a viver, mas ele não pareceu acreditar. Seria o meu pai a pérola do meu sonho? Acho que sim! Continuo a rezar por ele sempre que ele me vem à mente, e agora sinto-me em paz em relação a ele."

B.J.G.

O seguinte relato fala de uma mensagem explícita da alma de alguém que já tinha partido. À luz do relato precedente e de parte do outro material que vimos até agora, o conteúdo dessa mensagem pode parecer surpreendente: que as orações da sonhadora não eram necessárias agora.

### **O Poder da Oração**

A colaboradora desta história apresenta-nos um conhecido cativante que lhe faz uma visita do outro lado da vida. O que, senão as suas orações, poderia tê-lo levado a fazer esta visita?

"Quando eu era adolescente, tinha uma professora [pág. 53] da escola dominical que acreditava firmemente no poder da oração. Cada um de nós na turma selecionava uma secção da carpete para servir como os nossos 'tapetes de oração', e ela contava-nos algumas das maravilhosas histórias bíblicas sobre cura. Pouco depois deste período, a minha mãe mencionou-me por acaso que o funcionário do nosso posto de gasolina, que tinha cancro, se tinha mudado para a Flórida para recuperar a saúde.

Eu sempre tinha gostado deste homem por causa do brilho nos seus olhos azuis e do sorriso e olá alegre que ele tinha para as crianças. Rezei fervorosamente todas as noites durante cerca de dois meses para que ele recuperasse. No final dos dois meses, tive um sonho com o funcionário do posto de gasolina. Ele estava de pé, ainda com o seu fato de macaco, num local luminoso. Disse: 'Estou bem agora. Podes parar de rezar por mim agora'. Cerca de duas semanas depois, soube que ele tinha falecido na Flórida."

S.B.W.

À primeira vista, poderíamos pensar que a morte do funcionário do posto e a sua mensagem à sonhadora indicam que as orações oferecidas foram ineficazes. Mas uma leitura atenta da história não leva a esta conclusão. O próprio facto de a alma ter visitado esta pessoa em particular sugere que ele estava ciente das orações que

estavam a ser feitas por ele e reconheceu o quão importantes elas eram. Podemos facilmente acreditar que as orações ajudaram a levá-lo para o "local luminoso" no qual foi visto ou permitiram-lhe alcançá-lo mais rapidamente. Após um exame minucioso, as suas palavras ("Estou bem agora. Podes parar de rezar por mim agora.") implicam claramente que as orações tinham sido benéficas até ao ponto em que ele ficou "bem".

A nossa história seguinte é outra que fala de uma sonhadora que acorda com o conhecimento de que ocorreu uma morte inesperada. Mais uma vez, a precisão desta impressão indica que a experiência foi verdadeiramente uma visita do falecido. Este relato dá-nos uma imagem simples e clara do contentamento que uma alma pode encontrar na vida após a morte, e mostra também como um traço de personalidade específico — neste caso, a preocupação com o vestuário — pode ser transportado para o outro lado.

**Uma Alma Feliz** Uma das características interessantes do sonho aqui relatado é que ele não diz realmente que o homem que nele apareceu tinha morrido; e, no entanto, a minha correspondente suspeitou que a precognição ou a telepatia deveriam estar em ação aqui.

"Anos atrás, eu era amiga de um homem chamado Blakemore, que aos setenta anos de idade era financeiramente pobre e usava roupas remendadas, mas parecia sempre bem vestido. Uma noite, sonhei que Blakemore entrava pela porta do meu quarto e me pedia para olhar para as suas roupas. Eram magníficas — perfeitas em todos os aspetos. Quando acordei, percebi que Blakemore estava morto. Soube que ele finalmente era capaz de se vestir como desejava. Telefonei ao seu sócio Maury e perguntei como é que as coisas estavam a correr. 'Tristemente!', respondeu ele. 'O Blakemore caiu morto em Wall Street depois de jantar ontem à noite'."

C.W.B.

Tal como o relato precedente, a nossa próxima história mostra que a chave para o significado de um sonho é, por vezes, encontrada não no seu conteúdo literal, mas na reação emocional do sonhador a ele. Apesar do seu tom sombrio, os sonhos abaixo relatados oferecem a esperança que pode ser encontrada em saber que a personalidade, o afeto e o desejo de comunicar sobrevivem à morte física.

**O Amor Não Morre** Quando confrontados com a morte, dois dos pensamentos mais encorajadores que podemos ter em mente são que o amor não passa e que a reconciliação é sempre possível — mesmo do além-túmulo. Neste relato, a nossa narradora recorda-nos eficazmente de ambas as verdades. Tal como muitas das outras histórias deste capítulo, um sonho informou-a da morte de um ente querido antes de a notícia lhe chegar na vida desperta.

"O meu marido e eu divorciámo-nos em 1955, e mais tarde casei-me com outra pessoa, mas divorciei-me novamente. Algum tempo depois, escrevi uma carta ao meu primeiro marido, e ele respondeu. Em maio de 1975, enquanto dormia a minha sesta habitual de domingo à tarde, tive um sonho vívido envolvendo este primeiro marido.

Estávamos a descer uns degraus para um salão de baile. Ele vestia um uniforme de gala do Corpo de Fuzileiros Navais, e começámos a valsar. O sonho terminou nesta nota, e acordei sentindo-me muito triste e deprimida. Mais tarde, soube que ele tinha deixado o plano terrestre. Em 1978 tive outro sonho, no qual ele vinha ter comigo [pág. 56] e dizia: 'Bebé, lamento tanto por tantas coisas'. 'Está tudo bem', respondi eu. 'Ambos cometemos erros'."

D.T.

O nosso próximo relato de sonho, que incorpora tanto detalhes gráficos como interpretação intuitiva, é notável pela precisão do seu

momento e conteúdo. É representativo de centenas de histórias semelhantes que provêm de mortes relacionadas com a guerra.

**Uma Experiência Horripilante** Aqui a nossa colaboradora descreve dois sonhos relacionados com o falecimento do seu marido. Este relato dá-nos uma forte sensação da proximidade entre o casal, que perdurou mesmo depois de o cônjuge da minha correspondente ter sido morto.

"Casei-me com o meu namorado em maio de 1941. Naquela altura ele era um soldado na sua última licença. Logo após o nosso casamento, tive um sonho no qual os dois caminhávamos juntos por um terreno claramente visualizado. A minha aliança escorregou do meu dedo. Voltei-me para o meu marido em busca de ajuda, mas ele não estava lá! Encontrei apenas uma bengala com o chapéu dele em cima. Disse a mim própria que este era um sonho 'de Hollywood' da época e que deveria esquecê-lo. A 13 de setembro de 1944, acordei a gritar, tendo visto a morte do meu marido num sonho. Os meus gritos acordaram a minha mãe, e anotámos a data. No meu sonho, vi uma picadora de carne muito grande.

Duas mãos seguravam o meu marido e metiam-no na picadora pelos pés. E, horror dos horrores, as mãos que seguravam o meu marido eram as de Deus! Como acontece frequentemente com os meus sonhos, pareci receber uma espécie de interpretação corrente — uma percepção, um conhecimento do significado. Neste caso, a mensagem era 'Não temas. Ele está nas minhas mãos'. Após o sonho, tive consciência da presença do meu marido comigo no meu quarto à noite — um sentimento de amor profundo e um desejo de comunicar.

A 24 de outubro de 1944, recebi o aviso de que o meu marido tinha sido morto em combate a 13 de setembro, em Itália. Em 1946, o oficial do seu exército veio visitar-nos, o que eu sinto ser um costume muito mau. Ele entrou em grandes detalhes sobre a batalha, o terreno e a forma da morte do meu marido. Depois de descrever a terra e a ação (a minha mãe disse que os cabelos se lhe



erixaram ao ouvi-lo usar as mesmas palavras e descrever o mesmo lugar que eu tinha usado ao contar-lhe o meu sonho), ele disse que o meu marido tinha recebido um impacto direto, de fogo de tanque, na parte inferior do corpo. Estranho, sim — mas verdade." K.S.

O evento retratado no segundo sonho é certamente assustador. Mas, juntamente com o medo, há a mensagem reconfortante de que, mesmo quando uma pessoa encontra uma morte violenta e prematura, ela nunca está fora do alcance de um Pai amoroso. [pág. 58]

### **Predizendo a Morte de um Ente Querido**

Recebi uma série de relatos que mostram que as almas na vida após a morte estão conscientes das transições de outros. Vários destes relatos indicam que aqueles no outro lado podem ter conhecimento prévio da morte que se aproxima de pessoas de quem eram próximos na vida física. Aparentemente, as almas que se moveram para outras dimensões são capazes de ver além dos limites do tempo e do espaço. Já vimos vários casos em que almas anteriormente partidas estavam ou à espera para saudar entes queridos enquanto estes faziam a travessia, ou prometiam que estariam lá quando chegasse a hora. Estes incidentes mostram que os falecidos estão cientes do momento em que outros passam para o outro lado.

Nas duas histórias que se seguem, existiu uma relação próxima entre uma alma que já está no além e aquela de cuja transição iminente a alma está ciente. Talvez a necessidade da alma que faz a transição seja a força motivadora — a necessidade de ser recebida por entes queridos que já fizeram a travessia. Poderíamos até imaginar que a reunião é um evento importante e ansiosamente aguardado no outro lado, tal como o nascimento para o físico o é aqui deste lado.

As histórias seguintes falam de almas partidas informando familiares vivos sobre a morte recente ou iminente de um terceiro

membro da família. Em cada um destes casos, existe um propósito forte para esta comunicação. Informação deste tipo não é dada arbitrariamente. Nestes dois casos, [pág. 59] o propósito era preparar os vivos para a notícia do falecimento de um ente querido. Ambas as histórias indicam que esta oportunidade de preparação foi verdadeiramente benéfica.

**Um Caso de Precognição** Aqui, novamente, a nossa colaboradora fala de o falecido dar um aviso antecipado de uma morte na família. Dificilmente se poderia pedir uma afirmação mais clara e menos ambígua do evento vindouro.

"Visitei uma mulher num lar de idosos que estava muito doente e, depois, fui ver a filha dela. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa à mulher mais jovem, ela disse-me: 'O meu falecido pai veio ter comigo e disse-me que a minha mãe se juntaria a ele muito em breve'. Por conseguinte, a filha não ficou tão chocada quando, de facto, a sua mãe faleceu inesperadamente algumas semanas mais tarde."

S.C.

**Preparação vinda de uma Avó Falecida** Este relato diz respeito a um falecimento que já tinha ocorrido quando a nossa narradora soube dele. No entanto, ela obviamente encontrou esperança e conforto nesta demonstração de que os nossos entes queridos falecidos continuam a estar perto de nós.

"A minha avó, de quem eu era muito próxima, morreu. Um dia, pouco depois da sua morte, enquanto eu caminhava pela Estação de Randolph Street da Illinois Central [pág. 60] Railroad, tive uma daquelas experiências estranhas. A estação estava apinhada de gente, mas eu não tinha consciência deles. Subitamente, a minha falecida avó estava a caminhar comigo e a falar na mesma voz calma que tinha usado toda a vida. Disse-me que a Tia Bess, que tinha estado gravemente doente, acabava de morrer. Quando cheguei a casa, descobri que era verdade. Como é maravilhoso saber que não

há morte da alma e que podemos comunicar — especialmente em emergências!"

P.F.

Consideradas em conjunto, as histórias deste capítulo criam uma conclusão clara: estados de consciência além das fronteiras familiares do tempo e do espaço permitem a percepção de mortes vindouras. Poderíamos bem perguntar-nos por que razão tais impressões precognitivas não acontecem mais vezes. Por que razão tantas mortes surgem como uma surpresa para aqueles que ficam para trás? Talvez a resposta resida no medo generalizado da morte na nossa cultura e nas dúvidas sobre a sobrevivência.

As leituras de Cayce sugerem que tanto o medo como a dúvida são bloqueios para uma percepção superior. À medida que mais e mais pessoas libertarem os seus medos e substituírem as suas dúvidas, podemos esperar que as premonições úteis de morte se tornem mais comuns.

## CAPÍTULO 4

### A TRANSIÇÃO

A imagem do morrer como sendo semelhante a uma ponte — como uma transição de uma forma de vida para outra — é a essência das histórias deste capítulo. Para algumas pessoas, a maior incerteza e medo não é tanto o reino da vida após a morte em si, mas sim o processo de deixar um mundo por outro. Claro que nem todas as almas experienciam a transição de uma forma suave e pacífica. No entanto, com compreensão e preparação, este nascimento para uma nova vida pode ser uma ocasião alegre. A nossa primeira história ilustra esse ideal.

## Uma Experiência Celestial

Neste relato, a nossa colaboradora pinta um quadro encantador de uma passagem alegre e da capacidade de uma alma comunicar a sua felicidade do outro lado.

"A mãe do meu marido tinha entrado num lar de idosos em 1978 e, por volta do Dia de São Valentim de 1979, notámos que ela estava a começar a fraquejar. Fiquei feliz por, alguns meses antes, eu e ela termos discutido a vida após a morte e as suas possibilidades. Embora a minha sogra estivesse familiarizada com as leituras de Edgar Cayce, ela tinha muitas dúvidas sobre o seu futuro. Durante a nossa última conversa sobre este assunto, ela disse com um brilho nos olhos: 'Bem, se o que dizes for verdade, eu far-te-ei saber'. Numa ocasião em que a visitei em abril, ela disse: 'Há uns jovens simpáticos que vêm tarde à noite e dão-nos sopa e sanduíches deliciosas'.

Com base na minha experiência com o material de Cayce, eu poderia assumir a partir disto que ela provavelmente estava a receber ajuda para fazer a sua transição. A minha sogra fez a travessia num dia de julho, às 5h00 da manhã. O meu marido e eu estávamos a tomar uma chávena de chá na manhã do seu falecimento. Discutíamos memórias felizes, como as pessoas costumam fazer em tais alturas. Após alguns minutos, comecei a experienciar sentimentos avassaladores de alegria, como raramente tinha sentido antes.

Queria dançar e cantar. Abracei-me a mim própria e sorri para o meu marido. Ele registou a hora como sendo 5h25 e, juntos, regozijámo-nos por a mãe dele ter partido. Sentimos que ela nos estava a deixar saber que tudo estava bem. Saímos nesse dia e tratámos de todos os preparativos. Nós verdadeiramente não sofremos, mas sentimo-nos renovados — tal como sabíamos que ela também se sentia."

D.T.

Temos aqui uma descrição de uma transição suave. Embora a sogra tivesse visto a sua morte iminente com alguma incerteza, as suas dúvidas não parecem ter prejudicado seriamente a sua passagem. Talvez a ajuda que recebeu dos seus visitantes noturnos tenha dado um impulso necessário à sua fé. A última frase do relato da sua nora expressa um conceito interessante e importante: que na morte podemos experienciar não um fim, mas uma renovação.

### **A Morte como um Novo Começo**

O princípio encorajador da morte como uma renovação pode ser encontrado em muitas das leituras de Edgar Cayce. Frequentemente, Cayce usava uma ideia das epístolas de São Paulo de que o morrer do velho é, na verdade, uma parte essencial da renovação da vida (Rom. 6:4, 5 e I Cor. 15:36, entre outros). Assim, a morte do corpo não é verdadeiramente uma extinção, mas apenas uma transição para um novo estado de ser. Noutra ocasião, Cayce lembrou a alguém que "Morrer não é apagar, é transição..." (1158-9). Pôr de lado o velho eu pode trazer a oportunidade de uma nova fase de desenvolvimento. O mesmo sentido da morte como um novo começo é visto na resposta de Cayce à seguinte pergunta:

P: O que se entende por "Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros"? R: Como ilustrado, quando a vida termina, ela começa. O fim é o início da transposição, ou da mudança. O primeiro é o último, o último é o primeiro. Transposição. 262-39

**A Urna Vazia** Neste breve relato, a minha correspondente partilha connosco um sonho interessante e bem-humorado, mas com um ponto muito importante: a morte do corpo não é o fim da existência.

"Após a morte do meu pai, tive muitas experiências de contacto com ele. Mas antes de estas experiências começarem, tive o seguinte sonho: Eu estava de pé no jazigo da família, onde a urna do meu pai, que supostamente continha as suas cinzas, estava

colocada. No sonho, a urna de metal estava vazia, exceto por uma nota que dizia: 'O Pai já não está aqui'."

G.V.P.F.

Aqui podemos ver que os mortos já não estão confinados ao físico. O verdadeiro eu não morre nem se transforma em cinzas. Com a morte do corpo, ele meramente assume uma nova forma — uma que não pode ser contida dentro de uma urna — e move-se para outro estado de ser. Uma leitura de Cayce dá um reasseguramento direto da sobrevivência à morte e diz-nos que tipo de mudança nos espera: "Pois não há morte quando a entidade ou o eu real é considerado; apenas a mudança na consciência de ser capaz de fazer aplicação na esfera de atividade na qual a entidade se encontra." (2147-1).

A transição é uma mudança necessária na consciência. Na morte, assumimos um tipo diferente de percepção, um que é adequado ao nosso novo ambiente e nos permitirá funcionar nele. [pág. 64]

### **Preparação e Ajuda na Transição**

Vários dos relatos que recebi trazem uma sugestão interessante sobre a transição na morte. Eles implicam que a mudança não precisa de ser feita de uma só vez. Pelo menos alguns indivíduos recebem a oportunidade de se prepararem, de "molharem os pés" antes de mergulharem no seu novo estado de ser. Tal como a mãe de Edgar Cayce, eles são capazes de fazer uma visita temporária ao outro lado antes da sua passagem final.

O nosso próximo relato, que descreve na verdade dois incidentes separados, inclui a história de uma mulher que fez tal visita precisamente antes da sua morte. A experiência anterior, que é relatada em segundo lugar neste relatório, mostra mais uma vez a preocupação que uma alma partida pode ter pelos membros da família deixados para trás. Em ambos os casos, é utilizado um

método interessante e bastante invulgar para transmitir a mensagem.

### **Um Perfume Celestial**

Este relato foi-me enviado por uma mulher que tinha enfrentado uma decisão muito difícil perto da altura da transição da sua tia — dar ou não permissão aos médicos para desligarem os sistemas de suporte de vida. A visita pré-morte da tia ao outro lado deu à nossa narradora um contributo inesperado e extremamente bem-vindo.

"Em 1983 a minha tia começou a ter pequenos AVCs. Tendo o uso do seu carro após a nossa chegada à Califórnia no dia anterior, a minha mãe e eu tínhamos parado num supermercado para comprar alguns mantimentos. Tínhamos fechado e trancado o carro, pois estava a chover. [pág. 65] Quando voltámos para o carro, instalei a minha mãe no lado do passageiro e sentei-me ao volante. A Mãe disse: 'Que perfume adorável estás a usar'. Eu disse: 'Não é meu. Não pus nenhum esta manhã. Deve ser o teu'. 'Também não é o meu', respondeu ela. A essência era celestial. Imediatamente pensei na minha tia e disse: 'Ei, ela está ali no outro lado, e está a deixar-nos saber que tudo está bem'.

Fiquei especialmente radiante com esta evidência, uma vez que tive de tomar a decisão final com o médico dela para desligar os sistemas de suporte de vida e deixá-la ir. Esta mensagem que ela enviou disse-me que ela estava pronta e a escolha certa era evidente. Alguns dias depois, a minha tia faleceu. Um ano antes, em julho de 1982, eu tinha tido uma experiência semelhante com o sentido do olfato. Este incidente envolveu o meu falecido pai, que fez a sua transição depois de ter mudado a minha mãe da Califórnia para a Flórida.

Enquanto a minha mãe e eu passávamos de carro por uma casa que ele tinha em tempos mostrado interesse em comprar, um odor tornou-se muito perceptível no carro — o odor da unidade de

cuidados intensivos em que ele tinha estado na altura da sua transição. Disse em voz alta: 'Não te preocupes com a Mãe, Papá. Nós cuidaremos bem dela'."

Na nossa próxima história, podemos ver um tipo diferente de preparação para a morte. Aqui não é indicado que a mulher tenha visitado de facto o outro lado antes do seu falecimento. Mas ela era, evidentemente, capaz de ver e de comunicar com seres do reino espiritual enquanto ainda estava no plano físico. Tal como a mãe de Edgar Cayce e a mulher que recebeu sopa e sanduíches antes da sua passagem, esta pessoa recebeu ajuda antes da sua transição — e de algumas fontes muito especiais.

### **Ajuda Especial para uma Senhora Querida**

Neste relato, o meu correspondente deu-nos outra descrição clara de uma morte alegre e pacífica. Podemos também ver como as visões eram muito reais para a mulher que estava prestes a fazer a transição.

"Conheci uma alma querida e doce — uma professora universitária — que deu muito da sua vida em serviço amoroso aos outros. Um dia, quando ela já estava bem na casa dos oitenta anos e no seu leito de morte, a sua sobrinha entrou no quarto. A mulher mais jovem ficou perplexa ao ver a tia com o braço direito estendido e um sorriso adorável no rosto.

"Quando lhe perguntaram o que estava a fazer, a tia olhou para cima e disse: 'Ora, não *O* vês? É Jesus. Ele está a ajudar-me.'

"No dia da transição da mulher, a sobrinha entrou precisamente quando ela estava prestes a sair da cama. A sobrinha perguntou naturalmente para onde é que ela ia.

"Surpreendida, a mulher mais velha respondeu: 'Não *o* consegues ver? É Edgar Cayce. Ele está a dizer-me para "levantar e vamos trabalhar".'

"Pouco depois, ela partiu."



E.W.

O nosso próximo relato transmite a mesma mensagem encorajadora de que a ajuda está disponível para as almas à medida que fazem a transição. Aqui também podemos ver que a assistência continua após a morte. Tal como a história anterior, este relatório mostra que há coisas a serem feitas após a morte. Mesmo a preocupação de uma alma partida pelos vivos não deve permitir que o seu progresso ao longo do caminho do desenvolvimento espiritual seja travado. Esta necessidade de crescimento contínuo do outro lado é um dos itens que torna tão valioso o serviço desempenhado pelos "acolhedores" no reino espiritual.

### **Uma Avó Amorosa — Uma Acolhedora**

O narrador deste relato deu-nos um retrato muito atraente de uma acolhedora no próximo mundo. Note-se que estas almas especiais não têm necessariamente de ser parentes do falecido; a qualidade do amor que emanam é muito mais importante do que o parentesco físico.

"Uma noite, enquanto estava deitado na cama, experimentei o que considero ter sido um contacto com o outro lado. Não acredito que estivesse a sonhar, pois o que aconteceu foi diferente de qualquer um dos meus sonhos anteriores. E nunca tinha experimentado nada assim durante a meditação.

"A presença do meu tio recentemente falecido apareceu-me, juntamente com a da minha avó, que tinha morrido cerca de dois anos antes. (Este tio e esta avó não eram parentes, mas conheciam-se muito bem.)

Eu não vi realmente os seus corpos ou rostos, mas senti a sua presença e sabia quem eram. Também estava consciente de uma névoa fria e de uma ténue bruma amarela à distância.

"Senti a raiva do meu tio e soube que ele estava preocupado com o bem-estar da minha tia, que ainda estava na vida física. Ele estava ansioso quanto à capacidade dela de lidar com a morte dele

e com a solidão que ela iria experienciar. Disse-lhe que ela estava apenas a começar a perceber que ele se tinha ido embora e que estava a ter dificuldade em aceitar a sua morte. No entanto, tranquilizei-o dizendo que a minha família estava a fazer tudo o possível para a ajudar e que continuaria a zelar para que ela fosse cuidada. Também lhe disse que agora não havia problema em ele 'soltar-se' e seguir a minha avó.

"Conseguia sentir o sorriso da minha avó e o seu calor. O amor irradiava dela. Não me recordo de palavras terem sido proferidas por ela, mas os seus pensamentos foram-me transmitidos sem fala. Ela explicou que o seu propósito no outro lado era encontrar as almas recentemente partidas da terra e ajudá-las na sua transição. Ela estava muito feliz e considerava uma grande honra ser-lhe permitido fazer isto, e eu fiquei muito feliz por ela.

"Senti o alívio do meu tio e soube que ele, também, ficaria agora bem. Não voltei a sentir a sua presença desde essa altura."

**V.L.R.**

### **A Experiência da Morte**

Nos últimos anos, tem havido um número crescente de relatos de experiências de quase-morte, nas quais a alma evidentemente deixa o corpo e faz uma visita temporária ao outro lado. Vários dos meus correspondentes passaram por experiências deste tipo. A maioria dos seus relatos será apresentada no Capítulo 11 deste livro, mas parece apropriado considerar um aqui como parte do nosso exame de como uma alma faz a transição.

As descrições destas jornadas ao próximo mundo são intrigantes, uma vez que podem fornecer alguma ideia do que a morte nos reserva. Se assim for, temos boas razões para ganhar alento. Pois, embora os relatos que reuni mostrem algumas diferenças em vários detalhes, a maioria deles dá a impressão de que a alma esteve num "bom lugar" — para usar as palavras da nossa próxima história.

## Uma Experiência de Quase-Morte

Este relatório dá-nos vários detalhes reveladores do processo da morte. É particularmente interessante que a mãe do nosso colaborador soubesse intuitivamente que ainda não era a sua hora de morrer e que, evidentemente, não sentiu medo durante a experiência em si — apenas depois.

"Esta experiência aconteceu com a minha mãe enquanto ela dava à luz o meu irmão mais velho. Depois de a equipa médica lhe ter administrado éter, a minha mãe sentiu-se a subir acima da sala. Ela virou-se e viu-se na mesa, com todas as enfermeiras à sua volta. Depois sentiu que estava a ser puxada através de um túnel 'para trás'.

"Passado algum tempo, a minha mãe viu um grupo bastante grande de pessoas à sua frente, todas vestidas de branco. Perguntaram-lhe como se sentia. Parecia que todos falavam ao mesmo tempo, como um coro. A minha mãe respondeu que parecia que onde eles estavam seria um bom lugar para ir quando se estivesse pronto, mas ela sabia que ainda não estava pronta.

"O grupo disse-lhe então que ela podia voltar. 'Mas', disseram eles, 'nunca esquecerás qual é a sensação de estar morto.'

"As enfermeiras disseram mais tarde à minha mãe que ela tinha dormido uma 'sestinha agradável' e que todos os seus sinais vitais tinham estado normais durante todo o tempo. De acordo com a minha mãe, durante as várias semanas seguintes a experiência continuou a 'voltar' a ela, como se pudesse senti-la quase a acontecer novamente. Isto assustou-a durante muitos anos, até eu começar a investigar experiências de quase-morte. Mas ela sabe agora que a alma sobrevive à morte física."

R.J.G.

Relatos como este, que falam de pessoas que aparentemente fazem parte da transição que conhecemos como morte e depois regressam à vida física, indicam que a morte não é necessariamente

um evento instantâneo. As leituras de Cayce apontam frequentemente para a mesma conclusão. A consciência emergente de ter morrido pode ocorrer ao longo de um certo período de tempo, dependendo das crenças da pessoa e da forma como o falecimento do corpo ocorre. Quando Cayce foi questionado numa leitura sobre isto, deu uma resposta surpreendente: "Quanto ao tempo — muitos indivíduos permaneceram naquilo que é chamado de morte pelo que vós chamais de anos sem perceberem que estavam mortos!" (1472-2)

Poderíamos achar surpreendente — talvez até chocante — pensar que uma pessoa poderia estar morta durante anos e nem sequer o saber! Mas considere o que poderia acontecer no falecimento de uma pessoa que está totalmente convencida de que a morte física é o fim absoluto da existência. Na visão de tal indivíduo, não haveria possibilidade de consciência continuada uma vez que o corpo tivesse encontrado o seu fim. Portanto, o próprio facto de a alma ter sobrevivido e ainda estar consciente poderia perfeitamente ser tomado como "prova" de que a morte ainda não tinha ocorrido.

A confusão pode ser parcialmente causada por uma certa semelhança na consciência antes e depois da transição. Podemos ver esta semelhança em muitos relatos de experiências de quase-morte, que mostram que durante estas jornadas a alma ainda tem um sentido de localização física e orientação. Estes relatórios são consistentes com as leituras de Cayce, que nos dizem que, na morte, a alma não salta imediatamente do físico para o completamente imaterial. Ela ainda está ligada à matéria e consciente dela — apenas numa forma algo diferente.

Depois de fazer a transição, a alma é, de certa forma, como um bebé recém-nascido na terra. Tal como um recém-nascido precisa de tempo para se tornar capaz de sentir e estar consciente do seu ambiente físico, uma alma recentemente partida leva frequentemente tempo para crescer na consciência do seu novo

ambiente. E tal como pessoas diferentes avançam a ritmos diferentes neste mundo, no próximo também existem variações no ritmo do desenvolvimento individual.

Um desenvolvimento gradual da consciência é, na maioria das vezes, a forma como uma alma experiencia a transição, ganhando lentamente a consciência de estar num mundo espiritual. Mas é possível para uma alma manter plenamente a sua consciência durante toda a transição e reconhecer a sua condição. Como um exemplo, perguntaram uma vez a Cayce o que Jesus quis dizer por "paraíso" ao falar com o ladrão na cruz. Na leitura, ele respondeu que Jesus se referia à "... consciência de estar nesse estado de transição entre as fases material e espiritual da consciência da alma." (262-92) Esta resposta assegura-nos que a morte do corpo não significa extinção, mas meramente uma mudança do estado material para o espiritual. Em linguagem simples, Jesus estava a dizer ao ladrão: "Não há morte."

O material que recolhi assegura-nos constantemente que a morte não é o fim da vida. A continuidade da existência é ilustrada em cada uma das duas histórias breves que se seguem. Embora o primeiro relato não trate da transição de nenhuma alma em particular, ilustra, no entanto, um ponto importante: algo profundo dentro da mente da alma sabe sobre a continuidade da vida e tenta lembrar-nos desse facto, mesmo através de mensagens em sonhos.

### **A Múmia Desperta**

Neste relato, o nosso narrador relata um sonho no qual o elemento principal é um símbolo muito apropriado para a preservação da vida.

"Uma noite sonhei que tinha desenterrado uma múmia na minha plantação de batatas. A múmia levantou-se do seu sarcófago, desenrolou as suas ligaduras e fugiu alegremente.

"Um sonho estranho, mas bastante agradável. Semanas depois compreendi o que significava: não há morte."

B.J.N.

### **Uma Mensagem de um Pai Falecido**

Esta história dá-nos uma declaração simples e direta da continuidade da vida. A reação da filha a esta mensagem mostra claramente o impacto de reconhecer a realidade da sobrevivência.

"Sei de uma rapariga jovem que acreditava na sobrevivência após a morte física. Ela sonhou que tinha voltado ao funeral do seu pai. Quando chegou, ele estava deitado na cama. Olhou para ela e sorriu. Ela gritou e exclamou: 'Estás vivo! Estás vivo!'

"O pai falou, dizendo: 'Está tudo bem. Compreendes agora que não estou morto.' Depois ela ouviu-o dizer: 'Dá-lhes flores enquanto estão vivos.'"

C.D.

É interessante que Edgar Cayce, também, aconselhasse o envio de flores aos vivos. Os mortos estão inconscientes e, portanto, não as podem apreciar; ou, se estiverem "acordados" na vida após a morte, estarão a seguir em frente e não podem levar as flores consigo. Uma senhora que o Sr. Cayce conhecia bem defendia frequentemente este mesmo ponto. Esta amiga, uma retalhista de flores que fazia muitas vendas a Cayce, enfatizava que enviar as plantas aos mortos não significava nada, uma vez que não podiam ser cheiradas nem desfrutadas. Sugeria que fossem dadas aos vivos — aos doentes, aos velhos, aos solitários — que poderiam valorizar a sua beleza, a sua fragrância e os pensamentos e orações que habitualmente as acompanhavam.

Edgar Cayce sonhou com esta mulher no preciso momento em que ela estava a ser enterrada num cemitério local. Uma vez que ela acreditava piamente que a morte era, na verdade, um nascimento para outra vida, a sua aparência no sonho simbolizava apropriadamente a sobrevivência da alma. Esta mensagem foi repetida noutro sonho, que o Sr. Cayce teve na mesma noite que o sonho sobre a amiga florista:

## Uma Visita de Três Amigos Falecidos

O sonho de Edgar Cayce naquela noite — que foi pouco depois do fim da Primeira Guerra Mundial — incluiu uma cena num cemitério. Ouvi uma vez Cayce afirmar sobre cemitérios: "Posso honestamente dizer que há muito poucos cemitérios que não me pareçam familiares. Se eu vir apenas um canto de um cemitério, posso dizer imediatamente uma boa parte sobre ele."

Neste sonho em particular, ele estava em França, a ver os locais de enterro de muitos soldados. Entre as sepulturas estavam as de três rapazes que tinham estado na sua turma da escola dominical.

Subitamente, para surpresa de Cayce, os três jovens apareceram vivos diante dele! Pareciam iguais ao que eram no dia em que se tinham despedido dele enquanto estavam nos seus corpos terrenos. Cada um descreveu as circunstâncias da sua morte. Um tinha sido morto por fogo de metralhadora, outro quando tinha sido apanhado no meio de uma explosão de uma granada, e o terceiro num pesado bombardeamento de artilharia. Perto do fim da cena, dois dos rapazes deram a Cayce mensagens para transmitir aos seus entes queridos em casa.

Uma leitura obtida para interpretar este sonho dizia que ele representava a continuação do mundo material após a morte. Isto vê-se mais claramente no desejo ardente dos rapazes em enviar mensagens àqueles que tinham deixado para trás no plano físico, e é também demonstrado pelas suas aparências inalteradas e pela sua memória intacta das suas mortes.

Até agora olhámos para bastantes sonhos que ilustram a unidade entre as fases material e espiritual da nossa existência. Mas não devemos pensar que temos de dormir e sonhar para que nos seja mostrado que a vida continua para além do túmulo. As nossas próximas duas histórias descrevem o contacto em vigília com almas recentemente partidas. Em ambas podemos ver o desejo da alma de

comunicar com os vivos e a sua capacidade de influenciar o plano material.

### **Uma Experiência Poltergeist**

Como esta história mostra, os mortos não só continuam a existir, como não estão tão afastados do nosso próprio mundo como poderíamos pensar. Também é possível detetar aqui uma combinação divertida de afeto e irritação por parte do meu correspondente.

"Este incidente foi da natureza de uma experiência poltergeist. Três dias após a morte do meu avô, senti a sua presença e as luzes do meu apartamento começaram a piscar. Verifiquei as lâmpadas e descobri que estavam apertadas e nada mais estava errado. Quando entrei no quarto, o mesmo aconteceu às luzes ali. Da vez seguinte foram as luzes do corredor que se ligaram e desligaram de uma maneira rítmica. Isto ocorreu durante cerca de meia hora em cada noite.

"Irritado, pedi ao meu avô para, por favor, parar! Na terceira noite sonhei que ele estava a fazer isto para atrair a minha atenção. Para enfatizar isto, no meu sonho ele atirou-me uma cadeira de vime para me dizer olá!"

S.R.

O relatório seguinte fala de comunicação entre os vivos e os mortos que aparentemente exigiu uma certa quantidade de esforço de ambos os participantes. Talvez ambas as partes estivessem motivadas pelo mesmo desejo de dizer adeus.

### **Uma Experiência Educativa**

Através da experiência aqui relatada, a nossa narradora aprendeu que o vínculo entre duas pessoas pode ser forte o suficiente para sobreviver até à morte, e veio a descobrir os horizontes expandidos que podem resultar assim que percebemos que a nossa existência não está limitada ao corpo físico.



"A 21 de novembro de 1979, o meu pai partiu. Foi encontrado na sua cama, com um frasco de comprimidos de nitroglicerina na mesa ao seu lado, e a polícia foi notificada. Os meus pais tinham estado separados em todos os anos da minha vida exceto num. Na verdade, eu nem sequer via o meu pai há quatro ou cinco anos antes da sua morte. Tínhamos, no entanto, estado a corresponder-nos. Mal percebia eu que vínculo ainda existia entre nós — mais forte e mais duradouro do que alguma vez imaginei.

"No domingo seguinte à morte do meu pai, sentei-me com um lápis e papel, sozinha no meu quarto, e pedi-lhe para falar comigo. Não nos tínhamos despedido. Senti que deveria haver pelo menos a oportunidade de o fazer agora.

"Durante duas horas nada aconteceu. Depois o lápis começou a rabiscar — lenta e penosamente ao início. Mas gradualmente a escrita cresceu em força e urgência: 'VEM À MINHA CASA. VEM À MINHA CASA'. Não só a escrita se tornou mais legível, como as palavras ficaram cada vez maiores à medida que a mensagem avançava.

"Este incidente iniciou uma ventura para mim numa consciência mais ampla e expandida que, embora um pouco perturbadora ao início, se tornou agora uma parte tão integrante do meu ser como a respiração. É meramente outra faceta da minha experiência terrena.

"Alguns poderiam pensar que o meu contacto foi simplesmente o resultado do luto; mas posso dizer, pelo meu próprio envolvimento pessoal, que não foi. Eu não era próxima o suficiente do meu pai para fazer o luto por ele tão profundamente ou sentir um sentido de perda tão devastador. Na verdade, a única razão pela qual achei a morte dele minimamente chocante não foi por ele se ter ido embora, mas por eu ter descoberto que ele ainda estava 'vivo'!

"Ao longo dos anos, o meu contacto com o meu pai tem diminuído, mas não terminou."

C.P.P.

A nossa história final deste capítulo é um pouco diferente da maioria das outras na medida em que mostra o luto causado pela separação que a morte traz. Este sentimento de tristeza foi provavelmente aprofundado pela ligação emocional extremamente forte entre a minha correspondente e o seu irmão. Mas mesmo aqui podemos obter um sentido do conforto que se encontra em saber que os mortos continuam a existir e que ainda podem sentir e expressar amor por nós.

### **O Amor Envia uma Mensagem**

Parece que a experiência descrita neste relato tão humano tranquilizou a nossa colaboradora relativamente a algumas verdades básicas sobre a imortalidade da alma. Podemos esperar que, ao fazê-lo, a tenha ajudado a lidar com a sua dor.

"Recebi um telegrama com a triste notícia da morte súbita do meu irmão. Apenas alguns dias antes, ele tinha-me visitado em Nova Iorque. Nessa altura, ele parecia saudável e aparentava estar muito feliz.

"O telegrama foi um choque terrível. Depois de o meu pai ter morrido quando eu tinha cinco anos, o meu irmão tinha sido o único membro masculino da família que restava. Para mim, ele tinha sido tanto pai como irmão. Quando a notícia do seu falecimento chegou, tranquei-me no meu quarto para chorar. Não conseguia ser consolada.

"De repente, parei de chorar. O meu irmão estava à minha frente, vestido de branco! Ele parecia muito triste. Eu tinha medo até de pestanejar, com receio de que ele se fosse embora; mas, passados uns momentos, ele acabou por — cedo demais para mim — desaparecer.

"Devido à minha crença na *reencarnação*, sinto que o meu irmão apareceu para me mostrar que não há morte da alma — apenas do corpo. E acredito que ele também veio para me dizer que

também me amava, e que sentiria a minha falta tal como eu sinto a dele."

M.R.F.

Tal como todas as histórias neste capítulo, a mensagem implícita do irmão sublinha um tema: a transição para outra forma de vida não envolve uma perda de consciência ou de contacto com o plano material. Sem dúvida que a experiência de morrer propriamente dita envolve sentimentos e percepções que são virtualmente impossíveis de descrever adequadamente através da linguagem. Mas, sejam quais forem os detalhes dessa experiência, trata-se, no entanto, de uma expansão da consciência, um alargamento para incluir o mundo espiritual e o mundo físico.

## **CAPÍTULO 5**

### **PARA ONDE VAMOS A PARTIR DAQUI**

O estado de consciência que uma alma experiêcia na vida após a morte está além do tempo ou do espaço, tal como conhecemos essas dimensões. Isto é parte do que torna a especulação sobre a natureza do mundo espiritual tão intrigante. O conceito de dimensões superiores da consciência é fascinante, mas será difícil satisfazer a nossa curiosidade intelectual sobre estes níveis expandidos de percepção. Quando foi pedido a Cayce, em leituras, que explicasse esses reinos — quarta, quinta e dimensões superiores — ele deu apenas algumas pistas.

A quarta dimensão, ele definiu-a como o reino das ideias — isto é, o estado de consciência no qual os pensamentos são totalmente reais e imediatamente percebidos. Este capítulo apresentará provas consideráveis de quão vívido este mundo de pensamento quadridimensional é para os recém-falecidos. Mas, para além dessa pista, Cayce não se mostrou inclinado a dar informações, dizendo simplesmente que já temos problemas suficientes para compreender o nosso próprio mundo tridimensional.

Embora a vida após a morte seja uma expansão para além do tempo e do espaço — tal como os seres físicos os experienciam — ainda assim, podemos por vezes compreender um indivíduo falecido como estando "localizado" em algum lugar. Por outras palavras, essa alma pode focar a sua consciência num local específico da terra. Quando o seu corpo espiritual pós-morte é percebido como uma aparição num determinado lugar, chamamos-lhe habitualmente um fantasma. Mas os fantasmas não são tão misteriosos ou assustadores assim que compreendemos que certas leis espirituais estão em ação.

### **Um Fantasma Muito Próprio**

Nesta história, a nossa narradora dá-nos uma imagem clara da presença de uma alma após a morte. A visão de infância da sua tia falecida inclui um detalhe interessante. A propriedade da escolha do guarda-roupa do fantasma — presumivelmente consistente com o comportamento da tia na vida física — é um daqueles detalhes interessantes que nos podem ajudar a ver os mortos como indivíduos distintos e credíveis.

"Tenho sessenta e quatro anos e meio. A experiência que aqui relato ocorreu há aproximadamente sessenta anos. Eu tinha quatro ou cinco anos quando a minha tia Marguerete morreu. Ela tinha cerca de vinte e três anos na altura da sua passagem, e muitas horas passei eu no seu colo. Ela era minha amiga!

"Marguerete tinha vivido com a minha avó, a mãe dela. Nunca se tinha casado. Mas, como muitas raparigas, ela tinha um enxoval, que guardava numa arca ao fundo da sua cama. O enxoval incluía um vestido de noiva branco. Quando a Marguerete morreu subitamente, a minha mãe levou-me para a casa da minha avó, e ficámos lá uma semana para o velório e o funeral. Não havia agências funerárias naqueles tempos, e a Marguerete foi velada na sala de estar daquela casa. Antes de o caixão ser trazido, ela estava deitada numa maca, com um vestido azul-bebé. Mais tarde, foi

vestida com o seu vestido de noiva branco do enxoval, colocada no caixão e enterrada com esse vestido branco.

"Com a minha tenra idade, testemunhei tudo isto.

"Três dias após o funeral, enquanto ainda estávamos na casa da minha avó, eu estava a dormir ao lado da minha mãe. Acordei cedo de manhã e reparei como estava claro. O sol estava a nascer. Havia um relógio de sala na parede da cozinha, por isso saí da cama de fininho e descí as escadas a correr. Ao aproximar-me da cozinha, consegui ver que o relógio indicava ou cinco minutos para as seis ou cinco minutos depois das seis.

"Entreis na cozinha. A minha tia Marguerete estava sentada à mesa, vestida com o vestido azul-bebé que tinha usado na maca. As suas mãos estavam no colo e a cabeça estava inclinada. Mas, assim que entrei na cozinha, ela levantou lentamente a cabeça e os nossos olhos encontraram-se. Uma expressão de espanto surgiu no seu rosto ao perceber que eu conseguia vê-la. Ficámos a olhar uma para a outra durante quanto tempo não sei; mas finalmente escapei-me e corri escadas acima para o quarto, agarrei o armo da minha mãe e abanei-a para a acordar.

"— A tia Marguerete está lá em baixo na cozinha — disse eu. A minha mãe conhecia-me suficientemente bem para saber que eu estava a dizer a verdade. Saltou daquela cama como se tivesse sido ejetada por molas, agarrou-me e ambas voámos escadas abaixo. Não estava ninguém na cozinha.

"Voltámos para casa nesse mesmo dia. Nunca esqueci este incidente. No entanto, durante algum tempo, perguntei-me: porque é que a Marguerete estava vestida com o vestido azul-bebé, em vez do vestido de noiva branco com que tinha sido enterrada? Após refletir um pouco, percebi a resposta simples. Porque deveria ela usar um vestido de noiva, quando nunca tinha havido um casamento? A liberdade de escolha está presente até certo ponto, mesmo na vida após a morte."

C.W.B.

Neste incidente, tal como em vários outros relatos de aparições, encontramos o fantasma na mesma casa em que a pessoa tinha vivido durante a vida física. Isto poderia levar-nos a crer que, após a morte, a alma permanece nas mesmas imediações que tinha habitado antes. De acordo com a imagem que emerge do material que recebi e das leituras de Cayce, isto é por vezes verdade até certo ponto — certas almas permanecem, de facto, durante algum tempo no ambiente que lhes tinha sido familiar em vida. Mas, como veremos, há uma resposta um pouco mais complexa para a questão de para onde vamos quando deixamos o corpo para trás.

### **Construindo as Nossas Próprias Experiências na Vida Após a Morte**

A questão de para onde vamos quando a vida física termina é, de facto, fascinante. Seguimos para um céu ou inferno clássico? Pairamos indefinidamente pela área física onde passámos as nossas vidas, como muitos fantasmas relatados parecem fazer? Simplesmente deslizamos para o esquecimento? Ou haverá alguma outra experiência à nossa espera quando fazemos a transição?

Quando questionado numa leitura sobre para onde vamos, Edgar Cayce deu uma resposta simples e direta: Para o lugar que estás a preparar e para aquilo que tu, individualmente, estás a construir criativamente. (Ver leitura 1219-1.)

Várias passagens das leituras descrevem a morte como meramente um nascimento para uma nova experiência. Mas como será essa nova experiência? Isso depende inteiramente do que a alma criou para si mesma e para os outros. Não existe uma experiência única pós-morte que seja encontrada por todos. Através das nossas ações individuais, nós mesmos construímos o nosso próprio céu ou o nosso próprio inferno. O que escolhemos fazer com as nossas vidas, através do exercício da nossa vontade

concedida por Deus, determina a condição em que passaremos a estar na morte.

Colhemos o que semeámos após a morte, tal como fazemos na vida física. Cada um de nós deveria perguntar-se: "O que é que eu semeei na vida?". Todos temos de viver connosco próprios e com o que fizemos das nossas oportunidades. Por exemplo, como uma declaração de lei espiritual, as leituras de Cayce admoestam-nos: nunca peças a ninguém para fazer algo que possa trazer vergonha ou desonra a essa alma. Agir de outra forma cria uma dificuldade para si mesmo que terá de ser enfrentada na vida após a morte e, provavelmente, numa futura vida terrena.

Ao considerar que tipo de vida após a morte estamos a criar para nós mesmos, devemos lembrar-nos de que não construímos apenas com os nossos corpos. Talvez a ideia mais repetida em todo o material de Cayce seja: "A Mente é o construtor". Muitas das leituras enfatizam que os resultados deste poder criativo da mente não terminam com a morte. Os nossos hábitos mentais — os nossos pensamentos, os nossos propósitos e ideais, as nossas intenções e desejos — são poderosos moldadores das nossas vidas, tanto neste mundo como no próximo. Aquilo em que acreditamos, aquilo em que pensamos e aquilo que desejamos ardentemente pode ser trazido para a nossa experiência.

As nossas próximas duas histórias ilustram claramente quão fortemente os nossos padrões de pensamento podem afetar o que encontraremos no fim da vida física.

### **O Fantasma que se Afogava**

Há alguns anos, encontrei um relato de uma mulher que tinha um sonho repetido e perturbador. A sua história enfatiza dois pontos-chave. Primeiro, mostra como as nossas crenças influenciam as nossas experiências após a morte. Aquilo que pensamos que vamos encontrar na vida após a morte, podemos muito bem vir a encontrar! Segundo, a experiência ilustra como uma alma falecida

pode ainda estar muito consciente das condições na vida material, particularmente de algo a que havia um forte apego antes da morte.

Nos seus sonhos, uma mulher via um parente falecido a implorar-lhe que movesse o seu caixão. Ele continuava a dizer: "Estou a afogar-me! Estou a afogar-me!". O sonho repetia-se noite após noite, e a mulher conseguia descansar pouco. Eventualmente, ela procurou e conseguiu obter permissão para que a sepultura do seu parente fosse aberta. Para grande surpresa das pessoas presentes, descobriram que o caixão estava submerso em água! Desnecessário será dizer que o caixão e o corpo que continha foram movidos para um terreno mais elevado. Nesse momento, os sonhos perturbadores cessaram.

Este é um excelente exemplo do que pode ocorrer quando uma pessoa acredita que irá simplesmente permanecer no caixão após a morte. Um problema como este é particularmente propenso a persistir se a alma não tiver ninguém a rezar por ela, uma vez que não haveria então qualquer influência positiva para ajudá-la a ir além do seu confinamento autoimposto.

### **Ela Dormiu por 700 Anos**

A experiência de uma das minhas amigas mostra como os nossos desejos relativos à vida após a morte podem ajudar a determinar o que encontramos quando morremos. Como se pode ver aqui, isto nem sempre funciona a favor da alma.

Uma amiga minha teve uma leitura de vida com Edgar Cayce. Uma das encarnações anteriores que Cayce descreveu teve lugar no tempo das Cruzadas. Durante essa vida, a minha amiga tinha sido um homem com ideais muito elevados. Este homem ficou desgostoso com as ações de muitos daqueles que participaram nas Guerras Santas. Como resultado desta desilusão, a alma jurou que não voltaria a vir como homem e que descansaria um longo, longo tempo antes de regressar a este plano terrestre.



Na leitura psíquica de Cayce, foi dito à minha atual amiga que, devido ao voto que tinha feito durante o período das Cruzadas, ela tinha dormido durante 700 anos, e quando regressou foi como mulher. Agora, nesta vida, ela é uma mulher maravilhosa, mas algo masculina, solteira e totalmente desinteressada em homens. Como disse Cayce, aqueles que desejam um descanso prolongado após uma vida física podem permanecer inconscientes um longo, longo tempo!

Histórias como esta tornam difícil duvidar da verdade da afirmação de Edgar Cayce de que, com os nossos pensamentos e ações, construímos as nossas próprias experiências após a morte. Mas, ainda assim, existem certos padrões nos relatos que recebi que sugerem que muitas almas passam por fases típicas de desenvolvimento espiritual entre o fecho de uma encarnação física e o início da próxima. Estas etapas incluem (1) um período de inconsciência e/ou desorientação, (2) um tempo de cura e despertar, (3) um intervalo de atividade como um espírito ainda próximo do plano terrestre, e (4) um período de existência em dimensões não terrestres. Tenha em mente que nenhuma destas experiências é pré-ordenada. São as nossas próprias escolhas que determinam por que etapas passamos após a morte, quanto tempo permanecemos em cada uma delas e as circunstâncias específicas que encontramos do outro lado.

A história da minha amiga que dormiu durante 700 anos dá um exemplo extremo de algo mencionado anteriormente — o período de inconsciência pelo qual uma alma recentemente partida muitas vezes passa. Nas próprias palavras de Cayce: "Passando da consciência material para uma espiritual... muitas vezes uma entidade ou ser não se torna consciente daquilo que [está] ao seu redor..." (5749-3).

Como foi o caso da minha amiga, esta fase pode ser prolongada pelo desejo da alma de um descanso prolongado. E, dizem-nos as leituras de Cayce, o mesmo efeito pode ocorrer

quando uma pessoa não acredita na vida após a morte. A alma que não espera acordar do outro lado pode levar muito tempo a fazê-lo.

Outra etapa que muitas almas experienciam após a passagem é um intervalo de confusão. Pode levar tempo para a alma compreender o que lhe aconteceu e ajustar-se ao seu novo ambiente. Quando a minha própria mãe fez a transição, vi nas minhas experiências de sonho que ela passou por períodos tanto de inconsciência como de desorientação.

### **As Experiências da Minha Mãe Após a Morte**

A história da minha mãe tem uma característica que muitas pessoas achariam surpreendente: a necessidade contínua de cuidado e cura da alma após a morte. A persistência desta necessidade é o que torna rezar pelos falecidos tão importante.

Quando a minha mãe estava na casa dos quarenta anos, desenvolveu um cancro. Sendo eu enfermeira licenciada, pude cuidar dela no hospital. Após um mês ou pouco mais, a minha mãe faleceu, com apenas quarenta e cinco anos de idade.

Nos meus sonhos, no entanto, eu ainda estava a cuidar dela num hospital do outro lado, embora continuasse a saber que ela estava fisicamente morta. Durante estas experiências, eu dizia-lhe frequentemente: "Mamã, eu sei que estás morta e o meu corpo está a dormir em Nova Iorque".

A causa da doença está na alma, e esta também precisa de ser curada. Por exemplo, as leituras de Cayce dizem-nos que o cancro pode ser causado por um ressentimento profundo, seja ele provocado por um evento na vida atual ou por um de uma encarnação anterior. A minha mãe tinha sido forçada a casar com o homem da escolha dos seus pais, embora amasse outro. Além disso, na última parte da sua vida, ela descobriu algo que lhe trouxe um grande ressentimento. Acredito que isto afetou a sua alma e produziu o cancro que se seguiu. O problema mais profundo dentro

da sua alma permaneceu, mesmo após o falecimento do seu corpo físico.

Em abril de 1967, algum tempo após a morte da minha mãe, sonhei que ela voltava a casa e subia uma escadaria especial. Parou numa porta, hesitou e depois subiu para uma segunda. Ela parecia estar ligeiramente confusa e não tinha a certeza de onde se localizava o seu apartamento. Levei-a de volta à primeira porta, mas ela não conseguiu abri-la. Peguei então na chave e abri a porta. Entrámos, e ela parecia estar familiarizada com o lugar.

Interpretei este sonho de acordo com a afirmação de Edgar Cayce de que uma pessoa recentemente falecida, tendo deixado o corpo material e a mente consciente para trás, é por vezes semelhante a um bebé recém-nascido. A alma encontra-se em ambientes estranhos e, por vezes, fica desorientada e confusa. Esta é outra etapa em que as orações dos vivos podem ser de grande ajuda. Quão pronunciada é a confusão e quanto tempo dura depende em grande parte da crença da pessoa sobre a vida após a morte. Aqui, novamente, descobrimos que aquilo em que acreditamos dá cor às nossas experiências na vida além-túmulo.

Vários dos relatórios que os meus correspondentes me enviaram mencionam a mesma necessidade de cura após a morte que a minha mãe experienciou. A título de explicação, as leituras de Cayce dizem-nos que o familiar corpo de carne e sangue não é o único que a alma habita durante as várias fases do seu desenvolvimento. Quando o corpo material morre, a alma terá um corpo diferente para usar, especificamente adequado à sua existência do outro lado.

Tal como o corpo material, este outro veículo é influenciado pelas escolhas que a alma faz. Assim, as nossas decisões afetam não só o corpo que é nosso durante a vida física, mas também aquele que habitaremos após a transição. O que construímos com a mente — seja saúde ou doença — perdura nas nossas experiências mesmo na vida após a morte.

Algumas pessoas podem achar um pouco deprimente pensar que poderiam continuar a estar doentes mesmo depois de morrerem. Mas não há motivo para desespero. Como mostram várias das histórias que recebi, almas partidas que necessitam de cura conseguem encontrá-la na vida após a morte, e a ajuda está disponível em várias fontes. Como mencionei, as orações dos vivos podem ser de grande benefício para o falecido. Além disso, o próximo mundo tem locais de convalescença para eles. Estes pontos são ilustrados no seguinte relato:

### **As Orações São Apreciadas**

O homem que me enviou este relatório contribuiu com vários outros exemplos para este livro. Talvez o seu grande número de contactos com os falecidos se deva, em parte, à sua vida de oração ativa e abrangente. Nesta história, ele apresenta-nos uma alma numa fase de despertar parcial.

"O meu primeiro sonho de contacto com almas que tinham passado para o outro lado surgiu-me em 1972 ou por volta dessa altura, depois de as leituras de Cayce me terem sensibilizado para a importância de rezar pelos mortos. Durante algum tempo, tinha estado a interceder por membros falecidos da minha família, e decidi rezar também pelos meus amigos falecidos, a maioria dos quais eram pessoas que eu tinha conhecido na infância. Assim, na véspera de Natal, antes de adormecer, rezei ardentemente por todos eles.

"Num sonho, vi-me logo junto de todos aqueles por quem tinha rezado. Ficámos extremamente felizes por nos vermos uns aos outros. Passámos o que pareceu ser a maior parte de um dia a 'visitar os locais'. Os meus amigos estavam a mostrar-me a grande 'cidade' em que viviam.

"Perto do anoitecer, uma pessoa disse-me: 'Warren, há aqui alguém que está muito ansioso por te conhecer'. Com isto, fui levado para o que parecia ser uma enorme casa de convalescença

ou hospital. Entrámos numa sala grande e fui levado a ver uma senhora idosa que parecia estar numa espécie de estado de sono. Estava sentada numa cadeira grande e estofada, incapaz de falar. Mas olhou para mim e sorriu. Acordei sentindo-me muito curioso quanto à identidade dela.

"Algum tempo antes de ter este sonho, eu tinha perguntado à minha superior no trabalho a data de nascimento da mãe dela, sem lhe dizer por que queria essa informação. Eu sabia que a mãe ia ser submetida a uma cirurgia de grande porte e, pouco depois da operação, ela faleceu.

"Depois do meu sonho de Natal, perguntei à minha superior se ela tinha alguma foto da mãe. Ela disse que sim e, no dia seguinte, trouxe uma para o trabalho. Eu não estava realmente à espera de encontrar a minha 'senhora do sonho' tão facilmente; mas imagine-se a minha surpresa ao ver a fotografia da mãe da minha superior e reconhecer a mulher dos meus sonhos!"

W.W.

Se existem hospitais na vida após a morte, o que dizer dos médicos? O nosso próximo relatório indica que eles, também, se encontram do outro lado e que assumem um papel ativo em trazer cura aos falecidos. Não nos é dito se fazem visitas ao domicílio!

### **Mais Cura para os Falecidos**

Este relato foi contribuído pela mesma fonte da história anterior. A sua última frase diz-nos que o contacto pessoal com médicos no próximo mundo pode ajudar os falecidos no caminho da recuperação.

"Um contacto posterior com almas partidas ocorreu em 1977. Durante pelo menos dois anos antes disso, eu tinha viajado para o trabalho num sistema de boleias partilhadas com outros dois homens. Um deles, chamado Dick, sofria de gota e de algumas outras enfermidades. Tentei interessá-lo no material de Cayce, mas sem sucesso. Algum tempo depois, ele faleceu.

"Cerca de seis meses depois de o Dick morrer, encontrei-o num sonho. Sem demonstrar qualquer emoção, apertámos as mãos. Perguntei-lhe como estavam a correr as coisas. Como que para me tranquilizar, ele apresentou-me a um homem que estava com ele, dizendo: 'Warren, este é o Dr. \_\_\_\_\_. Ele está a cuidar de mim, e agora está tudo bem'."

W.W.

Nesta vida, alguns de nós precisam e recebem cura para os nossos corpos; outros precisam de ajuda e orientação para melhorar a sua perspetiva mental. O mesmo é verdade na vida após a morte. As nossas últimas histórias descreveram curas de tipo físico do outro lado. No nosso próximo relato, vemos uma alma partida a receber apoio e a passar por experiências que ajudarão a promover uma cura da mente, um ajuste de atitudes e emoções. A melhoria dramática que ocorre pode ser extremamente encorajadora para todos nós, pois mostra que não ficaremos para sempre presos às falhas mentais e emocionais que são nossas no momento da morte.

### **Crescimento da Alma no Além**

A nossa narradora deu-nos aqui a imagem de um cenário notável pela sua tranquilidade e beleza, juntamente com uma afirmação muito poderosa sobre a necessidade da oração e os benefícios que esta pode trazer.

"A relação entre o meu marido, a mãe dele e eu tinha sido muito destrutiva. Eu tinha conhecido a minha sogra apenas uma vez antes de o meu casamento fraquejar, e achei-a uma mulher muitíssimo infeliz, cheia de amargura e animosidade. Não voltei a vê-la, nem tive mais qualquer comunicação com ela antes de ela falecer, dez anos mais tarde.

"Na altura da última doença grave da minha sogra, obtive uma leitura psíquica. Embora o meu casamento de vinte anos estivesse em dificuldades nesse momento, o problema para o qual procurei a ajuda psíquica era totalmente alheio ao meu marido ou à mãe dele.

Mas, para minha surpresa, a mística identificou a situação prejudicial entre nós os três, que aparentemente existia há inúmeras vidas. Ela instou-me a rezar com muita força para dissolver a negatividade, e avisou-me severamente que, se eu não tomasse a iniciativa nesta questão, seríamos condenados a repetir este ciclo infeliz no futuro!

"Segui o conselho dela muito seriamente durante muitos meses, ao longo do verão e outono desse ano. Trabalhei diariamente na oração, pedindo uma relação amorosa entre nós os três. Na primavera seguinte, soube que a minha sogra tinha falecido, mas continuei a rezar por ela.

"Um dia, após as minhas orações, vi-me subitamente num belo parque com relvados iluminados pelo sol e jardins repletos de flores. A minha sogra estava a sarchar um canteiro de flores, e eu soube que ela estava em paz e feliz. Enquanto observava, o meu pai, que tinha falecido há mais de trinta anos, atravessou o relvado para falar com ela.

"Compreendi que tinha visto a alma dela em paz, e foi-me concedida a alegria adicional de saber que o meu pai tinha sido um dos que a acolheram e continuava a ser o seu companheiro amoroso. Nesta última vida eles não se tinham conhecido, mas é possível que tenham sido amigos durante outras encarnações. Ou talvez o meu pai estivesse ali simplesmente para me ajudar. Não importa. Soube com certeza que o espírito da minha sogra estava a ser limpo e curado num ambiente de amor e beleza."

P.H.

Vários aspetos da cura da alma após a morte são mencionados numa leitura que Edgar Cayce deu para uma jovem que caiu da janela do seu dormitório na faculdade e morreu. Após assegurar às pessoas próximas da estudante que a sua morte não foi um suicídio, Cayce falou do despertar da alma do outro lado, do seu crescimento na compreensão do que lhe aconteceu e da reparação do corpo que ela habitava na vida após a morte. Está também incluída uma

afirmação clara do poder da oração para ajudar aqueles que partiram.

### **A Recuperação de uma Alma Partida**

Ao solicitarem esta leitura a Edgar Cayce, os entes queridos da jovem pediram para receber qualquer informação útil disponível. As perguntas no final foram colocadas pela tia, que estava presente na leitura. Esta leitura, bastante curta, é de tal relevância para o nosso estudo da vida após a morte que a incluí aqui na íntegra.

Sr. Cayce: Sim, estamos com a entidade aqui. Isto, como pode e deve ser entendido por aqueles que estão interessados, foi um acidente — e não premeditado ou pretendido pela entidade. Os ambientes ou arredores que contribuíram para estes acontecimentos, num mundo material, estão com a entidade no presente, contribuindo para melhores entendimentos. Aqueles que são próximos e queridos à entidade, para que contribuam para mais entendimentos — não condenem ninguém, nem a circunstância.

Nem chorem por aqueles que estão em descanso. Está a surgir gradualmente o despertar. Isto, com certeza, é uma experiência pela qual a entidade... está a passar no presente. Está a contribuir para uma utilidade no seu entendimento e compreensão daquilo que é a experiência, a consciência da mesma no presente. O corpo físico que foi quebrado está agora inteiro n'Ele. Que a tua oração seja então: "Na Tua misericórdia, na Tua bondade, Pai, guarda-a. Cria esses entendimentos na minha experiência, na experiência dela, para que possamos aproximar-nos cada vez mais naquela unicidade de propósito para que o Seu amor seja conhecido cada vez mais nas mentes e nos corações daqueles que estão em posições de oportunidade para serem um canal, um mensageiro, em nome do Cristo. Ámen." Pronto para perguntas.

P. Ela está feliz e compreende onde está?



R. Como foi dado, há o despertar, e há o entendimento a surgir cada vez mais. E em breve poderá chegar à tia a consciência da presença dela por perto. Estas são as condições.

P. Há algo que algum de nós possa fazer para ajudá-la de alguma forma? R. Que a oração, tal como foi dada, seja mantida ocasionalmente, especialmente de manhã cedo. Terminámos esta leitura. 4938-1

### **Experiências dos Mortos no Plano Terrestre**

Após a morte do corpo, a alma permanece tipicamente em torno da terra por um período de tempo. Aqui, passa por quaisquer fases de inconsciência, confusão e recuperação adequadas ao seu desenvolvimento individual. Uma vez recuperada a consciência, a alma pode tornar-se ativa na terra e nos seus arredores. É durante esta fase de atividade terrena que aqueles que estão no mundo espiritual conseguem comunicar com os vivos. Uma leitura de Cayce — 3744-2 — indicou que as almas que partiram permanecem em torno do plano físico até que o seu desenvolvimento as leve por diante ou que reencarnem para o seu desenvolvimento. Quando estão desencarnadas, mas ainda perto do plano físico, pode haver comunicação com elas. Nessa leitura específica, Cayce afirmou que havia "milhares à nossa volta aqui no presente".

Este conceito ajuda-nos a colocar em perspetiva a fase ligada à terra das experiências da alma após a morte. Daquela parte do mundo espiritual que está vibracionalmente próxima do plano terrestre, a alma acabará por viajar numa de duas direções: pode seguir para experiências espirituais noutros reinos, ou pode regressar à encarnação física noutro corpo material. Antes de a alma seguir qualquer um destes caminhos, o contacto com os vivos é possível. Como mostra o seguinte relato da mensagem final da minha mãe para mim, tal comunicação chega ao fim quando a alma está prestes a renascer noutra vida física.

## **O Adeus Amoroso de uma Alma**

O meu último contacto com a minha mãe disse-me que ela tinha atingido o ponto no seu desenvolvimento espiritual onde a sua alma beneficiaria de outra experiência na vida física. Também me tranquilizou quanto ao seu amor contínuo.

Cerca de trinta anos após a sua morte, a minha mãe veio ter comigo enquanto eu estava num estado de semiconsciência. Beijou-me na face e disse, em alemão: "Vim dizer adeus, minha filha. Pois estou prestes a renascer e não voltarei a ver-te".

Nunca mais tive contacto com a minha mãe, num sonho ou de outra forma, após esta revelação do seu próximo renascimento.

Claro que, nas nossas relações interpessoais diárias na vida, nem sempre conseguimos comunicar com quem quer que desejemos. A outra pessoa pode não estar disponível, ou pode não querer falar connosco. O mesmo é verdade relativamente às almas que partiram. A comunicação com elas não acontece automaticamente. Para estabelecermos contacto com os falecidos, eles devem estar no plano terrestre, onde estão disponíveis para nós. E devem estar dispostos a que o contacto ocorra. A presença de almas partidas em torno da terra e o seu desejo de contacto com os vivos são demonstrados nos nossos próximos dois relatórios. Em cada caso, o propósito da comunicação era, evidentemente, oferecer encorajamento e conforto aos entes queridos que ficaram para trás.

## **Conforto de um Pai Falecido**

Aqui, um progenitor regressa para oferecer à minha correspondente tranquilidade sobre uma decisão difícil. Ao fazê-lo, ele demonstra que a sua preocupação com a filha continua viva e que os falecidos têm geralmente uma razão sólida para os seus esforços de comunicação connosco.

"Em 1971 deixei a casa dos meus pais. A minha infância não tinha sido muito feliz. Duas semanas depois de me ter mudado, o meu pai morreu de um ataque cardíaco. Ele faleceu precisamente

quando a minha mãe estava prestes a sair para o trabalho, uma manhã. Ela estava especialmente transtornada porque tinham discutido na noite anterior.

"Não mostrei qualquer emoção no funeral. Nos dias que se seguiram ao serviço, a minha mãe exerceu muita pressão sobre mim para eu voltar para casa. Ela estava agora completamente sozinha e não queria ficar na casa sozinha, particularmente porque o meu pai tinha morrido no quarto deles. Senti-me realmente culpada, pois pensava que era minha responsabilidade voltar a morar com ela; mas não conseguia voltar e perder o que tanto queria e precisava — a minha liberdade.

"Numa noite de trabalho, cerca de duas semanas após o funeral, eu estava a dormir no quarto do meu novo apartamento. Estando sem dinheiro, só podia pagar dois quadros, como pósteres com cartão atrás, para cobrir as paredes do quarto. Eram enormes — com cerca de dois pés e meio de largura por três pés e meio de comprimento. Às 02:10 da manhã (posso ter a certeza da hora porque tinha um relógio digital perto da cama), ambos os pósteres caíram da parede ao mesmo tempo e estrondaram no chão. Sentei-me na cama, olhei para o relógio e depois olhei para a porta da frente.

"O apartamento estava escuro, mas eu conseguia ver o meu pai parado à porta, com o roupão que costumava usar. Assegurou-me que estava bem e perguntou-me se eu estava bem e o que ia fazer naquele fim de semana. Tentou confortar-me quanto à minha decisão de não voltar para casa. Depois disse-me que me amava e disse para eu me cuidar.

"Foi uma conversa muito informal e amorosa. Não me recordo de falar, por isso tenho quase a certeza de que a nossa comunicação foi telepática. Quando terminou, percebi que nem sequer tinha ficado assustada. Não conseguia acreditar no quão calma tinha estado, porque nessa altura da minha vida eu tinha realmente medo do escuro e de qualquer tipo de ocorrência psíquica. Mas tinha

parecido tão natural estar apenas a falar com o meu pai, que estava morto.

"A minha irmã e o marido dela, que viviam no apartamento de baixo, não tiveram tal experiência."

L.D.

### **Uma Possível Experiência Poltergeist**

Esta história, contribuída pela mesma pessoa que a anterior, pode representar um desejo semelhante por parte do falecido em confortar os vivos. Mostra, também, que os que partiram podem colocar uma certa quantidade de energia física nos seus esforços para entrar em contacto connosco.

"A minha segunda experiência ocorreu um dia no verão passado, enquanto eu estava com dois amigos na cave da casa onde um deles vivia. Estávamos a conversar há um par de horas, tendo uma discussão interessante sobre sexo, e a beber para nos mantermos frescos. Mesmo no meio da nossa conversa, as partes de trás de dois quadros caíram das suas molduras ao mesmo tempo, fazendo com que as molduras e o vidro se partissem. As fotografias eram dos dois filhos da minha amiga, um dos quais estava nas forças armadas e fardado.

"Enquanto isto acontecia, a minha amiga olhava para mim espantada, sem saber o que fazer. Perguntou-me se algo estaria errado com o filho dela e se eu achava que a queda dos quadros era algum tipo de sinal. Tentei tranquilizá-la, mas senti muita energia no ar.

"No dia seguinte, a minha mãe ligou-me a dizer que o meu tio tinha morrido no dia em que os quadros caíram. No funeral, contei à filha do meu tio a experiência. Como este tipo de coisa já me tinha acontecido antes, pensei que poderia ser a forma de o meu tio fazer a filha saber que ele estava bem."

L.D.

Bons conversadores geralmente passam parte do tempo a falar e parte a ouvir. Há algumas coisas que querem dizer aos seus parceiros, e algumas que gostariam de ouvir deles. Os mortos podem seguir as mesmas regras de um bom relacionamento. Acabámos de ver vários relatos nos quais eles contactaram os vivos para lhes dar alguma mensagem. As nossas próximas duas histórias mostram o outro lado da moeda — o desejo dos falecidos de comunicarem com aqueles na vida física para que possam aprender connosco.

### **Um Convite**

Nesta história divertida, encontramos uma alma que deseja obter informação e orientação dos vivos. Fiquei bastante impressionado com a forma informal como a tia da minha correspondente expressa este desejo — "Quando é que vens cá...?"

"Num dos meus sonhos, comuniquei com uma tia que tinha morrido em 1947. A minha tia apareceu subitamente diante de mim e disse: 'Eh pá, Warren, que dificuldade tive eu em chegar até ti!' Isto sobressaltou-me de tal modo que fiquei mudo de espanto.

"A minha tia perguntou então: 'Quando é que vens cá ensinar-nos?'. Isto sobressaltou-me ainda mais, pois eu tinha plena consciência de que ela estava morta!

"Respondi: 'Passarei por aí um dia destes'. Pareceu ficar entendido entre nós que eu lhes ensinaria sobre Jesus e o material de Cayce.

"Aparentemente a minha resposta satisfez-na, pois ela disse: 'Está bem'. E partiu tão rapidamente como tinha vindo."

W.W.

O relato acima mostra que, pelo menos em alguns casos, os mortos podem aprender lições úteis com os vivos. Isto leva-nos a um ponto muito importante: fazer a transição não dá automaticamente a uma alma sabedoria ilimitada. O mesmo

conceito é ilustrado na nossa história seguinte. Aqui, novamente, podemos ver almas que ainda habitam o plano terrestre a entrar em contacto com os vivos por causa das lições que podem obter.

### **Fantasmas Assistem a uma Palestra**

Edgar Cayce contou uma vez ao meu marido Bill e a mim esta história breve mas fascinante. Ela levanta uma possibilidade interessante: mesmo em momentos em que não estamos conscientes disso, aqueles no outro lado da vida podem estar em contacto connosco.

Edgar Cayce teve uma experiência invulgar numa noite de tempestade em que estava programado para dar uma palestra. O cenário era uma loja vazia que tinha sido convertida num salão de festas. Estava a chover tanto que apenas alguns amigos e familiares lá estavam.

O Sr. Cayce estava prestes a cancelar a sua palestra quando viu clarivamente pessoas do outro lado da vida a entrar no salão até que quase todas as cadeiras estivessem ocupadas. Isto convenceu-o a prosseguir com o seu discurso. Aqueles poucos membros da audiência que ainda estavam na vida física disseram mais tarde que a sua palestra naquela noite foi a mais inspiradora que alguma vez o tinham ouvido dar. Portanto, se alguma vez falar em público, não fique desanimado se o salão não estiver cheio. Podem estar lá fantasmas!

### **Um Encontro Alegre**

As leituras de Cayce dizem-nos que as almas das pessoas que partiram da vida física permanecem em torno da terra até que o seu desenvolvimento as leve para outro lugar. Vários dos relatórios que recebi apoiam esta ideia de que, eventualmente, os mortos avançam das suas atividades não materiais em redor do nosso planeta. A seguinte história de uma reunião feliz é um bom exemplo, mostrando que as almas dos mortos não estão todas no mesmo lugar. A falecida mãe do meu correspondente ainda estava no plano

terrestre e, por isso, foi capaz de comunicar com o seu filho. Mas o seu falecido pai tinha, evidentemente, avançado para além disso e, portanto, não estava disponível nem para o filho nem para a mãe.

"Neste sonho de contacto, que ocorreu em 1973 ou 1974, vi a minha mãe, que tinha morrido há cerca de sete ou oito anos. 'Oh, Mãe', disse eu, 'és mesmo tu!' Abraçámo-nos, e foi um momento muito feliz para mim.

"Depois ela disse: 'Não consigo encontrar o teu pai. Procurei e procurei por ele, mas não o consigo encontrar'.

"Eu disse: 'Mãe, ele provavelmente já avançou para outro plano de existência'.

"Ela pareceu compreender e, em poucos momentos, o 'autocarro' dela chegou. Beijámo-nos e dissemos adeus. Ela entrou então no autocarro e partiu."

W.P.V.

Histórias como esta, que mostram que as almas se afastam da terra em certas etapas do seu desenvolvimento, fazem-nos naturalmente parar e perguntar para onde é que o desenvolvimento leva a alma. Várias passagens no material de Edgar Cayce falam-nos sobre estes reinos não terrenos que a alma pode vir a habitar. Numa dessas leituras, Cayce diz que na morte apenas "passamos de um quarto para outro" do grande universo de Deus. (2282-1) Estes "quartos", os destinos das almas que deixam o plano terrestre, são estados de consciência associados aos outros planetas do nosso sistema solar. Cada um destes estados é um passo no caminho para a consciência expandida que Deus deseja que cada um de nós alcance e expresse nos nossos relacionamentos com os outros.

Outra leitura (541-1) explica que cada reino não terreno tem características distintas próprias. Portanto, cada um tem uma contribuição específica e necessária a dar para o crescimento espiritual. Quando chega a altura de a alma do falecido deixar a

terra, ela é atraída para o ambiente planetário mais adequado à sua etapa individual de desenvolvimento.

Significa isto que, quando as viagens físicas aos nossos planetas vizinhos se tornarem possíveis, seremos lá saudados pelos nossos parentes mortos, a caminhar em pequenos corpos verdes? Uma ideia interessante e, para algumas pessoas, talvez atraente. Mas, de acordo com as leituras de Cayce, não será assim. Ao falar do nosso sistema solar, Cayce afirma especificamente que "apenas no plano terrestre, no presente, descobrimos que o homem é carne e sangue..." (3744-3) Cayce associa os planos não terrenos no nosso sistema a estados de consciência necessários para os aspetos não materiais do crescimento da alma.

O que podemos esperar que aconteça à medida que a alma deixa o plano terrestre para os reinos não terrenos? Num aspeto, essa mudança poderia ser semelhante à morte física. As leituras de Cayce dizem-nos que uma alma é composta por um corpo físico; um corpo mental; e um corpo-alma, ou corpo espiritual. O corpo-alma é um habitante dessa dimensão que chamamos céu. O corpo mental é o nosso veículo de experiência para muitos dos reinos pós-morte. O corpo físico é um cidadão daquilo a que agora chamamos lar, esta terra.

Cada um destes "corpos" é apropriado para o seu próprio reino. Quando a alma parte de uma dimensão para outra, deixa para trás o corpo adequado à antiga residência. Tal como uma alma cuja vida física terminou deixa o seu corpo material para trás, uma que se está a mover para além da fase não material das suas atividades na terra deixa o corpo que habitou nesse domínio e do qual já não necessita.

Aqui está a explicação para um fenómeno interessante, observado uma vez por um indivíduo que tinha deixado o corpo físico e visitado o lado não material do plano terrestre. Após esta aventura, a pessoa perguntou ao Sr. Cayce por que razão alguns seres vistos no plano não material eram animados, enquanto outros pareciam ser imagens de cera.



Na sua resposta, Cayce identificou as imagens como "invólucros" (*shells*), sendo cada um "... o corpo de um indivíduo que foi deixado quando o seu eu-alma se projetou" para outras dimensões. (516-4) Estes invólucros poderiam ser comparados às cinzas que permanecem no mundo físico após a cremação do corpo material. Aqueles que o consulente tinha visto ainda não se tinham dissolvido no reino astral. Os seres animados, por outro lado, eram indivíduos que ainda estavam a experienciar ativamente a existência na fase não material do plano terrestre.

A passagem da alma da esfera terrestre para outros reinos é o tema da nossa próxima história. Aqui podemos ver que, tal como a própria morte física, esta mudança de um plano espiritual para outro não é um evento casual; é algo para o qual a alma se prepara. Se a minha correspondente estiver correta ao interpretar este incidente como uma mensagem de despedida, este relato apoia a ideia de que o período normal de comunicação com as almas partidas dura enquanto elas permanecerem em torno da terra.

### **Uma Viagem no "Rio da Vida"**

Este relatório foi contribuído pela mesma pessoa que nos deu o relato no Capítulo 3 sobre o sonho profético de um amigo acerca do seu falecido pai e do seu vizinho Ike. Embora a atividade aqui descrita seja algo diferente, o tom emocional desta história é semelhante à visita de despedida da minha mãe a mim.

"O meu amigo teve outro sonho de contacto com o seu falecido pai. Nesta experiência, o pai do meu amigo disse-lhe que ia fazer uma viagem de barco subindo um rio. O pai do meu amigo levou-o então a um cais e mostrou-lhe uma canoa nova que disse ter acabado de construir.

"O meu amigo olhou para a canoa e disse ao pai que ela não parecia ter sido envernizada. O pai sorriu e disse: 'Olha mais de perto'. Quando o meu amigo o fez, descobriu que a canoa tinha, de

facto, sido envernizada, com um tipo de acabamento muito bom que era quase invisível a olho nu.

"A minha interpretação deste sonho foi que o pai do meu amigo estava prestes a mudar-se para outro plano de existência e que estava realmente preparado para esta viagem. Quando chegasse à sua nova dimensão, a comunicação com o filho poderia já não ser possível, e por isso tinha feito esta última visita para dizer adeus.

"Tanto quanto sei, o meu amigo nunca mais teve outro contacto com o pai."

W.J.W.

A história que encerra este capítulo contém uma mensagem de despedida mais explícita. Tal como a anterior, mostra uma alma que está preparada para se mover de uma dimensão espiritual para a seguinte. Um ponto interessante é que, neste caso, a alma mantém a esperança de que um contacto futuro possa ainda ser possível, mesmo depois de ela ter avançado. Talvez isto mostre uma capacidade de regressar, em casos de emergência, das esferas não terrenas de volta ao lado espiritual do plano terrestre. Este relatório também nos dá um sentido vívido da necessidade da alma de progredir e desenvolver-se no outro lado, e demonstra que esta necessidade pode ser suficientemente forte para se sobrepor à dor de uma filha querida.

### **Um Progenitor Amado Segue em Frente**

A mulher que nos deu esta história tinha tido duas experiências anteriores com o seu falecido pai, que são relatadas no Capítulo 7. Neste relato comovente, a preocupação do pai com ela é óbvia, tal como é a importância deste contacto para ela. Muito possivelmente foi esta comunicação, por mais dolorosa que tenha sido recebê-la, que permitiu à minha correspondente encerrar o seu relatório com uma afirmação de fé.

"O meu terceiro sonho de contacto com o meu falecido pai foi diferente dos dois primeiros. Neste, eu estava totalmente consciente do que se estava a passar e não precisei de acordar para compreender o seu significado. Este sonho ocorreu cerca de dois anos após a morte do Papá.

"No sonho, eu estava a caminhar por um trilho através de uma floresta numa zona montanhosa. Vi o Papá mais à frente no trilho, à minha espera. Corri para ele, cheia de alegria por vê-lo. Notei que ele estava vestido para fazer caminhada. Tinha uns jeans, uma camisa de flanela, botas e uma mochila — um traje que tenho a certeza de que nunca usou quando estava fisicamente vivo.

"Disse-lhe: 'Vais-te embora!'. E eu sabia que ele ia.

"Comportei-me então tão mal que, mais tarde, quando acordei, fiquei envergonhada. No sonho, chorei e chorei e implorei-lhe que não partisse. Continuei assim durante muito tempo com um desespero que nunca experienciei enquanto acordada.

"Apesar de toda a minha angústia, o Papá estava calmo, amoroso e reconfortante; mas não deixou dúvidas na minha mente sobre qual seria o resultado. Fez-me compreender que, se eu realmente precisasse dele, ele estaria disponível, e que em tempos de grande dor, dificuldade ou tristeza, ele estaria comigo.

"O meu soluço acordou-me, e continuei a chorar durante muito tempo.

"Quando o meu pai deixou esta vida física, eu tinha ficado orgulhosa da forma como tinha dado a aparência de lidar com a sua morte. Mas a verdade é que eu tinha estado quase em estado comatoso! Sentia imenso a falta dele e estava quase dominada pela dor. Na verdade, eu não tinha lidado de todo com a sua morte.

"E assim, os meus primeiros contactos com o Papá após a sua passagem tinham-me trazido grande alegria e conforto. Na altura deste terceiro sonho, eu tinha passado a sentir que ele era uma parte da minha vida quotidiana. A nossa comunicação nestes sonhos

parecia tão normal. Nunca ouvi o meu pai falar em nenhum deles, mas sabia sempre o que ele me queria dizer.

"Sinto que ele me apareceu neste sonho porque compreendeu que eu não tinha lidado verdadeiramente com a sua partida. Sei que ele não queria apenas seguir em frente e deixar-me a perguntar por que razão ele já não estava presente quando eu pensava nele ou o chamava. Se o Papá não tivesse vindo ter comigo naquele último sonho, provavelmente eu teria ficado doente ou deprimida e não compreenderia porquê.

"Agora sei que não há morte da alma!"

B.L.D.

## CAPÍTULO 6

### QUEM SOMOS APÓS A MORTE

Qualquer pessoa que pense na vida após a morte certamente se pergunta quanto da sua própria consciência será transformada ao despojar-se do corpo físico. "Serei ainda eu — a pessoa que conheço como sendo eu?". Por um lado, podemos esperar manter as nossas personalidades, de acordo com as leituras de Cayce e as diversas histórias que recolhi. Pelo menos por um período substancial após a morte, as nossas preferências e aversões são mantidas.

Os nossos interesses e aspirações continuam. Ao mesmo tempo, pode haver uma expansão de quem sabemos que somos. Podemos tornar-nos conscientes de uma perspetiva mais ampla do significado da vida. Na linguagem que Edgar Cayce usava, poderíamos dizer que a personalidade continua após a morte mas, ao mesmo tempo, é provável que haja um despertar da individualidade — a identidade da alma.

## Uma Questão de Orgulho

Nesta história encontramos uma alma que expressa preocupação sobre um assunto totalmente comum. Esta é uma das características que torna este relato tão credível. Ser capaz de usar sapatos tinha sido importante para a mãe da nossa narradora antes da sua morte; continuou a ser importante para ela depois. Aqui está uma clara ilustração de como a identidade da personalidade sobrevive.

"A minha filha, que tem agora vinte e dois anos e é casada, teve vários sonhos psíquicos e premonições, particularmente durante os seus anos de adolescência. Uma experiência de sonho muito interessante e invulgar surgiu-lhe após a morte da minha mãe, em março de 1982. A minha filha pode ter esquecido esta experiência, mas ela significou muito para mim, pois confirmou que existe vida após a morte.

"No sonho, a minha falecida mãe disse à minha filha para me informar de que eu tinha feito um excelente trabalho com o funeral e os seus preparativos. No entanto, ela não gostava de ser enterrada sem sapatos, e havia uns que teriam servido se eu tivesse procurado apenas um pouco mais!

"A minha mãe tinha tido edema antes da sua morte, e tinha ficado muito perturbada por nenhuns sapatos decentes lhe servirem. De facto, lembro-me de comprar um tamanho muito grande apenas para que ela pudesse calçá-los. Ela mal conseguia caminhar com eles, mas ter sapatos adequados ajudava a sua autoestima. Após o seu falecimento, uma parente e eu tentámos em vão encontrar um par que servisse e combinasse para ela. Mas, como a sua aparição posterior à minha filha mostrou, o calçado era uma questão de orgulho para ela, e achou devastador ser enterrada sem sapatos!"

I.Y.

Esta história mostra graficamente que, após a morte, o falecido ainda é basicamente a mesma pessoa que era antes. Este facto pode

ser visto nos desejos, interesses e preocupações que as almas partidas comunicam aos vivos. Manifesta-se também nas memórias, emoções, atitudes e crenças que mantêm após a sua transição. E, nalguns casos, é mostrado até nas suas atividades do outro lado.

Ao longo dos capítulos anteriores, vimos evidências consideráveis de que continuamos a existir após a morte física. Neste capítulo, daremos um passo além desta verdade básica e veremos que sobrevivemos à morte, não apenas como membros da raça humana, mas como indivíduos com personalidades distintas. Por outras palavras, para ter uma ideia de quem é provável que venha a ser após a morte, comece por olhar para a pessoa que é agora. A nossa próxima história reforça este ponto de forma muito clara. Não envolve contacto com uma alma no mundo espiritual mas, em vez disso, este relato descreve como os sonhos de uma pessoa deram uma lição detalhada sobre a natureza do estado pós-morte.

### **Uma Possível Premonição**

Esta descrição do que poderá ser estar morto afirma claramente que as memórias e emoções individuais perduram. Em todos os elementos da personalidade da minha correspondente, a morte causa apenas uma única mudança.

"Num sonho, eu estava a bordo de um avião e estávamos a descolar. Após alguns momentos ouvi um barulho forte, seguido de uma vibração terrível na parte traseira do avião. Começámos a mergulhar e as pessoas gritavam de terror. Voltei-me para o homem ao meu lado, bati-lhe na perna e tentei acalmá-lo dizendo-lhe que ficaríamos bem, mesmo que morrêssemos. Eu estava calma até me ocorrer que poderia não morrer, mas sim ficar gravemente ferida e sofrer muito.

"No momento do impacto e antes de me magoar, vi a minha alma deixar o meu corpo. Nesse ponto, todo o movimento pareceu parar. Percebi o que tinha acontecido e chamei o meu eu

desencarnado para ver como ele era. Por força de vontade, virei-o para me encarar. Era exatamente igual a mim.

"Querendo muito saber o que sobrevive após a morte, passei através deste eu desencarnado ou eu-alma, parando tempo suficiente para fundir a consciência de alguma forma. Percebi que quase nada se perdeu! Este eu tinha a minha memória — até mesmo a minha morada e número de telefone. As minhas emoções e tudo o resto sobre mim, exceto o instinto de sobrevivência, era igual. Para descrever melhor esta diferença: a minha alma não tinha medo de ferimentos, doença ou morte; não tinha nenhuma das muitas emoções ligadas a tal experiência. Após fazer esta descoberta, acordei.

"Três dias depois, um DC-10 despenhou-se na descolagem em Chicago, matando quase todos os que estavam a bordo. Eu soube que este era o desastre que tinha experienciado no meu sonho."

K.G.

O seguinte relato de uma visita noturna ilustra alguns dos mesmos conceitos do relatório anterior. A memória que a alma tem dos seus projetos de acolchoados (*quilting*) e o seu interesse nesse passatempo sobreviveram à sua transição. O mesmo aconteceu com o seu gosto por visitas sociais. Pelo que nos é contado aqui, parece que a morte mudou muito pouco a personalidade desta mulher, se é que mudou alguma coisa.

### **Uma Visita de Outro Mundo**

Esta história é atraente pela completa naturalidade da conversa de sonho entre a minha correspondente e a sua mãe. Podemos facilmente imaginar que muitas mães e filhas fariam sobre as mesmas coisas da mesma maneira. A única diferença é que aqui uma das participantes está morta.

"Várias mulheres e crianças pareciam estar a entrar e a sair ruidosamente do meu quarto. Eu disse: 'Fechem essa porta'. Queria dormir. Uma das pessoas manteve-se de costas meio voltadas para

mim e parou no lado oposto da minha cama, perto da cabeceira. Soube que era a Mamã.

"Senti-me feliz, mas tão surpreendida. Disse: 'O que estás aqui a fazer? Não podes estar aqui. Tu estás...'

"Antes de eu conseguir dizer 'morta', ela disse: 'Posso ir a qualquer lado que queira. Sou livre de ir para onde quiser'.

"Percebi que podia perguntar-lhe qualquer coisa e ela responder-me-ia. Também soube que, para continuar a nossa conversa, teria de permanecer no meu estado de sonho. Perguntei: 'O que fazes o dia todo?'.

"Nesta altura ela estava ao fundo da cama. Outra mulher, cujo rosto entrou em foco mais nitidamente do que o da Mamã, parou ao lado dela e olhou diretamente para mim. A Mamã olhou de relance para a outra mulher, riu-se e disse: 'Falo muito'. Claro, pensei eu — ela sempre gostou de visitar pessoas.

"Depois disse: 'Acho que fui eu que fiz essa colcha que está na tua cama'. De facto, tinha sido ela — um padrão de jardim de flores vermelho e branco."

"Eu disse: 'Certamente que fizeste. Fizeste imensas colchas, não foi? Calculo que tenhas feito trinta'. Ela disse, com um ar algo convencido: 'Mais perto de cem'. O sonho terminou aqui, talvez porque entrei num sono mais profundo. Penso que a outra mulher era uma irmã minha que tinha morrido em 1948 com vinte anos. Ela olhou tão intensamente para mim que senti que deveria conhecê-la. Esta mulher aparentava ter trinta ou trinta e cinco anos, e vestia um vestido tipo túnica semelhante a um que já vi ser usado por Maria, a mãe de Jesus. Gostaria de ter falado com ela; parece que esperaram que eu iniciasse a conversa."

U.S.

Embora a nossa próxima história nos leve numa jornada de alcance muito mais amplo, ela exhibe a mesma qualidade natural e a



mesma continuidade de traços de personalidade que a anterior. Um detalhe interessante neste relato é a mudança de idade notada no falecido, que aparecia mais jovem do que tinha sido na altura da morte. Edgar Cayce afirmou que, enquanto nesta dimensão envelhecemos, no outro lado da vida os velhos rejuvenescem. Apenas os muito jovens amadurecem. Geralmente, os cinquenta anos de idade são considerados o ideal nesse reino.

Cayce explicou uma vez este fenómeno a uma pessoa que perguntou: "Por que razão vi o meu pai e os seus dois irmãos como homens jovens, embora os tenha conhecido quando tinham cabelos brancos?"

A sua resposta: "Eles estão a crescer, por assim dizer, no plano eterno. Pois, como pode ser experienciado em cada entidade, uma morte é um nascimento. E aqueles que estão a crescer aparecem então no seu estado de crescimento". (516-4) Por outras palavras, eles estão a reexperienciar a juventude, o estado no qual o crescimento ocorre naturalmente.

### **Uma Visita a Outro Mundo**

Neste relato, o entusiasmo da alma partida em mostrar à minha correspondente o seu novo local de residência, e a conversa casual na encosta de uma colina, mostram a permanência de uma amizade próxima e descontraída que os dois devem ter partilhado enquanto ambos estavam vivos.

"H.K., um amigo próximo, morreu de forma bastante súbita há pouco mais de um ano, aos quarenta e nove anos. Pouco depois da sua morte, tive um sonho no qual o vi muito claramente, e ele parecia um homem na casa dos vinte anos.

"No sonho, o H.K. estava a mostrar-me o seu mundo. Disse-me que eu provavelmente não me lembraria de todos os lugares a que ele me levava. Ele era capitão na marinha, e notei que as pessoas ao seu redor o tratavam por 'Capitão'. Recordo-me de ele falar com vários 'professores', mas eu não conseguia compreender bem o que

ele lhes dizia. Parece-me que ele me estava a mostrar 'reflexos' ou algo nesse sentido. As coisas eram semelhantes ao plano terrestre, embora me lembre de sentir que estava um pouco frio.

"Sentámo-nos na encosta de uma colina ou num cenário de tipo paisagístico, e conversámos e rimos como sempre costumávamos fazer. Perguntei-lhe se ele tinha planeado morrer, e ele disse: 'Não, mas estou a dar-me bem'.

"Quando acordei, estava consciente da sensação de que tinha estado acordada todo o tempo, passando do estado de sonho para a minha consciência normal de vigília. Parece que o H.K. me mostrou muitos lugares naquele mundo; mas, como ele tinha dito, quando a experiência terminou eu não me lembrava de muito. Sei que, por alguma razão, mostrar-me o lugar para onde tinha ido era importante para ele. Ele parecia estar um pouco confuso no seu novo ambiente, mas estava a ajustar-se. Reconheço que isto é um pouco vago, mas foi essa a impressão com que fiquei."

R.J.G.

Um sentido semelhante de comunicação confortável entre amigos está presente na nossa história seguinte. É interessante que, neste caso, o falecido não mostre qualquer vestígio da confusão ou inconsciência que muitos dos recém-falecidos podem experienciar. Talvez isto se deva à sua natureza animada. Vimos que uma pessoa que deseja apenas descansar após a morte pode permanecer inconsciente por um tempo extremamente longo; é razoável que alguém cheio de entusiasmo e ansioso por prosseguir com a sua nova aventura no outro lado da vida se levante e comece a agir muito rapidamente.

### **Um Amigo Assiste ao Seu Próprio Funeral**

Nesta história, o nosso narrador apresenta-nos uma alma a transbordar de entusiasmo e vitalidade — traços que a pessoa bem pode ter possuído durante a vida física. Seria difícil imaginar uma

ilustração mais poderosa de que os mortos continuam a viver; como vemos aqui, eles podem ser, de facto, muito vivos.

"H.L. era um homem que eu admirava muito. Embora tivesse sonhado com ele antes de o conhecer em Virginia Beach, eu não me tinha sentido particularmente atraída por ele nessa altura. Mas quando o conheci alguns anos mais tarde no Havai, achei-o muito cativante. Após meia hora de conversa, senti-me como se tivéssemos sido próximos toda a vida. Em encontros subsequentes aqui no Havai e em Virginia Beach, desfrutámos da companhia um do outro, conversámos livremente e partilhámos confidências. Sentia-me tão próxima dele como de muitos dos meus amigos que conhecia há anos. Rezei por ele diariamente após a sua cirurgia renal e continuei a fazê-lo desde o seu falecimento.

"Vários dias após o seu falecimento, o H.L. veio ter comigo num sonho e conversámos sem parar como duas crianças. Ele estava excitado e a sua voz estava num tom agudo. Falou-me de todas as coisas que ele pensava que tínhamos em comum. Eu sabia que ele estava errado, pois não tinha as qualidades dele, mas tive vergonha de o dizer.

"O H.L. estava muito entusiasmado com o seu próximo serviço fúnebre memorial e pediu-me para comparecer. Fui com ele a um lugar distante. Lá ele encontrou vários parentes e velhos amigos. Parecia mais animado do que nunca!

"Sentaram-se todos ao longo de uma parede traseira, numa saliência, num banco ou em cadeiras, com janelas atrás deles. Observei isto à distância, pois não havia lugar para mim naquela secção. A parte de trás da sala tinha a forma de um L, e eu sentei-me de lado. O H.L. e os seus amigos conseguiam ver a cerimónia, mas do lugar onde eu estava sentada só conseguia vê-los a eles. Não conseguia ver nem ouvir o memorial. Todos os que estavam sentados ao longo das janelas, na parte de trás, estavam tão felizes pelo H.L.; no entanto, ele próprio parecia estar totalmente absorto no serviço."

H.G.

### **O Amor Sobrevive Além-Túmulo**

A nossa individualidade sobrevive à morte de outras formas além dos simples traços de personalidade que mantemos após a transição. Ela também perdura no nosso afeto contínuo por aqueles que nos são próximos. Grande parte da minha correspondência transmite a mensagem encorajadora de que o amor resiste ao falecimento do corpo. As pessoas que nos são queridas na vida física continuam a ser-nos queridas na morte.

A sobrevivência do amor pode ser vista no relatório seguinte. Este relato pode ser uma descrição de uma recordação de uma vida passada, uma premonição de morte no futuro, uma experiência atual fora do corpo ou uma simples representação de como é morrer. Mas, em qualquer caso, uma preocupação real pelos entes queridos é demonstrada no desejo do meu correspondente de evitar assustar o seu filho e na sua preocupação em aliviar a dor da sua esposa. O seu desejo de a confortar e dizer que estava bem é tão semelhante aos sentimentos expressos em muitas das nossas outras histórias que podemos considerá-lo uma parte comum da experiência da morte.

### **Uma Experiência de Morte**

Este relatório foi contribuído pelo mesmo homem que nos deu o relato anterior e o do desastre de avião. Aqui temos uma imagem clara da sobrevivência da individualidade e do afeto.

"Outra experiência na qual 'morri' também ocorreu num sonho. No início desta, eu estava a assistir a um evento desportivo e sentado nas bancadas. Um homem que chegou tarde disse-me que tinha acabado de estar com o Senhor. O Senhor tinha-lhe dito que era a minha hora de morrer.

"Eu disse: 'Não, não aceito isso', e comecei a correr. Corri, corri e corri, e finalmente cheguei a casa.

"Uma vez em casa, são e salvo, senti que tinha escapado e que ficaria bem por enquanto. Fui para o meu quarto e sentei-me na borda da cama para tirar os sapatos, como costume fazer quando chego a casa. Nesse momento senti uma dor no peito. Soube então que não tinha escapado de todo.

"Chamei um dos meus filhos e — não querendo assustá-lo — disse-lhe muito calmamente para chamar a mãe. Queria vê-la antes de partir. Enquanto ali estava sentado, a dor piorou, e percebi que a criança se tinha distraído e esquecido do meu pedido.

"Decidi naquele momento que era inútil lutar mais. Cedi e comecei a cair, mas antes de atingir o chão as minhas pernas deram um solavanco. Mantive os olhos abertos, pois não queria perder a consciência e perder o que ia acontecer. Quando as minhas pernas deram o solavanco, elas de alguma forma projetaram o meu eu desencarnado para fora, através da planta dos meus pés. Fiquei surpreendido e logo me vi a flutuar de cabeça para baixo no meu quarto. Fiquei embaraçado, pensando no quão tolo deveria parecer e que uma alma desencarnada deveria parecer mais digna, por isso virei-me para a posição correta.

"Estava preocupado com a minha mulher e não queria que ela sofresse. Por isso fui ter com ela à cozinha e tentei dizer-lhe que estava bem, mas ela não me ouviu. Senti que se gritasse suficientemente alto imprimiria na mente dela que eu estava bem. Queria ficar com ela tempo suficiente para garantir que esta mensagem chegasse e para a proteger de qualquer forma que pudesse. Mas havia uma força impulsionadora a puxar-me e eu tinha de a seguir, por isso parti."

K.G.

A nossa próxima história trata de novas aparições de Artie, cuja visita reconfortante inicial à sua esposa foi relatada no Capítulo 1. Aqui podemos ver mais uma vez que ele ainda se preocupa com as mesmas pessoas que eram importantes para ele na vida física. O seu

amor contínuo é claramente visível no seu desejo de estar na celebração do aniversário da sua mãe; no cuidado que dá à sua neta no outro lado, e no impulso de dizer aos que ficaram que ela está bem; e no facto de estar presente para a sua esposa quando ela precisou de tranquilização numa ocasião posterior.

### **Novas Visitas de uma Alma Amorosa**

Neste relato, a nossa narradora dá-nos uma imagem convincente da vitalidade que uma alma pode possuir após a sua transição. A história demonstra a sobrevivência do amor e mostra os efeitos muito reais e positivos que as garantias deste afeto duradouro têm frequentemente sobre os vivos.

"Tinha sentido que o meu primeiro encontro com o Artie acabaria por ser um acontecimento isolado, um evento único, e que nunca se repetiria. Mas no verão seguinte, quando voltei à nossa cidade natal para ajudar os meus parentes a celebrar o octogésimo nono aniversário da minha sogra, descobri que estava enganada.

"A família estava toda reunida, tendo acabado de se sentar numa cafetaria, quando olhei para cima e lá estava o Artie, a carregar um tabuleiro e a vir na nossa direção. Ele vestia uma camisa desportiva branca e calças azul-marinho, exatamente o que costumava usar. E era tão natural que ele quisesse estar ali.

"Quis dizer: 'Olhem, o Artie também está aqui'. Mas esta foi uma experiência tão passageira, durando apenas um segundo, que não a mencionei a ninguém. Além disso, não sabia como a família reagiria, por isso mantive-me em silêncio — embora eu própria tenha guardado o evento como um tesouro. Cerca de um ano mais tarde, quando estava a visitar estes parentes novamente, contei-lhes sobre as duas aparições do Artie até à data, e eles acharam-nas bastante interessantes.

"A minha terceira visita do Artie foi outra muito breve. Aconteceu após a morte de uma querida neta de sete anos, a Sarah,

em resultado de um trágico acidente. Disse à mãe dela, a minha filha, que o Avô estava a cuidar dela, e ela concordou que ele estaria.

"Por isso acho que não fiquei realmente surpreendida quando um dia olhei para cima e vi o Artie e a Sarah ali parados juntos, de mãos dadas e a sorrir. Telepaticamente, ele dizia-me: 'Sim, eu tenho a Sarah, e estou a cuidar dela'.

"A quarta aparição do Artie foi um verdadeiro choque. Porque surgiu quatro anos mais tarde, o impacto de perdê-lo tinha diminuído e eu estava a habituar-me à separação. Esta experiência foi muito real e durou muito mais tempo do que as outras.

"Na altura, eu pertencia a um grupo inter-religioso judeu-cristão que estava a apresentar uma palestra por um orador distinto. O grupo deu um jantar antes do discurso para que pudéssemos conhecer o orador e conversar com ele, e eu estava a assistir ao convívio. Era uma das poucas vezes que tinha estado num tal encontro desde a morte do meu marido, pelo menos entre pessoas com quem eu não era realmente amiga próxima. A maioria das pessoas ali eram casais, por isso eu era provavelmente a única pessoa solteira presente.

"Antes de o jantar começar, eu estava sentada num sofá com um par de mulheres que tinha acabado de conhecer e com as quais tinha estado a conversar. Tinha-me virado para o lado, sentindo-me só e muito solitária, quando olhei para cima em direção a uma grande janela do outro lado da sala, e ali estava o Artie! Ele estava perfeitamente relaxado e à vontade, com um grande sorriso no rosto e uma mão num bolso do belo fato azul que costumava usar em eventos sociais.

"Ele parecia tão maravilhoso, tão brilhante. Não digo no sentido de estar iluminado, mas apenas tão cheio de vida e energia que quase brilhava com um fulgor interior — e tão jovem! Sei que isto é uma coisa estranha de se dizer sobre alguém que morreu, mas é verdade.

"E, novamente, ele tinha uma mensagem silenciosa para mim: 'Sim, eu sei que é duro, eu sei que é difícil, mas não estou realmente assim tão longe de ti'. Uma mensagem tão simples, mas tão maravilhosa.

"A visão, ou o que quer que tenha sido, teve vários matizes. Houve uma aprovação implícita da atividade na qual eu estava a participar. De algum modo, também senti uma despedida, como se o Artie quisesse que eu soubesse que ele estava a seguir para outra coisa, e isto fosse um adeus. Fiquei preenchida com tal sensação de paz e de exultação que não tenho muita certeza do que aconteceu no resto da noite. Este sentimento durou várias semanas.

"Estava no centro da cidade na semana a seguir ao convívio e lá encontrei um homem que costumava trabalhar para o meu marido. Quase deixei escapar: 'Oh, Reggie, eu vi o Art na semana passada e ele estava com tão bom aspeto!' — tal como se diria sobre qualquer pessoa que estivesse fora há algum tempo.

"Não tenho uma explicação completa para estes acontecimentos. Sei que foram reais e maravilhosos e que reafirmaram as minhas próprias crenças. Também sei que nunca terei medo de morrer. Penso que talvez se houver um vínculo forte entre as pessoas enquanto estão vivas, não é irracional supor que este vínculo seja por vezes suficientemente poderoso para quebrar a barreira da morte. Além disso, como alguém me fez notar, todas as quatro aparições do Artie ocorreram em momentos em que eu estava sob tensão; talvez isso tenha tido algo a ver com permitir que estes eventos acontecessem.

"Penso que não é bom para ninguém prender-se a alguém após a morte, sofrer tão excessivamente e por tanto tempo que o falecido possa sentir-se preso à terra pela dor e não ser capaz de prosseguir com o seu desenvolvimento. Eu certamente não tinha feito isso com o Artie.



"Estarei sempre extremamente grata por estas experiências e gostaria de as poder partilhar mais. Conteí a muito poucas pessoas sobre elas, e apenas a pessoas que eu sei que as aceitarão como válidas — aquelas que não reagirão como uma mulher que disse: 'Não quero pensar em pessoas a voltar dos mortos'; ou outra que comentou: 'Oh, isso é terrível. Eu não gostaria disso'. Estas pessoas têm direito às suas opiniões, claro. Mas se não tiveram a experiência, não a critiquem."

M.A.

O nosso próximo relatório é invulgar na medida em que combina descrições da experiência em vigília de uma pessoa e o sonho de outra. Com ambas a receberem a mesma mensagem da mesma fonte e ao mesmo tempo, temos uma prova impressionante de que a comunicação com os mortos realmente teve lugar. O amor contínuo do falecido pelos vivos é claramente retratado aqui, tal como o efeito benéfico da tranquilidade que deram. Talvez neste caso tenha sido a urgência da oração do marido que provocou o contacto.

### **Conforto Vindo dos Falecidos**

Na vida, por vezes mostramos a nossa preocupação pelos nossos entes queridos acalmando os seus receios e tranquilizando as suas mentes. Com esta história, o meu correspondente mostra que os mortos podem expressar a sua devoção por nós da mesma forma.

"A minha mulher estava em trabalho de parto. Ela estava com grandes dificuldades e temíamos pela sua vida. Ajoelhei-me à cabeceira da sua cama e comecei a rezar com todo o meu coração, mente e alma.

"De repente, uma luz brilhante apareceu num canto do quarto onde a minha mulher jazia, e vi o meu pai e a minha mãe a olhar para mim e a sorrir. O meu pai falou e disse: 'Tudo ficará bem. A tua mulher dará à luz um rapaz'.

"Quase no mesmo momento a minha mulher acordou, sorriu e disse: 'Acabei de ter um sonho maravilhoso! A tua mãe e o teu pai estiveram aqui, e disseram que tudo ficaria bem e que teríamos um filho'.

"E assim foi."

H.G.

A história seguinte dá outra imagem vívida do afeto duradouro entre progenitor e filho. Também traz à tona várias das ideias que encontrámos no capítulo anterior. A melhoria física das almas no outro lado é mostrada, tal como a sua necessidade contínua de aprender, de se desenvolver e de ganhar experiência.

### **Visitando um Filho Amado**

Este relato foi contribuído por uma mulher que perdeu o filho em tenra idade. Mas, como se pode ver facilmente aqui, ela nunca perdeu o seu amor.

"Tentarei relatar-vos os meus sonhos, pois sinto que estava a comunicar com o meu filho, que morreu em janeiro de 1980 aos nove anos. A morte do meu filho deveu-se a cancro e não foi inesperada quando ocorreu. No final não tínhamos sido capazes de dizer adeus, embora eu tenha falado com ele enquanto ele estava inconsciente.

"Em setembro de 1980 sonhei que o via. Ele estava num ambiente de sala de aula e a trabalhar no canto da sala mais distante de mim. Não conseguia aproximar-me dele. Fui impedida por uma presença se tentasse abordar o meu filho ou comunicar com ele. Disseram-me apenas para observar."

"O meu rapaz aparecia fisicamente igual ao que era em vida, embora estivesse a caminhar sem dificuldade. Antes da sua morte, ele estivera paralisado da cintura para baixo, mas tinha finalmente conseguido deslocar-se com um andar muito rígido e desajeitado. Este problema não estava presente no sonho.

"O meu contacto seguinte com o meu filho ocorreu em agosto de 1982. Num sonho, ele estava fisicamente sentado a uma mesa, e foi-me permitido sentar-me ali com ele. Não nos era permitido falar, mas eu podia segurar a mão dele. A sua aparência era aproximadamente como eu a recordava, exceto que as suas pálpebras estavam a tremer.

"A certa altura, eu disse algo sobre os seus olhos serem invulgares, e ele começou a desaparecer. Percebi então que ele estivera a tentar manter a sua forma corporal para minha tranquilidade e que o que eu tinha visto não era o seu estado normal.

"Em julho de 1985, sonhei que o meu filho estava vivo. Ele simplesmente apareceu e ficou connosco alguns dias. Soube tão bem apenas abraçá-lo! Ele e o irmão brincaram juntos como se estivessem ambos vivos e ambos com o mesmo tamanho. Até me perguntei sobre planos para a escola e o que diria às pessoas depois de ele partir. Não discutimos o processo da morte ou onde ele tinha estado.

"Passado algum tempo, ele começou a desaparecer e a colapsar. Disse que percebia que tinha de partir novamente, acrescentando que era do que ele precisava e que não era para nos preocuparmos. Disse-me que me amava e despediu-se. Abraçou-me e beijou-me, e depois desapareceu fisicamente."

P.H.

### **As Nossas Atitudes e Crenças Continuam Vivas**

Mencionei num capítulo anterior que o falecimento do corpo nos pode oferecer uma nova perspetiva sobre a vida contínua da alma. Isto poderia levar alguns de nós a esperar que, na morte, toda a nossa estrutura mental fosse alterada drástica e instantaneamente. Poderíamos antecipar que, na vida após a morte, todos seriam diferentes, mais sábios. Por muito tentadora que tal ideia possa ser, ela ignora a existência contínua de cada alma como um indivíduo

com livre-arbítrio. A morte não transforma uma pessoa noutra; não altera automaticamente atitudes e crenças.

Este princípio foi-me demonstrado por uma mulher que precisava de encorajamento para se libertar de um padrão mental restritivo do seu falecido marido. Ela parecia ter esquecido que ele ainda era o mesmo homem que fora antes de morrer.

Esta mulher perguntou-me sobre as suas experiências com o falecido marido. Depois de ele estar morto há cinco anos ou mais, ela conheceu outro homem por quem se veio a apaixonar e que queria casar com ela. Ela hesitou porque o seu falecido marido lhe apareceu, apontou para uma fotografia do seu novo amigo, franziu a testa e abanou a cabeça. Ela interpretou isto como sugerindo que o casamento pretendido não seria bom, e por isso recusou-se a ver mais o homem. Alguns anos mais tarde, conheceu e afeiçoou-se a outra pessoa que queria casar com ela. Mas, novamente, o seu marido apareceu e expressou a sua desaprovação.

Foi neste ponto que ela me contou a sua história. Perguntei-lhe: "O seu falecido marido era ciumento?".

"Oh!", disse ela, "quase arruinou o nosso casamento."

Reconheci o problema instantaneamente e disse-lhe: "Tenho novidades para si — ele não mudou! Diga-lhe que se sente sozinha, que ama este homem e que vai casar com ele".

Foi o que a mulher fez, e está agora casada muito feliz. O seu falecido marido seguiu em frente.

De forma semelhante, conheci outra mulher cujo falecido marido mantinha atitudes que tivera antes de falecer. Aqui, o homem continuava a valorizar um objeto que fora especialmente importante para ele em vida. A viúva experienciou uma série de visitas logo após se casar novamente. Numa conversa sobre as suas experiências perturbadoras, perguntou-me: "Por que é que o meu falecido marido continua a aparecer, apontando para a minha aliança de casamento e abanando a cabeça?".

Indaguei se havia algo de invulgar na aliança. Ela disse: "Nada que eu saiba".

Depois perguntei se, por acaso, a aliança era uma herança de família passada através da família dela ou talvez da do seu antigo marido. Ela contou-me que tinha perdido a aliança dada pelo seu novo cônjuge, e que a aliança atual era a que o seu falecido marido lhe tinha dado.

Agora eu compreendia. Com certeza que o seu antigo marido não queria que ela usasse a aliança dele estando casada com outro homem!

Sugeri que ela pedisse ao seu marido atual para lhe comprar outra aliança e, assim, permitisse que o seu ex-cônjuge seguisse em paz. Ela seguiu este conselho e as visitas inquietantes cessaram. Tenho a certeza de que o seu primeiro marido ficou também mais contente.

As nossas crenças religiosas e filosóficas são outra parte de nós que é provável que permaneça consistente após a nossa transição. Edgar Cayce reforçou este ponto de uma forma humorística mas instrutiva. Numa leitura, ele disse que, na morte, a iluminação não se segue automaticamente devido à pertença de um indivíduo a uma denominação religiosa específica. Pelo contrário, há um grande benefício potencial a ser derivado de qualquer sistema de crença que nos aponte para um ideal único baseado no amor de Deus. Além disso, levamos esse ponto de vista religioso connosco para a vida após a morte. Como Cayce disse:

"... não considere por um momento... que uma alma-entidade individual passando de um plano terrestre como Católico, Metodista, Episcopaliano, seja outra coisa porque está morta! Ele é apenas um Episcopaliano, Católico ou Metodista morto." (254-92)

A continuidade da crença é mostrada na história de um homem que conheci em Houston. O seu sistema de pensamento nesta vida afetou as suas experiências na seguinte. Ele encontrou o que

esperava encontrar após a transição. Tal como na história do fantasma que se afogava (que encontrámos no capítulo anterior), a morte não o fez transcender imediatamente o seu preconceito contra a *reencarnação*. Infelizmente, a sua esposa deu crédito a mais às afirmações que ouviu num contacto pós-morte.

A história começa com o nosso grupo de estudo de Cayce que se reunia na casa deles durante o período em que o marido estava a morrer de cancro. Este homem sentia que a *reencarnação* e muitos dos outros conceitos que o grupo discutia não eram verdadeiros. Acreditava que temos apenas uma vida, durante a qual criamos o nosso destino para a eternidade. Numa noite, pouco depois de o grupo se ter reunido, o homem morreu.

Pouco tempo depois, a sua mulher relatou que ele lhe tinha aparecido num estado de sonho e dito: "Eu bem te disse — não existe tal coisa como a *reencarnação*". Assim, a mulher cessou a sua atividade com o grupo de estudo.

Há muitas pessoas que acreditam que, quando uma alma parte, ela torna-se subitamente "omnisciente". Feliz ou infelizmente, isto não é verdade — daí a necessidade de muitas encarnações. As crenças e descrenças que um indivíduo mantém durante esta vida continuarão após a morte, e essa alma entrará provavelmente na sua experiência seguinte na vida física com esta mesma visão sobre assuntos espirituais. Nós não vamos para o céu; temos de crescer para ele!

### **Realização Contínua no Outro Lado**

A nossa existência após a morte não é senão a fase seguinte da vida. Tal como nós, que ainda estamos fisicamente vivos, temos objetivos a alcançar, aqueles que partiram continuam a ter a oportunidade para realizações positivas. Há trabalho a ser feito, mesmo no outro lado. Como mostram vários dos meus relatórios, nalguns casos o falecido permanecerá envolvido em atividades semelhantes às aquelas que a pessoa tinha desempenhado antes de

fazer a passagem. Evidentemente, pelo menos alguns dos meios de serviço e crescimento abertos às almas além da morte não são muito diferentes daqueles que nos estão disponíveis na vida física.

Este ponto foi ilustrado num número de sonhos de Edgar Cayce, nos quais ele via a criação de um lugar na vida após a morte onde poderia continuar a dar leituras psíquicas assim que se mudasse para essa dimensão. Num exemplo, o sonho do Sr. Cayce mostrou que a necessidade de usar os talentos especiais que desenvolvera durante a sua vida não terminaria com a sua morte. O sonho trouxe à tona uma das implicações mais esperançosas da *reencarnação*: as capacidades que nos esforçamos por ganhar durante a vida física não desaparecerão quando deixarmos o corpo para trás. Elas permanecem uma parte de nós e serão nossas para delas dispormos no futuro. O Sr. Cayce relatou o seu sonho da seguinte forma:

"Encontrei-me na terra do além, e reconheci o lugar como estando no caminho que eu percorria ao ir à 'Casa dos Registos' para obter informação de vidas passadas para as leituras de vida. Muitas pessoas que eu conhecia estavam lá. Disse-lhes que tínhamos de construir ali um lugar onde pudéssemos dar leituras, tal como fazíamos na terra. Encontrei então um homem que reconheci como sendo um construtor e pedi-lhe que construísse a casa para mim.

"Ao início o homem disse: 'Eu tenho a minha própria casa. Por que razão haveria de ter de trabalhar aqui?'.

"Respondi: 'Tal como trabalhámos na terra, assim devemos trabalhar aqui também. Se ficarmos satisfeitos e apenas nos sentarmos aqui, nunca chegaremos lá acima nem encontraremos Aquele que procuramos. Ele, Jesus, pode passar por este caminho, mas não estaremos prontos para ir a lado nenhum a menos que estejamos a fazer algo. Penso que temos muito a dizer a estas pessoas.

"É bonito, é adorável e é calmo aqui. Não temos de nos preocupar com o vento, ou com o tempo, ou com algo para comer, ou com o dia e a noite, ou com qualquer outra coisa, porque é tudo o que quisermos. Mas lembra-te, Ele disse-nos que devemos fazer sempre tudo com decência e ordem.'

"Então o construtor disse: 'Conheço alguns dos outros tipos aqui — está bem, vamos construí-la'." (294-196 Suplemento)

Alguém poderia dizer que este é um sonho interessante, mas ainda assim perguntar-se se há alguma verdade nele. Terá Edgar Cayce continuado realmente a dar às pessoas orientação útil após a sua morte? Pela minha própria experiência pessoal, posso responder com um "Sim" definitivo.

### **Edgar Cayce Ainda de Serviço**

O incidente seguinte mostrou-me sem qualquer dúvida que Cayce ainda está a usar o seu talento e que continua interessado em aliviar as enfermidades físicas dos outros, tal como estivera durante a sua vida terrena.

Há alguns anos desenvolvi uma alergia a marisco. Como não como carne de porco e muito pouca carne de vaca, alimentos como o peixe têm sido uma parte importante da minha dieta. Assim, rezei uma noite perguntando se havia algo que eu pudesse fazer para me permitir comer marisco. Tive então uma visão na qual vi uma mão estendida segurando um pouco de alho. Quando experimentei o remédio sugerido nesta visão, descobri que podia comer marisco impunemente se seguisse a refeição com uma cápsula reforçada de óleo de alho.

Uma noite, após comer peixe e tomar o óleo de alho, fiquei com urticária! Durante três dias e noites estive em agonia. Por isso rezei novamente: "Porquê, ó Senhor, porquê?". Desta vez vi uma imagem de dois cavalos a puxar uma carruagem, imediatamente seguida de uma cena de quatro cavalos a puxar outra carruagem. Para mim, a mensagem era clara: dobrar a força da pílula de alho. Mas, para ter a



certeza, entrei em meditação com a pergunta: "Será que fiz a interpretação correta?". Em resposta, ouvi a voz de Edgar Cayce dizer uma palavra — "Exatamente!". Parecia vir de milhas de distância no espaço.

Escusado será dizer que o remédio funcionou. Cayce ainda estava disponível para me ajudar. Não há morte da alma!

A mesma continuidade de atividade é descrita noutra história sobre o contacto com os falecidos — neste caso, com o filho de Edgar Cayce, Hugh Lynn. Aqui podemos ver Hugh Lynn a fazer uso construtivo dos seus talentos pessoais e a realizar o mesmo tipo de trabalho em que estivera envolvido antes da sua morte. Ele continua a mostrar o mesmo interesse nas pessoas e a servi-las da mesma forma que fizera durante a vida física.

### **O Aconselhamento Continua**

Este relato transmite uma sensação do profundo vínculo pessoal entre o nosso narrador e o seu falecido conselheiro. Dá-nos também uma imagem vívida da felicidade que uma alma pode encontrar após a morte e como essa alegria pode ser aumentada mantendo-se ocupada de formas positivas.

"Enquanto estive na marinha, costumava ir a Virginia Beach uma vez por semana para ver Hugh Lynn Cayce para sessões de aconselhamento privado. Continuei com esta prática até ele falecer em julho de 1982. Ele ajudou-me de mais formas do que as que posso dizer aqui e, após a sua partida, perguntei-me se ele alguma vez soubera o quão grande fora o benefício que eu derivara do meu contacto com ele.

"Cerca de seis meses após o falecimento de Hugh Lynn, tive um sonho no qual estava num lugar que parecia ser um 'escritório vibratório' — parecia um escritório, mas era mais colorido, brilhante e etéreo. Quando entrei, pressenti (em vez de ver) muitas pessoas sentadas numa sala de espera. Eu segurava uma caixa ou presente na mão.

"Hugh Lynn saiu para a sala de espera e eu dei-lhe o presente. Não sei o que estava na caixa, mas ele pareceu satisfeito e agradeceu-me. Ele parecia muito 'brilhante', como eu o recordava. Parecia especialmente feliz e ocupado. Percebi que ele estava a realizar o trabalho de aconselhamento que fizera na terra, mas agora estava a aconselhar almas a um nível superior.

"Depois de acordar, senti que ele agora sabia da minha gratidão pela ajuda que me tinha dado durante a sua vida."

R.G.

### **Crescimento e Desenvolvimento na Vida Após a Morte**

Como muitas das nossas histórias mostraram, após a morte a alma tende a manter os traços de personalidade, os laços emocionais, as atitudes, as crenças e os talentos que possuía na materialidade. Pode até continuar no mesmo trabalho que fizera antes da transição. Mas esta continuidade não significa que, na morte, a nossa existência se torne estática. A mudança é possível no outro lado.

Esta é uma ideia muito esperançosa, uma vez que virtualmente todos nós passamos desta vida com dificuldades pessoais ainda por resolver. A morte não elimina todos os nossos problemas nem nos transforma em novas pessoas. Também não termina com a nossa oportunidade de trabalhar nesses problemas. Os falecidos podem continuar a crescer, a aprender e — se necessário — a melhorar-se a si mesmos e às suas relações com os outros.

Cada um destes pontos pode ser visto nas nossas duas próximas histórias, que me foram enviadas pela mesma pessoa.

### **Reconciliação Após a Morte**

Este relatório mostra que a relação difícil entre a minha correspondente e a sua mãe não foi instantaneamente suavizada pela morte da mãe. Mas a possibilidade de trabalhar nos problemas e melhorar a associação continuou mesmo após o seu falecimento.

"A maioria dos meus contactos tem sido com a minha mãe, e a maior parte destes — embora nem todos — ocorreu em sonhos.

"Enquanto a minha mãe estava viva e era muito uma força na minha vida, comecei a ter sonhos em que ela gritava comigo e me repreendia. Nessa altura eu não conseguia ver que, de facto, ela me estava a dominar de formas pouco saudáveis.

"Embora a sua morte em 1973 num acidente de carro tenha sido um choque terrível para mim, trouxe-me também uma sensação de ser libertada — livre. Só agora estou a começar a valorizar o quanto eu precisava dessa libertação. Mesmo com ela, estou a ter uma luta para me ver livre da influência dela. Agora os meus sonhos com a minha mãe envolvem quase sempre eu a dar-lhe lições — discutindo qual costumava ser o efeito dela sobre mim e defendendo as minhas próprias escolhas e o meu próprio ponto de vista.

"Na primavera passada, enquanto lia *Revelation* de David Spangler e *The Road Less Traveled* de M. Scott Peck, foi-me mostrado que, quando eu era adolescente, os meus pais venderam o meu único amigo — um cavalo! Fiz esta descoberta num sonho no qual estava zangada com os meus pais por venderem o cavalo. Nesse sonho o meu pai estava a conduzir o nosso carro. Eu estava no banco do passageiro e a minha mãe estava atrás. Voltei-me para ela a certa altura e disse ominosamente: 'Bem, estás a acumular uma conta considerável, não estás?'.

"Ao início presumi que o sonho não era literalmente sobre a venda do cavalo, mas durante todo o dia senti-me estranha em relação a isso e ameaçada, como se algo pavoroso estivesse prestes a apanhar-me. Finalmente surgiu. Foi a perceção de que eu estava zangada, tinha desconfiado e odiado os meus pais por venderem o cavalo, e nunca lhes tinha perdoado por o fazerem.

"Após lidar com estas emoções durante algum tempo, decidi ver se a Mãe estava presente. Falei com ela e senti que ela estava ali.

Ela parecia estar a perguntar o que podia fazer para que eu lhe perdoasse. Ao início disse que não havia nada; o mal estava feito.

"Mas depois percebi que eu também me sentia culpada em relação ao cavalo — tinha sonhado com ela durante anos e anos. Perguntei: 'Como está o meu cavalo? Estão a cuidar dela?'. Disse à minha mãe que a única coisa que ela podia fazer era encontrar o cavalo, mesmo que a minha antiga mascote já tivesse renascido. Responsabilizei a minha mãe pelo bem-estar do animal. Queria que ela me trouxesse o cavalo ou me mostrasse que ela estava bem e não tinha sofrido.

"Quando disse isto, a minha mãe pareceu ficar aliviada, como que contente por ter algo que pudesse fazer por mim."

P.C.

### **Encorajamento Vindo dos Falecidos**

Tal como na relação com a sua mãe, a nossa colaboradora tinha também questões pendentes com o seu pai — problemas que não foram eliminados com a passagem dele. Muito possivelmente, o desejo sincero de reconciliação por parte de todos os três está a ajudar a promover a cura contínua evidente nestes dois relatos.

"A minha experiência mais significativa com o meu falecido pai ocorreu em março passado. Tive um sonho sobre começar um programa de doutoramento em Inglês na Universidade de Denver, como eu quisera fazer outrora. Ambos os progenitores apareceram no sonho, e a minha mãe fez alguns comentários queixosos. Mas o meu pai insistiu que eu deveria entrar no programa e disse enfaticamente que ele pagaria por isso."

"Acordei então e senti a sua presença, apenas pela segunda vez desde a sua morte. Fomos capazes de comunicar um com o outro e de esclarecer algumas questões que ficaram entre nós. Isto não foi muito difícil porque, embora ele tivesse sido distante e indiferente em vida, nunca tinha realmente mentido para mim ou tentado controlar-me. Senti que ele falava a sério sobre o que tinha dito

sobre o doutoramento. Saí dali a pensar que talvez eu quisesse mesmo o grau académico e que, de alguma forma, ele se tinha comprometido a fornecer-me os fundos necessários. Não sei como nem quando ele cumprirá esta promessa, mas aceito-a e confio nele.

"Nas minhas experiências até agora ao comunicar com os falecidos, aprendi que posso falar com uma pessoa desencarnada e obter uma resposta. Isto é verdade quer o contacto ocorra num sonho ou enquanto estou acordada. Também notei que aqueles que vêm ter comigo parecem seguir certas regras. A regra principal: se não podem dizer algo que ajude, não devem dizer nada de todo. Isto é bom para mim porque sempre tive muita dificuldade em ser ouvida por qualquer figura de autoridade. É adorável ser capaz de dizer o que penso sem ser atacada como resultado.

"Alguém — quem quer que esteja encarregue desta interação — está a proteger-me de ataques psíquicos e a proporcionar apenas oportunidades abertas para aprender, crescer e comunicar. Estou muito grata por isto porque, embora por natureza eu seja uma exploradora e esteja disposta a correr riscos, tornei-me tímida de algumas formas devido ao meu passado. Mas, após cinco anos e meio desta interação entre os planos, sinto-me bastante confortável a experimentar com ela.

"Provavelmente, a minha maior surpresa sobre tudo isto é o quanto a minha mãe e eu ainda temos de esclarecer entre nós. Cada vez que ela me visita, digo-lhe o que me vai na alma, respondo ao que parece ser a pergunta dela e sinto que estamos a dar grandes passos. Depois, uma semana ou duas mais tarde, descubro que ainda tenho de me defender, lutar com ela e estar envolvida em discussões que nunca tivemos enquanto ela estava viva!

"Absolutamente a coisa mais encorajadora que senti é que, depois de as pessoas deixarem a terra, elas continuam a aprender sobre a vida que acabaram de terminar de viver. As relações podem melhorar, as pessoas podem continuar a crescer em sabedoria e as famílias podem continuar a evoluir."

P.C.

A nossa história final deste capítulo é uma das minhas favoritas. Aqui encontramos uma alma que continua envolvida no mesmo tipo de trabalho que antes de fazer a passagem. Ele também mantém um hábito pessoal que tinha tido durante a vida física, e a descoberta deste hábito, anteriormente desconhecido pela minha correspondente, confere uma grande credibilidade a este relatório.

Mas este relato preocupa-se principalmente com as mudanças significativas na personalidade que um indivíduo pode sofrer após a transição. Dá-nos uma imagem muito encorajadora do potencial humano para o crescimento e melhoria após a morte, mesmo em casos onde esse potencial pode não ter sido aparente durante a vida física. Há aqui uma forte implicação de que as orações dos vivos podem desempenhar um papel importante ao ajudar os falecidos a fazerem um uso construtivo da sua capacidade de mudar.

### **Doug, o Assobiador, Encontra o Céu**

O colaborador desta história usou a oração para construir uma ponte entre si próprio e um colega de difícil acesso. Através dos seus esforços, surgiu alegria e sucesso onde tinha havido um fracasso amargo, e amizade genuína onde antes tinha havido isolamento. Estes resultados oferecem-nos a mensagem edificante de que as nossas ações em favor dos outros podem dar frutos belos, mesmo após a morte.

"O Doug era um sócio de negócios. Era um solitário, difícil de lidar, criativo, orientado para os detalhes, pouco prático e alcoólico. Eu não gostava especialmente dele. O Doug tinha tido uma vida muito difícil, que incluiu um período como prisioneiro de guerra num campo japonês durante a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, sofreu uma série de falências comerciais, sempre depois de ter estado envolvido em empresas de sucesso. Parecia perder tudo em empreendimentos de alto risco. Quando bebia, tornava-se beligerante e desagradável, e ninguém queria estar perto dele.

"Com o tempo, o Doug desenvolveu uma doença hepática que acabou por lhe tirar a vida. Visitei-o no hospital antes de ele morrer e rezei por ele até ele falecer. Durante onze meses após o seu falecimento, continuei a rezar por ele; como ele nunca tinha sido muito apreciado, senti que não haveria muitas pessoas a fazê-lo.

"Uma noite o Doug visitou-me num sonho, e ele estava com um aspeto maravilhoso! Parecia saudável, feliz e entusiasta. Disse-me que me estava grato. Presumi que ele se referia às minhas orações, por isso não lhe perguntei porquê. Disse-lhe como ele estava com um aspeto fantástico e que ajuste fantástico ele tinha feito por perder a sua família — a mulher e o filho — no ano anterior. (No sonho, eu tinha a sensação de que eles tinham morrido e o Doug e eu estávamos vivos.)

"O Doug queria que eu visse onde ele trabalhava e, porque ele estava tão entusiasmado, fui com ele. Entrámos num escritório bem mobilado e ele apresentou-me a um homem que tomei como sendo o seu sócio. O Doug esteve a trautear (*humming*) o tempo todo. Fiquei espantado por ele, mesmo quando atendia uma chamada telefónica, conseguir falar e trautear simultaneamente, sem deixar que uma coisa interferisse com a outra. Ele era obviamente um sucesso, finalmente, e eu fiquei genuinamente feliz por ele. Mostrou-me uma secretária vazia e disse-me que eu poderia ter uma parte igual no negócio se quisesse. Agradei-lhe mas disse-lhe que não podia aceitar, porque tinha outros compromissos.

"No dia seguinte a ter este sonho, liguei ao Bart, um amigo do Doug que cuidara dele frequentemente enquanto ele estava vivo, e contei-lhe a minha experiência. O Bart riu-se e riu-se, e disse que poucas pessoas conheciam a paixão do Doug por trautear. Ele só o fazia quando pensava que não estava ninguém por perto, mas o Bart ouvira-o muitas vezes. Ele ficou satisfeito e agradeceu-me pelas boas notícias. Nunca mais voltei a ouvir falar do Doug."

K.G.

O que é especialmente digno de nota sobre esta história final é um tema que observámos ao longo deste capítulo: continuidade e mudança. Elementos da personalidade mantêm-se, mas a oportunidade de mudar e crescer também está lá. Que pensamento reconfortante! A transição chamada morte não precisa de nos causar medo, uma vez que ainda nos conheceremos da forma familiar. Ao mesmo tempo, a nova vida na qual nascemos abre oportunidades adicionais para o desenvolvimento da alma.

## CAPÍTULO 7

### TRANQUILIDADE VINDA DOS MORTOS

Quando um amigo ou ente querido morre, talvez o que nós, que ficamos para trás, queremos mais do que qualquer outra coisa seja tranquilidade (*reassurance*). Desejamos algum sinal ou evento que nos convença de que tudo está bem com aquele que partiu. Não nos devemos sentir culpados por tal desejo — é uma parte natural de ser humano. Não significa que a nossa fé em Deus falhou ou que a nossa crença na vida após a morte é instável. Queremos tranquilidade simplesmente porque nos preocupamos muito com aquele indivíduo. Os relatos que me foram enviados mostram de forma convincente que os falecidos estão frequentemente dispostos e são capazes de fornecer essa garantia.

#### Conforto Vindo de Amigos Falecidos

Nesta primeira história, a nossa narradora fala de dois amigos falecidos que regressaram para lhe trazer mensagens de consolação. Estas visitas demonstram a preocupação que os mortos podem sentir pelos vivos e os efeitos muito reais e positivos que a expressão desta preocupação pode ter.

"Uma amiga próxima, que estava na casa dos setenta anos, estava muito infeliz com as suas circunstâncias, particularmente condições que envolviam o seu casamento. Ela sentia que não tinha



recebido a segurança que pensava que deveria ter. Começou a sentir-se doente e, após vários dias, caiu morta inesperadamente.

"Vários meses após a sua morte, pressenti que ela estava sentada numa cadeira junto à mesa na minha cozinha. Tinha um sorriso doce no rosto e parecia maravilhosamente relaxada. Parecemos conversar telepaticamente. Ela comunicou apenas duas palavras: 'É lindo'. Senti que ela queria dizer que estava num lugar lindo. A impressão então desvaneceu-se e fiquei com a sensação definitiva de que ela tinha realmente falado comigo, fazendo-me saber que estava feliz.

"Aproximadamente um ano mais tarde, um amigo jovem morreu inesperadamente durante o sono. Este homem estava apenas na casa dos vinte anos. Tinha crescido com o meu filho e senti-me tão mal com a sua passagem como se ele fosse um dos meus. Chorava cada vez que pensava nele.

"Uma manhã, enquanto preparava o pequeno-almoço e soluçava, ouvi a voz dele dizer: 'Não chore, Sra. L.'.

"Respondi em voz alta: 'Não chorarei'. Esta mensagem confortou-me, pois senti que tinha vindo diretamente dele."

B.L.

Ambos os incidentes relatados neste relatório ilustram um tema tranquilizador que é bastante comum no material que recebi: os mortos têm geralmente uma existência agradável no outro lado e não precisam realmente que sofram por eles. Isto é verdade mesmo em casos onde a pessoa tinha estado descontente na vida material, como no primeiro episódio; e naqueles onde a morte parece ser prematura, como no segundo.

Muitos relatos também revelam que os que partiram ainda estão conscientes dos nossos sentimentos e ainda se preocupam connosco. Frequentemente parece que o seu amor é o que os impulsiona a contactar-nos; querem oferecer-nos a consolação que pode ser encontrada em saber que a vida continua, muitas vezes

com alegria. Que os mortos vivem é a mensagem mais básica que comunicam nos seus contactos com os vivos — e talvez a mais confortante. A história seguinte dá-nos uma afirmação simples e direta desta verdade fundamental.

### **Um Fim Bem-Aventurado para a Separação**

No primeiro incidente aqui descrito, é mostrado à minha correspondente que a separação causada pela morte não é permanente. O segundo episódio demonstra que os falecidos podem perceber, apreciar e retribuir as nossas expressões de amor por eles. Juntas, estas mensagens dão-nos uma imagem bastante tranquilizadora da existência no outro lado da vida.

"Pouco depois de o meu pai morrer, entrei em meditação leve para ver onde ele estava. Instantaneamente vi-me na praia. Ali estava o meu pai e com ele estava a minha mãe, que tinha partido muito antes. Separados em vida, foram reunidos na morte.

"Sim, nós continuamos a viver. Eu sei disso! Em março passado o meu irmão morreu. Um mês ou pouco mais depois a minha irmã telefonou-me, transtornada devido a algumas coisas indelicadas que alguém tinha dito sobre ele. Eu tinha a certeza de que esses relatos sobre o meu irmão não eram verdadeiros e defendi-o. Depois de ter desligado o telefone, apaguei a luz, pronta para ir dormir.

"Instantaneamente o meu pé direito foi apertado, como num aperto de mão amigável. Eu soube que o meu irmão estava presente e tinha ouvido a conversa.

"Curiosamente, eu estava a recuperar de um pé partido na altura, e foi o pé bom que foi apertado. Ele soubera qual tocar. Sim, há vida após a morte!"

C.W.B.

O relatório seguinte também envolve uma mensagem de tranquilidade que foi recebida na vida em vigília. Aqui vemos que os mortos estão vivos e que podem permanecer perto de nós e ser

recetivos. A alma que encontramos nesta história tem uma forma interessante e surpreendente de transmitir esta mensagem confortante.

### **Tranquilidade Vinda de um Pai Amado**

Achei dois aspetos deste relato muito comoventes: a grande necessidade de consolação da nossa colaboradora na altura em que o incidente ocorreu e a capacidade notável de uma alma partida em preencher essa necessidade.

"Tive uma vez uma experiência que realmente me abalou. Sou arménia e, numa manhã de domingo, estive a ouvir um programa de rádio arménio. As canções que estavam a passar trouxeram-me muitas recordações de canções que o meu falecido pai costumava cantar. Quando o programa acabou, desliguei o rádio e senti realmente uma falta terrível do meu pai, pois tínhamos sido muito próximos. Comecei a chorar. Finalmente disse em voz alta: 'Papá, se consegues ouvir o que te estou a dizer, por favor dá-me um sinal para eu saber que estás aqui comigo'. Depois continuei com o meu trabalho.

"Algumas horas mais tarde, enquanto estava na cozinha, onde estava o rádio, ele ligou-se subitamente sozinho! Ora, em todos os anos que tenho rádio isto nunca tinha acontecido antes, e eu sei que tinha definitivamente desligado aquele rádio. Fiquei radiante com esta ocorrência porque, para mim, foi um sinal de que o meu querido pai me tinha ouvido e estava ali comigo."

C.R.

Tal como a história anterior, o nosso próximo relatório fala da mensagem tranquilizadora de um progenitor de que a morte não terminou com a sua existência. Neste relato, a minha correspondente descreve vividamente a grande alegria que o encontro lhe traz. Podemos também ver aqui a sobrevivência da personalidade, como demonstrado pelo facto de a alma partida

continuar a assistir a serviços religiosos e a não se preocupar com questões de vestuário.

### **Um Pai Ainda Assiste a Serviços na Igreja**

Nesta história, a nossa narradora dá-nos uma imagem alegre de uma relação amorosa entre progenitor e filho que perdura mesmo além do túmulo. Esta relação foi apresentada na história que encerrava o Capítulo 5.

"O meu primeiro sonho invulgar envolvendo o Papá ocorreu cerca de seis meses após a sua morte. No sonho, eu estava na igreja da minha terra, sentada no meio de um banco cheio de gente. Havia mais pessoas na igreja do que alguma vez me lembrava de ter visto. O nosso pastor estava a conduzir os serviços. Olhei para cima e vi o meu pai, sentado na cadeira do pastor atrás dele.

"Assim que me apercebi do Papá, ele levantou-se, caminhou lentamente até à ponta do banco onde eu estava sentada, parou e sorriu para mim. Saí do banco e um sentimento de alegria intensa percorreu-me. Lancei-me aos braços dele e disse, repetidamente: 'És real! És real! És real!'.

"Ele não falou, mas de alguma forma percebi uma resposta de 'Sim' vinda dele. Acordei, a tremer e a chorar de alegria.

"Depois comecei a rir, porque o Papá estava vestido com um dos seus fatos de golfe onde 'tudo combina', e estava amarrotado além de toda a imaginação. Ele não poderia ter escolhido um símbolo melhor para me transmitir a sua falta de preocupação com a arrumação, mesmo nisto, a sua nova vida."

B.L.D.

A nossa próxima história, que vem da mesma fonte que a anterior, mostra novamente a relação próxima entre pai e filha e a tranquilidade da sua existência contínua. Além disso, oferece um pensamento confortante: a verdade pode abranger todos os sistemas de crenças. Há a sugestão de que o pai da minha

correspondente sabia da dificuldade dela com a sua igreja e que foi o seu desejo amoroso de a ajudar com este problema que o impulsionou a entregar-lhe esta mensagem. O relato termina com uma afirmação do impacto útil da visita dele.

### **Uma Revelação Importante**

Na altura do sonho aqui relatado, a nossa colaboradora tinha tido dúvidas relativamente aos aspetos formais da sua vida devocional. A aparição do seu pai demonstrou que aqueles que partiram podem ainda estar presentes para nós com conselhos e orientação necessários. Este pensamento pode ser confortante e tranquilizador para qualquer um de nós.

"O meu segundo sonho sobre o meu falecido pai começou com nós os dois num cenário que pensei, na altura, ser algo como uma feira mundial. Íamos a exposições e observávamos as pessoas nos divertimentos. Passado um bocado, apercebi-me de que queria ir ver a apresentação ao vivo da pintura, *A Última Ceia*.

"Tornou-se uma obsessão para mim chegar a esta exibição. O Papá e eu parecemos ser atrasados muitas vezes, e a minha expectativa cresceu. Finalmente, tivemos de rastejar por um buraco de terra para chegar à grande caverna onde a exposição estava a ser encenada.

"Quando finalmente chegámos, estavam lá muitas pessoas. Algumas estavam ajoelhadas em frente à mesa, outras aleatoriamente por toda a sala grande. Toda a gente estava ou a rezar ou a olhar com temor para a apresentação. Eu estava de joelhos e olhei lentamente para o palco, esperando algo de grande beleza e inspiração.

"Fiquei atónita de incredulidade! Em primeiro lugar, os atores tinham maquilhagem a mais. As suas túnicas estavam esfarrapadas e sem brilho, e eles pareciam estar aborrecidos com toda a experiência. Fiquei ao mesmo tempo espantada e angustiada com o que vi.

"Olhei novamente para os outros à minha volta e não conseguia compreender por que razão toda a gente era incapaz de ver como a apresentação era falsa e horrível. Pensei para comigo que deveria haver algo de errado com a minha compreensão — como poderia eu estar sozinha a ver as coisas de forma tão negativa?

"Olhei para o Papá, que olhou de volta para mim, e percebi que ele estava em sofrimento. A sua dor e desconforto tornavam-se cada vez mais aparentes, e eu fiquei agitada assim como preocupada.

"O meu irmão e o irmão do meu pai apareceram subitamente, um de cada lado do Papá. O meu irmão parecia ser mais velho do que era naquela altura, e o meu tio aparecia mais jovem do que era na realidade. Pareciam ter mais ou menos a mesma idade e os seus rostos estavam brilhantes. Tinham expressões de grande paz e irradiavam saúde e bem-estar. Estenderam as mãos e seguraram o meu pai, e imediatamente ele, também, ficou em paz. Os três então sorriram para mim, viraram-se e afastaram-se.

"Quando acordei, não tive dificuldade em interpretar a parte da *Última Ceia* do sonho. Parecia razoável equiparar os meus sentimentos conscientes de estar fora de sintonia com a minha igreja com a forma como me senti ali sozinha perante o que percebi ser uma representação grosseira de algo sagrado, enquanto todos os outros estavam tomados de temor.

"Lutei durante vários dias com a segunda parte do sonho. Assombrava-me. Sabia que o significado era o que eu precisava, mas não vinha à superfície. Quando finalmente vi a luz, foi ofuscante!"

"O meu irmão, que é o único filho do meu pai, estava profundamente embrenhado nas religiões orientais. Quando estive em casa pela última vez, falámos durante muitas horas sobre a reencarnação e as implicações desse conceito. O irmão do meu pai fazia parte do movimento cristão *born-again* e pregava ativamente contra a astrologia e eventos psíquicos de qualquer tipo. Assim,

nestas duas pessoas, todos os elementos da minha luta em relação à minha igreja estavam representados.

"Para mim, esta parte do sonho transmitiu uma mensagem do meu pai que dizia: 'Não desespere. A resposta abranger-nos-á a todos!' Esta ideia foi um grande conforto para mim. Permitiu-me continuar a procurar a minha versão da 'Verdade' e deu-me fé de que eu não poderia isolar-me de Deus ou da salvação." B.L.D.

### **Visitas de uma Alma Jubilosa**

Um conceito tranquilizador aparece repetidamente no material que recebi: os mortos desfrutam de um estado de existência feliz no outro lado da vida. Isto pode ser visto na nossa próxima história, que nos dá um retrato de uma relação contínua e bem-humorada entre a minha correspondente e um amigo falecido. O relato é notável pelo seu tom relaxado e alegre e pela total naturalidade da presença da alma nos sonhos do nosso narrador. O retrato que o nosso colaborador aqui pinta é o de uma alma deliciosamente e contagiantemente feliz, cujos espíritos consistentemente bons seriam difíceis de rivalizar neste mundo ou no próximo.

"O meu amigo falecido tem estado presente em vários dos meus sonhos. Num deles, ele e eu estamos num grande ginásio com cerca de outras vinte pessoas. Ele está feliz e saudável; no entanto, no sonho, eu sei que ele está morto. Ele está a ensinar-me como é estar fora do corpo. Subitamente, percebo que estou a voar pelo teto enquanto os nossos corpos ainda estão no chão. É inebriante.

"Noutro sonho, o meu amigo está ao telefone. A sua voz parece distante, e ele diz que está tudo bem em relação a M.G., um associado seu que se suicidou.

"Sempre que o meu amigo aparece num sonho, ele é uma espécie de presença alegre — ele está apenas por 'ali', embora o sonho possa não parecer ser sobre ele. O meu sentimento é: 'Ah, ali está o meu amigo'. Mas, simultaneamente, sei que ele seguiu em frente. Por isso, senti muitas vezes que ele está de facto presente e

que a nossa relação continuou, e não que ele seja simplesmente um símbolo onírico no sentido habitual." L.C.

Um elemento deste relato pode parecer surpreendente: a ideia de que mesmo uma pessoa que tirou a própria vida pode estar bem no próximo mundo. Esta mesma característica pode estar presente no nosso próximo relato, que possivelmente envolve contacto com um suicida. Independentemente de como a mulher nesta história morreu, o ponto importante é a sua repetida garantia de que está bem e que a preocupação com ela é desnecessária.

### **Uma Alma Está em "Casa" e Feliz**

Recebi este relato de uma pessoa que estava evidentemente a sentir algum mal-estar devido à possibilidade de uma conhecida se ter matado. A visita da alma, transmitindo a mensagem de que estava tudo bem, deve ter tirado um grande fardo da mente do nosso narrador.

"Uma das minhas experiências foi com uma mulher chamada Ann, que eu conhecia há apenas um ano. Nunca fomos amigos próximos, mas convivíamos com as mesmas pessoas e encontramos frequentemente em vários locais. Durante vários destes encontros, tivemos discussões profundas sobre a fé.

"Uma noite, em resultado de uma explosão e incêndio no seu apartamento, a Ann morreu. Aqueles que a conheciam estavam divididos nas suas opiniões sobre se a sua morte foi acidental ou um suicídio. Na altura, eu estava firmemente convencido de que tinha sido um acidente.

"Só soube onde ou quando se realizou o funeral da Ann dois dias após o serviço, e isso deixou-me muito zangado. Eu queria dizer adeus a alguém que considerava uma boa pessoa, e ser-me negada a oportunidade de o fazer fez-me ver vermelho!

"Cerca de três semanas após a Ann morrer, eu estava a lavar a loiça e a pensar nela. De repente, ouvi a sua voz dizer: 'Estou bem'.



Na minha mente, expressei o meu pesar por ter faltado ao seu funeral. Ela disse: 'Não te preocupes com isso. Estou bem'.

"Então, mentalmente, perguntei-lhe: 'Foi um acidente ou não?'

"A resposta dela foi: 'Estou onde quero estar. Estou bem. Não te preocupes comigo. Estou feliz'. E abruptamente ela saiu da minha presença tão rápido quanto tinha entrado. Acreditei nela e deixei de me preocupar.

"No ano seguinte, conheci alguém que vivia do outro lado da rua da Ann quando ela morreu. Ele contou-me como tinha ficado no passeio a ver os bombeiros apagarem as chamas. Um dos bombeiros, que tinha estado dentro do apartamento, disse-lhe que o corpo da Ann parecia como se ela se tivesse ajoelhado e metido a cabeça no forno a gás. Os bombeiros tinham a certeza de que era suicídio; mas, uma vez que não havia seguros ou outros problemas legais envolvidos, declararam-no como um acidente para poupar os sentimentos da família." K.B.

A nossa próxima história descreve uma transformação do medo em felicidade e ilustra como essa felicidade pode ser comunicada aos vivos. Um aspeto interessante deste relato é a relutância do meu correspondente em regressar à vida normal desperta. Esta é uma característica que veremos novamente num capítulo posterior sobre experiências fora do corpo e de quase-morte. Esta resistência em regressar pode ser outra indicação da alegria que se encontra no reino que o nosso narrador experimentou com o seu amigo falecido.

### **Visitas de um Espírito Alegre e Travesso**

O colaborador deste relato fala-nos de dois encontros com um fantasma muito atraente. A história mostra vividamente que a morte não retira as características pessoais desta alma nem interrompe a sua capacidade de desfrutar da vida.

"A Anna era uma mulher especial. Era escritora *freelance* e uma viajante do mundo. Tinha dons psíquicos e tinha feito algum trabalho voluntário na biblioteca da A.R.E. em Virginia Beach.

"A Anna tinha enfisema crónico. Voltou para o Havai para passar os seus meses finais. Pouco antes de ser admitida no Hospice em Saint Frances, conheci-a pela primeira vez, através de um amigo. Cerca de um mês depois, ela escreveu e pediu para ser colocada na nossa lista de oração para a cura.

"Nesta altura, outro amigo sugeriu que visitássemos a Anna no hospício. Levámos-lhe fruta e ficámos para rezar e meditar com ela. Ela pediu-me para a ajudar na sua transição, e eu disse que o faria.

"A Anna viveu dois anos ou mais após a nossa primeira visita, deteriorando-se fisicamente ao longo do período. Ia vê-la várias vezes por semana e rezava por ela diariamente. Por vezes, ela ficava muito assustada e pedia-me para ficar com ela. Passei várias noites a dormir numa cadeira no seu quarto. Com o tempo, ela partiu.

"Dois meses após a morte da Anna, ela veio visitar-me num sonho. Era jovem e bonita, e usava um belo vestido cor de pêssego, de cetim e renda. Fiquei muito feliz por vê-la tão saudável e tão bem vestida! Caminhámos por um relvado e ela disse-me o quão bem se sentia.

"Mais tarde nesse sonho, dei por mim sentado num quarto de hospital vazio com ela. Um homem que tinha acabado de ser operado foi trazido para dentro, o que nos surpreendeu, pois pensávamos que tínhamos o quarto só para nós. Depois, um contínuo entrou no quarto com um carrinho de comida. Embora ele não nos pudesse ver nem ouvir, a Anna tinha-o chamado de alguma forma. Ele ficou confuso quando percebeu o que tinha feito, sem razão aparente. A Anna ficou encantada com a sua partida e com a confusão do homem. Ela e eu rimo-nos da sua travessura.

"Cerca de um mês depois, a Anna veio ter comigo noutro sonho. Estava com um amigo do sexo masculino. Preparámos alguma comida juntos, e ela disse-me que se ia embora. Pedi-lhe para ficar, mas ela disse que ambos tinham de ir. Perguntei se os

podia acompanhar. Ela disse: 'Não, não seria possível'. Não sabia para onde iam. Sabia apenas que queria ir com eles." H.G.

### **Bem-Estar na Vida Após a Morte**

Muitas pessoas diriam que a boa saúde é um ingrediente importante da felicidade durante a vida física. A situação não parece mudar muito com a morte, embora o corpo que uma alma tem na vida após a morte não seja exatamente igual a um corpo de carne. Os falecidos parecem frequentemente desfrutar de uma condição saudável. Na verdade, pode parecer um pouco estranho falar dos mortos estarem de boa saúde. Mas recebi vários relatos de visitas de indivíduos que, tal como a Anna, tinham estado persistentemente doentes em vida e, no entanto, tornaram-se modelos de vitalidade após a sua transição. Tais histórias transmitem a mensagem encorajadora de que qualquer doença — mesmo uma que tire a vida física de uma pessoa — pode ser superada. Esta garantia, uma das mais poderosas que os mortos nos podem oferecer, encontra-se em ambos os nossos próximos relatos.

### **Um Fantasma Feliz e Saudável**

Esta história mostra claramente a ligação entre saúde e felicidade no outro lado. Muito provavelmente, o desejo da amiga da minha correspondente de exhibir o seu vigor renovado foi importante para a motivar a fazer a sua primeira visita.

"Tive um sonho em que uma amiga falecida continuava a correr pelo meu apartamento. Estava vestida com um vestido branco com vivos cor de laranja. Os seus sapatos e a mala combinavam com os vivos cor de laranja do vestido. Achei que era adorável! Ela parecia cheia de alegria e boa saúde. Tinha estado muito doente antes da sua morte, e entendi que ela queria que eu soubesse que agora estava bem e feliz.

"Num sonho posterior, ela apareceu-me e disse: 'Esta é a última vez que poderei vir'. Sentámo-nos então num restaurante e

conversámos. Não me recordo do que foi dito, mas senti que era importante. Fiel à sua afirmação inicial, não a voltei a ver." A.F.

### **Um Retrato de Saúde Restaurada**

Aqui encontramos outra alma que passou de uma condição de doença física para uma de bem-estar vibrante na vida após a morte. A garantia jubilosa que esta transformação traz, tanto para o falecido como para o nosso narrador, é inequívoca.

"O Leo era membro do nosso grupo de estudo da A.R.E. em Davenport, Iowa. Periodicamente, tinha de ser hospitalizado. Um dia, eu e a minha mulher parámos para visitar o Leo a caminho de casa. Entrámos no seu quarto cerca de três minutos depois de ele ter morrido!

"Quase um ano depois, tive um sonho vívido no qual estava a assistir a uma reunião da A.R.E. com um grupo de membros da Associação que eu não conhecia. Estávamos reunidos na sala de conferências de um motel. Eu estava a falar com alguém quando a porta se abriu e vi o meu amigo Leo ali parado, a sorrir de orelha a orelha. Ele era o retrato da saúde e estava bem vestido.

"Eu disse: 'Leo, onde estiveste? Tenho estado à tua espera'. Abraçámo-nos e a reunião começou. Depois acordei." W.W.

O nosso próximo relato é composto por duas partes. A primeira reconhece que o mundo pode esquecer quem somos depois de partirmos. Mas a segunda afirma que, embora possamos ser esquecidos, continuaremos a viver e que, no próximo mundo, a nossa saúde pode ser recuperada.

### **Respostas a Duas Perguntas de Introspeção Espiritual**

O colaborador desta história ficou obviamente profundamente afetado pela morte de um progenitor querido. Há, no entanto, uma oferta de esperança para todos nós na declaração final do relato sobre a restauração da vitalidade na vida após a morte.

"Usando meditação profunda, fiz duas perguntas. Primeiro, por que razão a morte da minha mãe passou despercebida ao mundo? Não houve manchetes nos jornais, nem cavalos sem cavaleiro, nem luto geral. Ela era tão boa como qualquer pessoa que alguma vez passará por este caminho e, no entanto, a sua partida passou despercebida. Porquê? Segundo, por que razão alguém, tão bom como ela tinha sido, morreu de forma tão horrível devido aos estragos do cancro e de um tratamento médico inadequado?

"A resposta à primeira pergunta foi-me dada numa visão dos desertos do Egipto. Mostraram-me a Esfinge e as grandes pirâmides. Uma voz disse: 'Dezenas de milhares construíram estes monumentos para um punhado de homens. Milhões adoraram-nos como deuses. Onde estão esses homens agora? Quem eram eles? O que pensavam e com que se importavam? Quem se importa com eles hoje?' Vi o pó cobrir estas estruturas e disseram-me: 'É o destino de cada homem, mulher e criança ser esquecido. Esta é a natureza da humanidade'.

"A resposta à segunda pergunta veio a seguir. Vi um objeto preto que não consegui identificar. Afastou-se, e pude ver duas narinas. À medida que recuava mais, pude ver claramente a cadela que tínhamos tido durante treze anos. Ela não estava paralisada como tinha estado em vida, o seu pelo era tão dourado como tinha sido quando ela tinha dois ou três anos, e ela estava forte e saudável. Se eu estivesse lá fisicamente, ela teria saltado para cima de mim.

"Depois vi a minha mãe caminhar até à ponta da mesa onde a cadela estava sentada e colocar o braço à volta dela. A minha mãe usava um vestido bege com um cinto. Parecia jovem e saudável, não mostrando nenhuns estragos da quimioterapia que tinha suportado.

"Alguém me disse: 'Não te podemos explicar por que razão a tua mãe passou pelo que passou; mas não demos a morte à tua mãe. Demo-lhe a vida'."

B.Z.

Uma das próprias experiências oníricas de Edgar Cayce mostra que aqueles que amamos nunca estão perdidos. No sonho de Cayce, ele encontrou-se em arredores que o levaram a acreditar que poderia estar no mundo espiritual — a terra dos falecidos. Ele perguntou-se se seria capaz de ver o seu filho falecido, Milton Porter Cayce, que tinha morrido na infância. A cena mudou, e o Sr. Cayce viu fileiras e fileiras de bebês. De repente, reconheceu o seu próprio filho. Percebeu que a criança também o conhecia, pois sorriu para o seu pai, mas não disse nada, e o sonho terminou.

Numa leitura psíquica subsequente, foi colocada uma questão, pedindo uma interpretação do sonho de Cayce. A resposta indicou que este tinha sido um contacto real com o seu filho e que este sonho mostrava o reconhecimento real entre Cayce e o seu bebé falecido.

A sua experiência ilustra vários temas que estão presentes em alguns dos relatos mais emocionantes que recebi. Estes relatos deixam claro que aqueles que morreram continuam a reconhecer e a amar as pessoas que lhes foram próximas em vida. Eles mostram que a expressão deste reconhecimento e afeto contínuos, como o sorriso de Milton Porter Cayce para o seu pai, pode trazer grande alegria aos vivos. Eles também nos asseguram que o amor que duas pessoas sentem uma pela outra perdura, mesmo depois de uma delas ter partido.

Ambas estas verdades reconfortantes são evidentes nas nossas próximas duas histórias.

### **O Toque de uma Criança Falecida**

Nesta história simples, o nosso narrador dá-nos uma descrição eloquente da capacidade de uma alma responder à necessidade de consolação de um ente querido. Este relato confirma que os nossos gestos amorosos têm efeitos duradouros, e a devoção que expressam pode ser retribuída, mesmo para além da morte.

"Há anos perdi uma filha pequena muito subitamente. Com o meu luto veio um sentimento de culpa pelas vezes em que tinha sido menos do que paciente com ela. Numa ocasião, cheguei a casa do trabalho muito cansado. Quando ela tentou subir para o meu colo, eu disse com força: 'Oh, não faça isso. Está demasiado calor!'

"Esta menina era, na verdade, a mais velha das minhas duas filhas. Durante a parte inicial da sua breve vida, vivemos num apartamento. Lá, a mais pequena dormia num berço, e por vezes a menina mais velha partilhava a minha cama. Por vezes sentia-a a mexer-se, e eu esticava a mão e dava-lhe uma palmadinha suave na mão para a tranquilizar. Quando mudámos do apartamento, ela começou a partilhar um quarto com a irmã mais nova, e eu esqueci-me completamente das palmadinhas na mão. Passado algum tempo, ela partiu.

"Logo após o seu falecimento, tive um sonho que, embora breve — escuro e silencioso como os incidentes que recordava — foi claro e significativo para mim. A minha filhinha veio e deu-me palmadinhas na mão! Fiquei verdadeiramente confortado."

L.O.

### **A Visita de um Progenitor Devotado**

Um gesto de amor semelhante é o tema do nosso próximo relato. A experiência da mãe da minha correspondente mostra a afeição contínua dos mortos pelos vivos e a capacidade duradoura do amor de uma mãe para suavizar o luto do seu filho.

"A minha mãe adotiva teve várias experiências notáveis. Uma delas envolveu a sua mãe, que morreu em 1984, aos noventa e três anos. Pouco depois do seu falecimento, a Avó 'apareceu' no quarto da minha mãe uma noite, enquanto ela estava acordada e a chorar, sentou-se na beira da cama e deu-lhe um abraço! A mãe diz que só depois de se levantar na manhã seguinte é que se lembrou de que a Avó já tinha partido. Que coisa adorável de ter acontecido!

"A minha mãe não pode ter a certeza absoluta, claro, de que esta experiência tenha sido uma visão; poderia ter sido um sonho. Mas, dadas as circunstâncias — insónia produzida por uma angústia extrema — parece que 'visão' é a melhor descrição." C.P.P.

A nossa próxima história fornece a mesma garantia de que o amor continua e uma descrição semelhante do efeito poderoso que esta mensagem pode ter sobre os vivos. Juntamente com a comunicação de afeto, é-nos dado um retrato convincente da alegria que uma alma pode experienciar após a morte.

### **O Contentamento de um Pai**

O nosso colaborador descreve uma combinação de intenso amor e felicidade. A história resume belamente uma característica central na maioria dos relatos deste capítulo: ao mostrarem-nos a sua própria felicidade, os falecidos estão a expressar o seu amor por nós, fazendo o que podem para aliviar o nosso luto e demonstrar que este é injustificado.

"Eu diria que um dos sonhos mais bonitos que alguma vez tive foi sobre o meu pai. Surgiu aproximadamente seis meses depois de ele ter morrido. No sonho, vi-o claramente parado junto a uma vedação. Aproximei-me dele e tentei arduamente convencê-lo a voltar para casa para junto da minha mãe, que parecia estar a viver do outro lado da vedação. Ele recusou. Depois olhou para mim, e vi a felicidade no seu rosto e nos seus olhos. Senti o seu grande amor e contentamento.

"Acordei e percebi, pela primeira vez em seis meses, o quão em paz e o quão feliz e contente o meu pai estava onde se encontrava. Também percebi que ele não poderia voltar mesmo que quisesse. Ele deixou-me com um sentimento cheio de amor que foi maravilhoso.

"Tive outros sonhos sobre o meu pai recentemente. Ele já partiu deste plano há cinco anos, e todas as minhas experiências com ele



desde a sua partida enfatizaram o quão feliz ele está e quanto amor existe ali. Ele também me diz que ainda me ama." V.B.

A história que encerra este capítulo sobre reconforto é uma das mais esperançosas que recebi. Mostra não só que o amor continua, mas que a capacidade de o expressar pode, na verdade, crescer após a morte. Aqui a nossa narradora dá-nos uma descrição clara da sua necessidade de ser reafirmada sobre o amor do seu pai. Embora esta necessidade não tenha sido satisfeita durante a vida do homem, foi finalmente preenchida após o seu falecimento. O relato termina com a sugestão interessante de que talvez os mortos possam influenciar até o mundo material para refletir o seu amor por nós.

### **Um Pai Afirma o Seu Amor**

Neste relato, a nossa colaboradora partilha connosco uma mensagem que é simultaneamente simples e profunda: a morte verdadeiramente não acaba com a nossa oportunidade de expressar amor por aqueles que nos são queridos.

"O meu pai tinha cinquenta anos quando eu nasci. Eu era o seu sétimo filho — a sexta rapariga. Sempre senti que ele não me queria, pelo menos não outra rapariga. Ele preferia ter tido um segundo rapaz.

"Não me lembro de o meu pai alguma vez ter dito que me amava. Ele sentava-me no joelho à noite e dizia: 'És uma boa menina'. Mas eu queria mais do que isso! Tentei agradar-lhe de todas as formas que conseguia imaginar, desde manter-me fora do seu caminho até fazer tudo o que podia por ele.

"Quando cheguei aos dezasseis anos, finalmente explodi e perguntei-lhe muito simplesmente se ele me amava. A sua resposta foi: 'Tu és maluca'. Depois disso desisti e tentei não me importar, mas durante anos esta falta de garantia do seu amor causou-me problemas emocionais, mesmo depois do meu casamento.

"A última vez que vi o meu pai antes de ele morrer em 1976, ele sofria de cancro. Perguntei-lhe novamente se me amava. Ele desviou

o rosto de mim e disse: 'Amo todos os meus filhos'. Para mim isto pareceu outra rejeição, e chorei. Alguns anos após a morte do meu pai, o meu irmão também faleceu. Algum tempo depois tive o seguinte sonho:

"Eu e a minha irmã mais velha estávamos a preparar uma refeição na nossa antiga casa. O nosso pai e o nosso irmão tinham vindo fazer uma visita. Estavam sentados na sala de estar, e ambos pareciam muito serenos, calmos e felizes. Enquanto eu passava pela poltrona reclinável na qual o meu pai estava encostado, ele esticou a mão, segurou o meu braço e disse: 'Amo-te'.

"Após acordar, senti muito fortemente que o meu pai me tinha enviado esta mensagem. Acredito que ele está agora consciente da infelicidade que a sua desatenção me causou, e que através deste sonho ele estava a tentar fazer-me saber que me tinha amado à sua maneira e que ainda me ama.

"No verão passado, a irmã que tinha aparecido no meu sonho deu-me um velho diapositivo fotográfico que tinha encontrado, tirado na sua quinta. Era do meu pai a abraçar-me. Foi inacreditável para mim que eu pudesse ter esquecido o incidente, mas acho que na altura em que aconteceu, eu não acreditei realmente que significasse alguma coisa. No entanto, sinto agora que o meu pai 'organizou' para que a minha irmã encontrasse aquela fotografia e ma desse." B.L.H.

## **CAPÍTULO 8**

### **CONSELHO E AJUDA VINDA DOS MORTOS**

No capítulo anterior, vimos como o cuidado natural da alma falecida por aqueles que ficaram para trás pode levar ao reconforto e à consolação. De forma semelhante, aqueles que estão no outro lado podem oferecer orientação e direção. Uma vasta gama de ajuda é possível, variando desde assistência financeira a conselhos de carreira, aconselhamento de relacionamentos ou sugestões de

saúde. Por vezes, a orientação que parece vir do mundo espiritual é tão específica que pode ser prontamente verificada. Quando ocorre a confirmação da sua exatidão, constitui uma evidência poderosa de uma vida além. A nossa primeira história é um excelente exemplo.

### **O Avô Paga aos Transportadores**

O incidente aqui relatado ocorreu durante um tempo de necessidade premente para a minha correspondente e para a sua família. A intervenção do seu avô trouxe alívio material, enquanto o amor duradouro inspirou alegria e bem-aventurança.

"Esta experiência aconteceu em meados da década de 1930. O meu avô, a minha mãe, a minha irmã e eu vivíamos todos juntos. Os tempos eram difíceis; não havia programas de assistência governamental como os que temos hoje.

"O avô era um homem bondoso, muito asseado e prestável em casa de qualquer forma que pudesse ser. Um ano, pouco antes do Natal, ele morreu após uma curta doença. O nosso contrato de arrendamento expirava no mês de maio seguinte e, para reduzir despesas, decidimos mudar-nos para acomodações mais pequenas. Obviamente, havia o custo das mudanças e as contas médicas para pagar. Estávamos à espera dos transportadores às oito horas de uma manhã. Estava tudo embalado, exceto as nossas camas.

"Acordei cedo naquela manhã, sentindo uma 'presença'. Então vi o meu avô parado junto à minha cama, com o aspeto do seu eu de carne e osso, vestido como costumava andar por casa. Ele procedeu a dizer-me — embora eu não tenha ouvido voz nenhuma — que não queria que partíssemos sem os vinte dólares que ele tinha colocado na saliência sob a prateleira no seu armário de roupa. Disse-me que havia duas notas de dez dólares enroladas juntas, as suas poupanças de presentes recebidos em aniversários e outras ocasiões. Foi tudo o que ele disse.

"Nesta altura a minha mãe entrou para me chamar. Disse-lhe que tinha acabado de ver o pai dela, e que ele me tinha dado uma

mensagem. Fomos ao armário agora vazio e levantámos a prateleira; e sim, algo caiu. E sim, eram as duas notas de dez dólares enroladas juntas! Ter-nos-íamos mudado certamente sem elas. O dinheiro extra, muito necessário na altura, pagou aos transportadores.

"Como é maravilhoso, e que bênção, saber que os nossos entes queridos falecidos podem permanecer perto de nós e velar por nós. Como eu sempre tinha acreditado que eles estão próximos e continuam a preocupar-se connosco, não senti medo ou estranheza quando vi o meu avô. Esta, contudo, foi a minha única experiência visual de contacto com os falecidos." R.S.

Esta história fornece um retrato convincente da presença contínua dos mortos e da sua preocupação duradoura pelos vivos. A solicitude do avô pela sua família, juntamente com a sua aparência e vestuário inalterados, dão ao relato uma sensação de realidade. Naturalmente, a exatidão da informação fornece uma prova poderosa de que a experiência foi uma comunicação real vinda daquele que partiu.

Outro elemento digno de nota aqui é o carácter prático da ajuda recebida. A família não precisava de uma discussão teórica sobre a natureza da vida ou como é morrer. Precisavam de dinheiro, e foi isso que obtiveram. O avô reconheceu esta necessidade e tomou uma ação simples e direta para a satisfazer.

Este relato serve também como um bom exemplo de várias características que encontraremos ao longo deste capítulo. Cada uma das histórias que se seguem mostra que os falecidos continuam a estar presentes connosco e a saber das nossas necessidades. O seu amor sobrevive e, por isso, eles desejam ajudar-nos com as nossas dificuldades. Pelo menos em alguns casos, são capazes de nos fornecer orientação e assistência práticas e eficazes. A capacidade duradoura dos mortos para oferecer ajuda aos seus entes queridos é uma das mensagens mais encorajadoras que se podem encontrar em todo o material que recebi.

A assistência no domínio dos requisitos monetários é uma área importante. A maioria de nós está, pelo menos um pouco, atenta ao bem-estar financeiro daqueles por quem nos preocupamos. Recebi vários relatos que, tal como a nossa história de abertura, mostram que esta preocupação natural não termina com a morte. O próximo relato apresenta-nos uma alma que forneceu à sua esposa uma orientação útil que fez uma diferença real. O marido da minha correspondente estava ciente da necessidade dela, continuou a estar lá para ela e foi capaz de lhe dar a ajuda necessária.

### **O Amor Segue em Frente**

Este relato mostra tanto o desejo como a capacidade daqueles que partiram para ajudar os vivos a satisfazer as suas necessidades financeiras. Ao fornecer esta ajuda, o marido da nossa narradora não só a assistiu materialmente, como a deixou com o conhecimento edificante de que o seu amor por ela não tinha passado.

"O meu marido tinha sido um homem de negócios, proprietário de metade de uma empresa de floristas. Quando ele morreu, tornei-me a proprietária da sua parte no negócio. Mas surgiram disputas quando o sócio do meu marido tentou apoderar-se da minha porção da empresa, e o caso foi levado a tribunal.

"Quando fui chamada a testemunhar, foi levantada uma questão importante. Não tendo a certeza da resposta, rezei e chamei mentalmente o meu falecido marido, dizendo: 'Oh, Tom, se ao menos estivesses aqui!' De repente, fui inspirada a dizer algo que ganhou o caso para mim. Quase ao mesmo tempo ouvi a voz dele dizer: '*Atta girl*, Alma, *atta girl*' — uma das suas expressões favoritas de aprovação.

"Fiquei emocionada por saber que em algum lugar o Tom estava vivo e ainda se importava!" A.R.C.

Na nossa próxima história, é dada um tipo de orientação semelhante. Aqui encontramos outra mulher que precisava de assistência nos seus assuntos financeiros após a morte do marido.

Além de reconhecer a necessidade da sua esposa, o marido pode ter feito um pouco de "trabalho de campo" de forma a localizar uma fonte de ajuda disponível para ela. Ele foi até capaz de seleccionar um bom canal através do qual fazer chegar essa informação.

### **Orientação de um Marido Falecido e de um Amigo**

Neste relato, a nossa colaboradora dá-nos uma sensação clara da presença protetora de uma alma que zela pelos interesses das pessoas que lhe são queridas. O conhecimento de que este tipo de ajuda é possível pode ser uma fonte de muito necessário conforto e encorajamento para qualquer pessoa privada da morte de um ente querido.

"Durante algum tempo após a morte do meu falecido marido, tive sérios problemas para liquidar a sua herança. Num domingo de manhã, após o serviço no Centro Espiritual, a nossa organista aproximou-se de mim para me contar sobre um sonho que tivera algumas noites antes.

"No sonho, ela tinha visto o meu marido e um amigo próximo dela. Estavam juntos, envolvidos numa conversa animada e cordial, como se fossem velhos amigos. Perguntei sobre esta pessoa e a organista disse-me que, durante muitos anos, ela tinha sido secretária jurídica a trabalhar com um excelente advogado — um homem de grande integridade e elevada reputação.

"Posteriormente telefonei a este senhor e, em apenas aquela conversa, ele acalmou a minha ansiedade e aconselhou-me sobre o curso a seguir. Nunca contratei nenhum advogado e, eventualmente, a herança foi resolvida amigavelmente. Não pude deixar de sentir que, de alguma forma, o meu marido tinha sido instrumental em fazer-me contactar este homem." B.B.

Uma das próprias experiências de Edgar Cayce fornece outra ilustração clara de que os falecidos estão cientes das nossas preocupações financeiras. Este evento — contado ao meu marido e a mim pelo próprio Sr. Cayce — é notável pelo facto de ter sido

recebido mais do que apenas um conselho útil vindo dos mortos. O incidente revelou que uma alma pode ter a surpreendente capacidade de influenciar condições físicas reais no nosso mundo.

Um dia, quando estava especialmente preocupado com dinheiro, Edgar Cayce estava a caminhar e a rezar no seu jardim. De repente, a sua falecida mãe apareceu diante dele e pediu-lhe para estender a mão. Ele fê-lo, e ela deixou cair um novo e brilhante dólar de prata na sua palma. Depois lembrou-o de ter fé, pois o Senhor providenciaria.

Depois de nos contar esta experiência, o Sr. Cayce abriu a gaveta da sua secretária e mostrou-nos não só o dólar de prata, mas também um "alfinete de lapela" que tinha sido preso ao fato de enterro do seu falecido avô! Quanto a como este objeto tinha aparecido na sua gaveta, ele não ofereceu uma explicação, nem parecia ter uma.

É verdade que a quantia real de dinheiro que a Sra. Cayce trouxe ao seu filho não foi grande. Mas ela deu-lhe um tipo diferente de assistência. Evidentemente, ela estava ciente das suas preocupações financeiras e reconheceu que o que ele realmente precisava era de encorajamento e fé. Muito mais valioso do que o único dólar que lhe entregou foi a garantia de que ele estava a ser vigiado e provido.

Claro que os assuntos de dinheiro não são a única área da vida para a qual os que partiram podem oferecer conselhos. Uma segunda categoria é a assistência relacionada com preocupações vocacionais. Várias histórias chegaram até mim que ilustram quão úteis os falecidos podem ser ao ajudar os entes queridos a lidar com problemas de carreira.

### **Uma Profecia de uma Nova Carreira**

Um bom exemplo de orientação de carreira vem de um dos sonhos de Edgar Cayce. Ele recebeu informações precisas sobre um emprego que tinha sido oferecido a um jovem amigo. O incidente

mostrou que o pai do jovem ainda estava interessado e ciente das oportunidades de carreira do seu filho.

Neste sonho, Edgar Cayce estava a conversar com um homem falecido que tinha sido um companheiro na sua igreja. Este homem falou sobre o seu filho, que tinha acabado de sair do exército. Disse a Cayce que o seu filho estaria melhor se deixasse o banco (onde tinha estado empregado antes do seu serviço militar) e aceitasse a oferta de um novo emprego numa sala de cinema.

No dia seguinte a ter este sonho, o Sr. Cayce foi fazer um depósito ao banco do jovem. Ele e Cayce eram amigos próximos e Cayce perguntou pelo seu regresso do exército. O seu amigo disse que tinha acabado de voltar na noite anterior e esperava permanecer no banco. Cayce sugeriu então que se encontrassem no seu escritório para discutir esta decisão.

Quando se reuniram mais tarde, o jovem disse a Cayce que durante a sua viagem de regresso de Washington tinha parado em Atlanta e que lhe tinha sido oferecido um emprego como gerente de um cinema local. Depois de pensar no assunto, ele tinha enviado uma carta a rejeitar a oferta. O Sr. Cayce contou ao jovem a sua experiência onírica e aconselhou-o a aceitar o novo emprego, o que ele fez.

Uma leitura psíquica subsequente identificou o propósito deste sonho: mostrar que o amor tem o poder de transcender até a morte; pois o amor é uma qualidade da alma que nunca morre. Neste caso, o amor foi expresso como o desejo de um pai de dar ao seu filho um conselho útil sobre a escolha de uma ocupação. Certamente este é um tipo de orientação que muitos pais vivos procurariam transmitir aos seus filhos.

É certamente normal preocuparmo-nos com a capacidade dos nossos entes queridos de ganharem a vida. Uma vez que os mortos continuam a viver, é apenas de esperar que eles, também, partilhem esta mesma preocupação. Por vezes, como na história do jovem



amigo de Cayce, ela manifesta-se como assistência na escolha de uma carreira. Noutros casos, assume a forma de conselhos úteis sobre os detalhes do dia-a-dia do desempenho profissional. Este tipo de orientação é ilustrado nos nossos dois próximos relatos.

### **Um Beijo para Uma, Correção para Outro**

Neste relato, o meu correspondente fala de um homem falecido que continuou a estar disponível para a sua família. Há aqui a sensação de uma presença individual poderosa, incluindo um desejo persistente de ver as tarefas específicas do negócio da família serem realizadas corretamente.

"Um amigo nosso falecido que tinha estado no negócio de viveiros apareceu muitas vezes à sua esposa e filha, dando-lhes conselhos tanto sobre o negócio como sobre a sua casa. Uma manhã a sua esposa acordou com a sensação muito real da sua presença, enfatizada por um beijo plantado firmemente nos seus lábios. Ela soube que ele estava lá!

"A sua filha, em sofrimento, chamou pelo pai uma noite. De repente, ficou consciente da sua presença. Depois viu-o e ouviu-o admoestá-la, dizendo: 'Estás a regar as palmeiras em demasia. Elas vão morrer!'

"Esta mensagem, disse a filha, era típica do seu pai."

U.J.

### **A Atenciosidade Vive Para Sempre**

Por vezes, a orientação relacionada com o trabalho vinda dos falecidos consiste em informações especialmente específicas, práticas e precisas. Talvez o melhor exemplo que alguma vez ouvi tenha sido da minha amiga Gladys Davis Turner, secretária de longa data de Edgar Cayce e amiga próxima da família Cayce. Na sua qualidade de secretária, Gladys registou estenograficamente e depois dactilografou a maioria das leituras que Edgar Cayce deu. Após a morte dele, ela continuou a desempenhar um papel

importante no trabalho da A.R.E. de preservação e documentação das leituras.

A história de Gladys diz respeito à atenciosidade — mesmo vinda do outro lado — do seu falecido marido, Al. O incidente mostrou-lhe dramaticamente que os mortos têm a capacidade de saber dos nossos problemas e de nos ajudar a encontrar as soluções para eles. Esta é uma história da consideração duradoura de uma alma que partiu para com a pessoa que ele amara em vida.

Nas primeiras horas da manhã do seu aniversário, Gladys Davis Turner pensou no seu falecido marido. Ele fora sempre tão atencioso com ela, e ela deu por si a sentir terrivelmente a sua falta. Incapaz de voltar a adormecer, levantou-se e esfregou o chão da cozinha.

Nessa manhã, na A.R.E., enquanto trabalhava nos arquivos das leituras de Cayce, Gladys descobriu que faltava uma página. Procurou por todo o lado, mas não teve sucesso em encontrá-la. De repente, ouviu a voz do seu marido a dizer-lhe onde ela estava. Ele deu-lhe o número do caso da leitura sob a qual a página tinha sido erroneamente arquivada. Quando ela procurou ali, encontrou a folha desaparecida.

Esta experiência fê-la sentir-se menos sozinha, pois provou que, na realidade, o seu marido ainda estava em contacto com ela. De facto, não há morte nem separação, mesmo depois de o físico ter passado. Gladys já atravessou para o outro lado desde então, e estou certa de que o seu marido a encontrou na margem do grande rio entre a nossa vida aqui e a vida no além.

O conselho útil que podemos receber daqueles que partiram não se limita a qualquer área específica da vida. Qualquer aspeto da nossa existência que seja importante para nós pode ser de interesse para aqueles que se importam connosco, e isto continua a ser verdade mesmo após o falecimento do corpo.

Uma terceira esfera à qual esta preocupação em nosso nome se estende naturalmente são os nossos relacionamentos com os

outros. A nossa próxima história dá-nos uma ilustração poderosa de quão valiosa a ajuda dos falecidos pode ser nesta área.

### **Um Conto de Horror e Milagres**

Aqui, a nossa colaboradora apresenta-nos uma presença persistente e cuidadosa, cuja orientação, encorajamento e sentido de humor forneceram a uma família um apoio muito necessário durante um longo período de provação.

"Fui abençoada nesta vida com quatro filhos lindos e a capacidade de gerir o meu próprio negócio de sucesso. Mas, há dois anos, o meu mundo físico desmoronou-se quando descobri que o meu segundo marido tinha abusado sexualmente de duas das minhas três filhas. Ele tinha abusado da rapariga mais velha durante cinco anos e da mais nova, de treze anos, durante seis meses.

"A rapariga mais nova acabou por vir ter comigo com este incrível relato de horror. Ao mesmo tempo, disse-me que estava a ser ajudada por um amigo da família.

Este amigo — um homem que tinha passado para o outro lado alguns anos antes — tinha-a finalmente convencido a contar-me, não só pelo seu próprio bem, mas também pelo da sua irmã. Ele assegurou-lhe que estaria com ela em todos os momentos e que me ajudaria a lidar com a situação e com as autoridades.

"O que se seguiu foi um ano de inferno e milagres. O nosso amigo falecido esteve connosco em cada passo, desde a nossa fuga e ocultação até ao nosso contacto final com o gabinete do procurador distrital. Ele apoiou-nos espiritualmente e também nos ajudou a tomar decisões concretas sobre encontrar o advogado certo e obter provas físicas. Ao longo de toda a provação, ele continuou a assegurar-nos de que as coisas iriam correr pelo melhor.

"Nunca houve uma dúvida na minha mente de que o nosso amigo estava ali connosco. A minha filha mais nova foi capaz de me contar detalhes explícitos de transações comerciais que eu tinha tido

com ele antes de ele falecer; não havia forma de ela ter obtido essa informação a não ser através dele.

"Este amigo continuou a ajudar-nos em assuntos não relacionados com a dificuldade que primeiro nos trouxe a sua ajuda. Numa ocasião recente, disse à minha filha para não conduzir para lado nenhum naquele dia. Disse que ia haver um grande acidente numa autoestrada perto de nós e que ela poderia estar envolvida. Ela seguiu o seu conselho. No dia seguinte, houve um acidente grave, causando a morte de várias pessoas, na autoestrada que ele tinha nomeado.

"O nosso amigo falecido ajudou-nos não só com a sua tremenda perspicácia, mas também com um magnífico sentido de humor. Quando perguntámos se existia um Deus — a Força Vital de tudo o que é — ele respondeu brincando: 'Eu próprio nunca O vi!' Na orientação que oferece, o nosso amigo enfatiza a honestidade, o amarmo-nos uns aos outros e o reconhecimento do Deus em todos nós." J.S. e V.C.

O nosso próximo relato é de um homem que recebeu ajuda para o que é, graças a Deus, um tipo de problema interpessoal mais comum do que o do relato anterior. A história fala de uma alma que reconhece a necessidade de reconciliação do seu neto e envia-lhe uma mensagem simbólica que o incita a procurá-la. A sua ação ilustra a capacidade dos mortos de saberem das nossas relações com os outros, e a sua disposição para nos ajudarem a fazer mudanças construtivas nessas relações, se necessário.

### **Direção da Avó**

Nesta história, a avó do nosso narrador dá-lhe um tipo de ajuda que enriqueceria imenso a vida de muitos de nós — a motivação para transformar a animosidade em amizade. Temos aqui um retrato claro da proximidade duradoura que pode existir entre duas pessoas, mesmo depois de uma delas ter morrido.

"A mãe da minha mãe, a Avó Bea, era mais próxima de mim do que qualquer outra mulher na minha vida, a seguir à minha mãe. Esta proximidade durou até à morte da minha avó. Mesmo depois de ela partir, houve duas ou três ocasiões em que nos encontrámos num sonho.

"Durante uma dessas visitas, ela deu-me várias cadernetas bancárias e disse-me que eram a minha herança. Fiquei surpreendido com a quantia de dinheiro que representavam. Parecia tão grande! A Avó Bea perguntou-me se eu poderia, por favor, dar apenas um bocadinho do dinheiro ao meu Tio Jackie, que estava necessitado. Eu não queria mesmo, mas também não queria desapontá-la, e percebi que podia facilmente dar-me ao luxo de ajudar o meu tio. Então acordei.

"A Avó Bea nunca tinha conhecido o Tio Jackie em vida. Ela morreu antes de eu casar, e o Jackie é o tio da minha mulher. Algum tempo antes do meu sonho, o Tio Jackie e eu tínhamos tido uma briga terrível e ainda não a tínhamos resolvido. Ouvi a Avó, claro, e fui ver o Tio Jackie para pedir desculpa. Soube que ele tinha visitado a minha casa dois dias antes, também para pedir desculpa! Infelizmente, não estava ninguém em casa para o receber." H.G.

Um quarto aspeto básico da vida no qual os meus correspondentes receberam orientação prática e útil dos mortos é a área da saúde física. O relato seguinte dá um exemplo direto e convincente deste tipo de ajuda. Embora a identidade do médico aqui descrito e a fonte da sua informação não estejam definitivamente estabelecidas, os resultados positivos obtidos ao seguir o seu tratamento mostram que o conselho que ele transmitiu era de facto válido.

### **Uma Receita de Outro Reino**

Esta história traz-nos a mensagem esperançosa de que em tempos de dificuldade temos mais ajuda disponível para nós do que é geralmente percebido. Embora haja alguma ambiguidade sobre a

identidade exata de quem dá o conselho, poderia muito bem ser uma alma cujo trabalho de cura continua a partir do outro lado. Quão importante esta mensagem esperançosa pode ser — particularmente para aqueles que estão em sofrimento — é demonstrado na expressão final de gratidão da minha correspondente.

"O meu marido sofria de uma dor excruciante no joelho direito. Parecia que nada era capaz de o ajudar ou de curar a sua condição.

"Uma noite, num sonho, apareceu-lhe um médico com um fato cinzento de risca de giz. O médico acariciou um pouco a sua pera e disse pensativamente: 'Não! Não!', seguido de 'Sim! Sim!'. Ele procedeu então a dar ao meu marido instruções detalhadas para um curso de tratamento, incluindo medicamentos que ele deveria tomar para ser curado.

"Depois de ter este sonho, o meu marido discutiu o tratamento prescrito com vários médicos. A reação deles foi um 'Não' definitivo. Algum tempo depois, ele encontrou-se com um amigo seu, um neuropsiquiatra e médico libanês, que endossou entusiasticamente o tratamento recomendado pelo médico do sonho. Para encurtar uma longa história, o remédio do sonho funcionou e a condição ficou completamente curada.

"Este incidente recordou-me o conselho de Edgar Cayce de que nunca devemos esquecer o médico interior. Se o médico no sonho do meu marido era uma representação do Divino dentro de si mesmo ou um médico real de outra dimensão, não sabemos. Mas, em qualquer dos casos, esta experiência foi verdadeiramente grande e abençoada." F.M.

O nosso próximo relato descreve uma série de sonhos relacionados com a cura com uma nova nuance: as ações do falecido não trazem tanto um conselho que seja de benefício direto para o sonhador, mas, em vez disso, o falecido transmite informações que ajudarão o sonhador a ajudar outros. Ao descrever

como funciona este trabalho de equipa, a nossa história sublinha a eficácia da oração e indica que esta eficácia é reconhecida por seres no mundo espiritual.

### **Um Companheiro na Oração de Cura**

Este relato apresenta-nos um homem cativante que passa por uma mudança dramática. A primeira vez que aparece num sonho, o tio da nossa colaboradora está pesaroso e com medo; mais tarde, está jubiloso, com força e autoconfiança suficientes para querer ser útil aos outros. Ele recupera a sua bondade e generosidade naturais no outro lado da vida.

"O Tio Morris, marido da irmã do meu pai, foi sempre bondoso e gentil comigo, e tinha um grande sentido de humor. Ele usava 'linguagem suja' com muita frequência, mas tinha uma forma de a fazer parecer engraçada e natural. Era um homem generoso, sem instrução, que tinha nascido na Europa e crescido em parte nos Estados Unidos. Falava com um sotaque decididamente judaico.

"Vi o Tio Morris cerca de uma vez por semana durante a minha juventude e, na adolescência, trabalhei para ele, vendendo cachorros-quentes no seu local de negócio em Coney Island. Fiz isto durante quatro verões consecutivos e ganhei-lhe bastante afeição. Nunca tivemos conflitos nem palavras duras. Mas nunca cheguei a sentir-me tão próxima dele como poderia ter sentido.

"Depois de vir morar para o Havai, não vi o Tio Morris durante pelo menos doze anos e raramente pensava nele. Ele ainda vivia em Nova Iorque e perdemos o contacto um com o outro. Depois a minha mãe disse-me que ele sofria de um cancro cerebral inoperável e estava em coma. Comecei a rezar por ele todos os dias e continuei a fazê-lo durante o que pareceu um longo período, embora não me recorde de quanto tempo passou realmente.

"Então, uma noite, no meu sono, dei por mim ajoelhada à beira da cama do Tio Morris, enquanto ele chorava e soluçava durante muito tempo. No sonho, eu não parecia perceber que ele estava

doente. Quis tocar-lhe. Ele ficou muito perturbado com isso, por isso perguntei-lhe o que se passava. Ele parou de chorar o tempo suficiente para me dizer que não queria que eu apanhasse o que ele tinha. Sem saber do que ele estava a falar, mas compreendendo que ele estava sob grande tensão, disse-lhe que era impossível para mim apanhar o que ele tinha. Beije-o e ele pareceu horrorizado. Depois segurei-o até que os seus medos e lágrimas diminuíssem.

"Nos dias que se seguiram a este sonho, continuei a rezar pelo Tio Morris, e visitámo-nos mais uma vez no meu sono. Desta vez ele disse-me que estava bem, que já não tinha um problema e que eu não precisava de me preocupar por causa dele. Soube mais tarde que durante este período ele tinha recuperado a consciência e tinha ido para casa para morrer. Continuei a rezar por ele até ao momento da sua partida e depois.

"Ao longo dos nove anos desde a sua morte, o Tio Morris apareceu nos meus sonhos cerca de sete ou oito vezes. Na primeira ocasião, apareceu em belos campos verdes. Parecia bastante feliz e falámos sobre vários membros da família. Foi tudo muito agradável.

"Após esta experiência, em visitas oníricas subsequentes, ele começou a trazer-me membros da família. Caminhava sempre um passo ou dois atrás deles. A primeira pessoa que trouxe foi a minha irmã, que estava viva. Mas, como soube mais tarde, ela tinha sido hospitalizada na altura em que o Tio Morris a trouxe para me ver. Quando descobri isto, percebi que, ao trazer outros para os meus sonhos com ele, o Tio Morris poderia estar a alertar-me para uma necessidade de oração.

"A próxima vez que o vi num sonho, ele estava com a sua filha, que tinha morrido doze anos antes dele. Estavam de mãos dadas e, à frente deles, estava a minha Tia Bertha, que vivia então na Florida. Trocámos amabilidades e acordei.

"Comecei a rezar pela Tia Bertha todos os dias e tentei entrar em contacto com ela na Florida, mas não consegui chegar à fala



com ela. Continuei a rezar por ela e liguei a outros parentes numa tentativa de descobrir como ela estava. Após cerca de uma semana, finalmente descobri que ela tinha sido submetida a uma cirurgia de coração aberto precisamente na noite do meu sonho. Na altura em que soube isto, a Tia Bertha estava a recuperar bem! Aparentemente, as minhas orações por ela tinham sido úteis.

"O Tio Morris apareceu em vários outros dos meus sonhos, por vezes com membros da família que ele mal conhecia. Comecei a compreender que cada uma destas visitas era um pedido de oração. Não o vejo há cerca de um ano. Peculiarmente, em todos os nossos encontros desde a sua morte, não percebi uma única vez que ele partiu. Talvez seja porque ele realmente ainda está vivo — apenas num corpo diferente!" H.G.

### **Ações Físicas Úteis Pelos Mortos**

Vimos agora muitos relatos nos quais os falecidos transmitiram informações e orientações valiosas aos vivos. Se tal conselho fosse toda a ajuda que os mortos nos poderiam dar, isso em si mesmo já seria maravilhoso. Mas a capacidade daqueles que partiram de serem uma assistência nas nossas vidas vai além disso. Várias das histórias que recebi falam de incidentes nos quais almas no outro lado da vida afetaram de alguma forma diretamente as condições no físico. Como um exemplo de tal experiência, temos o presente de um dólar de prata real feito pela falecida Sra. Cayce ao seu filho Edgar.

Os relatos no restante deste capítulo relatam eventos nos quais os mortos tomaram medidas eficazes sobre o mundo físico de forma a beneficiar a saúde dos vivos. Este material sugere que os diferentes planos da vida não são tão completamente separados uns dos outros como poderíamos pensar. A capacidade de algumas almas para transpor o fosso entre dimensões dá-nos mais uma indicação de que a morte não é o fim da vida.

A proximidade do mundo espiritual com o nosso é mostrada na próxima história, que me foi enviada pela mesma mulher cujo marido foi curado de uma dolorosa maleita no joelho através da ajuda de um médico do sonho. Aqui, a própria correspondente recebe ajuda de alguém noutro reino. Mais uma vez, não é certo que o ajudante seja uma alma recentemente partida da vida física. Mas, qualquer que seja o plano para o qual esta mulher olhou, a sua experiência oferece a mensagem encorajadora de que é possível recebermos assistência de mais mundos do que apenas o nosso.

### **Ajuda do Mundo Espiritual**

Neste relato, é dada à nossa narradora uma visão de um mundo de paz e beleza impressionantes, e a sua dor é aliviada através de um contacto físico real com um ser prestável nesse mundo. O relato fornece-nos uma descrição vívida do poderoso impacto emocional que esta experiência teve.

"Há algum tempo fiz uma operação a uma hérnia diafragmática. Tive muitas dores durante vários dias e a única forma de estar confortável era deitar-me de costas. Mas as enfermeiras insistiam constantemente que eu me virasse para o meu lado direito, para evitar a acumulação de fluidos no pulmão. Esse era o lado da minha incisão, no entanto, e durante vários dias foi-me impossível deitar-me sobre ele. Duas noites antes de ir para casa, depois de me terem dado medicação para a dor, senti-me finalmente capaz de me virar para o meu lado direito. Fi-lo e adormeci imediatamente.

"Várias horas depois, acordei e achei a dor intolerável. O quarto estava completamente escuro, mas tive a sensação de que alguém estava ali comigo. Pensando que devia ser uma enfermeira, perguntei: 'Pode, por favor, virar-me?'.

"Uma voz de criança disse: 'Eu viro-a'. Dois braços passaram por baixo de mim e, instantaneamente, eu estava de costas. Olhei em volta e ali estava uma rapariga de talvez doze ou treze anos. Tinha

uma capa acinzentada e segurava uma cana na mão direita. Tinha folhas grandes, que se moviam com a brisa.

"Toda uma imagem incrível estava à minha frente. Estava a olhar para outro mundo e fiquei maravilhada com a sua tranquilidade. A rapariga estava parada no que parecia ser o leito de um rio, que tinha muitas pedras. Ainda mais atrás estava um deserto com uma colina no centro. A rapariga sentou-se numa rocha e pôs as mãos sob o queixo, e ficámos a olhar uma para a outra. Nenhuma palavra audível foi proferida; apenas partilhámos uma comunicação espiritual inaudível. Era tão bonito!

"Então, à distância, uma voz de mulher disse: 'Não assustes as pessoas doentes'.

" 'Não a estou a assustar', respondeu a rapariga. Após alguns momentos, uma luz suave começou a lavar tudo. A rapariga saltou da sua rocha e disse: 'Tenho de ir agora'.

" 'Não vás, por favor, não vás', implorei. Mas ela virou-se e começou a correr em direção à colina.

" 'Tenho de ir', disse ela. A imagem inteira desvaneceu-se e fui deixada sozinha num quarto de hospital escuro. A experiência tinha sido verdadeiramente inspiradora."

F.M.

Ao longo deste capítulo, vimos que o amor não é extinto pela morte do corpo. Aqueles que se importam connosco em vida continuam a cuidar de nós depois de terem partido e, em pelo menos alguns casos, são capazes de expressar os seus sentimentos ternos oferecendo-nos orientação e ajuda física. Esta mensagem básica é claramente mostrada nos nossos dois relatos de encerramento.

### **A Vara de Cura**

Esta história encorajadora fala do amor de uma irmã que perdurou mesmo após anos de separação pela morte. Desse amor

surgiu uma ajuda notavelmente eficaz: uma cura física real foi trazida à minha correspondente a partir do outro lado da vida.

"Há muito tempo, uma irmã minha, jovem, morreu de peritonite. Antes de ir para a cama na noite em que ela faleceu, fiquei junto à janela, a olhar para fora. Era uma noite muito fria, com neve no chão. Acordei cedo na manhã seguinte, quando o relógio batia as cinco horas. Quase imediatamente ouvi uma voz dizer: 'Se tivesses conhecido aquele homem em Virginia Beach, a tua irmã não teria morrido'. Isto foi repetido repetidamente. Naquela altura eu ainda não tinha conhecido Edgar Cayce, embora já tivesse ouvido falar dele.

"Chorei a minha irmã durante muitos anos. Uma noite, depois de me ter ido deitar sentindo-me doente, ela apareceu-me. Tinha uma vara comprida na mão. Enterrou-a na minha garganta três vezes, e fiquei bem.

"Quando a minha irmã começou a sair, pedi-lhe para ficar um pouco, porque tinha algumas perguntas para ela. Mas ela respondeu: 'Tenho de tratar dos assuntos do meu Pai'. Depois, ela partiu.

"Mais tarde perguntei ao Sr. Cayce sobre a vara que a minha irmã carregava. Ele disse: 'Acho que era a vara de cura'." R.L.

### **A Minha Enfermeira Noturna — A Minha Falecida Mãe!**

Este relato é outro no qual podemos ver que o amor dos que partiram pelos vivos — neste caso, a devoção de uma mãe pela sua filha — pode permanecer vivo por muito tempo. A mãe da nossa narradora evidentemente permaneceu perto da sua filha durante vários anos, zelando por ela e demonstrando um cuidado persistente e terno pela sua saúde.

"Entre as experiências com os falecidos que envolveram membros da minha família, está uma que me afetou muito pessoalmente. A certa altura da minha vida estive de facto gravemente doente, com pneumonia, e confinada à cama. A minha

medicação tinha de ser dada num horário muito regular, o que obrigava a acordarem-me durante a noite. Uma noite, aceitei sonolenta o meu remédio e voltei a adormecer.

"Mas, na manhã seguinte, tanto a minha mãe adotiva como a enfermeira insistiram que tinham dormido a noite toda. Na verdade, estavam bastante perturbadas com isso. Depois viram que a dosagem tinha sido assinalada como dada, e levei um sermão conjunto: 'Não te levantes nem andes por aí sozinha; teremos de te internar no hospital'.

"Nessa altura expliquei o que tinha acontecido. Sem que me pedissem, descrevi a mulher que me tinha dado o remédio. Todos ficaram em silêncio.

"A minha mãe natural tinha morrido quando eu era tão jovem que não me consigo lembrar dela, e eu tinha sido adotada pela sua melhor amiga. Quando terminei a descrição da minha enfermeira da meia-noite, a minha mãe adotiva informou-me de que a mulher que me tinha assistido era a Myrtle — a minha mãe durante os primeiros dois anos e meio da minha vida!

"Não tenho explicação para esta experiência. Podem os sonhos e as visões dispensar uma dose de remédio? Não sei. Sei que não há limites para o amor." C.P.P.

Há algo de verdadeiramente inspirador nestas histórias em que os falecidos são aparentemente capazes de ter uma influência útil diretamente no mundo físico. Isto é orientação e apoio na sua expressão mais potente. Mas mesmo quando não obtemos uma exibição de evidências tão impressionante, mesmo quando nenhum sinal dramático surge, ainda assim podemos obter exatamente o que precisamos de almas que oferecem ajuda a partir do mundo espiritual.

Pode ser meramente um palpite ou um sentimento cuja fonte parece vir misteriosamente de além de nós mesmos. A orientação pode vir de um contacto onírico ou de uma aparição fugaz. O ponto

é que nós, aqui deste lado da vida, nos mantenhemos abertos e sensíveis à ajuda amorosa que nos está a ser apresentada pelos falecidos sempre que enfrentamos uma dificuldade. Esse é um facto reconfortante de recordar.

## CAPÍTULO 9

### QUANDO AS COISAS CORREM MAL

Há ocasiões, claro, em que os contactos com os falecidos são problemáticos. Tive várias experiências pessoais deste tipo. Por exemplo, numa ocasião, após comprar uma casa nova, o meu marido e eu descobrimos que tínhamos um hóspede inesperado: uma alma que se tinha apegado a uma área da casa e não queria ou não conseguia sair.

Apegos deste tipo são provavelmente a razão básica por trás da maioria das assombrações.

A casa ficava em Sherman Oaks, Califórnia. Era praticamente nova e foi posta à venda porque o proprietário tinha morrido recentemente. A primeira vez que vimos a casa adorámo-la e comprámo-la de imediato. Pouco depois mudámo-nos.

Na primeiríssima noite em que dormimos no quarto principal, sentimo-nos desconfortáveis. Algo estava errado! Liguei à mulher a quem tínhamos comprado a casa e perguntei-lhe muito bruscamente se alguém tinha morrido naquele quarto. Ela hesitou um momento e depois disse: "Bem, sim. A Margaret, que era proprietária da casa comigo, morreu ali. Esteve doente com cancro durante seis meses naquele quarto mas o texto continua na 195 no original)

e lutou contra a morte em cada passo do caminho". Soube então que a Margaret ainda lá estava.

Na noite seguinte, quando senti a sua presença, disse-lhe que ela tinha morrido e que nós éramos agora os novos proprietários da

casa. Disse-lhe então que Deus tinha outro lar para ela, e que ela o encontraria se rezasse e pedisse o caminho. Depois, o meu marido e eu também rezámos por ela. A Margaret nunca mais voltou àquela casa nos dez anos em que vivemos lá.

Esta história é um exemplo de um encontro perturbador com os falecidos. Até este ponto, estivemos a explorar principalmente experiências positivas de contacto com os mortos. No geral, as histórias que ouvi e li durante décadas indicam que estes casos são o tipo mais comum. Mas, como mostra o relato do meu quarto assombrado, pode haver problemas no outro lado da vida, tal como existem neste mundo.

No caso da Margaret, talvez o problema tenha surgido da sua luta determinada pela vida física; quando o momento da sua transição chegou, ela pode não ter estado pronta para aceitar a sua nova condição e seguir em frente. Esta é uma das formas pelas quais uma alma se pode tornar "presa à terra" (*earthbound*). O crescimento espiritual é dificultado porque a alma é incapaz de fazer uso das oportunidades e aprender as lições especiais que a morte ordinariamente disponibiliza.

Uma característica importante da história da Margaret é que a sua dificuldade foi superada no final. Isto é o que é possível para qualquer alma que esteja confusa ou perturbada. No material que se segue, encontraremos algumas pessoas falecidas que não percebem que morreram. Encontraremos outras almas, como a Margaret, que se tornaram ligadas a vários elementos do plano terrestre. Também veremos algumas que se afastaram da terra e entraram em diferentes locais de morada, locais desagradáveis que poderiam ser pensados como "inferno".

Teremos também um vislumbre da miséria extrema sofrida por almas nas trevas exteriores. Mas tenham em mente que nenhuma destas situações é permanente. Os problemas no outro lado têm solução. Há sempre esperança.

## A Falha em Perceber que a Morte Ocorreu

Como mencionado no Capítulo 4, o material de Cayce diz-nos que não é invulgar uma alma falhar em perceber que o corpo morreu: "... muitos indivíduos permaneceram naquilo [que é] chamado morte durante o que chamais anos sem perceberem que estavam mortos!" (1472-2). Esta falta de consciência pode ser um dos fatores que impede fantasmas como a Margaret de deixarem a esfera material. Não sabendo que o corpo encontrou o seu fim, estas almas podem permanecer em locais que habitaram durante a vida física.

No Capítulo 5 vimos que as almas que atravessaram recentemente passam tipicamente por um período de inconsciência ou desorientação no outro lado. Não reconhecer que se morreu poderia ser simplesmente uma forma desta confusão comum. Por várias razões, algumas almas levam muito tempo a passar por esta fase de desorientação — embora se admita que o "tempo" provavelmente tem um significado diferente para aqueles no mundo espiritual. Como um exemplo do "tempo" que pode estar envolvido, numa leitura Cayce fez referência a um homem que tinha morrido oito anos antes, dizendo: "Agora, isto é muito interessante, saber que [esta alma] acabou de chegar à percepção de estar na zona fronteira". (3817-1)

Uma razão possível para a incapacidade de compreender que a morte ocorreu poderia ser uma luta prolongada e resoluta para se agarrar à vida física, como vimos no caso da Margaret. Noutras instâncias, a causa pode residir no medo da vida após a morte ou na descrença de que sobrevivemos à morte física. Para alguns indivíduos, pode ser simplesmente que a transição foi muito súbita e completamente inesperada. Este poderia bem ser o caso na nossa próxima história.



## Um Marido Explica a Sua Morte

Neste relato, a minha correspondente comunica claramente uma sensação de desorientação do seu marido e a falha em perceber que ele tinha morrido. Talvez esta falta de consciência tenha sido a razão da sua presença persistente.

"O meu marido morreu num acidente de avião em 1972. Após a sua morte, senti a sua presença comigo por vezes e rezei por ele. Frequentemente, quando eu saía, chegava a esperar vê-lo a caminhar pelo outro lado da rua. Então, um dia, enquanto eu meditava, ele veio ter comigo e disse-me que não tinha morrido instantaneamente, mas que tinha sentido a dor do acidente.

"Não tenho provas, mas tive a sensação de que o meu marido esteve no 'inferno' durante oito anos, sem saber onde estava ou sequer percebendo que estava morto. Embora não tenha sido educada como católica romana, acredito que um grande conhecimento é mostrado na sua Missa Cantada pelos falecidos. Se eu soubesse deste rito na altura da morte do meu marido, mais poderia ter sido feito para o libertar para a luz." V.B.

Em tons emocionais, esta história é muito diferente dos nossos relatos anteriores e mais felizes sobre a presença contínua dos falecidos. Na maioria desses relatos, a alegria e a paz eram comunicadas pelos mortos. Neste, o sentimento dominante é o da confusão da alma que partiu.

Mas esta história também tem o seu lado positivo, que é mostrado na sugestão de que o período do marido no "inferno" foi limitado a oito anos. No final desse tempo, a sua alma foi evidentemente capaz de passar para as experiências mais típicas de fomento do crescimento no outro lado da vida. Notem a afirmação de fé da nossa narradora no poder da oração para ajudar a alma a entrar na luz mais rapidamente. Isto dá-nos mais uma razão para rezarmos pelos nossos entes queridos que partiram.

## O Julgamento da Alma

O que, exatamente, determina o tipo de experiência em que qualquer alma em particular entrará no fim da vida? As leituras de Cayce dizem-nos que, em algum momento após a passagem de um corpo físico, a vida que acabou de terminar é examinada. Esta avaliação estabelece em grande parte que tipo de experiências a alma irá sofrer no próximo mundo.

De acordo com as leituras, o julgamento da alma não é realizado por nenhum agente externo. Em vez disso, cada vida é avaliada pela própria consciência do indivíduo; os padrões que são usados são o conhecimento e a oportunidade que estiveram disponíveis durante essa vida.

O mais importante é a própria avaliação da alma sobre as ações que tomou e os ideais que escolheu perseguir na vida material. Idealmente, os ideais da alma foram modelados segundo Deus — o Dador da vida — e aquilo que é construtivo e criativo; caso contrário, o que podemos esperar que seja a experiência quando a alma despoja a sua consciência material e se apresenta exposta perante a sua própria consciência, o seu Deus? Irá a alma, tal como Adão e Eva, encontrar-se nua perante Deus — e terrivelmente envergonhada?

O que a alma descobre em si mesma durante este exame revelará o tipo de experiências de vida após a morte de que necessita para o crescimento espiritual. As leituras de Cayce mencionam três alternativas básicas. Na maioria das instâncias, as experiências de vida após a morte serão positivas e estimulantes. Mas, para alguns indivíduos, um período numa dimensão desagradável pode ser necessário para ensinar uma lição essencial.

E — extremamente raramente, de acordo com as leituras de Cayce — há alguns casos em que, ao longo de muitas vidas, uma alma não terá feito progressos em direção ao seu objetivo de reunião com o Pai; tal alma pode perder a sua identidade pessoal e

ser reabsorvida pela Força Criativa, ou Deus. Qualquer que seja destas três possibilidades a necessária, essa será a experiência para a qual a alma passará após a morte.

Olhemos mais de perto para a segunda alternativa, conforme descrita por Cayce. As suas leituras referem-se por vezes a um período necessário em circunstâncias desagradáveis usando a frase "banimento de uma alma do seu Criador". Ela poderia ser aplicada a várias das histórias que recolhi — as que mostram os falecidos em reinos onde estão aparentemente sem consciência da proximidade e do amor de Deus. Mas este banimento não é eterno; faz parte do esforço da alma para trabalhar a sua própria salvação. Eventualmente, a alma "banida" encontrará o caminho de volta para o seu Criador.

Assim, não existe condenação eterna. Tudo o que a alma encontra na vida após a morte tem um papel no seu regresso a Deus. Tal como na vida material, qualquer problema encontrado após a morte tem uma função positiva no desenvolvimento espiritual. O seu propósito é ensinar-nos, ajudando-nos a reconhecer e a superar os nossos erros. Quando esta função tiver sido cumprida, a alma é capaz de passar além da dificuldade — seja entrando noutra dimensão no outro lado ou reentrando na vida física através da reencarnação.

### **Apegos ao Plano Terrestre**

As escolhas de cada indivíduo durante a vida física levam a certas experiências após a morte, conforme determinado pelo autojulgamento da alma. Geralmente estas experiências envolvem oportunidades diferentes e expandidas para o crescimento espiritual. Mas é possível que o avanço normal da alma na vida após a morte seja dificultado por laços excessivamente fortes com o mundo material.

O período durante o qual a alma falecida está ativa no plano terrestre pode ser um tempo positivo de crescimento através da

interação útil com outros, tanto vivos como mortos. Mas, infelizmente, nem sempre é isto que acontece. Após a sua transição, algumas almas encontram-se "presas à terra" (*earthbound*) — um termo que significa ligadas ao mundo material de formas improdutivas. Em vez de liberdade e avanço espiritual, experimentam a estagnação. O seu desenvolvimento é atrasado porque são incapazes de usar as oportunidades especiais que a morte ordinariamente proporciona.

Há uma grande diferença entre uma alma que está presa à terra e uma que tem a liberdade que os mortos podem desfrutar enquanto ainda conscientes do plano terrestre. Que experiência cada um de nós encontrará na vida após a morte? Isso depende inteiramente de como escolhemos viver agora.

A maneira como se vive presentemente ou produz apegos terrestres ou impede a sua formação. Quando os apegos terrestres se formam, eles são o resultado da decisão do indivíduo de tornar as coisas materiais tão importantes que estas continuam a segurar a alma após a morte, interferindo no seu desenvolvimento normal. Sempre que uma pessoa falecida está limitada no outro lado — ligada por laços terrestres — é devido a escolhas feitas ao longo do caminho.

Na primeira história deste capítulo, vimos um tipo de laço terrestre. Ali encontrámos uma alma com um forte apego a um lugar específico. Exatamente como tal laço pode ser formado é considerado no nosso próximo relato. Este relatório começa com um sonho que parece ser precognitivo, alertando a minha correspondente de que poderia vir a haver algum trabalho espiritual a ser feito com um certo vizinho. Mas a mensagem primária desta história é que o apego de uma alma a um lugar não surge de um destino cego. Qualquer laço restritivo pode ser evitado.

## Ajudar um Vizinho a Seguir em Frente

O facto de o falecido vir ou não a estar ligado a um lugar específico é determinado por uma decisão da alma individual: permanecer nas trevas ou mover-se para a luz. A colaboradora deste relato ajudou um dos seus vizinhos enquanto ele enfrentava esta decisão.

"A 20 de maio de 1984, sonhei que um vizinho e eu estávamos em barcos pequenos no meio de um rio, perto do emaranhado de uma árvore caída. Estávamos a baixar cordas para a água junto à árvore, a fazer algum tipo de trabalho — o quê, exatamente, não estava claro. A água, nos meus sonhos, representa o aspeto espiritual da vida. O vizinho era um que eu conhecia apenas o suficiente para ver que era um velho nervoso e zangado com um historial de problemas cardíacos. Este sonho não significou nada para mim na altura em que o tive.

"A 6 de novembro de 1984, este vizinho teve uma discussão barulhenta com o seu filho à porta de casa. O homem mais velho tentou entrar em casa, mas o seu filho saltou para o seu caminho e provocou-o por precisar de um médico. O velho viu-me e pediu que alguém chamasse a polícia, o que eu fiz. Mais tarde nesse dia, o velho teve um ataque cardíaco e morreu.

"Nessa noite encontrei-o [com visão clarividente] parado na estrada, a olhar para a sua casa. Disse-lhe, telepaticamente, que a casa já não era uma preocupação apropriada para ele e que eu teria todo o gosto em falar com ele sobre o que fazer a seguir.

"Ele ficou ali comigo durante o resto da tarde e pela noite fora, por isso falei com ele sobre o apego e sobre o eu espiritual. Disse-lhe que tinha lido sobre procurar uma luz e ir em direção a ela — e que, se o fizesse, alguém viria para o ajudar.

"Algum tempo depois, entidades amigáveis vieram de facto para ajudar o meu vizinho, mas ele ainda não queria partir. Pensei que provavelmente não haveria problema em ele descansar e pensar

na sua decisão por algum tempo. Disse-lhe enfaticamente, contudo, que ele não se deveria apegar àquele lugar. Durante todo este período, começando quando eu tinha visto psiquicamente o meu vizinho pela primeira vez naquela noite, ele estivera rodeado por trevas.

"Tarde nessa noite, ele tomou a decisão de experimentar o amor; e imediatamente apareceu uma luz no horizonte! O Senhor dá-nos muitas oportunidades para fazermos as escolhas certas. Sinto que no momento em que o meu vizinho tomou a sua decisão amorosa, os seres amigáveis ajudaram-no a mover-se em direção à luz. Pouco depois, partiram todos juntos. Experiências posteriores mostraram-me que estava tudo bem com ele." D.B.

Laços terrestres outros que não apenas aqueles que envolvem locais específicos podem afetar um indivíduo após a morte. A julgar pelo material de Cayce, um dos laços mais comuns resulta de apetites anormais da carne. Desejos descontrolados podem impelir as pessoas a agir de certas formas durante a vida física. Estes impulsos podem continuar a influenciar as atividades da alma após a morte, mantendo-a ligada à terra.

### **Apetites Anormais**

Por vezes, quando a consciência de Cayce deixava o corpo para dar uma leitura psíquica, ele tinha visões do lado não físico da dimensão terrestre. Algumas das cenas que testemunhou envolviam pessoas com apetites físicos descontrolados. Por exemplo, durante algumas destas viagens fora do corpo, Cayce viu a angústia de almas falecidas que tinham sido fumadores inveterados, alcoólicos, pessoas que abusavam da comida e pessoas com impulsos sexuais descontrolados.

Evidentemente, estas fomes podem persistir além da morte e causar limitação e sofrimento. Após a sua transição, indivíduos com tais hábitos permanecem frequentemente em torno da terra num esforço para satisfazer os seus apetites.

Em várias ocasiões, Cayce comentou sobre as aflições enfrentadas por fumadores excessivos. Após a morte, os viciados em nicotina pairam frequentemente em torno de bares ou clubes noturnos que estão carregados de fumo, tentando obter um pouco de alívio para o seu desejo de tabaco. Alcoólicos falecidos são por vezes vistos por clarividentes e psíquicos em ambientes semelhantes, frustrados nas tentativas de gratificar os seus desejos ao inalarem o hálito de bebedores vivos.

A alma que outrora teve um apetite anormal por comida pode encontrar-se, após a morte, a pairar em torno de padarias e restaurantes, tentando satisfazer a sua fome ao absorver o odor dos alimentos. E a pessoa que tinha um impulso sexual descontrolado pode, após a morte, visitar casas de má reputação em tentativas infrutíferas de satisfazer desejos excessivos.

Tais cenas mostram outra forma pela qual criamos as nossas próprias experiências no próximo mundo. Apetites extremos como estes são construídos durante a vida física como resultado de escolhas individuais. Os seus efeitos impeditivos — tal como os efeitos úteis das nossas decisões mais positivas e amorosas — podem permanecer com a alma muito tempo depois da morte do corpo.

Em alguns casos, os nossos desejos excessivos podem persistir mesmo em encarnações futuras, onde produzem efeitos cármicos. Isto é possível, por exemplo, com pessoas que têm impulsos sexuais desgovernados. Um resultado cármico de atividade sexual excessiva, de acordo com a informação de Cayce, pode ser a epilepsia. Num caso envolvendo esta maleita, Edgar Cayce teve uma visão de uma criatura horrível e babosa a vir para possuir o sofredor. Este monstro, disse Cayce, era um símbolo da própria luxúria da pessoa — uma herança de mais do que uma vida.

As leituras sobre a reencarnação descrevem formas em que certas condições físicas no presente podem frequentemente ser rastreadas até às atividades de uma pessoa durante encarnações

anteriores. Por exemplo, a obesidade pode ser diretamente devida a uma condição glandular ou a comer em excesso no presente, mas estas causas imediatas poderiam elas próprias ser o resultado cármico de escolhas de vidas passadas. Potencialmente, existem várias explicações plausíveis que envolvem a reencarnação. O comer em excesso poderia ser a continuação de um hábito iniciado durante uma vida anterior.

Por outro lado, pode ser que durante uma encarnação anterior a pessoa tenha tido comida insuficiente, talvez morrendo de fome, e a tendência atual para reter calorias seja uma reação a essa experiência. Ou talvez a pessoa que agora tem problemas em controlar o seu peso tivesse, numa vida anterior, gozado com outros que eram obesos. A condição presente seria cármica, muito possivelmente com o propósito de ensinar a esse indivíduo a necessária tolerância e compaixão.

Alguns casos de homossexualidade poderiam ter uma explicação semelhante. Numa leitura de vida de Cayce, foi dito a um homossexual dos dias de hoje que, numa vida anterior como heterossexual, ele tinha gozado com homossexuais. Em leituras para outros homossexuais, a origem da sua preferência é descrita como o resultado de uma mudança de gênero de uma vida para a seguinte. Uma pessoa que tinha sido um homem numa vida recente e que voltou num corpo feminino desta vez poderia descobrir que a preferência sexual do passado continuou, produzindo o lesbianismo.

Estas são apenas algumas ilustrações de como as dificuldades podem surgir de acordo com a lei da causa e efeito, ou karma. Não existem injustiças na vida, diz-nos o material de Cayce. Tanto neste mundo como na vida após a morte, experienciamos os resultados das nossas próprias escolhas. Se, por exemplo, alguém é falsamente preso ou falsamente executado numa vida, devemos considerar como isso pode muito bem ser um efeito cármico herdado de uma encarnação anterior. Isto também é verdade para defeitos de



nascença, anomalias físicas ou qualquer outra coisa considerada infeliz.

É importante lembrar que as condições desagradáveis que encontramos, seja durante a vida física ou depois de esta ter terminado, não são permanentes. São simplesmente parte da educação da alma, ensinando-nos as lições que precisamos de aprender para fazermos o nosso caminho de volta para Deus. O nosso karma é, na verdade, uma oportunidade para o crescimento da alma!

### **Planos do Inferno e Trevas Exteriores**

No Capítulo 5 vimos que, na maioria dos casos, os que partiram passam uma certa quantidade de tempo no plano terrestre — numa dimensão de consciência a partir da qual ainda podem perceber prontamente o mundo físico. Mais tarde, passam para outros reinos. Da mesma forma, algumas almas cujas escolhas produziram dificuldades para si mesmas na vida após a morte permanecem ligadas à terra, enquanto outras encontram os resultados das suas ações mal orientadas noutras dimensões.

Que outros reinos são esses? A nossa próxima história descreve como uma dessas dimensões poderia ser. Não podemos ter a certeza se o sonho aqui relatado é uma visão de um plano não terrestre real ou simplesmente um aviso simbólico contra um padrão mental possivelmente prejudicial. Mas, em qualquer dos casos, ilustra como nós próprios podemos construir as nossas próprias experiências desagradáveis na vida após a morte. O mundo retratado neste relato é limitado, estreito e estagnado — tal como a perspectiva materialista sobre a qual o meu correspondente sentiu que o sonho o advertia.

### **O Inferno de um Homem de Negócios**

Este sonho mostrou ao nosso colaborador um mundo que ninguém quereria visitar. A parte esperançosa do relato é o último parágrafo, onde podemos ver que o narrador reconhece e está

disposto a mudar o hábito mental contra o qual a sua visão o adverte.

"Num sonho, eu estava num comboio. Sabia que todos ali estavam mortos e que estávamos todos a ir para os nossos lugares na vida após a morte. A maioria de nós no comboio éramos pessoas de aspeto comum. Alguns padres e freiras também estavam presentes.

"À medida que nos aproximávamos de uma estação ferroviária, o revisor anunciou o nome da estação como 'Céu'. Todos se levantaram, preparando-se para sair. Então a voz pelo altifalante disse: 'Todos aqueles que se considerarem dignos do Céu podem sair'. Ouvindo isso, sentei-me prontamente! Apenas alguns padres e freiras deixaram o comboio no 'Céu'.

"No minuto seguinte, vi-me no que parecia ser uma sala sem fim, na qual parecia haver uma grande multidão de pessoas. Estavam divididas em grupos de dez, paradas em círculos e de mãos dadas. Eu próprio estava num destes círculos. Só podíamos falar com a pessoa à nossa direita, e só podíamos repetir o que nos tinha sido dito pela pessoa à nossa esquerda.

"Subitamente, uma onda de excitação percorreu a multidão. O homem à minha esquerda disse-me: 'Um vírgula dois por cento'. Passei isto à pessoa à minha direita. Ele também ficou muito excitado. Perguntei-lhe por que razão havia tal agitação por causa de uma afirmação simples. Ele respondeu: 'Homem, essa é a primeira coisa nova que ouvimos em mil anos'.

"Devo explicar que na minha vida desperta sou um homem de negócios com vários escritórios, e muita da minha atividade está relacionada com dinheiro. Percebi que a minha experiência onírica me estava a dizer que os meus interesses, até essa altura, tinham sido todos orientados materialmente e que eu deveria colocar mais ênfase no meu desenvolvimento espiritual." R.M.

Existem, claro, muitos tipos diferentes de erros que uma pessoa pode cometer na vida física, por isso há uma grande variedade de lições para as almas individuais assimilarem na vida após a morte. Poderíamos, portanto, esperar um número de reinos diferentes para onde a alma se poderia deslocar após a morte, cada um com condições especialmente adequadas para ensinar uma lição específica. Edgar Cayce teve uma série de experiências que indicavam precisamente isso.

### **Dimensões do Inferno**

Edgar Cayce viu muitos planos não terrestres ao entrar no estado de transe para dar leituras. Durante estas experiências, ele era capaz de visualizar condições nestes mundos não físicos e as lições que as almas falecidas estavam a aprender neles. Alguns dos reinos que ele descreveu poderiam bem ser considerados dimensões do "inferno".

Em vários dos planos, Cayce viu seres com formas grosseiramente distorcidas que pareciam estar a enfatizar o uso errado de certas faculdades físicas em vida. Algumas das formas eram verdadeiramente grotescas — pessoas com estômagos imensos, línguas enormes e outras partes do corpo grandemente aumentadas. Estar preso neste tipo de forma tornaria a alma agudamente consciente da sua gula, do mau uso do poder da fala ou de outras falhas físicas. Que melhor forma poderia haver para chamar a atenção para as transgressões de alguém!

Uma das dimensões que Cayce descreveu era a morada do egoísta que sentia que sabia tudo. Após a morte, tal alma poderia encontrar-se num lugar onde cada pessoa presente tinha uma cabeça enorme. Todas as pessoas neste mundo acreditavam que sabiam tudo. O resultado era que todos ali estavam a falar, mas ninguém estava a ouvir. Que inferno seria esse para um egoísta!

O karma do egoísmo extremo poderia transpor-se para outra vida física, fazendo com que a alma nascesse num corpo

hidrocefálico. Através desta experiência, o indivíduo entra numa situação na qual ele ou ela deve ouvir os outros, e na qual ele ou ela é completamente indefeso e tem de ser cuidado em todos os aspetos. Assim, ao indivíduo é dada uma oportunidade de aprender a apreciar os outros; mas, ainda mais importante, de aprender a ouvir.

De todos os planos do inferno, talvez o mais terrível seja um ao qual Jesus se pode ter referido quando usou a frase "trevas exteriores" (Mateus 8:12). Numa visão poderosa de uma alma nas trevas exteriores, foi sublinhada para mim a responsabilidade de cada indivíduo pelas suas próprias ações e a forma extrema como as nossas escolhas podem construir consequências que devem ser enfrentadas. Infelizmente, estas consequências nem sempre são as que queremos ou esperamos. Eu testemunhei pessoalmente algo da angústia de almas nas trevas exteriores. Na minha experiência onírica visionária, fui fortemente atingida pela atmosfera deprimente da cena. Esta atmosfera, a água escura e sombria, e a voz desolada da alma que vi combinaram-se para criar um sentimento de absoluta desolação.

Primeiro, aqui está o contexto da minha visão: Um homem casado, com vários filhos, apaixonou-se pela sua secretária, que também era casada. Ele era um professor na área da metafísica e estava plenamente consciente do significado dos votos feitos no casamento: "... 'até que a morte nos separe'". Ele e a sua secretária, que estavam muito apaixonados, cometeram suicídio juntos, embora ambos soubessem que matar-se era errado, especialmente no caso deles. Evidentemente, pensaram que esta ação lhes traria a libertação dos seus votos e lhes permitiria estarem juntos para sempre. Quando soube o que tinham feito, comecei a rezar por eles ardentemente.

Uma noite, enquanto rezava por eles, adormeci e tive uma experiência onírica muito vívida. No sonho era noite. Vi o homem parado sozinho junto a uma grande massa de água muito escura,

rodeado por trevas absolutas. Na voz humana mais piedosa que alguma vez ouvi, ele chamava pela sua secretária — "Celia, Celia, Celia".

Embora tivessem cometido suicídio juntos, cada um estava agora completamente sozinho.

Acordei do sonho e imediatamente comecei a rezar mais fervorosamente por aquelas almas perdidas nas trevas exteriores. Esta experiência fortaleceu a minha percepção de que votos feitos no altar de Deus não podem ser facilmente quebrados.

Admitidamente, o meu sonho visionário poderia levar-nos a acreditar que o suicídio produz uma situação totalmente sem esperança, deixando a alma nas trevas para sempre. Mas tive outras experiências que mostram o contrário. Um destes incidentes é relatado abaixo. Uma característica notável deste relato é a precisão da informação psíquica dada por Olga Worrell, uma das mulheres na história. Esta demonstração inegável de habilidade extrassensorial assegurou-me de que os poderes psíquicos da Sra. Worrell estavam corretos e que alguém querido para mim tinha, de facto, sido capaz de se mover para a luz.

### **Uma Psíquica Confirma o Poder da Oração**

Um dia, quando estava em Virginia Beach a visitar a A.R.E., fui convidada para jantar na casa de Bob e Isabel Adriance. Nessa noite eles tinham outros convidados para jantar: Olga Worrell, uma psíquica bem conhecida na América, e o seu marido, Ambrose.

Depois de termos comido, a Olga disse-me: "Vejo um grande número de pessoas do outro lado paradas à tua volta. Querem agradecer-te pelas tuas orações constantes por elas".

Quando lhe perguntei quem estava lá, fiquei atónita ao ouvi-la identificar nove pessoas — cada uma das quais estava na minha lista diária de orações! Até o nome Tante Bartetzko foi dado corretamente. Ninguém poderia adivinhar isso!

Então a Olga disse: "E o teu irmão está aqui". Fiquei verdadeiramente espantada. O meu irmão tinha cometido suicídio alguns anos antes. Eu tinha estado a rezar por ele todas as noites, mas não tinha contado a ninguém fora de casa sobre isso.

A Olga acrescentou, como que para me consolar: "Ele diz para te dizer que está tudo bem. Ele está agora com a tua avó, na luz". Achei esta informação muito reconfortante, pois se alguma vez houve um anjo na terra, a minha avó chegou muito perto de ser um.

A minha experiência contém uma mensagem encorajadora para

*Quando as Coisas Mal / 213* (Nota: Erro de inversão no original preservado: "When Things Go Wrong" -> "When Things Go Wrong")

todos nós: não existem problemas na vida após a morte sem soluções; mesmo a permanência de uma alma nas trevas exteriores não é permanente. Pode levar tempo, mas a libertação é possível. Não importa qual seja o problema ou limitação — e este capítulo explorou uma série de experiências problemáticas que uma alma pode ter inadvertidamente criado para si mesma — há sempre esperança.

## CAPÍTULO 10

### COMO PODEMOS AJUDAR

Tive uma vez uma experiência que ilustra claramente o tema deste capítulo: as almas no outro lado estão conscientes dos nossos esforços em seu nome e são recetivas. Estes eventos de há muitos anos envolveram um querido amigo falecido que simplesmente não admitia que tinha partido. Esta recusa limitava a sua oportunidade de progresso, e causava também à sua esposa algum mal-estar. Mas o problema provou ter solução, e o incidente deixa-nos com a verdade encorajadora de que podemos ajudar os nossos entes queridos a superar as suas dificuldades, mesmo depois da morte.

Enquanto vivíamos em Los Angeles, o Bill e eu tínhamos vizinhos maravilhosos, particularmente aqueles que viviam diretamente do outro lado da rua. Eu tinha uma afinidade especial com o Don, o pai da família. Todos os domingos de manhã, quando o meu marido e eu saíamos para a igreja, víamos o Don, ocupado a aparar as suas sebes, e ele gritava: "Não se esqueçam de rezar por mim". Fazíamos isso fielmente.

Um dia, sem aviso, o Don morreu subitamente de um ataque cardíaco fulminante. O Bill e eu tínhamos mudado para outro estado nessa altura, mas continuámos a rezar por ele.

Cerca de um ano mais tarde, voltámos e visitámos a esposa do Don. No decorrer da nossa conversa, ela disse-nos que ele ainda estava ali. Ninguém tinha sido capaz de dormir na cama dele desde a sua morte. Aqueles que tentavam sentiam sempre outra presença e sentiam alguém aparentemente a tentar empurrá-los para fora da cama!

A esposa do Don contou-me então um sonho estranho. No seu sonho, o irmão do Don, que o tinha precedido na morte, carregava o marido dela nos braços como um bebé. Continuava a dizer ao Don que ele estava morto e pedia-lhe para, por favor, abrir os olhos para a verdade e seguir em frente a partir dali. O Don abria os olhos para espreitar por um momento e depois fechava-os rapidamente de novo, recusando-se a reconhecer a sua morte. Depois de relatar este sonho, a esposa disse que sentia a presença dele na casa constantemente.

Um dia, durante uma visita posterior, perguntei se o marido dela estava ali naquele momento. A resposta dela foi: "Oh sim, ele está aqui agora!". Solicitei então que ela me deixasse falar com ele sozinha.

Quando ela saiu, dirigi-me a ele audivelmente, dizendo: "Don, conheces-me bem. Sabes que eu nunca te mentiria. Tiveste um ataque cardíaco num domingo enquanto aparavas as sebes e

morreste subitamente. É por isso que estás agora com o teu falecido irmão, e ele está a tentar dizer-te para encarares o facto de que partiste. O teu corpo está morto, mas a tua alma vive!

"A tua filha está casada agora. Não seria maravilhoso se pudesses voltar como filho dela? Mas primeiro debes reconhecer que atravessaste para o outro lado e aprender algumas outras lições. Só então serás capaz de regressar.

"Sabes que nunca te menti quando discutíamos religião, e estou a ser verdadeira agora. Por isso, reconhece onde estás, para que sejas capaz de voltar novamente."

A esposa do Don relatou-me pouco tempo depois que o seu marido já não estava ali.

Esta história mostra o problema que pode surgir quando uma pessoa ou não sabe que a morte ocorreu ou não está disposta a aceitar que ocorreu. O relato também mostra duas formas básicas pelas quais podemos ajudar a alma a mover-se além deste obstáculo. A primeira é através da oração. A dificuldade que os falecidos por vezes têm em perceber que estão mortos é uma razão importante pela qual muitas religiões nos ensinam a rezar por eles. Isto é algo que todos deveríamos fazer. A segunda técnica para auxiliar as almas nesta situação é simplesmente informá-las de que partiram. Se conseguirmos fazer passar esta mensagem, poderemos ser capazes de as ajudar a seguir em frente e a retomar o seu desenvolvimento normal.

Mas a possibilidade de ajudar os mortos levanta a questão de saber se a comunicação com eles é sempre benéfica. Em alguns casos, pode ajudar os que partiram a reconhecer e a tirar partido das oportunidades de crescimento no outro lado da vida. Noutras situações, porém, pode dificultar o avanço da alma ao ligá-la aos entes queridos deixados para trás; e existe também o perigo de que o envolvimento excessivo na comunicação com os mortos impeça uma vida produtiva para aqueles que ainda estão no mundo



material. Em certas instâncias, é difícil determinar se o contacto prolongado com o falecido ajuda ou dificulta.

Podemos imaginar que esta incerteza é enfrentada por muitas pessoas que têm a oportunidade de comunicar com almas queridas que partiram. Uma mulher, cujo marido tinha falecido dois anos antes, perguntou a Edgar Cayce se era ou não aconselhável fomentar a comunicação contínua. O conselho que recebeu na sua leitura foi um endosso de tal esforço — com certas ressalvas. Se a comunicação "é para uma experiência útil a cada um, está bem. Que seja antes dirigida por essa comunhão com Aquele que prometeu estar contigo sempre...". A mulher foi então avisada para não estorvar o seu companheiro, "mas — em tais associações e encontros — dá a direção ao Santo". (1782-1)

A resposta de Cayce encoraja-nos a basear a nossa decisão sobre se devemos procurar comunicação com os mortos numa avaliação honesta do efeito que esta interação provavelmente terá no seu desenvolvimento espiritual. Ele diz também que, ao fazer este julgamento, devemos seguir a orientação divina, a qual ele nos assegura que estará sempre disponível.

Em alguns casos, a nossa ajuda pode ser crucial, tal como mostrado no nosso próximo relato. Consequências extremamente prejudiciais podem resultar da falha de uma pessoa em perceber que morreu. Em forte contraste com a maioria das nossas outras histórias, que descrevem o contacto com o falecido como uma experiência jubilosa e reconfortante, a presença persistente do marido desta mulher fez com que ela ficasse gravemente deprimida. Felizmente, ela foi capaz de ajudá-lo a superar a sua dificuldade, e ambos foram capazes de seguir com as suas vidas nas suas respectivas esferas.

## **Um Quase Suicídio**

Este relato é a continuação de uma história contada no Capítulo 3 por uma mulher cujo marido foi morto em combate. Aqui ela fala-nos de um problema sério que surgiu após o seu falecimento, e da forma direta como o resolveu.

"Sentindo a presença constante do meu falecido marido comigo e não sendo capaz de o ver, falar com ele ou confortá-lo de qualquer forma, senti-me a ser levada a juntar-me a ele. Uma noite, sentei-me com os comprimidos prontos para tirar a minha própria vida.

"Depois pensei: 'Talvez ele não saiba que está morto!'. Por isso falei com ele em voz alta, dizendo-lhe que ele tinha morrido e que eu não podia vê-lo, ouvi-lo ou ajudá-lo. Disse-lhe que havia um lugar preparado para ele ir, pois havia trabalho para ele fazer lá e ele era necessário. Ele foi!" R.S.

## **Outras Formas de Libertar os Mortos**

Rezar pelos mortos e informá-los de que partiram são apenas dois dos passos que podemos dar para os assistir na superação de laços restritivos com o plano terrestre. As leituras de Cayce indicam que a disposição adequada dos seus restos físicos também pode ajudar a libertar os que partiram de apegos materiais.

Para alguns indivíduos, o laço entre a alma e o corpo pode ser suficientemente poderoso para impedir a alma de deixar o corpo para trás quando a vida física termina. Isto pode tornar necessário, como dizem as leituras de Cayce, desapertar "os elementais do corpo físico" para que a alma fique livre para seguir em frente. (275-29) Alguns métodos de tratar o cadáver realizam este "desaperto" de forma mais completa do que outros. A variação depende da consciência da alma que partiu.

Duas abordagens que Cayce mencionou foram a cremação e o selar hermeticamente o corpo no seu caixão (isto é, "a separação da atmosfera do corpo"). (275-29) A cremação foi indicada em várias

leituras; mas, no meu entendimento, é importante esperar três dias completos após a morte física antes deste procedimento.

Outra coisa importante que podemos fazer para libertar os mortos é simplesmente evitar tornarmo-nos uma influência negativa no seu desenvolvimento. Muitas pessoas ficariam verdadeiramente consternadas se percebessem o quanto estavam a reter os seus entes queridos ao adotarem atitudes inúteis em relação à sua partida. O luto excessivo e possessivo é particularmente prejudicial a este respeito. Devemos aprender a deixar ir as almas de quem gostamos, para que lhes seja permitido prosseguir com o seu avanço espiritual.

A história seguinte fala de um encontro onírico vívido com uma alma que estava aparentemente a ser retida na terra por algo inacabado na sua relação com o seu filho adulto. Muito possivelmente, este laço restritivo foi reforçado pela tristeza e culpa da filha sobre as circunstâncias da morte do progenitor. Quando os dois se encontraram e realizaram o que tinha sido deixado por fazer entre eles, o problema foi resolvido e o pai foi capaz de seguir em frente.

### **O Adeus de um Pai**

O colaborador deste relato expressa belamente o quão caro nos pode ser uma alma falecida, e no entanto quão importante é para nós deixarmos a alma ir. O parágrafo final transmite uma forte sensação da cura provocada por esta libertação.

"Pertencço a um grupo de sonhos da A.R.E. em Massachusetts, por isso mantenho um diário dos meus sonhos. Mas em todos os anos desde que o meu pai faleceu, tenho sido capaz de me lembrar de muito poucos. O meu pai apareceu-me em dois deles e num nós chegámos a tocar-nos e a falar um com o outro.

"Algum tempo depois da morte do meu pai, sonhei que ia de férias. Pouco antes de sair do meu quarto, o meu pai apareceu

subitamente do nada. Eu disse-lhe: 'Vou-me embora agora. Não te vais despedir de mim?'.

"Mas ele não me respondeu — continuou apenas a caminhar pelo corredor.

"Duas semanas depois, tive um encontro mais intenso com o meu pai. Neste sonho, ele e eu estávamos a viver juntos e eu era mais nova do que sou agora. Disse-lhe que ia sair por um curto período para fazer um recado. Ele insistiu em abraçar-me antes de eu sair. (Embora eu amasse profundamente o meu pai, raramente nos abraçávamos.) Ele tinha um olhar muito triste, como se pensasse que algo lhe aconteceria antes de eu voltar para casa novamente. Evidentemente saí, e nesse ponto o sonho terminou.

"Estes sonhos foram extremamente importantes para mim porque o meu querido pai tinha morrido muito subitamente enquanto estava no centro da cidade um dia. Antes de eu saber do seu colapso, ele tinha sido levado para um hospital e nunca mais o vi vivo. Nunca tive a oportunidade de me despedir dele e de lhe dizer o quanto o amava. Isto tinha-me incomodado durante anos. Tinha-me sentido muito triste com isso e também culpada.

"Acredito que quando o meu pai me abraçou no segundo sonho estávamos na verdade juntos em consciência sem corpo, pois a experiência foi muito vívida e senti que estava realmente com ele outra vez. Sei agora que nestes sonhos estávamos finalmente a dizer adeus um ao outro pela última vez porque não tínhamos tido a oportunidade de o fazer enquanto ele ainda estava vivo. Foi uma despedida espiritual e, desde essa altura, nunca mais tive outro sonho com ele.

"Sinto-me agora em paz comigo mesma, depois de todos estes anos. Tive de deixar o meu pai ir para o seu desenvolvimento espiritual mais elevado, e ele teve de me deixar ir para o meu crescimento espiritual na terra. Tínhamos estado ambos a segurar-nos um ao outro por causa do forte amor entre nós, que continuou

mesmo além da sepultura. Sei que em qualquer plano espiritual em que o meu pai esteja agora, ele está feliz e em paz, e tenho a certeza de que estaremos juntos novamente noutra vida." C.K.

Como sugere esta história, o luto dos vivos pode ser um sério entrave ao progresso dos que partiram. Pode ser natural sentirmos tristeza pela partida de um ente querido, mas devemos ter cuidado para não deixar que o nosso luto se torne excessivo, quer em intensidade quer em duração. O luto desenfreado pode prender uma alma à terra em laços de tristeza. O resultado é bastante diferente da presença jubilosa que os falecidos habitualmente exibem noutras circunstâncias.

Outra história — que me foi contada há muitos anos — mostra a distinção nítida entre o sofrimento das almas presas pelo luto e a felicidade daquelas no outro lado a quem foi concedida a sua libertação. Na maioria dos casos, o amor entre progenitor e filho que perdura após a morte é uma fonte de força e consolação. Mas, como o pai nesta história aprende, se esse amor der origem a um sofrimento excessivo, pode ser muito prejudicial tanto para os vivos como para os falecidos. No entanto, este é essencialmente um conto de esperança, pois dá-nos uma imagem clara da alegria que está disponível para os que partiram uma vez que o nosso luto pela sua transição seja controlado.

### **O Luto de um Pai Cria uma Barreira**

Uma menina nasceu cega numa família amorosa. Havia uma afinidade especialmente forte entre a criança e o seu pai. Quando a menina tinha cerca de cinco anos, insistia em esperar no portão todas as tardes para que o seu papá chegasse do trabalho. Depois, para grande consternação da sua família, a criança adoeceu e morreu. O pai, em particular, ficou inconsolável no seu luto. A sua angústia interferiu com a atenção adequada ao seu trabalho e ele perdeu o emprego. Durante dois anos, se o tempo o permitisse, ele sentava-se numa cadeira de baloiço no quintal, a pensar na sua falecida filha e a chorar por ela.

Um dia, enquanto o pai ali estava sentado em sofrimento, teve uma visão. Uma grande luz apareceu no lado direito da estrada. O lado esquerdo estava em semioscuridade. No lado direito, viu Jesus rodeado por um grupo de crianças felizes e risonhas. No lado esquerdo, viu a sua própria filhinha, sozinha na penumbra. Jesus fez-lhe sinal para vir para onde Ele estava. Mas a criança, soluçando, disse: "Não posso enquanto o meu papá chorar por mim!".

Esta experiência ajudou o pai a tornar-se consciente da miséria que a sua própria angústia estava a causar à sua filha. Nos dias que se seguiram, ele forçou-se a voltar ao normal. Certamente que a sua dor foi grandemente aliviada assim que percebeu a felicidade que aguardava a sua filhinha.

Claramente, nesta história o remorso natural que vem com a perda de um ente querido transformou-se em luto destrutivo. O próximo relato mostra claramente a diferença entre a tristeza natural da minha correspondente pela partida do seu pai e o luto extremo e destrutivo da sua mãe. Uma parte importante deste relato é o apelo explícito de ajuda que a nossa narradora recebeu do falecido, uma expressão clara do desejo da alma de progredir. Parece que o envio desta mensagem foi de algum benefício para o que partiu, como se pode ver na sua presença mais pacífica no final da história.

### **A Prejudicialidade do Luto Prolongado**

Esta história foi enviada pela mesma mulher que foi visitada pelo seu querido sobrinho Toby após a sua morte — conforme contado no Capítulo 2. Aqui ela dá-nos uma noção aguda de quão prejudicial o remorso excessivo pode ser tanto para os vivos como para os mortos.

"A minha segunda experiência de contacto com o falecido ocorreu cerca de três meses após a morte do meu pai. O Papá morreu de forma bastante inesperada — para a família, pelo menos — de um ataque cardíaco. Ele e a minha mãe tinham estado casados

durante trinta e três anos. A mãe, que tinha apenas quinze anos e meio quando casaram, ficou devastada com a sua morte.

"Durante o tempo em que estávamos a fazer os preparativos do funeral, senti sempre que o Papá estava mesmo ao meu lado. A sensação era tão forte que senti que podia esticar a mão e tocar-lhe. Embora eu sentisse realmente a falta do meu pai, nunca chorei por ele, porque estava continuamente consciente da sua presença. Também sabia que tínhamos estado juntos antes desta vida e que estaríamos juntos novamente.

"A minha mãe quase se destruiu com o luto. Passava a maior parte do tempo ou a dormir ou dopada com tranquilizantes. Eu sei sempre — fico com um pressentimento — quando as coisas não estão bem com ela. A mãe vive no Louisiana e eu passava muito tempo a ir e vir para a visitar lá; mas ninguém conseguia ajudá-la a tirar-se do buraco escuro e profundo que ela tinha cavado.

"Três meses depois de o Papá morrer, ele veio ter comigo durante a noite. Disse: 'Ajuda-me, Linda, ajuda-me. Não consigo seguir em frente. A tua mãe está a prender-me à terra'. Ele repetiu isto várias vezes. Eu podia sentir a sua presença e ouvir a sua voz, mas não conseguia vê-lo.

"Quando acordei totalmente na manhã seguinte, liguei à minha mãe para lhe dizer que o Papá tinha vindo ter comigo e para a deixar saber o que ele tinha dito. Ela perguntou se eu achava que o seu luto o impedia de descansar, e tive de lhe dizer que sim. Ela disse que tentaria lembrar-se de se controlar.

"Desde essa altura senti que o Papá esteve comigo em várias ocasiões, mas tem sido uma presença mais pacífica. Durante muito tempo após a sua visita, não consegui 'encontrá-lo' e tive a sensação de que ele estava a descansar. A vida dele não tinha sido exatamente o que ele queria, o que lhe causou algum ressentimento e pessimismo, por isso acho que ele precisava de tempo para descansar antes de seguir em frente." L.O.C.

Estes relatos do efeito paralisante do luto recordam-me uma pergunta que foi feita no final de uma das minhas palestras públicas: "Por que razão continuo a sonhar com a minha falecida mãe a caminhar na água até aos joelhos?".

Eu respondi: "Pergunte-lhe!".

Esta mulher relatou-me mais tarde que, na vez seguinte em que a sua mãe apareceu num dos seus sonhos, perguntou-lhe por que razão ela estava a caminhar naquela água. A mãe respondeu tristemente à sua filha dizendo: "Estas são as lágrimas que derramaste por mim. Não me deixas ir, por favor?".

O sonho despertou a filha para o sofrimento que estava a causar à sua mãe. Ela então conteve-se, a fim de permitir que a sua mãe seguisse em frente, e os sonhos perturbadores cessaram.

### **O Poder da Oração**

Quantos de nós, ao sermos privados de um ente querido, nos culpámos pelas coisas que falhámos em fazer? "Se ao menos eu tivesse sido mais bondosa com ela", poderíamos dizer. Ou: "Gostaria de lhe ter dito mais vezes que o amava". "Gostaria de ter sido mais atenciosa." "Gostaria de ter sido mais agradecida por tudo o que ela fez por mim." "Gostaria..."

Pode ser compreensível sentirmos este tipo de remorso. Mas tais pensamentos ignoram uma verdade vital e extremamente confortante: a morte não acaba com a nossa oportunidade de auxiliar aqueles por quem nos preocupamos. Ainda podemos ajudá-los — e ajudá-los de algumas formas muito importantes. Mas lamentarmo-nos não o fará. A oração fá-lo-á.

De todas as possíveis dificuldades dos falecidos que vimos nos últimos dois capítulos, cada uma delas pode ser superada pelas orações dos vivos. Na oração temos a nossa melhor oportunidade de continuar a expressar o nosso amor pelas pessoas que nos são queras e que partiram.



Quer os nossos entes queridos estejam vivos ou mortos, a melhor coisa que podemos fazer por eles é ajudá-los a aproximarem-se de Deus. Numa leitura, Edgar Cayce descreveu como as almas no outro lado estão atentas e esperam receber as nossas orações. Esta leitura assegura-nos que a ansiedade em nome dos que partiram não é necessária; através das nossas orações e do exemplo que damos, podemos estender-lhes a força e a orientação necessárias para a sua aproximação ao nosso Criador.

Numa imagem inspiradora da receptividade das almas falecidas, essa leitura diz:

"Aqueles que passaram pela outra porta de Deus estão frequentemente a escutar, a escutar a voz daqueles que amaram na terra... E as orações dos outros que ainda estão na terra podem subir até ao trono de Deus..." (3954-1)

Quer as almas estejam neste mundo ou no próximo, o que elas pedem dar-nos-á uma ideia bastante boa do que é que elas valorizam. Em histórias de contacto com o outro lado, nunca ouvi falar de mortos a pedirem dinheiro a alguém, ou um carro novo, ou roupas bonitas. Mas ouvi falar de muitíssimas instâncias em que os que partiram pediram claramente oração aos vivos. Cada um destes casos demonstra que os falecidos querem progredir. As almas que solicitam auxílio sabem que precisam de ajuda e estão dispostas e aptas a pedi-la. Talvez o mais significativo seja que reconhecem o valor das nossas orações e o seu poder para lhes dar o que precisam.

Podemos nós, que ainda vivemos no mundo físico, ter a certeza de que as nossas orações de facto ajudam os mortos? Sim, podemos — se os escutarmos. Ninguém poderia pedir uma expressão mais clara do valor da oração do que o pedido que recebi uma vez.

Uma noite, uma vizinha que sabia da minha crença na vida após a morte ligou-me e pediu-me para ir a sua casa a fim de confortar o seu marido, que estava a morrer de cancro. O homem chorava

constantemente devido ao seu medo da morte. Quando cheguei à casa deles, tentei acalmá-lo e assegurar-lhe da sobrevivência da alma. Apontei experiências bíblicas, particularmente as de Jesus e outros que tinham aparecido após a morte. A sua esposa Margaret e eu fomos capazes de o acalmar até certo ponto. Em poucas semanas, o meu vizinho partiu. Como é meu costume, rezei por ele durante cerca de um mês; depois parei. Uma noite, cerca de uma semana mais tarde, tal como eu estava a acordar, ouvi a sua voz dizer: "Por favor, continua a rezar por mim. Ainda preciso da tua ajuda." Duas ou três semanas depois deste incidente, ouvi novamente a sua voz. Desta vez ele disse: "Diz à Margaret que está tudo bem agora. Ela tratou de todos os assuntos de negócios e de outras questões perfeitamente."

Quando dei a esta mulher esta mensagem, ela disse: "Isso encaixa. Senti-o por perto durante semanas. Agora que terminei com todos os papéis legais, já não sinto a sua presença."

Recebi outras histórias que mostram claramente que os nossos esforços em nome dos mortos valem a pena. Se as nossas orações não estivessem a fazer nenhum bem, por que se dariam os falecidos ao trabalho de continuar a pedi-las? Uma mulher relatou sonhos frequentes do seu falecido pai — com cenários que eram quase sempre dentro ou perto de uma igreja. Ela percebeu que este era um pedido simbólico de oração. Na história seguinte do sonho de outra pessoa, o chamamento para a oração é claro e inequívoco:

### **Outro Pedido de Ajuda**

"Uma manhã recebi uma chamada telefónica do Larry, alguém com quem eu tinha trabalhado em Aberdeen Proving Ground, em Maryland. O Larry afirmou que tinha sonhado com o Ralph, outro homem que eu conhecera em Aberdeen, que falecera há cerca de nove anos.

"No sonho, o Ralph tinha mostrado ao Larry a área de um rio onde o barco do Ralph se tinha afundado. Ele pediu ao Larry para o

ajudar a recuperá-lo. O Larry conseguiu tirar o barco do fundo do rio, mas este veio à superfície da água virado ao contrário. O Larry subiu para a embarcação e tentou remá-la para terra — usando as mãos, uma vez que não tinha remos — mas ele e o barco derivavam cada vez mais para longe da margem.

"Subitamente, no sonho, apareceu uma baleia enorme. O Larry tentou fazer com que ela batesse no barco para terra. A baleia recusou-se a fazer isso, mas disse ao Larry para subir para as suas costas e que ela o levaria para terra. O Larry desistiu do barco, saltou para as costas da baleia e foi trazido para terra. Então o sonho terminou.

"Quando o Larry perguntou o que eu achava sobre este sonho, disse-lhe brevemente que o Ralph aparentemente está retido onde está e que quer progredir, mas precisa de ajuda. Como o Ralph era católico, recomendei que o Larry mandasse dizer Missas por ele e rezasse por ele, e prometi fazer o mesmo. Também sugeri que o próprio Larry poderia estar em 'águas turbulentas' e que ele, também, poderia receber ajuda de Jesus se pedisse. Ele disse que rezaria pelo Ralph e mandaria oferecer Missas por ele.

"O Larry não teve mais sonhos ou mensagens do Ralph desde essa altura." W.J.W.

Recebi uma vez uma mensagem onírica relativa ao meu marido Bill após a sua morte. Mostrava um desejo semelhante de progredir e uma necessidade de ajuda. No sonho, o Bill estava a conduzir no seu camião, carregando o seu próprio caixão com ele. Quando perguntei a razão para tal, ele disse: "Não consigo encontrar nenhum lugar para descansar".

Isto foi definitivamente um chamamento para a oração. De acordo com Edgar Cayce, a oração coloca luz em redor das almas falecidas. Isto chama a atenção de ajudantes no outro lado da vida, que então as resgatam e as conduzem para a sua etapa seguinte de desenvolvimento.

Talvez a necessidade deste tipo de assistência na vida após a morte seja indicada no nosso próximo relato. Aqui encontramos duas almas com uma qualidade muito triste e desamparada que sugere que poderiam bem necessitar de orientação de outros seres no reino não físico.

### **Apelos de Dois Fantasmas Tristes**

Este relato fala de duas experiências em que os mortos não transmitem os seus pedidos de forma muito explícita. A minha correspondente mostra grande sensibilidade à necessidade de ajuda das almas — e uma compreensão intuitiva de como esta assistência pode ser melhor prestada.

"No espaço de um ano após a morte de um cantor famoso, sonhei que ele vinha visitar-me na cozinha onde eu estava a cozinhar. Ele parecia estar muito triste e humilde. Não disse nada, mas eu sabia que ele precisava de orações.

"A mesma coisa aconteceu quando o meu padrasto morreu. Eu estava a lavar as escadas de pedra que levam à minha casa, e ele estava lá em baixo, a olhar para mim. Parecia muito desamparado, e senti que ele precisava de ajuda. Convidei-o para entrar na cozinha. Ele não disse nada — apenas parecia triste e perdido. A minha família e eu soubemos que isto era um chamamento para rezar por ele." A.F.

Através dos seus pedidos de oração, os falecidos demonstram o valor que atribuem a este tipo de auxílio. Tal como os vivos, os mortos são capazes de mostrar que reconhecem o valor do que lhes foi dado — podem agradecer-nos por isso. No capítulo anterior vimos um incidente no qual uma mensagem de apreciação pela oração foi recebida: a história sobre Olga Worrell e as almas na minha lista pessoal de oração.

De forma semelhante, recebi um relato de uma pessoa que sonhou que era proibida de atravessar uma vedação de rede. No "outro lado" desta vedação estava um amigo que tinha partido —

alguém por quem a minha correspondente tinha estado a rezar. O amigo estava parado no lado longínquo da vedação e expressava agradecimento pelas orações.

Os falecidos estão gratos pelo apoio da oração porque este os ajuda de formas muito específicas: a atravessar o período de inconsciência que habitualmente se segue à morte; a assisti-los na superação de laços limitadores que os prenderiam à terra; e até desempenhando um papel na libertação da alma do próprio "inferno". Alguns dos seguintes relatos são dos muitos que recebi que mostram o efeito da oração:

### **Vida na Morte**

No sonho aqui relatado, a nossa narradora ajuda a sua falecida prima a recuperar a consciência na vida após a morte. Através desta visão, a minha correspondente recebeu uma confirmação perfeitamente clara de que os seus esforços foram de real benefício para a alma falecida.

"Uma das minhas experiências com aqueles que atravessaram envolveu a minha prima Louise. De todas as minhas primas, a Louise era a mais próxima de mim em idade. Tínhamos sido especialmente chegadas na infância, brincando frequentemente juntas. Com o tempo ela casou com um aviador e mudou-se para a Inglaterra, enquanto eu continuei a minha vida em Boston.

"Devido à nossa relação próxima, foi um choque terrível para mim receber uma carta dizendo que a Louise e o seu novo marido tinham perecido num acidente de automóvel. Lembrando-me, pelas minhas extensas leituras sobre a morte, que as almas têm frequentemente uma luta para se libertarem após um acidente ou falecimento súbito, comecei a rezar arduamente por ela. Cerca de uma semana depois tive este sonho:

"Eu estava num lugar de névoas, à procura da Louise. Passado um bocado encontrei-a. Ela estava a dormir, por isso sacudi-a para a acordar, chamando o seu nome. Quando ela acordou, continuava a

repetir: 'Estou viva, estou viva, estou viva!'. Eu disse brincando: 'Claro que estás viva', mas ela estava a ficar quase histérica. Depois outros vieram, e a cena desapareceu.

"Lembro-me de acordar com uma sensação ainda mais forte do que nunca de que há vida após a morte." S.B.W.

### **O Fantasma Vingativo**

Soube uma vez de um fantasma com intenção de vingança — uma alma que tinha sido injustiçada e que permanecia em torno da terra numa tentativa de se desferrar. A oração e um pedido sincero de perdão foram as chaves para eliminar este apego destrutivo ao físico.

Um homem cuja esposa tinha cancro terminal contou-me esta história. Durante o período prolongado da sua doença, uma enfermeira esteve presente para cuidar dela 24 horas por dia. Esta mulher, que estava em serviço de vinte e quatro horas, ficava no segundo andar da casa da família. Vários meses depois de se ter mudado, começou a dormir com o marido da mulher moribunda. Algum tempo depois, a esposa partiu. O marido casou-se então com a enfermeira.

Um dia o homem ligou e disse-me que alguém estava a tentar matar a sua atual esposa. Eles viviam no segundo andar, e o quarto deles abria para uma varanda. Foi aqui que a nova esposa sentiu a presença de "alguém" que estava a tentar empurrá-la por cima do corrimão da varanda para a sua morte no pavimento lá em baixo! Ela disse que achava que era a primeira esposa do seu marido.

Eu disse-lhe que acreditava que ela tinha razão — era a esposa que ela tinha substituído. Acrescentei que a mulher morta estava provavelmente a fazer isto devido às atividades da segunda esposa enquanto ela ainda estava viva. Sugeri que a nova esposa rezasse pela falecida e que ela e o seu marido lhe pedissem perdão a ambos. Assim fizeram, e em muito pouco tempo houve paz na casa deles novamente.

Este episódio lembrou-me muitas histórias semelhantes de casas assombradas. Estes incidentes acontecem habitualmente em locais onde ocorreram crimes ou mortes súbitas. Muitos dos edifícios são assombrados por pessoas falecidas que não sabem que morreram. Isto torna a oração pelos mortos sumamente importante, pois permite que sejam ajudados por seres no outro lado cujo dever é dirigir estas "almas perdidas".

A nossa próxima história diz respeito a outro fantasma ressentido. Dois fatores — a oração mais a comunicação de um desejo de perdão — são os meios usados para superar os maus sentimentos do falecido. O relato encerra com uma indicação de uma melhoria gradual na situação, que é paralela ao que poderíamos esperar que acontecesse numa associação entre duas pessoas vivas. Restaurar a harmonia numa relação pode levar tempo e esforço sustentado, qualquer que seja o lado da vida em que se encontre a pessoa com quem procuramos reconciliação.

### **Outra Alma que Não Perdoa**

Neste relato podemos ver novamente a forma como as emoções negativas dificultam o desenvolvimento da alma falecida e perturbam a paz dos vivos. Esta história mostra motivos para esperança de que o ressentimento do falecido será com o tempo curado, devido em grande parte à determinação da nossa narradora em emendar a relação.

"Durante muitos meses tive uma série de sonhos sobre o Earl. Os sonhos, que são sempre os mesmos, dão-me uma sensação de 'agora' — embora o Earl já não esteja nesta dimensão.

"O sonho ocorre no meio de uma atividade apinhada, com muitas pessoas a circular. Parece que estou constantemente a tentar cumprimentar o Earl. Mas, mesmo que ele me veja, volta-se e afasta-se, ignorando as minhas tentativas. Os seus ombros estão encolhidos e ele afasta-se resolutamente noutra direção.

"A outra noite, no meu sonho, cheguei a segurar a mão do Earl; mas ele atirou a minha mão para o lado com um gesto de raiva. Depois virou-me as costas e ficou ali parado, rígido e hostil.

"Obviamente, por alguma razão o Earl está zangado comigo, e continua perturbado embora tenha partido. Tudo o que posso fazer é rezar por ele e enviar-lhe a mensagem de que lamento tê-lo, de alguma forma, ofendido. Rezo para que ele perdoe e esqueça, para que possamos ambos continuar pacificamente as nossas vidas — eu nesta dimensão e ele ali.

"A última experiência onírica que tive com o Earl mostrou uma suavização da sua atitude. Desta vez ele não se afastou. Apenas virou as costas, o que sugere alguma melhoria nos seus sentimentos em relação a mim." S.M.

Uma história final ilustra o poder da oração em grupo, que pode libertar uma quantidade surpreendente de energia física. Mais importante, pode até chegar ao "inferno" e libertar alguém nas trevas exteriores.

Uma noite assisti a uma reunião de um grupo de oração e meditação ao qual eu pertencia. No encerramento de cada reunião do grupo, rezávamos sempre pelos doentes, pelos perturbados, pelos moribundos e pelos mortos. Como parte desta oração, lembrávamo-nos sempre de "aquelas almas que partiram e estão nas trevas exteriores".

Nesta noite em particular, no silêncio que se seguiu à nossa menção das almas nas trevas exteriores, houve um clarão de luz, e todos experienciámos o odor distinto de ozono. Após o período de oração, discutimos a experiência e concluímos que alguém, algures, tinha sido alcançado e ajudado.

Pouco depois eu estava na cama, a pensar no incidente. De repente, apercebi-me de um visitante! Um oriental calvo, bem vestido, estava a sair de uma grande escuridão, de cabeça baixa,



gemendo para si mesmo e dizendo: "É tarde demais, tarde demais para me salvar!".

Concluí imediatamente que esta era a alma que tinha sido tocada pelas orações do grupo naquela noite. Tentei assegurar-lhe que nunca era tarde demais para se voltar para Deus e ser ajudado. Naquela noite, a oração do nosso grupo tinha de facto alcançado uma alma nas trevas exteriores.

## **CAPÍTULO 11**

### **VISLUMBRES DO MUNDO ALÉM**

Neste capítulo final, olhamos para alguns dos relatos mais fascinantes e inspiradores que recebi. Eles são uma conclusão apropriada para a nossa coleção — algumas das evidências mais fortes imagináveis para apoiar o princípio de que a vida é contínua. Algumas destas histórias dizem respeito a curas ou experiências fora do corpo; outras, a encontros notáveis com o Cristo; e ainda outras, a descrições convincentes do que a vida pode ser uma vez que nos despojamos do corpo físico.

A primeira história é um relato longo de cura pessoal e transformação. É o relatório mais longo que incluí neste livro, e descreve belamente a busca sincera de uma alma para encontrar um significado mais profundo para a sua vida.

#### **Um Despertar Espiritual**

Nesta história, a nossa narradora partilha connosco uma série de eventos especiais que experienciou. Tomados em conjunto, estes episódios sugerem que existem mundos além do nosso e uma vida além do físico.

"Em janeiro de 1977, perguntei se existia tal coisa como a sobrevivência à morte. Como a maioria das pessoas, eu não acreditava realmente que existisse. Mas pensava que, se existisse, a nossa existência após a morte seria mais agradável do que a vida

física; e se houvesse apenas o esquecimento, isso, também, seria melhor do que isto. Assim, de qualquer forma, a morte seria preferível. Não estava a fazer as minhas perguntas a ninguém em particular. Não conhecia ninguém a quem perguntar. Na manhã seguinte a considerar estes pensamentos, acordei, virei-me para o meu lado esquerdo e relaxei.

"Subitamente vi-me fora-do-meu-corpo, movendo-me pelo espaço. Parei num lugar onde, como descobri mais tarde, os Registos Akáshicos eram guardados. Um homem estava lá à minha espera. Leu-me das páginas da esquerda e da direita do que parecia ser um livro bastante grande, de cor dourada.

"Quando ele terminou, caminhei ao longo de um caminho até chegar a uma abertura em arco. Passei por ela para uma sala de receção muito grande, onde havia apenas uma urna com um ramo seco nela e um homem vestido com uma túnica branca, comprida até ao chão, com um capuz em volta do rosto.

"Eu estava a olhar para o ramo na urna e a pensar: 'Isso não daria um belo arbusto de gardénias?'. Assim que pensei isto, começaram a aparecer folhas nele, e uma gardénia cresceu no topo do lado mais próximo de mim.

"Olhei para o homem ali parado, e ele transmitiu telepaticamente: 'Bem-vinda a este lugar'. Verdadeiramente nunca me senti mais bem-vinda em lado nenhum. Enquanto ele dizia isto, outras figuras começaram a juntar-se a nós vindas da minha direita. Todos estavam vestidos da mesma forma, exceto quatro ou cinco que usavam túnicas douradas em vez de brancas. Eles, também, estavam a pensar: 'Bem-vinda'.

"Então o primeiro disse: 'Sabemos que ficas cansada na terra'. E eu soube que eles sabiam mesmo. Todos ali compreendiam cada pensamento à medida que estava a ser formado — até eu. Então o homem disse: 'Quando ficares cansada, pensa na gardénia branca e lembra-te'.

"Eu disse: 'Mas a gardénia terá desaparecido amanhã'.

"Ele respondeu: 'Sim, terá. Mas estará lá quando escolheres lembrar-te dela. Por isso lembra-te, e podes descansar aqui entretanto'.

"Então regressei à terra. Tinha olhado para o relógio de cabeceira antes de me virar para o meu lado esquerdo, por isso sei que tinham passado trinta minutos. Levei dez minutos a chegar àquele outro mundo, fiquei dez minutos, e levei dez minutos a voltar. No entanto, enquanto estive lá, pareceu que muitos, muitos anos estavam a passar na terra. Tudo naquele mundo era etéreo, e havia apenas duas cores — branco e dourado. Nessa tarde perguntei ao meu marido Paul sobre a minha experiência e ele disse que era provavelmente um sonho; mas eu insisti que não era um sonho.

"Alguns dias depois, enquanto navegava numa troca de livros, passei por uma prateleira rotulada 'Oculto'. Como não conhecia essa palavra, parei para ver que tipo de livros estavam ali. Selecionei dois sobre Edgar Cayce: *Venture Inward* e *The Edgar Cayce Reader #2*. Eu tinha visitado um grupo de estudo da *Association for Research and Enlightenment* uma noite em Midland, Texas, cerca de quinze anos atrás, mas não me deixou uma impressão duradoura.

"No sábado seguinte a ter apanhado esses dois livros, deitei-me no sofá e aconteceu abrir o *Venture Inward*. Ali, numa descrição do que Edgar Cayce experienciava enquanto dava uma leitura, encontrei: 'Vejo-me como um minúsculo ponto fora do meu corpo físico...'. Embora esta não fosse exatamente a mesma experiência que a minha, fiquei excitada."

"Dei um salto e corri para o Paul, dizendo: 'Vês, mais alguém fez isso também! Eu disse-te que era real e não um sonho'. Ele não disse nada.

"Após ler os dois livros, decidi tentar a meditação. Deitei-me, de barriga para cima, e fechei os olhos. Uma luz tremendamente

brilhante apareceu, embora os meus olhos estivessem fechados. Fiquei tão assustada que abri rapidamente os olhos, e a luz desapareceu. Na noite seguinte, na cama, tentei novamente, e aconteceu a mesma coisa; e novamente na terceira noite.

"Na quarta noite disse a mim mesma: 'Vou aguentar desta vez, só para ver o que vai acontecer'. Quando a luz apareceu, tentei fazer algumas perguntas. A minha primeira foi: 'A reencarnação é um facto?'. A resposta que recebi foi: 'Sim. É um dom de Deus'. Enquanto pensava nisto, adormeci.

"Na noite seguinte tentei meditar mais uma vez, com os olhos fechados. A luz apareceu novamente, por isso abri os olhos para olhar em volta do quarto. Quando o fiz, vi um círculo giratório vir em minha direção. Pareceu entrar na minha cabeça. Fiquei cega durante duas horas e meia e com receio de nunca mais voltar a ver!

"Na noite seguinte tive dificuldades respiratórias e senti-me miserável. O meu desconforto durou três dias e duas noites, período durante o qual não consegui comer, beber, nem fumar um cigarro. Finalmente, na terceira noite, estava sentada no meio da minha cama a pensar: 'Devo ter estado enganada. Que tola fui por ter pensado que existe algo mais do que esta vida. Tudo o resto está apenas na minha imaginação. O Paul tinha razão. Estou a enlouquecer; não há ninguém para me ajudar'. Convenci-me a ficar totalmente sem esperança outra vez.

"Nesse momento, olhei para a parede à minha frente e pareceu-me estar a olhar para além de um edifício branco, bastante grande, com colunas altas. Lembrou-me um templo grego. Havia muitas árvores a crescer à frente dele, e estava meio coberto de trepadeiras e muitas flores bonitas. Também me vi a olhar para além dos perfis de pessoas de cabelos dourados. Treze figuras, todas vestidas de forma diferente, apareceram. Entre elas estavam um homem japonês em traje típico, um tibetano de túnica e um homem chinês a usar um vestido de ouro e um pequeno chapéu redondo cravejado com muitas joias. Observei a pessoa chinesa durante muito tempo.

"Depois reparei num homem descalço. Estava vestido com uma peça de roupa tecida com buracos para a cabeça e braços. Era a figura de homem mais bonita que alguma vez vi: musculado, com feições maravilhosas, cabelo castanho-avermelhado e olhos azuis. Enquanto olhava para aqueles olhos, soube quem ele era — Jesus de Nazaré! Nenhuma palavra pode descrever o que senti naquele momento! Enquanto olhava para Ele, Ele fez-me saber como me livrar das vibrações negativas que eu tinha estado a sentir." B.J.N.

Este relatório fala de vários acontecimentos interessantes e invulgares. Dois destes incidentes são de tipos que examinaremos neste capítulo. A primeira experiência da mulher foi uma viagem fora-do-corpo. Esta jornada levou-a a outro mundo, muito diferente do mundo material que ela achava tão cansativo. A beleza e a tranquilidade deste reino são bastante semelhantes às visitadas por vários dos meus outros correspondentes. Nas suas histórias, como aqui, fortes evidências sugerem que a dimensão física que é o lar dos nossos corpos é apenas um de muitos domínios nos quais podemos residir.

Mais tarde, após começar a prática da meditação, a nossa narradora teve um encontro de cura com Jesus. Tal como várias das minhas outras fontes que descreveram encontros com seres especiais, a experiência desta mulher ocorreu numa altura em que era muito necessária — um tempo de depressão que estava "totalmente sem esperança". Então, através do seu encontro com o Mestre, o seu espírito foi elevado e foi-lhe mostrado como superar os seus sentimentos negativos. A eficácia de Jesus como guia e curador, demonstrada aqui e nas próximas histórias, mostra que Ele está verdadeiramente vivo.

Muitas almas tiveram a experiência de encontrar Jesus em visões e sonhos. Estes encontros demonstram que Ele está ativo em todos os planos da consciência. A Sua promessa, "Estarei convosco sempre" (Mateus 28:20), destinava-se a todas as pessoas que estão a tentar viver de acordo com as leis dadas nos Dez Mandamentos.

Este compromisso assegura-nos da realidade da Sua presença contínua. É a Sua palavra para nós de que a morte física não é o fim — que as nossas experiências com outros que seguiram em frente podem ser válidas. Com a mesma certeza, é uma promessa desta orientação e proteção enquanto ainda estamos aqui na materialidade. Por exemplo, numa visão, Edgar Cayce viu uma vez Jesus — que foi uma figura de importância central ao longo da sua vida — a dar uma mensagem pessoal a cada indivíduo reunido num grupo de estudo. O rosto do Mestre mudava à medida que Ele comunicava com cada membro presente. O propósito desta visão era assegurar a Cayce que a fonte da sua informação era fiável e que tudo estava bem.

### **Jesus, o Curador Fiel**

Noutro material que recolhi, Jesus aparece como um curador. As curas eficazes provocadas durante estes encontros fornecem evidências convincentes de que o toque do Mestre foi verdadeiramente sentido. Como seria de esperar, estes eventos podem ter um impacto muito forte sobre as pessoas neles envolvidas.

Eu pessoalmente vi os resultados de uma dessas curas. Enquanto a pessoa que recebeu esta cura me contava a sua experiência, fiquei impressionada com o sentimento vívido que ele comunicava de ter estado na presença imediata de Jesus.

Embora eu não tenha testemunhado de facto a visão descrita nesta história, vi o seu efeito surpreendente. Este incidente mostra que o amor de Jesus e a capacidade de nos ajudar são mais do que apenas uma teoria que soa bem; podem ser uma força muito real nas nossas vidas.

Há algum tempo estive em Dallas, Texas, numa digressão de palestras com o filho de Edgar Cayce, Hugh Lynn. Enquanto estávamos lá, o Hugh Lynn ficou muito doente. A sua temperatura subiu acima dos 40 graus (104 graus Fahrenheit). Eu tinha assumido

as responsabilidades dele para essa noite, mas estava preocupada com a continuação da viagem no dia seguinte.

O grupo de estudo de Dallas da A.R.E. reuniu-se nessa noite para um convívio social, ao fim do qual nos foi pedido a todos que nos juntássemos numa meditação de encerramento. O período de meditação durou talvez quinze ou vinte minutos, após o qual o grupo se preparou para sair. Nesse momento, o Hugh Lynn, que se tinha vestido apenas para participar na meditação, deu um salto e começou a amarrar livros, a guardá-los e a preparar-se para a continuação da nossa digressão.

Fiquei chocada ao ver o Hugh Lynn, que eu acreditava estar muito doente, a trabalhar tanto quando achei que ele deveria estar na cama, a descansar para a viagem do dia seguinte. Por isso falei com ele, sugerindo que voltasse para a cama e recuperasse as forças para as tarefas que se seguiam. Ele apenas olhou para mim, sorriu e continuou a trabalhar. Frustrada, pensei para comigo: "Os homens — são tão cabeçudos!".

Alguns dias depois, o Hugh Lynn disse-me: "Acho que te devo uma explicação". Procedeu então a contar-me que durante a reunião de meditação da última noite em Dallas, ele subitamente ficou consciente de uma luz brilhante na sala, o que o fez abrir os olhos para descobrir a sua origem. Para sua grande surpresa, viu Jesus parado no centro da sala a sorrir para ele! Escusado será dizer que o Hugh Lynn ficou atónito.

O Mestre falou com ele, dizendo: "Por que estás tão surpreendido? Estás sempre a dizer às pessoas que eu posso vir até elas. Bem, estou aqui para te curar!".

E o Hugh Lynn foi curado naquele momento.

Outra história de Jesus como curador chegou até mim e impressionou-me. Tem várias características que mencionei anteriormente. Nela encontramos a força e o encorajamento que os vivos podem derivar do contacto com um ente querido falecido.

Vemos outra alma — uma presa à terra — e a influência prejudicial que tal ser pode exercer. E reconhecemos mais uma vez que este problema pode ser superado através da oração e da comunicação compassiva — particularmente se se recrutar a ajuda de um Amigo amoroso e poderoso.

### **O Amor de Cristo Exemplificado**

Este relato emocionante demonstra o amor de Jesus por nós e a Sua capacidade de trazer paz e cura às nossas vidas. A mudança que ocorreu no marido da nossa narradora mostra que a sua visão do Mestre era de facto válida.

"Quando o meu sogro morreu, há cerca de dez anos, a minha sogra ficou muito desanimada. Embora perfeitamente bem fisicamente, ela era incapaz de se aguentar sozinha. Queria apoiar-se no meu marido, o seu filho mais velho. Mas, infelizmente, nós vivíamos nos Estados Unidos e ela vivia na Inglaterra. Visitámo-la do outro lado do oceano e fizemos o que pudemos por ela, mas obviamente estávamos limitados pela distância. Ela continuou a recusar fazer um esforço para se sustentar sobre os seus próprios pés e, com o passar do tempo, o meu marido ficou deprimido e começou a beber pesadamente.

"A minha sogra ressentia-me porque me culpava por estarmos nos Estados Unidos. Continuava a dizer-me que eu poderia forçar o meu marido a regressar a Inglaterra se eu quisesse. A sua condenação de mim era completamente injustificada; mas, como ela acreditava que era justificada, começou a atacar-me verbalmente e a criticar-me perante outros membros da família, incluindo o meu marido. Suponho que ela sentisse que todos os seus problemas seriam resolvidos se nos mudássemos para a Inglaterra e 'cuidássemos' dela, como ela dizia.

"Durante este período difícil, o meu falecido sogro, que tinha sido muito próximo de mim, visitou-me várias vezes. Parecia que ele vinha quando as coisas estavam no seu pior, como que para me



assegurar que ele compreendia. Eu sentia a sua presença na sala, habitualmente quando estava silêncio e eu estava sozinha. Ele aparecia sempre amoroso e aprovador.

"Finalmente, cerca de nove anos após a sua morte, a minha sogra também faleceu. O meu marido, que tinha estado a beber durante todo este tempo, começou a piorar. Mergulhou mais profundamente no alcoolismo e chegou a fingir ataques cardíacos e a fazer ameaças de suicídio. Ao mesmo tempo, parecia assumir alguns dos piores traços da sua mãe. Após alguns meses, descobrimos que ele tinha uma doença hepática e teria de parar de beber. Mas, no início, ele recusou; parecia incapaz de compreender o seu perigo. Isto era totalmente incomum dele, uma vez que ele é um homem muito inteligente.

"Nessa altura decidi fazer algumas orações sérias. Senti que a minha sogra ainda estava presa à terra e a exercer uma influência negativa em ambos. Eu sentia verdadeiramente que estávamos a lutar pela vida do meu marido — que, se ela pudesse, levá-lo-ia com ela!

"Depois de perguntar durante algum tempo como melhor rezar, vi uma imagem de Cristo na cruz, a tomar o alcoolismo do meu marido sobre Si. As garrafas de uísque e as latas de cerveja estavam amontoadas aos pés da cruz. Depois vi Jesus a afastar-se da cruz com o braço em volta do meu marido, a falar com ele amorosamente. Lembrei-me das palavras da Bíblia: '... pelas suas chagas fomos sarados'. (Isaías 53:5) A visão encheu-me de uma paz que eu não conhecia desde a morte do meu sogro.

"Comecei então a rezar em nome de Jesus para que a minha sogra deixasse o meu marido em paz e continuasse a sua jornada na vida após a morte sem ele. No início, enquanto rezava por ela, senti uma parede de antagonismo. Passado um bocado, sentei-me e 'falei' com ela sempre que sentia a sua presença, dizendo-lhe que ela devia seguir com a sua vida, que a vida do seu filho na terra não tinha terminado e que ela não tinha o direito de esperar que ele

fosse com ela. Também lhe disse que se ela olhasse com cuidado encontraria pessoas à espera para a ajudar, e que ela seria abençoada e protegida enquanto continuasse o seu caminho. Enquanto mantinha estas 'conversas', envolvia-a com tanto amor quanto eu era capaz. Finalmente, durante a minha terceira tentativa de chegar até ela, vi o seu marido Sam vir buscá-la. Eles voltaram-se e partiram juntos.

"Nessa mesma semana, o meu marido parou de beber. Percebeu a sua situação com o álcool, um problema que ele me disse que não tinha compreendido antes de agora, porque a sua visão tinha estado nublada. Ele tem sido uma pessoa completamente diferente desde então — jovem de coração outra vez, como o homem com quem casei. Esta mudança é verdadeiramente notável, especialmente quando se considera que o membro médio dos Alcoólicos Anónimos não é curado espiritualmente até dois ou três anos após a bebida ter sido parada." S.H.

### **Contacto com Outros Seres Especiais**

Tanto as minhas próprias experiências como o material que recebi mostram que a comunicação é possível com seres benevolentes especiais para além de Jesus. Num sentido, isto poderia aplicar-se a todo o contacto útil com os que partiram, tal como a minha correspondente relatou com o seu sogro na história acima. Existem outros casos, porém, nos quais parece que a ajuda é recebida, não dos recém-falecidos, mas de alguma outra fonte.

Muitos de nós acreditamos que cada indivíduo tem um ou mais anjos da guarda. Numerosas pessoas relataram ter ouvido uma voz ou visto um sinal que as protegeu do perigo. Edgar Cayce esteve certamente entre aqueles que receberam em muitas ocasiões vários avisos de além do reino físico. Eu também fui protegida de danos desta forma. Uma voz que não tinha qualquer fonte física impediu o meu marido e eu de chegarmos a Beirute, Líbano, no dia em que a guerra rebentou. Um sonho vívido salvou amigos meus de uma

possível morte. Outro sonho que apresentava luzes de trânsito vermelhas e verdes provavelmente salvou a minha própria vida.

Noutra ocasião, uma voz avisou-me contra tomar um certo medicamento, e disse também: "Não vás nadar hoje". Mas quando desobedeci a este conselho, o resultado foi um caso de pneumonia. A intervenção de tais agentes do outro mundo — "anjos da guarda", talvez — mostra que temos mais ajuda disponível para nós do que a que habitualmente temos consciência, e que a distância entre os reinos físico e espiritual não é tão grande como poderíamos pensar.

Esta proximidade entre os dois mundos é aparente na nossa próxima história, na qual encontramos seres de além do físico. Aqui podemos ver que o contacto deste tipo nem sempre ocorre para nos proteger do perigo. Nesta instância parece que a presença dos visitantes "sobrenaturais" da minha correspondente pode bem ter elevado o seu espírito e ajudado a atravessar um tempo de tristeza.

### **A Partida de uma Filha Angélica**

Neste relato parece que seres sobrenaturais fora da janela da nossa narradora fortaleceram a sua sensação de que a sua filha era uma alma especial. Neste sentimento, a mulher pode ter encontrado consolação e uma compreensão do propósito da breve vida da sua criança.

"Com apenas cinco meses de idade, a minha filha morreu em 1970. Poucos dias depois, através da janela do meu quarto, vi — ou senti psiquicamente — criaturas semelhantes a fantasmas. Estes visitantes ficaram durante cerca de um mês, sempre sentados fora da mesma janela. Eu não fazia ideia de por que vinham, do que estavam a fazer, ou do que eram exatamente, porque até essa altura eu não tinha tido conhecimento de quaisquer seres sobrenaturais de todo.

"Hoje eu teria de dizer que eles poderiam ser melhor descritos ou como uma hoste de fantasmas ou como uma hoste de anjos. Na minha opinião, eram o segundo. Sinto que a minha filha esteve

perto de ter sido ela própria um anjo. Para mim ela era perfeita, e acredito que veio à minha vida para me despertar e para me colocar num novo caminho.

"No dia em que a minha bebé morreu, o meu filho de quatro anos estava a brincar com o seu telefone de brincar. De repente ele disse: 'Mãe, a Julie está a ligar do céu e quer falar contigo'. Tenho-me perguntado durante anos se ele não tinha razão!" V.B.

O nosso próximo relato é outro no qual nos falam de contacto vindo de além do mundo físico. Embora não possamos ter a certeza da natureza exata da fonte desta mensagem, a experiência mostra que seres sem corpos materiais existem de facto e que estão conscientes de nós e aptos a comunicar connosco. Talvez o ponto desta história seja que os nossos "anjos da guarda" nos podem oferecer conforto, bem como orientação e proteção.

### **Reconforto de Além do Físico**

Como mostra este relatório, pode ser um pouco desconcertante receber uma mensagem da forma como a nossa colaboradora recebeu. No entanto, podemos bem imaginar que, uma vez passada a sua surpresa inicial, o conteúdo reconfortante da comunicação teria aliviado grandemente a sua mente em relação à sua filha.

"Em 1976, o meu marido, o meu filho e eu vivíamos na nossa minifazenda no Oregon. Um dia, enquanto eu estava a transplantar cebolas, o meu pensamento voltou-se seriamente para a minha filha, que tinha acabado de nos visitar vinda de São Francisco poucas semanas antes.

"Eu estava a pensar: 'Como pôde ela ter sido minha filha durante dezassete anos e não ter aprendido uma única coisa comigo? Foram todos esses anos desperdiçados? Como é possível que ela não tenha aprendido absolutamente nada comigo?'.

"Uma voz disse, não com som mas com pensamento: 'Ela aprendeu contigo. Pode não ser óbvio para ti agora, mas o que lhe

ensinaste estará sempre com ela, e ela poderá recorrer a isso sempre que escolher fazê-lo'.

"Eu estava a pensar: 'Bem, espero certamente que sim', quando me caiu a ficha de que não estava ali mais ninguém. Comecei a olhar em volta para ver quem estava a falar e decidi que a preocupação me tinha finalmente enlouquecido!" B.J.N.

Edgar Cayce teve contacto com seres especiais em várias ocasiões. Por exemplo, num sonho ele viu-se a conversar com Judas, o discípulo de Jesus. De acordo com as leituras, Judas não era apenas um discípulo de Jesus, era também um membro da Sua família imediata — o filho mais novo de Maria e José. Quer esta conversa onírica tenha sido ou não um encontro real entre Cayce e a alma que tinha sido Judas, ela ilustra o tipo de informação que pode estar disponível para aqueles que são capazes de chegar além dos limites de uma única vida física.

No sonho invulgar de Cayce, Judas apareceu como um homem jovem, interessado nos ensinamentos dos apóstolos. Judas contou a Cayce como ele era muito novo quando José, o seu pai, tinha morrido. Falou sobre o regresso de Jesus da Pérsia para tratar da propriedade e para cuidar de Maria e do resto dos filhos."

"Judas descreveu então alguns dos outros discípulos — Bartolomeu, João, Judas e Tiago. Discutiu a última noite no jardim, as atividades de Judas e o seu próprio ministério durante a última parte da sua vida. Acrescentou que, com o tempo, a esposa e a sogra de Pedro se tornaram líderes do grupo de mulheres que seguiam o Mestre."

### **Experiências Fora do Corpo Físico**

Várias das minhas fontes relataram outro tipo de experiência especial que envolve a alma deixar o corpo. Os relatos destas aventuras fora do corpo partilham uma qualidade impressionante de realidade. Algumas destas histórias falam de pessoas que deixaram o corpo quando estavam muito perto de morrer, mas que

recuperaram mais tarde. Noutros casos, os indivíduos não parecem ter estado perto da morte quando viajaram para fora dos seus corpos. Ambos os tipos de experiências dão-nos vislumbres fascinantes de outros mundos e mostram que há mais em nós do que apenas a parte material do nosso ser.

Os nossos dois próximos relatórios falam de viagens fora do corpo por pessoas que não se aproximavam da morte física. No primeiro caso, não existe uma causa óbvia para a experiência do nosso colaborador. O incidente descrito no segundo relato foi evidentemente provocado pelo envolvimento da minha correspondente na transição de um progenitor.

### **Uma Jornada Fora do Corpo**

Esta história fala-nos de uma viagem fora do corpo que foi completamente inesperada. Podemos imaginar quão grande choque a experiência deve ter sido para a nossa narradora, e o sentimento de medo relatado é certamente compreensível. Como veremos pelos relatos que se seguem, tanto a subitaneidade do incidente como o medo acompanhante são características invulgares.

"Enquanto fazia a minha cama um dia, no final do verão de 1967 ou 68, subitamente descobri que estava fora do meu corpo. Estava a flutuar num vazio, sem sentido de cima ou baixo, nem direita ou esquerda. Sentia-me sem peso e estava assustada por não ser capaz de voltar para o meu corpo.

"Assim que me tornei consciente deste medo, vi o meu corpo — uma mancha cor-de-pêssego muito, muito longe. Direcionei-me mentalmente para ele, e a coisa seguinte que soube foi que estava de volta a ele, sentada na cama. Tenho pensado muito sobre esta experiência, mas nunca cheguei a uma explicação razoável." K.B.

A próxima história leva-nos ao que parece ser uma estação de fronteira para almas que estão precisamente no processo de fazer a transição. O relato fornece uma abundância de evidências persuasivas de que o contacto com a moribunda ocorreu de facto: o

momento da morte da mãe da minha correspondente, a visita coincidente do pai por parte da sua esposa, e a identificação do corpo na casa funerária.

"A minha mãe esteve muito doente durante muito tempo. Como os meus pais tinham sido extraordinariamente próximos, o meu pai achava extremamente difícil estar à beira da cama dela. Ver a sua morte tão lenta afetou-o muito, mas a minha mãe não era capaz de compreender isto. Quando ela entrou em coma, o médico levou-a à pressa para o hospital, dizendo que ela sobreviveria apenas um dia ou pouco mais. Mas, durante as três semanas seguintes, membros da família revezaram-se a ficar com ela.

"Uma noite, como num sonho, pareceu-me estar parada num local semelhante à sala de espera da *Union Station* de Kansas City. Era um edifício enorme, de teto alto. Eu usava um casaco que tinha sido um dos meus favoritos, comprado pouco depois da minha licenciatura.

"Muitas pessoas caminhavam pela área, apenas numa direção, da minha esquerda para a minha direita. Não havia visitas de qualquer tipo, nem elas reparavam em mim. A única mobília era uma cadeira que estava virada para mim. Era do tipo de cozinha, com as costas curvas de um lado ao outro, mantida unida por raios de diferentes comprimentos.

"Enquanto esperava, reparei num homem que caminhava apressadamente por perto. Era atlético, loiro e bonito, provavelmente na casa dos cinquenta anos.

"Depois vi a Mãe. Estava vestida com o seu melhor casaco e chapéu de há muitos anos. Mal conseguia caminhar. Ela esforçava cada músculo no seu empenho para chegar até mim. Depois, segurando-se à cadeira, disse: 'A minha ferida nunca sarou por dentro'. Com isso, colapsou sobre a cadeira, batendo nas costas desta, o que fez com que o seu chapéu caísse. Neste ponto, a minha experiência visionária terminou.

"Fiquei completamente baralhada com o que tinha visto. Ao mesmo tempo, tomei consciência de alguém a chorar à distância. Gradualmente o som tornou-se mais alto. Sabia que tinha de ir investigar a sua origem. Mas quando tentei mover o meu corpo pela primeira vez, nada aconteceu. Tive grande dificuldade em fazer com que ele respondesse. Finalmente 'voltei a mim', levantei-me e cheguei à porta do quarto e segui para a sala de jantar.

"Ali, à mesa, estava sentado o meu pai, a chorar. Através das suas lágrimas, ele olhou para cima e soluçou: 'A Mãe acabou de me dizer adeus'. Não consegui dizer nada mais do que 'Ah?'. Depois desmoronei-me numa cadeira à frente dele. Em lágrimas, em frases entrecortadas, ele relatou como ela tinha vindo ter com ele e o tinha informado da sua morte.

"Após um longo silêncio, disse: 'Eu também vi a Mãe'. O meu pai olhou rapidamente para cima, inquisitivamente, e parou de chorar. Contei-lhe o que tinha visto e o que a Mãe tinha dito. Ele bebeu cada palavra, parecendo compreender.

"Não dissemos nada depois disso. Apenas esperámos, sabendo que a Mãe tinha morrido e que a minha cunhada, que estava no hospital, ligaria em breve. Em cerca de uma hora, talvez mais, a chamada esperada aconteceu.

"Mas a história desta experiência fora do corpo não termina realmente aí. Quando fui ver a Mãe após o seu falecimento, não estava ninguém à porta da casa funerária para me receber, por isso assinei o livro de visitas e esperei. Passado um bocado, como ainda não estava lá ninguém, simplesmente entrei na primeira sala.

"Subitamente fiquei sem fala, atordoada, gelada no sítio. Quem acham que vi no caixão? Era o mesmo tipo de cabelo loiro que tinha passado por mim enquanto eu esperava pela Mãe! Não sei quanto tempo estive ali parada antes de me aperceber de alguém a puxar-me o braço e a levar-me para a sala certa." C.P.



Serão os humanos a única forma de vida que pode ter uma experiência fora do corpo? Talvez não. A nossa próxima história é interessante no sentido em que sugere que nós, humanos, não somos as únicas criaturas terrestres que têm elementos não físicos na nossa constituição. Aparentemente os animais, também, podem por vezes transcender os limites do corpo.

O sujeito deste relato foi incapaz de dizer como as suas experiências fora do físico se poderiam relacionar com as nossas. Mas, como as afirmações da minha correspondente no último parágrafo mostram claramente, o regresso de um animal de estimação amado do outro lado pode reforçar a nossa fé na sobrevivência após a morte, tanto quanto o faria uma visita de um ente querido humano falecido.

### **Um Terrier Muito Viajado**

Esta história dá-nos uma imagem muito cativante da relação entre a nossa narradora e o seu animal de estimação. Para aqueles de nós com amigos não humanos, este relato sugere o pensamento encorajador de que eles, tal como nós, sobreviverão à passagem do físico.

"A nossa *Boston terrier* deixou-nos numa manhã de dezembro de 1983. Eu tinha tido uma afinidade muito forte com esta pequena criatura. Cheguei a apanhá-la numa viagem fora do corpo uma noite, quando ela estava a dormir perto dos meus pés. A sua forma esfumada surgiu do seu corpo e desapareceu por um curto período, e depois vi-a a regressar. Falei com ela e disse: 'Ei, Snooks, onde estiveste?'. Ela levantou a cabeça e olhou para mim como que a dizer: 'Não é da tua conta!'.

"Usei telepatia mental com ela extensivamente, e ela respondeu sempre, mesmo quando eu estava no primeiro andar e ela estava a dormir no sofá no andar de cima. Ela descia as escadas a trote, vinha ter comigo e olhava para cima com uma expressão que dizia: 'Chamaste-me?'.

"Ela também regressou para junto de nós desde a sua morte. Vimo-la a brincar com o seu brinquedo favorito, uma grande bola vermelha, fazendo malabarismos com ela tal como fazia quando estava no seu corpo físico.

"Todas estas experiências ajudaram o meu marido e a mim a reconfirmar a nossa crença de que a morte, conforme a palavra é comumente usada, não é o fim. Estamos convencidos de que somos, no dia de hoje, a soma total de todas as nossas experiências, boas e más; e o que fazemos com estas lições depende inteiramente de nós, para o bem ou para o mal. Crescemos ao ritmo que estabelecemos para nós mesmos, e as nossas almas retêm a essência que somos nós. De tempos a tempos poderemos reconhecer outras almas com quem convivemos no passado e que encontraremos novamente no futuro." D.T.

### **Experiências de Quase-Morte**

Nos anos recentes, tem sido dada publicidade considerável às experiências de quase-morte. Em muitos destes relatos é a tecnologia médica que traz o corpo físico de uma pessoa de volta à vida após segundos ou minutos de estar clinicamente morta. Nesses momentos, a alma pode ter um vislumbre vívido da vida após a morte. As histórias seguintes retratam alguns exemplos de pessoas que estiveram realmente perto da morte. Estas experiências de quase-morte são de particular interesse porque podem dar-nos uma ideia do que está à espera de cada um de nós na vida após a morte.

Aqueles que fazem estas viagens além do físico recebem a demonstração mais clara concebível de que podemos sobreviver independentemente do corpo material. Podemos imaginar que ter tal experiência reduziria grandemente qualquer medo da morte que uma pessoa pudesse ter sentido anteriormente. Na verdade, em vários destes relatórios os meus correspondentes afirmam ou implicam que não queriam regressar ao físico uma vez que tivessem visto o outro lado da vida.

Esta relutância em voltar é uma característica marcante em ambos os nossos dois próximos relatos.

### **A Experiência de Quase-Morte de uma Criança**

Embora a colaboradora desta história tenha tido o seu encontro próximo com a morte numa idade muito jovem, não parece que a experiência a tenha assustado. Pelo contrário, o sentimento mais forte que o seu relato carrega é a sensação de liberdade que descobriu na libertação do corpo.

"Quando eu era apenas uma criança pequenina — dois anos e oito meses de idade — estive num acidente de automóvel que tirou a vida de ambos os meus pais. De mim própria não se esperava que vivesse. Lembro-me vividamente de 'voar' pelo meu quarto de hospital e de ver o meu corpo na cama lá em baixo; de facto, esta memória é a recordação clara mais antiga que tenho.

"Claro que recuperei. E durante muitos anos a minha história foi considerada apenas uma fantasia de criança ou um sonho. Depois vieram as discussões públicas sobre experiências de quase-morte. Agora as pessoas à minha volta decidiram que eu tinha razão — aconteceu mesmo!" C.P.P.

### **Felicidade Após a Morte**

Recebi esta história da mesma fonte que a anterior. Pela reação do nosso viajante fora do corpo, podemos adivinhar que o mundo que ele visitou era um reino de grande beleza e alegria. Poderíamos até ficar com o sentimento de que, durante o período final da sua vida, ele estava na verdade ansioso pela oportunidade de regressar ali permanentemente.

"O irmão da Avó, Bill — meu tio-avô — morreu cerca de dois anos antes dela. A certa altura, durante a longa doença de que acabou por morrer, ele foi declarado morto mas mais tarde reanimado. Até ao fim da sua vida permaneceu profundamente desgostoso com os médicos que o tinham trazido de volta. Ele tinha estado a divertir-se imenso na 'Glória', declarava ele. Por que razão

tiveram eles de o 'arrastar de volta'? Essas foram as suas próprias palavras.

"Devo dizer que podia simpatizar com ele. Eu fiquei furiosa quando me trouxeram de volta, também — aos dois anos e meio de idade!" C.P.P.

A "Glória" mencionada nesta história sugere um domínio semelhante ao de beleza, paz e luz que foi visitado pela minha próxima correspondente. Uma característica importante deste relato é a forma como a viagem desta mulher a outro mundo a influenciou. Tal como várias das pessoas cujas histórias se seguem mais adiante neste capítulo, ela ficou com um desejo acrescido de fazer a vontade de Deus em vida. Efeitos como este dão-nos boas razões para acreditar que as experiências que nos aguardam a todos no fim da vida serão uma parte importante e muito benéfica da nossa jornada de regresso ao nosso Criador.

### **A Luz do Mundo**

Muito possivelmente, a experiência desta mulher foi provocada por um desejo intenso de que a sua vida física terminasse para que ela fosse libertada da dor. Aqui temos outra imagem de um mundo tão cativante que a nossa narradora não quis deixá-lo e regressar à vida material e familiar.

"Quando eu estava a dar à luz o meu terceiro filho, a 18 de outubro de 1946, a dor foi suficiente para justificar eu pedir a Deus que me tirasse deste mundo. Não me lembro de como lá cheguei, mas subitamente soube que estava num lugar celestial. Havia inúmeras pessoas, todas vestidas de branco, viradas para uma bela luz branca. Embora nem uma palavra tenha sido dita, eu sabia que elas estavam a aprender com a luz. Acreditei que era Deus a ensiná-las.

"Tentei juntar-me a elas, mas uma figura alta de branco guiou-me suavemente para o lado para olhar para a terra. Eu podia sentir toda a agitação e confusão no mundo, e não queria voltar — era tão

bonito e pacífico onde eu estava. Sem falar, a figura disse-me que eu devia regressar ao meu corpo, pois havia muito trabalho que me era exigido fazer antes que pudesse voltar para o mundo deles.

"Quando saí da anestesia, ouvi alguém dizer: 'Ufa! Pensei que a tínhamos perdido'. Eu ainda estava inconsciente nesse ponto, e não acordei senão uma hora depois.

"Gostaria que outros pudessem ter uma experiência algo parecida com a minha, pois todos temos de saber que estamos aqui para fazer a vontade de Deus na terra." F.A.B.

A nossa próxima história é bastante invulgar no sentido em que o mundo não terrestre de que nos fala parecia estar desabitado. Talvez não estivesse ninguém para receber a mulher que fez esta jornada porque ela chegou inesperadamente — ainda não era a sua hora de morrer. Se assim for, isto sugere que a morte não é aleatória, que ocorre apenas quando o momento é o certo.

### **Viagem a um Mundo de Solidão**

Este relato leva-nos a um lugar algo diferente dos reinos gloriosos dos nossos dois últimos relatórios. O mundo florido visitado pela mãe da minha correspondente poderia bem ser belo; e no entanto, o sentimento predominante que transmitia era o de solidão.

"A 25 de julho de 1953, os meus pais e eu estivemos num terrível acidente de automóvel nas proximidades de Lawrence, Kansas. O ombro do meu pai estava partido e a medula espinal da minha mãe estava cortada. Eu tive apenas ferimentos ligeiros e tive alta do hospital após três dias. Regressei à nossa casa em Saint Louis, enquanto os meus pais ficaram no hospital no Kansas.

"Cerca de dez dias depois, o médico ligou e disse-me que a minha mãe estava a morrer e que eu deveria ir vê-la de imediato. Parti de autocarro para o Kansas imediatamente e cheguei ao hospital na manhã seguinte. Quando lá cheguei, o médico informou-me que a Mãe tinha melhorado subitamente durante a noite e

aparentemente não morreria. Não foi dito à minha mãe que ela quase tinha falecido naquela noite.

"Vários meses mais tarde, quando ela estava de volta a casa em Saint Louis, a Mãe contou-me uma experiência invulgar que tivera na noite anterior à minha visita. Sentiu-se a deixar o seu corpo e a caminhar por um caminho ladeado em ambos os lados por flores exóticas. Estava completamente sozinha e, à medida que avançava, olhava para longe do caminho ladeado de flores e conseguia ver a terra a girar por baixo dela. Sentia-se sozinha e perguntava-se por que razão ninguém vinha ao seu encontro. Subitamente houve uma explosão alta à sua frente, por isso ela voltou-se e caminhou de volta. Suponho que este tenha sido o ponto em que ela começou a melhorar fisicamente.

"Lembrem-se que tudo isto aconteceu em 1953, antes de relatos escritos das experiências dos clinicamente mortos estarem geralmente disponíveis ao público. Por isso não foi que a Mãe estivesse apenas a sonhar com algo que tinha lido." H.G.

Ao narrador da nossa próxima história foi dada a invulgar opção de regressar à vida física ou de permanecer no reino espiritual. Ao contrário do que poderíamos ter esperado dos participantes em vários dos nossos relatos anteriores, ele escolheu voltar ao mundo material. Evidentemente, a escolha deste homem foi determinada pelo seu forte sentido de propósito em relação à educação adequada dos seus filhos. A experiência aqui relatada deixou-o com uma dedicação acrescida a este objetivo.

### **A Responsabilidade Guia uma Escolha**

Este relatório foi enviado por um homem cuja aventura fora do corpo foi desencadeada por uma emergência médica. Nesta interessante descrição de uma experiência que teve lugar em parte no nosso próprio mundo, em parte noutra, podemos ver mais uma vez que as dimensões física e espiritual estão mais próximas uma da outra do que geralmente percebemos.

"Ouvi um zumbido e subitamente vi-me quatro pés acima do meu corpo, observando a equipa do hospital a tentar reanimar-me. Um pediatra, que tinha sido o primeiro a chegar ao local, estava a usar choques elétricos num esforço para reiniciar o meu coração.

"Além de ser capaz de ouvir os médicos a falar, eu estava consciente dos seus sentimentos. O médico residente, que eu conhecia bem, estava emocionalmente perturbado, e eu descreveria o seu sentimento como 'amor'. Isto diferia da atitude do novo cardiologista, que sentia que estava a 'perder a partida'!

"A equipa deu-me dois choques com o dispositivo elétrico e, de imediato, eu estava na sala de espera, a ouvir a minha mulher e a minha mãe a conversar. Depois fui contactado telepaticamente por um ser de luz, que me disse que não haveria problema em eu ficar no céu, mas também me deu a opção de regressar à terra. Nesse ponto tive a sensação de me mover através de um túnel com uma luz na extremidade. Regressei ao meu corpo com uma determinação renovada de criar os meus cinco filhos." R.M.

### **Os Efeitos das Experiências Fora do Corpo**

O relato anterior tem uma característica comum nos nossos relatórios de pessoas que deixaram o corpo físico por algum tempo: estes indivíduos regressam frequentemente ao mundo material com uma dedicação acrescida àquilo que veem como o propósito das suas vidas. Isto sugere uma razão para estas ocorrências. Estas experiências destinam-se a mudar as pessoas que as sofrem, e parece que, de facto, o fazem. As histórias que recebi dão a sensação de que as viagens fora do corpo têm um impacto poderoso naqueles que as realizam.

As três experiências que se seguem são semelhantes nas suas descrições de mudança positiva, e têm vários outros elementos em comum. Em cada relato falam-nos de uma viagem a um mundo de paz, beleza e alegria — sentimentos muito parecidos com aqueles com que os vivos ficam frequentemente após uma visita de um ente

querido falecido. Cada um destes relatos descreve também um crescimento extraordinário na consciência. Aqui, os meus correspondentes receberam muito possivelmente um antegozo de uma mudança empolgante que nos aguarda a todos no outro lado da vida.

Uma característica adicional digna de menção é o sentimento de que a nossa linguagem simplesmente não consegue transmitir a qualidade destas experiências. Como uma das minhas fontes expressa, "Não consigo passar para a escrita o estado de êxtase em que me encontrava". E, de outro relatório: "Há tanto que não consigo escrever, pois as palavras faltam-me quando tento expressar o Seu amor". Embora estes indivíduos possam ser incapazes de expressar plenamente os efeitos posteriores das suas atividades fora do físico, é óbvio que cada um regressou ao corpo diferente da pessoa que fora antes.

### **Uma Bela Experiência de Natal**

A experiência aqui descrita despertou a minha correspondente para um novo mundo, um mundo de êxtase, de paz e de comunhão. Talvez o ponto mais importante seja que o impacto vitalício desta visita permaneceu com a nossa viajante ao regressar à dimensão física, produzindo alegria, gratidão e amor.

"Na noite de véspera de Natal, tive uma daquelas experiências maravilhosas que gostaria que ocorressem mais vezes. Mesmo apenas um incidente deste tipo é um verdadeiro deleite para o coração e deixa-o suavizado para a vida inteira.

"Eu era uma entre centenas e centenas de pessoas a atravessar para 'o outro lado'. Estávamos todos lá para o aniversário de Cristo. Parecia que não podíamos vir sozinhos; cada um de nós tinha de trazer um amigo. Comigo estava a Dottie, a minha única e verdadeira amiga de alma.

"Estávamos a entrar a flux neste novo mundo, com as mãos nos ombros uns dos outros, todos cantando 'A-um' repetidamente.



Lágrimas de alegria vieram-me aos olhos só de ver esta visão maravilhosa. Vínhamos de todas as condições sociais, de todos os países e de todas as religiões. Era um retrato do que eu chamaria de pura comunhão; isto é, todas as preocupações mesquinhas foram postas de lado em prol do bem maior do mundo.

"Sentámo-nos todos juntos. Depois, um a um, levantámo-nos para dar o nosso presente de Natal ao Cristo, o único presente que Ele verdadeiramente deseja — nós próprios. Cada um de nós contou o que estava a fazer para ajudar o mundo na sua evolução espiritual. Embora fôssemos muitas centenas, cada pessoa levantou-se individualmente para apresentar o seu presente. Todos batiam palmas em encorajamento para aqueles que se levantavam. Quando chegou a minha vez de falar, disse que tinha estado a trabalhar arduamente no meu aperfeiçoamento através de atividades de grupo, oração e meditação, para que, quando chegasse a altura de eu dar ao mundo, estivesse preparada. Recebi muito encorajamento por isto.

"Foi-me então dado um homenzinho encantador como meu presente de Natal. No seu tempo ele tinha sido um viajante do mundo, e tinha vindo para me levar numa jornada fora do corpo ao redor do mundo. Isto era algo que eu sempre quisera. Acabámos em França, onde entrámos num pavilhão branco. O meu guia disse-me para pensar em batidos de gelado e, quando o fiz, eles manifestaram-se diante de nós.

"Ele esticou então o braço e segurou a minha mão. Quando a largou, deixou uma medalha na minha palma. Olhei para ela e perguntei: 'O que é que isto faz?'.

"Ele apenas se riu e disse: 'Estivemos à espera que acordasses'.

"Eu disse: 'Eu própria estive à espera disso!'.

"Acordei deste sono na manhã de Natal. Não consigo passar para a escrita o estado de êxtase em que me encontrava. Queria pôr-me de joelhos e beijar a terra em gratidão pela sua existência.

Tudo à minha volta estava em cores brilhantes, e o meu amor pela minha família e amigos parecia não conhecer limites. A vida era um tesouro da grande casa do tesouro de Deus!

"Enquanto meditava nessa noite, a minha mente abriu-se como uma flor delicada e sentei-me a observar as estrelas e o universo em toda a sua glória. Não sei como foi possível para mim ver o universo e as estrelas dentro da minha cabeça, mas foi isso que experienciei.

"Este tinha sido o melhor Natal e, de longe, o melhor presente de Natal de toda a minha vida. Nunca o esquecerei. Que arrebatamento!" J.M.B.

Na nossa próxima história não nos são dados tantos pormenores sobre o mundo que foi visitado. Mas a descrição de como esta aventura afetou a minha correspondente é bastante detalhada. Enquanto fora do corpo, a nossa viajante experienciou uma consciência vastamente expandida e um sentimento de intemporalidade. Também de interesse é a menção da existência livre de género — um estado de ser no qual as qualidades masculinas e femininas são combinadas. Esta é uma condição sugerida nas leituras de Edgar Cayce. Mais uma vez, esta jornada fora do corpo produziu um elemento vital: uma compaixão acrescida, que surgiu do crescimento na percepção da nossa narradora.

### **Num Mundo Intemporal**

A experiência aqui relatada teve um efeito profundo no nosso colaborador que aparentemente durou muito depois da própria viagem além do físico ter terminado. Se o reino não material que o meu correspondente descreve for uma indicação verdadeira do que nos espera na vida após a morte, este relato pode ajudar cada um de nós a enfrentar a morte sem medo.

"Sob o efeito da anestesia tive uma experiência fora do corpo bastante invulgar. Soube, sem sombra de dúvida, que eu era antiga, em termos de tempo; eu existia há milhares e milhares de anos. Uso

a palavra 'tempo' com cautela, porque o tempo, tal como o entendemos — passado, presente e futuro — não existe nesse estado. Durante esta experiência fora do corpo não houve sensação de 'tempo a passar'. Havia apenas o presente.

"Eu estava também consciente de uma consciência expandida, muito superior àquela que tinha sido minha durante a minha existência terrena. Parecia ser 'omnisciente'. Percebi, também, que não era nem homem nem mulher, mas ambos. O meu eu estava fora do corpo, observando o meu nascimento nesta dimensão.

"Sinto que esta experiência fora do corpo foi um ponto de viragem muito importante na minha vida. Através dela, à medida que a consciência da unidade da vida cresceu dentro de mim, tornei-me mais compassiva e mais atenciosa para com os outros. Percebi que sou verdadeiramente uma parte desse grande 'Eu sou o que sou' — Deus!" C.F.

A história final é uma conclusão apropriada para a nossa exploração da vida no outro lado. Tem várias características em comum com as histórias precedentes, incluindo descrições de um crescimento na compreensão, seres sábios e apoiantes, e o sentimento de intemporalidade. O relato começa com uma interação intrigante entre as dimensões não física e física. Leva-nos depois a uma zona fronteira e, para lá dela, a um salão de aprendizagem, um lugar de grande beleza e luz.

### **Um Vislumbre do Céu**

Talvez a característica mais marcante desta história seja o sentimento vívido do amor de Deus com que o nosso viajante fora do corpo ficou. Este sentimento perdurou após o regresso da nossa narradora ao físico, onde deu origem a uma fé acrescida e à determinação de ajudar os outros. A simples leitura deste relato pode muito bem inspirar-vos com algo desse mesmo sentimento.

"Fui internada no hospital uma semana antes da minha operação à vesícula biliar. Durante este período de exames e

preparação, eu estava a descansar, aproveitando o tempo para ler a minha Bíblia e outro material espiritual. Era uma boa oportunidade para praticar alguma meditação e oração enquanto estava tranquila.

"Uma manhã estava sentada na cama, apenas à espera que os médicos fizessem as suas rondas diárias. Comecei a ver movimento na parede ao fundo da minha cama, mais ou menos ao nível da minha testa. Mantive-me muito quieta. Figuras de pessoas acenavam-me para ir com elas. Duas delas aproximaram-se de mim e começaram a puxar-me pelas mãos. Senti um deslize como se estivesse a sair através das pontas dos meus dedos, o qual foi seguido por um baque surdo. Estava fora do meu corpo.

"Olhei para trás, para mim própria sentada na cama, e não tive desejo de regressar. Vi o médico, o seu assistente e a enfermeira-chefe à beira da minha cama. O médico estava com dificuldades em obter pulsação; a enfermeira disse que habitualmente era baixa e que por vezes tinham um problema em encontrá-la. Acredito que eles não sabiam que eu tinha deixado o meu corpo.

"Depois estava a encontrar-me com as pessoas que tinham vindo ter comigo. Uma delas, que tinha puxado as minhas mãos, era a minha prima direita. Disse-lhe que não sabia que ela tinha morrido. Ela disse que não tinha morrido: tal como eu, ela estava ali mesmo não estando morta. Acrescentou, porém, que em breve estaria. (De facto, a minha prima faleceu mais de um ano depois. Como tinha estado doente grande parte da sua vida, não foi surpreendente quando morreu aos quarenta e oito anos.)

"O resto dos seres que me saudaram eram pessoas que eu não conhecia nesta vida, mas que pareciam conhecer-me de outro tempo. Outros que vi eram parentes falecidos. Uma destas almas era a minha mãe, mas ela continuou apenas a caminhar, aparentemente sem se aperceber de mim.

"As pessoas com quem eu estava levaram-me então para um lugar considerado uma zona fronteira. Alguns dos indivíduos aqui

estavam a dormir. A outros, encontrando-se neste novo lugar, estava a ser-lhes dito que tinham passado para a vida no outro lado. Alguns que ali estavam esperavam estar com o seu Deus quando as suas vidas físicas chegassem ao fim. Outros não tinham tido qualquer ideia do que esperavam.

"Nesta altura juntou-se a mim outra pessoa, cujo rosto não vi. Soube apenas que ele era um guia especial para mim. Parecíamos estar a comunicar a um nível interior. Nós os dois caminhámos lado a lado por um caminho de luz até chegarmos a um salão de aprendizagem.

"Os seres aqui usavam hábitos cinzentos semelhantes aos dos monges. Eram, contudo, almas comuns procurando fervorosamente saber mais sobre Deus e a sua jornada para se tornarem um com Ele. Tinham tanto para aprender e estavam tão absortos no seu propósito de progresso que não se apercebiam daqueles que entravam na escola de aprendizagem superior.

"A escola tinha pilares de mármore e uma sala ao fundo, na qual entrámos. Na sala havia uma mesa comprida, com três seres sentados ao centro do seu lado oposto. Não eram nem homens nem mulheres, mas uma combinação de ambos. Eles, também, usavam hábitos. O que estava no meio parecia ter a maior autoridade.

"O meu guia caminhou até à mesa e entregou um pergaminho ao que estava à esquerda. O pergaminho, que continha a história da minha vida na terra, foi passado entre os três. Depois, o ser no centro riscou a crónica da minha vida. Eu não tinha ganho nem perdido. O meu registo era agora um espaço em branco e eu podia começar de novo.

"Isto foi um julgamento. Com ele, passou uma compreensão instantânea entre nós, e toda a minha vida me foi mostrada; vi aquilo que tinha agradado a Deus e aquilo que O tinha ofendido. Fui então instruída sobre como conduzir a minha vida e recebi exemplos pelos quais eu poderia julgar. Não houve 'ses', 'mas' ou 'talvez'.

Nestas lições não senti qualquer sentido de castigo — simplesmente orientação sobre o que Deus queria que eu fizesse. A minha instrução esclareceu-me quanto às leis de Deus e à forma como Ele julga as coisas. Fiquei grandemente surpreendida. O homem olha para o exterior, mas Deus olha para o coração.

"Descobri que queria verdadeiramente reconhecer a vontade de Deus na minha vida. Para que eu pudesse saber o que Ele queria que eu fizesse, as Suas leis de amor, graça, karma e abundância foram-me explicadas, e muitas coisas foram trazidas à minha lembrança.

"Foi-me então dito que eu receberia ajuda para superar a minha maior ofensa contra Deus — a minha atitude negativa. Foi-me assegurado que estaria na Sua graça por um total de três anos. Depois haveria um regresso gradual ao ordinário na vida.

"Toda a minha jornada fora-do-meu-corpo foi uma bela experiência espiritual. Não vi Deus, mas acredito que Aquele que estava ao meu lado era Jesus.

"Ainda me lembro das leis que me foram dadas, e sei agora que a razão de eu estar aqui é fazer tudo o que for possível para ajudar os outros. Deus cuidará das minhas necessidades, e Ele fará a Sua vontade comigo! Há tanto que não consigo escrever, pois as palavras faltam-me quando tento expressar o Seu amor e as Suas leis tal como as experienciei." M.N.

Existem várias mensagens desta história final — e de todos os relatos que foram tão graciosamente enviados pelos meus correspondentes ao longo dos anos. Estas poucas ideias-chave são aquelas às quais Edgar Cayce voltava repetidamente, tanto nas suas discussões pessoais como nas suas leituras psíquicas. Elas são a essência daquilo em que passei a acreditar após quase cinquenta anos de exploração.

Primeiro, não só a vida após a morte é uma certeza, como o véu entre a vida física e a não física não é tão impenetrável como muitas pessoas pensaram.

Segundo, a vida, a aprendizagem e o crescimento fazem parte da nossa experiência no além tanto quanto fazem enquanto estamos na vida material.

Finalmente, o amor infinito e curativo de Deus está sempre disponível para nós, quer estejamos aqui na terra ou no mundo espiritual. A continuidade da vida é um dom do nosso amoroso Pai-Mãe. Mais importante, a criação de Deus é um universo ordenado e com propósito — um universo no qual a Lei do Amor é suprema.